

ENSINO NO SEMINÁRIO

TEXTOS
PREPARATÓRIOS

RELIGIÃO 370, 471 E 475



ENSINO NO SEMINÁRIO

TEXTOS PREPARATÓRIOS

Introdução ao Ensino no Seminário, Religião 370
Métodos para o Ensino no Seminário, Religião 471
Seminário de Ensino no Seminário, Religião 475

Preparado pelo Sistema
Educativo da Igreja.

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

© 2004 Intellectual Reserve, Inc.

Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil.

Aprovação do inglês: 7/03.

Aprovação da tradução: 12/04.

Translation of *Teaching Seminary Preservice Readings*.

Portuguese. 36923 059

SUMÁRIO

“Comunicação Espiritual”, Élder Richard G. Scott	1
<i>O Curso Traçado da Igreja na Educação</i> , Presidente J. Reuben Clark Jr.	1
<i>A Defesa Pura</i> , Presidente Boyd K. Packer	7
“Mestre, Vindo de Deus”, Élder Jeffrey R. Holland	13
<i>Uma Época Desafiadora e Maravilhosa</i> , Presidente Gordon B. Hinckley	16
“Círculos de Exaltação”, Élder Spencer W. Kimball	20
<i>Investimentos Eternos</i> , Presidente Howard W. Hunter	21
<i>Homens Exemplares</i> , Presidente Spencer W. Kimball	24
<i>O Professor do Evangelho e Sua Mensagem</i> , Presidente Ezra Taft Benson	28
<i>Trabalho em Conjunto</i> , Élder Boyd K. Packer	31
“Ao Aconselharem os Jovens”, Élder Thomas S. Monson	32
“O Espírito Precisa Ser Nosso Companheiro Constante”, Élder Henry B. Eyring	32
“A Lâmpada do Senhor”, Élder Boyd K. Packer	33
“Ensinar pelo Espírito — A Linguagem da Inspiração”, Élder Neal A. Maxwell	37
“O Poder da Palavra”, Presidente Ezra Taft Benson	43
“Viver de Acordo com os Princípios do Evangelho”	44
Como Encontrar Respostas para Perguntas sobre o Evangelho, Élder Bruce R. McConkie	45
“Para Que Possais Ensinar Mais Perfeitamente”, Presidente David O. McKay	49
“Ensinos Falsos”, Presidente Joseph F. Smith	50
“Lealdade”, Élder Harold B. Lee	50
<i>A Insensatez do Ensino</i> , Élder Bruce R. McConkie	51
“Como Receber Revelação Pessoal”, Élder Bruce R. McConkie	51
“O Ensino do Evangelho”, Élder Dallin H. Oaks	54
“Ler as Escrituras”, Élder Howard W. Hunter	56
<i>Ajudar as Pessoas a Serem Conduzidas Espiritualmente</i> , Élder Richard G. Scott	58
“A Sala de Aula — Um Lugar Propício para o Desenvolvimento Contínuo”, Irmã Virginia H. Pearce	62
“Educação dos Jovens”, Presidente David O. McKay	65
“Limpar o Vaso Interior”, Presidente Ezra Taft Benson	65
“Obter e Manter a Integridade das Escrituras e da Doutrina”, Edward J. Brandt	68
“O Grande Plano de Felicidade”, Élder Boyd K. Packer	72
<i>Ensinar as Escrituras</i> , Élder Boyd K. Packer	79
<i>Precisamos Elevar Nossa Visão</i> , Élder Henry B. Eyring	81
<i>Portanto, O Que Deve Ser Feito?</i> Élder Jeffrey R. Holland	86

“Um Estandarte para o Meu Povo”, Élder Jeffrey R. Holland	91
“Coisas Maravilhosas Demais para Mim”, Élder Vaugh J. Featherstone	93
<i>Ensinar pela Fé</i> , Élder Robert D. Hales	95
“Uma Atitude: Os Assuntos Mais Importantes”, Élder Marion D. Hanks	98
“Pelo Espírito da Verdade”, Élder Boyd K. Packer	98
<i>O Senhor Multiplicará a Colheita</i> , Élder Henry B. Eyring	99
“Segundo os Seus Desejos”, Élder Dean L. Larsen	104
“Orientação de uma Alma Humana — a Maior Responsabilidade do Professor”, Presidente David O. McKay	105
“Responsabilidade Pessoal e Progresso Humano”, Élder Dean L. Larsen	105
“No Espírito do Testemunho”, Élder Boyd K. Packer	106
“Precavei-vos contra o Orgulho”, Presidente Ezra Taft Benson	108
<i>Os Perigos das Artimanhas Sacerdotais</i> , Paul V. Johnson	111
<i>Quatro Coisas Obrigatórias para os Educadores Religiosos</i> , Élder Gordon B. Hinckley	118
<i>A Missão a que Nos Dedicamos com Ardor</i> , Élder Jeffrey R. Holland	118
<i>O Manto É MUITÍSSIMO MAIOR QUE O INTELLECTO</i> , Élder Boyd K. Packer	121
“A Bíblia, um Livro Selado”, Élder Bruce R. McConkie	130
“União”, Presidente J. Reuben Clark Jr.	139
“União — um Princípio de Força”, Presidente George Q. Cannon	140
“A Escolha do Momento Certo”, Élder Dallin H. Oaks	140
<i>O Professor Ideal</i> , Élder Boyd K. Packer	145

COMUNICAÇÃO ESPIRITUAL

ÉLDER RICHARD G. SCOTT
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Principles of the Gospel in Practice (*Aplicação Prática dos Princípios do Evangelho*), Sperry Symposium 1985, (1985), p. 6

Na primeira vez em que recebi designações da Igreja que incluíam o aconselhamento e treinamento de outras pessoas, fiquei muito ansioso em compartilhar experiências pessoais que eu achava que teriam aplicação prática na vida daquelas pessoas. Essa vontade de compartilhar baseava-se em um sincero desejo de ajudar. À



medida que fui adquirindo experiência, quando alguém vinha me pedir ajuda ou conselho, era como se eu tivesse uma lista de experiências de minha própria vida, ou de lições aprendidas de outros, que eu queria compartilhar para ajudar essa pessoa. Isso era feito com muita sinceridade e grande vontade de ajudar.

À medida que os anos foram passando, descobri que hoje me sinto muito menos inclinado a ajudar as pessoas com as coisas que eu aprendi. Em vez disso, sinto-me vigorosamente motivado a compartilhar com elas a *maneira como* as lições foram aprendidas.

Muitas dessas lições tocaram-me profundamente e moldaram minha vida. Mas aprendi a reconhecer que a orientação, compreensão, entendimento e experiência que eu mais valorizava vieram diretamente do Senhor por intermédio do Santo Espírito.

O CURSO TRAÇADO DA IGREJA NA EDUCAÇÃO

PRESIDENTE J. REUBEN
CLARK JR.
PRIMEIRO CONSELHEIRO NA
PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Edição revisada (1994).
Discurso para os educadores religiosos, 8 de agosto de 1938,
Universidade Brigham Young.

“Caros Colegas, (...)”

O resumo feito pelo Presidente Clark das responsabilidades que os professores têm para com a Igreja e a missão dela e para com as necessidades espirituais dos alunos foi muito relevante, abrangente e inspirador.

Sua relevância diz respeito à Igreja como um todo, podendo muito bem ser considerado um guia pleno de autoridade para todo o nosso ensino e todas as nossas reuniões, tanto das auxiliares quanto de outras organizações, onde quer que haja a mínima possibilidade de que os edifícios e o tempo da Igreja sejam utilizados para expor os membros a influências negativas” (Introdução a “The Charted Course of the Church in Education”, Improvement Era, setembro de 1938, p. 520). (...).

Quando eu era estudante, fiquei emocionado com o grande debate entre dois preeminentes estadistas, Webster e Hayne. A beleza de sua oratória, a maneira sublime com que Webster expressava seu patriotismo, a previsão da guerra civil que ocorreria a fim de que a liberdade subjugasse a escravidão, tudo isso me emocionou profundamente. O debate começou abordando a



Declaração de Foot sobre as terras públicas. Passou, então, a abordar os grandes problemas fundamentais da lei constitucional. Nunca esqueci o parágrafo inicial da réplica de Webster, que reconduziu ao ponto de partida aquele debate que tanto se desviara de seu curso. Estas são as suas palavras:

“Sr. Presidente, quando um marinheiro é lançado de um lado para o outro, por muitos dias, em meio a uma tempestade, num mar desconhecido, é natural que aproveite a primeira pausa na tempestade, o primeiro raio de sol, para calcular sua latitude e verificar o quanto os elementos o afastaram de seu curso verdadeiro. Imitemos essa prudente atitude e, antes de nos afastarmos ainda mais do verdadeiro tema deste debate, verifiquemos o ponto de onde partimos para que tenhamos ao menos uma noção de onde nos encontramos neste momento. Peço que seja lida a resolução.”

Apresso-me em dizer que não espero que imaginem que considero ser esta uma ocasião semelhante ao debate entre Webster e Hayne, ou que eu me considere um Daniel Webster. Se alguém estiver pensando qualquer dessas coisas, está cometendo um terrível engano. Admito que sou velho, mas não tão velho assim. No entanto, Webster sugeriu um procedimento extremamente sensato para ocasiões nas quais devemos fazer um esforço para voltar ao ponto de partida, depois de vagarmos pelo alto mar ou pelo deserto, de modo que achei que me perdoariam se eu utilizasse esse mesmo procedimento para expor novamente alguns dos mais importantes e essenciais princípios nos quais se baseiam o nosso sistema educacional da Igreja.

Em minha opinião, esses princípios são:

A Igreja é o sacerdócio organizado de Deus. O sacerdócio pode existir sem a Igreja, mas a Igreja não pode existir sem o sacerdócio. A missão da Igreja é, em primeiro lugar, ensinar, incentivar, auxiliar e proteger o membro individual em seu empenho para ter uma vida perfeita, tanto material quanto espiritualmente, conforme ensinado pelo Mestre nos evangelhos: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:48). Em segundo lugar, a Igreja deve manter, ensinar, incentivar e proteger os seus membros, tanto material quanto espiritualmente, como grupo, à medida que estes colocam em prática o evangelho. Em terceiro lugar, a Igreja deve proclamar ativamente o evangelho, conclamando todos os homens a se arrependerem e a obedecerem ao evangelho, pois todo joelho deve dobrar-se e toda língua deve confessar (ver Mosias 27:31).

Em tudo isso, tanto para a Igreja quanto para cada um de seus membros, há duas coisas importantes que não podem ser subestimadas, esquecidas, alteradas nem descartadas:

A primeira é que Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne, o Criador do mundo, o Cordeiro de Deus, que foi sacrificado pelos pecados do mundo, que expiou a transgressão de Adão; foi crucificado; Seu espírito deixou o Seu corpo; morreu; foi colocado no sepulcro; no terceiro dia Seu espírito voltou a se unir a Seu corpo; levantou-Se do sepulcro como um ser ressuscitado, um ser perfeito, as primícias da Ressurreição; mais tarde ascendeu ao Pai; e por causa de Sua morte e por meio de Sua ressurreição todo homem nascido no mundo desde o princípio será também literalmente ressuscitado. Essa doutrina é tão antiga quanto o próprio mundo. Jó declarou:

“E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus,

Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros o contemplarão” (Jó 19:26–27).

O corpo ressurreto é um corpo de carne e ossos e espírito, e Jó estava declarando uma grande e eterna verdade. Todo membro da Igreja precisa crer com toda fé nesses fatos verdadeiros e em todos os outros fatos que obrigatoriamente decorrem deles.

A segunda coisa na qual devemos ter plena fé é em que o Pai e o Filho realmente apareceram ao Profeta Joseph em uma visão no bosque; outras visões celestes foram concedidas a Joseph e outras pessoas; o evangelho e o Santo Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus foram realmente restaurados na Terra, depois de terem sido perdidos na apostasia da Igreja primitiva; o Senhor estabeleceu novamente Sua Igreja, por intermédio de Joseph Smith; o Livro de Mórmon é exatamente o que declara ser; o Profeta recebeu muitas revelações para direção, edificação, organização e encorajamento da Igreja e de

seus membros; os sucessores do Profeta, igualmente chamados por Deus, receberam revelações de acordo com as necessidades da Igreja, e continuarão a receber revelações sempre que a Igreja e seus membros, que estiverem vivendo as verdades que já possuem, necessitarem de mais revelações; esta é realmente A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; suas crenças fundamentais são as leis e princípios descritos nas Regras de Fé. Além disso, esses fatos, cada um deles, bem como todas as coisas obrigatoriamente implicadas ou resultantes precisam permanecer sem alteração, sem modificação, sem diluição, sem desculpas; não podem ser explicados nem subestimados. Sem essas duas grandes crenças, a Igreja deixaria de ser a Igreja.

Toda pessoa que não aceitar a plenitude dessas doutrinas referentes a Jesus de Nazaré ou à restauração do evangelho e do santo sacerdócio não é um santo dos últimos dias; as centenas de milhares de fiéis, homens e mulheres tementes a Deus que compõem o grande corpo de membros da Igreja acreditam plena e completamente nessas coisas, e apóiam a Igreja e suas instituições por causa dessa crença.

Deixei essas coisas bem claras porque elas são a base da posição e localização da Igreja, tanto neste mundo quanto na eternidade. Sabendo de nossa verdadeira posição, podemos acertar nosso rumo, se necessário; podemos traçar de novo o nosso verdadeiro rumo. E assim podemos sabiamente lembrar o que Paulo disse:

“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gálatas 1:8).

Voltando à comparação com Webster-Hayne, terminei agora de ler a resolução original.

Conforme mencionei, pretendo dizer algo sobre a educação religiosa dos jovens da Igreja. Agruparei o que tenho a dizer em dois temas gerais: o aluno e o professor. Serei muito franco, pois já passamos da fase de usarmos palavras ambíguas e frases de significado vago. Precisamos dizer claramente o que temos a dizer, porque o futuro de nossos jovens, tanto aqui na Terra quanto na vida futura, e o bem-estar de toda a Igreja estão em jogo.

Os jovens da Igreja, seus alunos, em sua grande maioria, são fortes em pensamento e em espírito. O problema principal é mantê-los firmes, e não apenas convertê-los.

Os jovens da Igreja estão ávidos pelas coisas do Espírito; estão muito desejosos de aprender o evangelho, e querem-no de modo direto e sem rodeios. Querem conhecer os princípios fundamentais que acabamos de mencionar: as nossas crenças. Querem adquirir um testemunho de sua veracidade. Não são cépticos, mas, sim, pesquisadores em busca da verdade. Não podemos semear dúvidas no coração deles. Grande é o fardo e a condenação de qualquer professor que semear dúvidas em uma alma confiante.

Esses alunos anseiam pela fé que seus pais possuem; querem essa fé em sua simplicidade e pureza. Há realmente bem poucos que não viram a manifestação de seu divino poder. Eles não querem ser apenas beneficiários dessa fé, mas querem ser capazes de eles próprios colocarem em ação o seu poder.

Querem acreditar nas ordenanças do evangelho; desejam compreendê-las o máximo possível.

Estão preparados para compreender a verdade, que é tão antiga quanto o evangelho e que foi expressa da seguinte forma por Paulo (um mestre da lógica e da metafísica incomparavelmente superior aos críticos modernos que rejeitam toda a religião):

“Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (I Coríntios 2:11–12).

“Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito” (Romanos 8:5).

“Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.

Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis.

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei” (Gálatas 5:16–18).

Nossos jovens também compreendem o princípio declarado na revelação moderna:

“Por agora não podeis, com vossos olhos naturais, ver o desígnio de vosso Deus com respeito às coisas que virão mais tarde nem a glória que se seguirá depois de muitas tribulações” (D&C 58:3).

“Pelo poder do Espírito abriram-se nossos olhos e iluminou-se nosso entendimento, de modo a vermos e compreendermos as coisas de Deus. (...)

E enquanto meditávamos sobre essas coisas, o Senhor tocou os olhos do nosso entendimento e eles se abriram; e a glória do Senhor cercou-nos de resplendor.

E contemplamos a glória do Filho, à direita do Pai, e recebemos de sua plenitude;

E vimos os santos anjos e os que são santificados diante de seu trono, adorando a Deus e ao Cordeiro, a quem adoraram para todo o sempre.

E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

Porque o vimos, sim, à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—

Que por ele e por meio dele e dele os mundos são e foram criados; e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus. (...)

E enquanto ainda estávamos no Espírito, o Senhor ordenou-nos que escrevêssemos a visão” (D&C 76:12, 19–24, 28).

Esses alunos também estão preparados para compreender o que Moisés quis dizer ao declarar:

“Mas agora meus próprios olhos contemplaram Deus; não, porém, meus olhos naturais, mas, sim, meus olhos espirituais, porque meus olhos naturais não poderiam ter contemplado; pois eu teria fenecido e morrido em sua presença; mas sua glória estava sobre mim e eu contemplei sua face, pois fui transfigurado diante dele” (Moisés 1:11).

Esses alunos estão preparados para acreditar e compreender que todas essas coisas são questões de fé, não para serem explicadas ou compreendidas por nenhum processo da razão humana nem provavelmente por nenhuma experiência da ciência física conhecida.

Esses alunos (para encurtar o assunto) estão preparados para compreender e acreditar que há um mundo natural; que as coisas do mundo natural não podem explicar as coisas do mundo espiritual; que as coisas do mundo espiritual não podem ser compreendidas pelas coisas do mundo natural; que não podemos racionalizar as coisas do Espírito porque, em primeiro lugar, as coisas do Espírito não são suficientemente conhecidas e compreendidas, e em segundo lugar, porque a mente e a razão finitas não podem compreender nem explicar a sabedoria infinita e a verdade final.

Esses alunos já sabem que precisam ser “honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e (...) fazer o bem a todos os homens” e que “se houver qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos” (13ª Regra de Fé). Aprenderam essas coisas desde que nasceram. Devem ser encorajados de todas as formas adequadas a fazerem essas coisas que sabem ser verdadeiras, mas não precisam de todo um ano letivo para acreditarem nessas coisas e conhecerem-nas.

Esses alunos sentem plenamente a inconsistência dos ensinamentos que querem fazer do evangelho um simples sistema ético. Sabem que os ensinamentos de Cristo estão no mais elevado nível ético, mas também sabem que são muito mais do que isso. Perceberão que a ética relaciona-se principalmente às ações desta vida, e que transformar o evangelho em um mero sistema ético é confessar

falta de fé, ou mesmo descrença na vida futura. Sabem que os ensinamentos do evangelho não se referem apenas a esta vida, mas também à vida futura, com sua salvação e exaltação como meta final.

Tal como seus antepassados, esses alunos têm fome e sede de um testemunho das coisas do Espírito e da vida futura, e sabendo que não podemos racionalizar a eternidade, procuram a fé e o conhecimento que segue a fé. Sentem, pelo Espírito que possuem, que o testemunho que buscam é desenvolvido e nutrido pelo testemunho de outros, e que para adquirir esse testemunho que buscam, um testemunho vivo, ardente e sincero de um homem temente a Deus de que Jesus é o Cristo e que Joseph foi um profeta de Deus, vale mais que mil livros e palestras que visam rebaixar o evangelho a um sistema ético ou que procuram racionalizar o infinito.

Há dois mil anos, o Mestre disse:

“E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?” (Mateus 7:9–10).

Esses alunos, nascidos sob convênio, podem compreender que a idade e maturidade e o conhecimento intelectual não são de forma alguma e em nenhum aspecto necessários para a comunhão com o Senhor e Seu Espírito. Conhecem a história do jovem Samuel no templo, de Jesus aos doze anos confundindo os doutores no templo, de Joseph aos quatorze anos vendo Deus, o Pai, e o Filho, em uma das mais gloriosas visões concedidas ao homem. Não são como os coríntios, a respeito de quem Paulo disse:

“Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis” (I Coríntios 3:2).

São mais como o próprio Paulo, ao declarar aos mesmos coríntios:

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino” (I Coríntios 13:11).

Quando vocês recebem esses alunos, eles estão se esforçando espiritualmente para atingir uma maturidade que alcançarão mais cedo se vocês os nutrirem com o alimento certo. Quando vocês os recebem, eles possuem conhecimento e experiência espirituais que o mundo não conhece.

Isso é o que eu tinha para dizer sobre seus alunos, quem eles são e o que eles esperam e do que são capazes. Estou lhes dizendo coisas que alguns de vocês, professores, e muitos de seus jovens me contaram.

Gostaria agora de dirigir algumas palavras para vocês, professores. Em primeiro lugar, não há outro motivo para nosso ensino religioso ou para nossos prédios e instituições de ensino da Igreja além de que os jovens sejam ensinados e instruídos nos princípios do evangelho, inclusive os dois grandes princípios de que Jesus é o Cristo e que Joseph foi o profeta de Deus. O ensino de um sistema ético aos alunos não é motivo suficiente para manter nossos seminários e institutos. O grande sistema escolar público ensina ética. Evidentemente, os alunos do seminário e do instituto devem aprender as doutrinas comuns a respeito do bem e de uma vida justa, porque elas fazem parte, e uma parte essencial, do evangelho. Mas há os grandes princípios relacionados à vida eterna, ao sacerdócio, à Ressurreição e a muitas coisas semelhantes que vão além desses princípios de uma vida justa. Esses grandes princípios fundamentais também precisam ser ensinados aos jovens; são coisas que os jovens desejam conhecer em primeiro lugar.

O primeiro requisito para um professor ensinar esses princípios é um testemunho pessoal da veracidade deles. Nenhum nível de instrução, estudo ou títulos acadêmicos podem substituir esse testemunho, que é uma condição *sine qua non* para todo professor de nosso sistema educacional da Igreja. Nenhum professor que não tenha um testemunho real da veracidade do evangelho conforme revelado para os santos dos últimos dias que nele acreditam, e um testemunho de que Jesus é o Filho de Deus e o Messias, e da missão divina de Joseph Smith, inclusive, em toda a sua realidade, a Primeira Visão, tem lugar no sistema educacional da Igreja. Se houver alguém assim, e espero e oro que não haja, esse professor deve pedir demissão. Se o Comissário souber de alguém assim e essa pessoa não pedir demissão, o Comissário deve exigir que ele seja demitido. A Primeira Presidência espera que essas pessoas sejam impedidas de ensinar.

Isso não significa que devemos expulsar esses professores da Igreja, de forma alguma. Realizaremos com eles um trabalho de amor, com toda a paciência e longanimidade, para conduzi-los ao conhecimento que todos os homens e mulheres tementes a Deus merecem ter. Mas isso significa, sim, que professores não convertidos e sem testemunho não podem dar aula nas escolas da Igreja.

Mas para vocês, professores, a simples aquisição de um testemunho não é suficiente. Vocês precisam, além disso, ter uma das mais raras e preciosas virtudes do caráter humano: coragem moral. Porque na ausência da coragem moral para declararem seu testemunho, ele será recebido por seus alunos de modo tão diluído que lhes será difícil ou mesmo impossível detectar; e o efeito espiritual e psicológico de um testemunho fraco e vacilante pode muito bem ser prejudicial em vez de benéfico.

O professor bem-sucedido do seminário ou instituto também possui outra virtude rara e valiosa de caráter, uma irmã gêmea do caráter moral e que freqüentemente é confundida com ela. Refiro-me à coragem intelectual, a coragem de afirmar princípios, crenças e fé que nem sempre podem ser considerados condizentes com o conhecimento científico ou de outra natureza que o professor ou seus colegas acadêmicos acreditam possuir.

Sabemos de casos em que homens que supostamente tinham fé e ocupavam cargos de responsabilidade, sentindo que se declarassem sua plena fé poderiam ser ridicularizados por seus colegas descrentes, procuraram modificar ou justificar erroneamente a sua fé, diluí-la destrutivamente, ou até fingir que a descartavam. Essas pessoas estão sendo hipócritas com seus colegas e com os membros da Igreja.

É motivo de pena (e não de escárnio, como alguns gostariam) o fato de um homem ou mulher, tendo conhecimento da verdade, considerar necessário repudiar a verdade ou tolerar o erro para poder conviver com descrentes sem se sujeitar ao suposto desagrado ou desprezo deles. A situação dessas pessoas é verdadeiramente trágica, porque a verdade é que essa rejeição e atenuação resultarão, no final, nas próprias punições que aquela pessoa de caráter fraco procurou evitar. Pois não há nada neste mundo tão valorizado e reverenciado quanto o homem que, tendo convicções justas, defende-as em toda e qualquer circunstância; e nada há no mundo que provoque maior desprezo do que o homem que, tendo convicções justas, foge delas ou as abandona ou repudia. Todo psicólogo, químico, físico, geólogo, arqueólogo ou qualquer outro cientista SUD que procurar racionalizar, interpretar falsamente, modificar ou acima de tudo repudiar ou negar as grandes doutrinas fundamentais da Igreja na qual ele professa crer estará se enganando, perdendo o auto-respeito, fazendo seus amigos sofrerem, partindo o coração de seus pais, envergonhando sua família, a Igreja e seus membros, e perdendo o respeito e louvor daqueles que com suas ações ele procurou conquistar como amigos e colaboradores.

Espero fervorosamente que não haja nenhuma pessoa assim entre os professores do sistema educacional da Igreja, mas se houver, ela deve seguir o mesmo caminho do professor sem testemunho. Falsidade, fingimento, rejeição e hipocrisia não têm nem podem ter lugar no sistema educacional da Igreja nem na formação do caráter e no crescimento espiritual de nossos jovens.

Outra coisa com que precisamos ter cuidado em nossas instituições da Igreja é: não é possível que certos homens mantenham seu cargo de confiança espiritual sem serem eles próprios convertidos, sendo realmente descrentes, procurando desviar as crenças, educação e atividades de nossos jovens, e de nossos idosos também, do caminho

que devem seguir para que trilhem outras sendas na educação, crenças e atividades que (embora conduzam para os lugares em que os descrentes gostariam de ir) não nos levam aos lugares para onde o evangelho nos levaria. Não importa que esse trabalho sirva como apaziguador da consciência do descrente que o dirige. Essa é a maior traição da confiança; e há muitas razões para acreditar que isso tenha acontecido.

Gostaria de mencionar outra coisa que aconteceu em outros grupos, como advertência para que essas coisas não aconteçam no Sistema Educacional da Igreja. Em mais de uma ocasião, nossos membros se instruíram em outros campos de estudo específicos. Estudaram o que supostamente era a última palavra, a visão mais moderna, o *ne plus ultra* da atualização; e depois eles trouxeram essas coisas e as derramaram sobre nós sem qualquer consideração se precisávamos delas ou não. Abstenho-me de mencionar ocasiões bem conhecidas em que essas coisas aconteceram. Não quero ferir sentimentos.

Mas antes de testar as idéias mais avançadas em qualquer linha de pensamento, instrução, atividade ou o que quer que seja, os especialistas deveriam apenas parar e pensar que, por mais retrógrados que achem que sejamos e por mais retrógrados que nós realmente sejamos em algumas coisas, em outras coisas estamos muito à frente e, portanto, esses novos métodos podem ser antiquados, ou mesmo ultrapassados para nós.

Em tudo que se relaciona à vida e atividades comunitárias em geral, a saudáveis entretenimentos sociais de grupo, a atividades e adoração religiosa cuidadosamente dirigidas e bem integradas, a uma religião prática, diária e real, a uma espiritualidade positiva, direta e que promove a fé, a um desejo determinado e uma necessidade intensa de fé em Deus, estamos bem à frente na marcha da humanidade. Antes que seja feito qualquer empenho para ensinar-nos novas idéias, os acadêmicos deveriam ponderar sinceramente se esses métodos usados para estimular o espírito comunitário ou desenvolver atividades religiosas entre grupos decadentes ou até mortos para essas coisas seriam aplicáveis a nós, e se esse trabalho de impor-nos essas coisas não seriam um grosseiro anacronismo.

Por exemplo: A aplicação em nossos jovens espiritualmente conscientes e religiosamente alertas de um plano desenvolvido para ensinar religião a jovens que não tenham nenhum interesse ou preocupação nas questões do Espírito não apenas falharia em atingir nossas verdadeiras necessidades religiosas, mas tenderia a destruir as melhores qualidades que nossos jovens possuem.

Já deixei claro que nossos jovens não são crianças em sua espiritualidade; estão bastante desenvolvidos em relação à maturidade espiritual normal deste mundo. Tratá-los como crianças em espiritualidade, como o mundo trataria

esse grupo etário, é portanto e igualmente um anacronismo. Digo outra vez, raramente encontramos um jovem que tenha passado pelo seu seminário ou instituto sem que tenha sido conscientemente um beneficiário de bênçãos espirituais ou que não tenha visto a eficácia da oração, ou que não tenha testemunhado o poder da fé para curar os doentes, ou que não tenha vislumbrado manifestações espirituais sobre as quais a maior parte do mundo de hoje é completamente ignorante. Vocês não precisam esgueirar-se por trás desses jovens espiritualmente experientes e sussurrar-lhes religião nos ouvidos; podem chegar diretamente diante deles e conversar com eles face a face. Não precisam disfarçar as verdades religiosas com um manto de coisas mundanas; podem apresentar essas coisas abertamente, em seu estado natural. Vocês poderão descobrir que os jovens não têm medo dessas coisas tanto quanto vocês. Não há necessidade de uma abordagem gradual, de historinhas dissimuladas, de mimos, de condescendência ou de qualquer outro artifício infantil usado para inspirar os que são espiritualmente inexperientes e quase espiritualmente mortos.

Vocês, professores, têm uma grande missão. Como professores, vocês se encontram no ponto culminante da educação, pois que outro ensino pode comparar-se ao valor inestimável e às conseqüências eternas do que aquele que lida com o homem como era nas eternidades passadas, como é na mortalidade presente e como será no futuro sem fim. Não apenas esta vida, mas a eternidade é o seu campo de ação. A salvação não apenas de vocês mesmos, mas daqueles que se colocam sob sua influência é a bênção que vocês procuram e que, cumprindo seu dever, vocês irão alcançar. Quão brilhante será sua coroa de glória, em que cada alma salva será uma jóia nela incrustada.

Mas para conseguir essa bênção e essa coroa, é preciso, como eu já disse e repito, que vocês ensinem o evangelho. Vocês não têm nenhuma outra função nem qualquer outro motivo para estarem numa escola do sistema educacional da Igreja.

Vocês têm interesse em questões puramente culturais ou no conhecimento puramente secular, mas repito para dar ênfase, seu principal interesse, seu essencial e quase único dever é o de ensinar o evangelho do Senhor Jesus Cristo conforme revelado nestes últimos dias. Vocês devem ensinar esse evangelho usando como recursos e autoridade as obras-padrão da Igreja e os escritos daqueles que Deus chamou para liderar Seu povo nestes últimos dias. Quer estejam numa posição elevada ou não, vocês não podem deixar que sua filosofia pessoal seja introduzida em seu trabalho, não importa qual seja a fonte disso ou quão agradável ou racional lhes pareça. Fazer isso seria ter uma igreja diferente em cada seminário, e isso seria o caos.

Quer estejam em posição elevada ou não, vocês não podem mudar as doutrinas da Igreja nem torná-las diferentes de

como estão declaradas nas obras-padrão da Igreja e por aqueles que têm autoridade para proclamar a mente e a vontade do Senhor para a Igreja. O Senhor declarou que Ele é “o mesmo ontem, hoje e para sempre” (2 Néfi 27:23).

Rogo-lhes que não cometam o erro pueril, tão comum hoje em dia, de acreditar que pelo simples fato de o homem ter avançado imensamente no controle das forças da natureza, modificando-as para seu próprio uso, as verdades do Espírito tenham sido mudadas ou transformadas. É um fato vital e significativo que a conquista das coisas do Espírito pelo homem não caminha lado a lado com sua conquista das coisas materiais. O oposto às vezes parece verdadeiro. O poder de raciocínio do homem não é igual a seu poder de cálculo. Lembrem sempre e valorizem esta grandiosa verdade declarada na oração intercessora:

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3).

Essa é uma verdade eterna; como são todas as verdades espirituais. Elas não são modificadas pela descoberta de um novo elemento, de uma nova onda etérea, nem pela quebra de um recorde de velocidade em alguns segundos, minutos ou horas.

Vocês não devem ensinar as filosofias do mundo, antigas ou modernas, pagãs ou cristãs, porque esse é o campo de atuação das escolas públicas. Seu único campo é o evangelho, e ele é ilimitado em sua própria esfera.

Pagamos impostos para sustentar instituições governamentais cuja função e trabalho é ensinar as artes, as ciências, a literatura, história, línguas, etc. em todo o seu currículo secular. Essas instituições devem fazer esse trabalho. Mas usamos o dízimo da Igreja para financiar o sistema educacional da Igreja, e essa é uma responsabilidade sagrada. Os seminários e institutos da Igreja devem ensinar o evangelho.

Ao declarar essa função de modo tão repetitivo e com tamanha insistência, estou plenamente ciente de que o desempenho dela pode envolver um horário “cedido” pela escola para a freqüência ao seminário ou instituto. Mas nosso curso é bem claro. Se não pudermos ensinar o evangelho, as doutrinas e as obras-padrão da Igreja, todas elas, no tempo “cedido” para nossos seminários e institutos, então devemos abandonar o tempo “cedido” e tentar elaborar outro plano para realizar o trabalho do evangelho nessas instituições. Se for impossível executar outro plano, devemos considerar a possibilidade de abandonarmos o programa de seminários e institutos e voltarmos ao programa de faculdades e academias de ensino da Igreja. Ainda não temos certeza, em vista do que tem acontecido, de que devíamos ter desistido daquele programa.

Uma coisa está clara, ou seja, a de que não nos sentiremos justificados em utilizar um único dólar que seja para

manter nossos seminários e institutos de religião, a menos que eles possam ser usados para ensinar o evangelho da maneira prescrita. O dízimo representa muito trabalho, sacrifício, abnegação e fé para ser usado em uma instrução insípida dos jovens da Igreja em ética elementar. Essa decisão e situação precisam ser levadas em consideração quando for analisado o próximo orçamento. Ao declarar essas coisas, falo em nome da Primeira Presidência.

Tudo o que foi dito a respeito do caráter do ensino religioso e das conseqüências naturais de um ensino inadequado do evangelho se aplica de igual modo aos seminários, aos institutos e a todas as outras instituições educacionais pertencentes ao sistema educacional da Igreja.

A Primeira Presidência solicita encarecidamente a ajuda e cooperação integral de todos vocês, homens e mulheres, que por seu trabalho na frente de batalha conhecem tão bem a enormidade do problema que enfrentamos, que afeta de modo tão vital e íntimo a integridade espiritual e a salvação de nossos jovens, bem como o bem-estar futuro de toda a Igreja. Precisamos de vocês; a Igreja precisa de vocês; o Senhor precisa de vocês. Não se restrinjam, não deixem de estender a mão para ajudar.

Para terminar, desejo prestar um humilde mas sincero tributo aos professores. Tendo me esforçado pessoalmente para concluir meus estudos no curso médio, faculdade e cursos profissionalizantes, conheço algo das dificuldades e sacrifícios que isso exige; mas também sei do grande crescimento e satisfação que sentimos quando alcançamos o objetivo final. Por isso, sei o quanto muitos de vocês, talvez a maioria, tiveram que fazer para chegar à posição em que se encontram hoje. Além disso, tentei ser professor por algum tempo, sem muito sucesso, por isso conheço também os sentimentos daqueles que se esforçam muito, mas realizam um trabalho apenas mediano.

Estou ciente de quanto é sua remuneração atual e de como ela é pequena, bem pequena. Desejaria do fundo do coração poder aumentá-la, mas as despesas que a Igreja tem com a educação já são tão elevadas que sinceramente preciso afirmar que não existem perspectivas imediatas para uma

melhoria. Nosso orçamento para este ano letivo é de US\$860.000, ou seja, quase 17 por cento do custo total estimado para o funcionamento de toda a Igreja, incluindo as despesas de administração geral, estacas, alas, ramos e missão, para todos os fins, inclusive o programa de bem-estar e as obras de caridade. De fato, desejaria ter a certeza de que as pessoas continuarão a ser tão amplamente prósperas de modo a poderem pagar um dízimo suficiente para manter-nos como estamos, sabendo que sem dúvida o fariam.

Portanto, presto um tributo à sua diligência, lealdade, sacrifício, sua disposição em servir na causa da verdade, sua fé em Deus e em Sua obra, e seu sincero desejo de fazer as coisas que nosso líder e profeta ordenado lhes pede. Rogo que não cometam o erro de deixarem de lado o conselho de seu líder ou de se recusarem a seguir suas instruções ou orientação. Na antigüidade, ao cortar a orla do manto de Saul, Davi clamou com o coração aflito:

“O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do Senhor, estendendo eu a minha mão contra ele; pois é o ungido do Senhor” (I Samuel 24:6).

Que Deus sempre os abençoe em todas as suas obras de retidão. Que Ele vivifique seu entendimento, aumente sua sabedoria, ilumine-os com experiência, conceda-lhes paciência, caridade e, uma de suas dádivas mais preciosas, o discernimento de espíritos para que reconheçam indubitavelmente o espírito da retidão e seu oposto. Que Ele lhes permita ter acesso ao coração de seus alunos e os faça saber que ao entrarem ali estão em lugar sagrado, que não deve ser profanado nem poluído, seja por doutrina falsa ou corrupta, seja por ações pecaminosas. Que Ele enriqueça seu conhecimento com a capacidade e o poder de ensinar com retidão. Que sua fé e seu testemunho aumentem, e sua capacidade de incentivar e desenvolvê-los em outros cresça a cada dia — tudo isso para que os jovens de São sejam ensinados, edificados, encorajados, estimulados, para que não desistam no meio do caminho, mas prossigam rumo à vida eterna, de modo que, ao serem eles assim abençoados, vocês também o sejam. Oro por tudo isso em nome Daquele que morreu para que pudéssemos ter vida, o Filho de Deus, o Redentor do mundo, Jesus Cristo. Amém.

A DEFESA PURA

PRESIDENTE BOYD K. PACKER

PRESIDENTE INTERINO DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Uma Tarde com o Presidente Boyd K. Packer, 6 de fevereiro de 2004



A Segunda Guerra Mundial terminou tão subitamente quanto havia começado cinco anos antes. De repente, eu contava com algo que até então não sabia se teria. Tinha um futuro. Era uma sensação estranha. O que fazer com um futuro?

Eu estava em Ie Shima, uma minúscula ilha na costa noroeste de Okinawa. Poucos dias antes a ilha tinha sido devastada por um tufão de tamanha violência que chegou a afundar grandes navios e arrastar aviões para fora da ilha. A tempestade havia passado, e a guerra tinha acabado, e eu tinha um futuro.

Numa noite calma, clara e enluarada, sentei-me à beira de um alto penhasco que se erguia acima da praia. Poucos dias antes, o mar que naquele momento estava tão calmo lançava imensas ondas que arrebentavam no alto daquele penhasco. Sentei-me ali por várias horas, ponderando e orando. Decidi o que faria com meu futuro. Seria professor.

Tinha o diploma do curso médio, conquistado com notas bem medianas. Tinha um ardoroso testemunho do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Tinha algum conhecimento das escrituras, adquirido ao longo de horas, dias, semanas e meses de estudo. Não sabia o que iria ensinar. Poderia aprender temas práticos e seculares.

Cursei a faculdade com muito esforço. Eliminei um ano do curso por causa dos créditos que recebi na aeronáutica por ter servido como piloto da Força Aérea. Formei-me em educação. Naquela época, a coisa mais importante que eu tinha era minha esposa e dois filhos pequenos.

Pouco depois, tornei-me professor do seminário, contratado no meio do período para substituir o irmão John P. Lillywhite, que deixou de dar aulas para presidir a missão holandesa. Eu sabia o que faria com meu futuro.

Não tinha idéia de que estaria hoje aqui falando a um grupo de professores. Naquela época, eu me daria por satisfeito, bem como hoje, em ser um simples professor. E minha esposa ficaria feliz em estar a meu lado.

Sabendo o que sei hoje, não espero ser mais recompensado por meu atual chamado do que vocês que passaram a vida inteira ensinando diligentemente numa sala de aula.

Mas estamos aqui. Digo *estamos*, porque minha mulher está aqui comigo. Não sabemos quantos anos ainda nos restam. Não muitos, suponho. Mas temos um firme testemunho do Pai e do Filho e do indescritível dom do Espírito Santo.

Sabemos que aquele ser do mundo invisível que confrontou o menino Joseph no Bosque Sagrado está sempre por perto, porque como disse Pedro: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (I Pedro 5:8).

Atualmente, do ponto de vista moral, social, político e até intelectual, parecemos estar perdendo a batalha. Mas a humanidade também sabe que no final de tudo Satanás não poderá vencer.

Há mais de quarenta mil aqui nesta reunião. Comparado às necessidades existentes, esse não é um número muito grande. Mas lembro-me de quando ouvi Sir Winston Churchill dizer nos momentos mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, dirigindo-se a um pequeno grupo de pilotos da Real Força Aérea britânica que enfrentavam um inimigo muito superior: “Na história das guerras da humanidade, nunca tantos deveram tanto a tão poucos”.¹

Em outubro de 1983, voltei de uma viagem à América do Sul e então parti quase imediatamente em seguida para Londres, a fim de acompanhar o Élder Neal A. Maxwell na primeira conferência regional, substituindo um membro da Primeira Presidência. Aquela primeira conferência foi uma experiência e tanto.

Reunimo-nos na capela de Hyde Park, por quatro horas, para uma reunião do sacerdócio. O Élder Maxwell falou primeiro, citando o rei Benjamim: “Irmãos, não ordenei que viésseis aqui para ouvir levemente as palavras que direi” (ver Mosias 2:9). O que ele disse mudou minha vida: “Viemos até vocês hoje em nossa verdadeira identidade de Apóstolos do Senhor Jesus Cristo”.

De repente, senti todo o meu ser encher-se de calor e luz. O cansaço da viagem foi substituído por confiança e confirmação. O que estávamos fazendo era aprovado pelo Senhor.

Nunca me esqueci daquele momento, como muitos momentos de inspiração que cada um de vocês deve ter tido na vida. Esses momentos confirmam que o evangelho restaurado de Jesus Cristo é verdadeiro.

LIVRO DE RECORDAÇÕES

Enquanto me preparava para estar com vocês aqui hoje, tive muita dificuldade para manter fechado o livro de recordações de minha memória.

Lembro-me do alto e sorridente J. Wiley Sessions, que inaugurou o primeiro instituto de religião em Moscow, Idaho.

Thomas J. Yates, que trabalhava como engenheiro numa usina elétrica nas montanhas a leste do Lago Salgado, desceu o desfiladeiro montado a cavalo, para lecionar no primeiro seminário anexo a uma escola regular, em Granite. Não conheci o irmão Yates, mas lembro-me daqueles que o substituíram.

Abel S. Rich, que era professor de agricultura, foi contratado para dar aula no segundo seminário, que ficava numa casa de alvenaria, do outro lado da rua da escola secundária em Brigham City. Ele estava servindo como diretor quando o Élder A. Theodore Tuttle e eu lecionamos ali.

O irmão Tuttle tinha servido como tenente nos fuzileiros navais. Em Iwo Jima, ele voltou ao navio para pegar uma grande bandeira. Na praia, ele a entregou a um mensageiro que a levou até o topo do monte Shirabachi, onde foi tirada a foto que entrou para a história.

Antes de sermos chamados como Autoridades Gerais, o irmão Tuttle e eu ensinamos e trabalhamos juntos como supervisores dos seminários e institutos de religião administrados por William E. Berrett.

O irmão Berrett inaugurou o seminário na bacia de Uintah. No verão, ele ia de cidade em cidade recrutando alunos para sua classe. Seu primeiro filho nasceu e foi enterrado ali. O casal Berrett foi para o cemitério no banco de trás de um carro, levando no colo o pequeno caixão de madeira que ele mesmo tinha feito.

Conheci Elijah Hicken, que foi enviado à bacia Big Horn, em Wyoming, para inaugurar o seminário ali. Nem todos o receberam bem. Houve um grupo que o ameaçou de morte. O patriarca deu-lhe uma bênção, prometendo que sua vida seria protegida. Confiando nessa bênção, o irmão Hicken deixou de carregar consigo o revólver que ele levava todos os dias para a sala de aula.

Na década de 1950, criamos as juntas educacionais das estacas. Provavelmente é verdadeira a história que se conta de um professor do seminário que tinha certa dificuldade em convencer os líderes da estaca da necessidade do estudo das escrituras.

Ele decidiu dar-lhes um questionário para testar o conhecimento que eles tinham das escrituras. A primeira pergunta foi: “Quem derrubou as muralhas de Jericó?” Isso deu início a um debate acalorado.

Por fim, o presidente da estaca disse: “Mas que diferença faz quem foi que derrubou as muralhas de Jericó? Só precisamos reerguê-las! Pagaremos o trabalho com os fundos da estaca”.

Assisti, certa vez, a uma reunião sacramental na Inglaterra. O professor do seminário, falando a respeito das escrituras, disse: “Abrirei agora as escrituras no capítulo 3 de Mosias, em Doutrina e Convênios”. Ninguém riu. Ainda temos muito trabalho a fazer.

Quando dei aula pela primeira vez no seminário, tínhamos três livros-texto: um para o Velho Testamento, outro para o Novo Testamento e outro para História da Igreja. Em Brigham City demos início a um curso sobre o Livro de Mórmon.

O livro texto do curso do Velho Testamento estava com a edição esgotada. Era muito difícil encontrá-lo. Quando as reuniões de grupo mensais eram realizadas em nosso prédio, escondíamos os livros-texto. Se não o fizéssemos, aqueles livros preciosos desapareciam.

Tínhamos um toca-discos para reproduzir histórias da Bíblia. Não havia projetores nas salas de aula.

CURRÍCULO

Hoje contamos com programas de curso, auxílios visuais, equipamentos e edifícios. Tudo é muito superior a qualquer coisa que tínhamos antigamente.

Seu currículo são as escrituras: o Velho Testamento, o Novo Testamento, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Outras fontes são os Profetas e Apóstolos vivos. A revelação nos ensina que quando eles são inspirados pelo poder do Espírito Santo, sua palavra tem o valor de uma escritura (ver D&C 1:38).

ESTEJAM ALERTAS

Voltando ao meu livro de recordações.

No início da década de 1930, começou a haver, em alguns institutos, um grupo de pessoas que aspiravam a títulos acadêmicos que fossem, por assim dizer, mais elevados. Achavam que a aprovação do mundo acadêmico lhes traria maior reconhecimento por parte daqueles com quem conviviam nas universidades.

Essa atitude afetou várias pessoas nos seminários. Houve um certo esforço para se criar um currículo que enfocasse valores sociais contemporâneos, em vez da doutrina revelada e as escrituras.

Vários professores tinham procurado formar-se em cursos importantes ministrados por renomados estudiosos da Bíblia. Buscaram conhecimento “nos melhores livros” (ver D&C 88:118:109:7, 14), mas com bem pouca fé. Voltaram

com seus diplomas, mas perderam contato com o evangelho restaurado de Jesus Cristo, talvez até o interesse nele.

Essa tendência de se desviar do rumo demonstrada por alguns professores de religião não passou despercebida pelos conselhos da Igreja. As Autoridades Gerais ficaram preocupadas. Em 1938, todos os funcionários do instituto e seminário se reuniram para um curso de verão em Aspen Grove.

O Presidente J. Reuben Clark Jr., falando em nome da Primeira Presidência, fez um discurso monumental: “*The Charted Course of the Church in Education*”.² Ele é um documento tão fundamental hoje quanto era na época em que foi proferido. Sem dúvida vocês já leram e leram esse documento.

Eu conhecia praticamente todos aqueles homens que se desviaram do caminho. Eles se sentiram em conflito com as coisas simples do evangelho. Alguns deles saíram do seminário e instituto para seguir uma carreira acadêmica secular, na qual se sentiam mais à vontade. Um por um, todos acabaram se tornando inativos, e uns poucos até abandonaram a Igreja. Cada um deles levou consigo um grupo de alunos: um preço terrível a ser pago.

Observei o que aconteceu ao longo dos anos. Seus filhos, netos e bisnetos não estão contados entre os fiéis da Igreja.

Isso aconteceu de novo em 1954. Os funcionários do seminário e instituto foram então convocados para um curso de verão na Universidade Brigham Young. O Élder Harold B. Lee, do Quórum dos Doze, foi o nosso professor. Por duas horas por dia, cinco dias por semana, durante cinco semanas, o Élder Lee e outros membros do Quórum dos Doze nos ensinaram. O Presidente J. Reuben Clark Jr. falou duas vezes para nós. Isso nos empurrou de volta para o rumo certo.

Felizmente, a maioria dos que saíram para estudar voltaram com o entendimento ampliado pela experiência e com títulos elevados. Voltaram com o firme conhecimento de que o homem pode estar no mundo sem ser do mundo (ver João 17:14-19).

Estejam atentos. Se não formos cuidadosos, essas coisas podem acontecer e estão acontecendo novamente. Todos vocês precisam estar sempre alertas. Caso venham a sentir-se atraídos por pessoas que consideram as realizações intelectuais mais importantes do que as doutrinas fundamentais, ou que desejam expor seus alunos às assim chamadas realidades da vida, afastem-se deles.

CAMINHO ARRISCADO

Quando eu era menino, as doenças da infância apareciam regularmente em todas as comunidades. Quando alguém pegava catapora, sarampo ou caxumba, um funcionário da saúde pública do condado visitava a sua casa e colava na

porta ou na janela um aviso de quarentena para manter todas as pessoas afastadas. Numa família grande como a nossa, as doenças da infância passavam de um filho para o outro, de modo que o aviso podia ficar afixado por muitas semanas.

Quando eu estava na escola, a professora leu um artigo para nós. Uma mãe ficou sabendo que as crianças de um vizinho tinham pegado catapora. Ela imaginou que seus filhos também acabariam pegando a doença, provavelmente um de cada vez. Decidiu que seria melhor acabar logo com aquilo.

Por isso, enviou os filhos para a casa do vizinho para brincarem com os filhos dele, deixando que fossem expostos e pegassem logo a doença. Imaginem quão horrorizada ela ficou quando chegou o médico informando que as crianças não estavam com catapora, mas, sim, com varíola.

“ENSINAR-LHES A PALAVRA DE DEUS”

Fecharei agora o meu livro de recordações, voltando ao presente.

Dirijo-me a vocês, como fez Jacó, quando ensinou no templo: “Tendo primeiramente recebido essa missão do Senhor” (Jacó 1:17). Jacó e seu irmão José tinham sido consagrados sacerdotes e *mestres* de seu povo.

“E [magnificaram seu] ofício para o Senhor, tomando sobre [si] a responsabilidade de responder pelos pecados do povo se não [lhes ensinassem] com diligência a palavra de Deus” (Jacó 1:19).

O mundo e as igrejas cristãs deixaram de dar valor ao Velho Testamento. Mas nele encontramos algumas jóias da doutrina, como as palavras *Aarônico*, *Melquisedeque*, *sacerdócio*, *patriarca*, *Jeová*, *aliança*, *convênios* e muitas outras. Elas constituem elos essenciais para a nossa compreensão do plano de redenção.

No Novo Testamento aprendemos sobre a vida e os ensinamentos do Mestre.

Ensinem seus alunos a respeito da Apostasia e da Restauração do sacerdócio, sobre Joseph Smith e a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que conforme o próprio Senhor declarou é “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra” (D&C 1:30).

Façam com que mergulhem profundamente nas verdades do Livro de Mórmon. Isso os conduzirá ao teste e à promessa que os cobrirá com a protetora influência da verdade.

Todos podemos individualmente “[perguntar] a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas são verdadeiras”. Ensinem seus alunos a perguntarem “com um coração sincero e com verdadeiro intento, tendo fé em Cristo, [e Deus lhes] manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo [eles podem] saber a verdade de todas as coisas” (Morôni 10:4-5).

Tendo seu próprio testemunho, eles estarão seguros no mundo.

MUITO DEPENDE DE VOCÊS

O mundo está decaindo cada vez mais rápido. Sinto dizer-lhes que as coisas não irão melhorar.

Minha intenção é *encarregar* cada um de vocês, *professores*, com a responsabilidade de fazer sua parte, colocando-os em alerta. Vivemos numa época de grande perigo espiritual para nossos jovens.

UM MUNDO MORALMENTE CONFUSO

Não conheço nada na história da Igreja e do mundo que se compare com a nossa situação atual. Nada aconteceu em Sodoma e Gomorra que supere em iniquidade a depravação que nos cerca.

Palavras profanas, vulgares e blasfemas são ouvidas em toda parte. Iniquidades e perversões impronunciáveis que anteriormente aconteciam em lugares escuros e escondidos estão sendo perpetradas abertamente, até com proteção legal.

Em Sodoma e Gomorra essas coisas eram localizadas. Agora estão espalhadas por todo o mundo, e estão entre nós.

Não preciso e nem vou identificar cada um dos males que ameaçam nossa juventude. É difícil para qualquer pessoa afastar-se delas.

A PRIMEIRA LINHA DE DEFESA

Vocês e os líderes e professores do sacerdócio e auxiliares não são a primeira linha de defesa. A família é que ocupa esse lugar. Satanás usa de todos os artifícios possíveis para destruir a família.

O sagrado relacionamento do homem com a mulher, do marido com a esposa, por meio do qual são concebidos corpos mortais e a vida é transmitida à próxima geração, está sendo bombardeado com imundície.

Sem dúvida, vocês conseguem perceber a intenção do adversário. Essa primeira linha de defesa está caindo.

O próprio propósito da Restauração centraliza-se na autoridade de selamento, nas ordenanças do templo, no batismo pelos mortos, no casamento eterno e na descendência eterna—centraliza-se na família!

O Senhor colocou a responsabilidade primordial sobre os pais: “E também, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo e do dom do

Espírito Santo pela imposição das mãos, quando tiverem oito anos, sobre a cabeça dos pais seja o pecado. (...)

E também ensinarão seus filhos a orar e a andar em retidão perante o Senhor” (D&C 68:25, 28).

Há também “o escudo da fé com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados dos iníquos” (D&C 27:17).

A ARMADURA É VESTIDA NO LAR

Esse escudo da fé é feito à mão, numa fábrica caseira. De modo ideal, as coisas de maior valor são realizadas no lar. Elas podem ser refinadas na sala de aula, mas são fabricadas e vestidas em casa, de modo adequado a cada indivíduo.

Muitos não contam com o apoio da família. Quando esse escudo não é oferecido no lar, precisamos e podemos desenvolvê-lo. Vocês e os líderes e professores tornam-se então a primeira linha de defesa.

OS PROFETAS ALERTARAM

Estamos exatamente onde os profetas nos alertaram que estaríamos.

Em preparação para o que estava para vir, o Senhor admoestou: “Devido a maldades e desígnios que existem e virão a existir no coração de homens conspiradores nos últimos dias, eu vos adverti e previno-vos, dando-vos esta palavra de sabedoria por revelação” (D&C 89:4).

Morôni falou para nós, ao dizer: “Ó gentios, é sabedoria de Deus que estas coisas vos sejam mostradas, (...)

Portanto o Senhor vos ordena que quando virdes essas coisas surgirem entre vós, estejais conscientes de vossa terrível situação” (Éter 8:23-24).

Paulo profetizou que “nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos” (II Timóteo 3:1). Em seguida, ele descreveu palavra por palavra, frase por frase, exatamente como é a nossa situação atual:

“Blasfemos, desobedientes a pais e mães, (...), profanos, Sem afeto natural, (...), incontinentes, (...), sem amor para com os bons,

(...) mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, (...)

“Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade” (II Timóteo 3:2-4, 7).

Seria possível descrevermos mais precisamente a nossa terrível situação atual?

O PODER DAS ESCRITURAS

Paulo profetizou que as coisas não irão melhorar: “Homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (II Timóteo 3:13).

Felizmente, ele nos disse o que devemos fazer: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido,

E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.

Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (II Timóteo 3:14-16).

Em Sua sublime oração pelos Apóstolos, o Senhor disse: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.

Não são do mundo, como eu do mundo não sou.

Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:15-17).

UM MUNDO ESPIRITUALMENTE DOENTE

Doenças espirituais de proporções epidêmicas varrem o mundo. Não conseguimos refreá-las. Mas podemos impedir que nossos jovens se infectem com elas.

O conhecimento e o testemunho do evangelho restaurado de Jesus Cristo são como uma vacina. Podemos vaciná-los.

Em inglês, vacinar é *Innoculate*: *In* significa “dentro” e *oculate* significa “olho que vê”. Colocamos um olho dentro da pessoa, o incomparável dom do Espírito Santo.

Néfi nos explica que “os anjos falam pelo poder do Espírito Santo; falam, portanto, as palavras de Cristo. Por isto eu vos disse: Banqueteai-vos com as palavras de Cristo; pois eis que as palavras de Cristo vos dirão todas as coisas que deveis fazer” (2 Néfi 32:3).

O CAMINHO ESTREITO

Vocês têm um caminho muito estreito e apertado para trilhar.

“Estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7:14).

Seu caminho, como professores, pode ser alargado de modo a incluir algumas atividades e eventos culturais dignos. As atividades são como o tempero e a sobremesa que dão sabor a uma refeição equilibrada. Eles precisam ter sempre um padrão condizente com o evangelho. Não abandonem os nutrientes que edificam o espírito; não serão os entretenimentos que irão proteger os nossos jovens.

O ensino do evangelho restaurado de Jesus Cristo *não pode* ser considerado como apenas uma das coisas que vocês lhes oferecem. Ele é mais importante do que qualquer atividade ou todas elas juntas. Vocês podem oferecer-lhes atividades, mas não podem deixar de ensinar.

As auxiliares foram organizadas e são responsáveis pela maioria das atividades. Ensinem seus alunos a serem fiéis

e ativos nas alas e estacas e a terem muito respeito pelos líderes do sacerdócio chamados para presidi-los.

Repito, o caminho é estreito e apertado. Vocês não podem desviar-se dele.

TER FÉ—CORAGEM

Quando nossos jovens se sentirem cercados e em minoria, lembrem-se do que Eliseu disse a seu servo quando ele viu “que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros”. O servo disse: “Ai, meu senhor! Que faremos?”

“[Eliseu] disse: Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles.

E orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o SENHOR abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo” (II Reis 6:15-17).

Vocês *não* têm a responsabilidade de sanar o ambiente. Vocês podem, com os pais e os líderes e professores do sacerdócio e auxiliares, enviar os jovens santos dos últimos dias como o fermento deste mundo, espiritualmente nutridos e vacinados contra as influências do mal.

“A glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade.

A luz e a verdade rejeitam o ser maligno. (...)

Eu, porém, ordenei que criásseis vossos filhos em luz e verdade” (D&C 93:36-37, 40).

UMA DEFESA E UM REFÚGIO

“E para que a reunião na terra de Sião e em suas estacas seja uma defesa e um refúgio contra a tempestade e contra a ira, quando for derramada, sem mistura, sobre toda a Terra” (D&C 115:6).

Eles não precisam ter medo. *Nós* não precisamos ter medo. O medo é o oposto da fé.

Estive nos conselhos da Igreja e vi muitas coisas. Vi desapontamento, choque e preocupação. Nunca vi medo.

Nossos jovens podem olhar para a frente com esperança em uma vida feliz. Eles se casarão e criarão famílias na Igreja e ensinarão a seus filhos pequenos o que vocês ensinaram a eles, que por sua vez, ensinarão a seus filhos e netos.

Isaías e Miquéias profetizaram: ““Mas nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e a ele afluirão os povos.

E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque

de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor” (Isaías 2:2–3; ver também Miquéias 4:1–2).

Em nossos dias, a casa do Senhor *foi* estabelecida no cume dos montes, e as nações *afluem* a ela. A palavra do Senhor, o Velho e o Novo Testamentos, saíram de Jerusalém. Agora a lei sai de Sião. E vocês são mestres da lei.

NÃO FRACASSAREMOS

Não fracassaremos!

“Até quando podem águas correntes permanecer impuras? Que poder deterá os céus? Seria tão inútil o homem estender seu braço débil para deter o rio Missouri em seu curso ou fazê-lo ir correnteza acima, como o seria impedir que o Todo-Poderoso derramasse conhecimento do céu sobre a cabeça dos santos dos últimos dias” (D&C 121:33).

Passaram-se 59 anos desde que me sentei naquele penhasco daquela minúscula ilha do Oceano Pacífico e decidi ser professor. Eu sabia que um professor não seria recompensado com riquezas. A recompensa é bem mais duradoura.

Durante esses anos todos, nações inteiras surgiram e desapareceram, enquanto o maligno operava seus desígnios. Vi

as fronteiras de Sião alargarem-se até cobrirem toda a Terra (ver D&C 82:14; 107:74).

Não tenho hoje uma certeza mais firme de que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus, o Unigênito do Pai, do que quando eu era um jovem soldado sentado no penhasco daquela minúscula ilha. Há uma diferença, porém: Hoje conheço o Senhor.

Presto testemunho Dele e invoco Suas bênçãos sobre vocês que ensinam, como pais e mães, como avôs e avós, sobre sua família, sobre suas turmas de alunos, sobre seu trabalho. Abençoe vocês para que Seu poder e inspiração os acompanhem de tal forma que aqueles que estiverem sob sua influência adquiram esse testemunho protetor. Invoco essas bênçãos sobre vocês como servo do Senhor e em nome de Jesus Cristo. Amém.

NOTAS

1. Trecho de um discurso de Winston Churchill, 20 de agosto de 1940 (Churchill Papers).
2. Ver *The Charted Course of the Church in Education*, ed. rev. (panfleto, 1994); código 32709.

“MESTRE, VINDO DE DEUS”

ÉLDER JEFFREY R.
HOLLAND

DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Trechos de Conference Report, abril de 1998, pp. 30–34; ou A Liahona, julho de 1998, pp. 27–30

Quando Nicodemos foi ter com Jesus no início do ministério do Salvador, falou por todos nós, quando disse: “Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus” [João 3:2].

Cristo, sem dúvida, era muito mais do que um mestre. Era o próprio Filho de Deus, o Messias prometido, o Santo do plano do evangelho eterno, o Salvador e Redentor do mundo.

Nicodemos, porém, estava iniciando o caminho da maneira que vocês e eu iniciamos, do modo como qualquer criança, jovem estudante ou membro novo começa: reconhecendo e aceitando um mestre impressionante que toca os sentimentos mais profundos do coração.



A INSTRUÇÃO INSPIRADA NUTRE OS MEMBROS

Recentemente, o Presidente Gordon B. Hinckley exortou-nos a mantermos nosso povo próximo à Igreja, principalmente os membros novos. Ao proferir essa exortação, o Presidente Hinckley lembrou-nos de que nós todos precisamos de, no mínimo, três coisas para permanecer firmes na fé: um amigo, uma responsabilidade e ser “nutridos pela boa palavra de Deus” [Morôni 6:4; ver também Gordon B. Hinckley, Conference Report, abril de 1997, p. 66; ou *A Liahona*, julho de 1997, p. 53].

O Apóstolo Paulo ensinou:

“Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

[Mas] como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? (...)

(...) *A fé é pelo ouvir*, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10:13–14, 17; grifo do autor).

REVITALIZAR O ENSINO DE BOA QUALIDADE

Numa época em que nosso Profeta pede mais fé por meio de ouvir-se a palavra de Deus, devemos revitalizar e estimular um ensino de maior qualidade na Igreja, em casa, ao púlpito, em nossas reuniões administrativas e, com certeza, na

sala de aula. O ensino inspirado nunca deve tornar-se uma arte esquecida na Igreja, e nós jamais devemos deixar que sua busca se torne uma tradição do passado.

O Presidente Spencer W. Kimball, certa vez, pediu: “Presidentes de estaca, bispos e presidentes de ramo, dediquem especial atenção a melhorar a qualidade do ensino na Igreja. (...)” Diz ele: “Temo que, muito frequentemente, um grande número de nossos membros venham à Igreja, assistam a uma aula ou participem de uma reunião e (...) depois, voltem para casa quase totalmente [sem inspiração]. É particularmente triste quando isso acontece num momento em que [esses membros] (...) estejam passando por um período de estresse, tentação ou crise. Todos nós precisamos ser tocados e nutridos pelo Espírito”, disse ele, “e um dos principais meios para se conseguir isso é o *ensino eficaz*. Muitas vezes (...)” conclui o Presidente Kimball, “trabalhamos arduamente para conseguir que os membros venham à Igreja, mas, depois, não cuidamos adequadamente do que eles recebem quando vêm”. [*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, 1982, p. 524; grifo do autor.] Sobre esse assunto, o próprio Presidente Hinckley disse: “*O ensino eficaz é a própria essência da liderança da Igreja*”. Repito: “O ensino eficaz é a própria essência da liderança da Igreja. A vida eterna, “continua o Presidente Hinckley, “virá somente à medida que o homem e a mulher forem ensinados com tal eficácia, que mudem e disciplinem sua vida. Não se pode forçá-los a serem retos ou a entrarem no céu. Eles têm de ser conduzidos, ou seja, ensinados”. [“How to Be a Teacher When Your Role as a Leader Requires You to Teach” (Como Ser um Professor Quando Seu Papel como Líder Exigir que Você Ensine), Reunião da Junta do Sacerdócio das Autoridades Gerais, 5 de fevereiro de 1969, grifo do autor.]

Entre as últimas palavras que o Salvador disse a Seus discípulos e entre as primeiras palavras que Ele nos diz hoje estão as seguintes: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações. (...) [Ensinai-os] a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. [Mateus 28:19–20] A Pedro, o líder apostólico da Igreja, o Cristo ressurreto, prestes a ascender ao céu, disse: “Apascenta os meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas ovelhas. (...) Segue-me” [João 21:15–19].

ENSINAR O EVANGELHO PELO ESPÍRITO

Com tudo isso, devemos atentar para o fato de que o Senhor jamais deu um conselho tão enfático à Igreja quanto o de ensinar o evangelho “pelo Espírito, sim, o consolador que foi enviado para ensinar a verdade”.

Será que ensinamos o evangelho “pelo Espírito da verdade”? Ele pergunta. OU será que ensinamos “de alguma outra forma? E se for de alguma outra forma”, Ele adverte,

“não é de Deus” [D&C 50:14, 17–18]. Num linguajar que repete outros mandamentos, Ele disse: “E se não receberdes o Espírito, não ensinareis” [D&C 42:14].

Nenhum aprendizado eterno pode acontecer sem o estímulo do Espírito, que vem do céu. Portanto, pais, professores e líderes, devemos ver nossas responsabilidades do modo como Moisés via a Terra Prometida. Ciente de que não teria sucesso de nenhuma outra forma, ele disse a Jeová: “Se tu mesmo não fores conosco, não nos faças subir daqui” [Êxodo 33:15].

Isso é o que nossos membros realmente desejam quando estão em reunião ou numa sala de aula. A maior parte das pessoas não vai à Igreja meramente para aprender mais alguns fatos do evangelho ou ver velhos amigos, embora essas coisas sejam importantes. Vão em busca de uma experiência espiritual. Querem paz. Querem sentir a fé fortalecida e a esperança renovada. Querem, em suma, ser nutridos pela boa palavra de Deus e fortalecidos pelos poderes dos céus. Nós, que somos chamados a falar, ensinar ou liderar, temos a obrigação de fazer com que isso aconteça da melhor maneira que pudermos. Entretanto, só conseguiremos fazê-lo se nós próprios estivermos constantemente buscando a luz de Seu Filho Unigênito. Então, se nosso coração estiver digno, se estivermos tão limpos quanto possível, se tivermos orado e chorado e nos preparado e nos preocupado até não sabermos mais o que fazer, Deus poderá dizer também a nós o que disse a Alma e aos filhos de Mosias: “[Levantai] (...) a cabeça e [alegrai-vos]. (...) Eu farei com que tenhais êxito” [Alma 8:15; 26:27].

NUTRIR COM A VIGOROSA PALAVRA DE DEUS

(...) Numa época como a nossa, *todos* precisamos do que Mórmon chamou de “virtude da palavra de Deus”, pois, disse ele, “surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhe houvesse acontecido” [Alma 31:5]. Quando surgem crises em nossa vida, e isso sempre acontece, as filosofias dos homens mescladas com algumas escrituras e poemas simplesmente não funcionam. Estamos realmente ensinando nossos jovens e membros novos de uma maneira que os firmará nos momentos difíceis? Ou será que estamos dando-lhes um tipo de “biscoito de polvilho” teológico, com quase nada de nutrição espiritual? O Presidente John Taylor uma vez chamou esse aprendizado de “biscoito de polvilho”, o tipo de coisa que você pode comer o dia todo e ainda ficar totalmente insatisfeito. [Ver John Taylor, *The Gospel Kingdom*, org. G. Homer Durham, 1943, p. 78.] Durante um inverno rigoroso há vários anos, o Presidente Boyd K. Packer chamou-nos a atenção para um grande número de cervos que haviam morrido de fome, embora tivessem o estômago cheio de feno. Num esforço honesto

para ajudar, algumas entidades haviam providenciado o superficial, enquanto o substancial é que era necessário. Infelizmente eles haviam *alimentado* os cervos, mas não os haviam *nutrido*.

Adoro o que o Presidente J. Reuben Clark disse a respeito de nossa juventude há bem mais de meio século. A mesma coisa pode referir-se aos membros novos. “Estão famintos pelas coisas do Espírito”, disse ele, “estão ansiosos para aprender o evangelho e desejam-no na íntegra, sem rodeios. (...)”

(...) Vocês não precisam chegar de mansinho, por trás e cochichar-lhes religião ao pé do ouvido. (...) Podem falar dessas verdades abertamente”. [“*The Charted Course of the Church in Education*, discurso proferido no curso de verão da Universidade Brigham Young em Aspen Grove, Utah, 8 de agosto de 1938, pp. 4, 9.]

Satanás com certeza não é sutil em seus ensinamentos; por que nós deveríamos ser? Quer estejamos com nossos filhos em casa, ou dando uma aula ou discurso na Igreja, *jamais* façamos com que nossa fé seja difícil de se perceber. Lembrem-se de que devemos ser mestres “[vindos] de Deus”. Nunca semeiem a dúvida. Abstenham-se de comportar-se de modo a levar vantagem e a promover sua vaidade. Preparem bem as aulas. Façam discursos alicerçados nas escrituras. Ensinem a doutrina revelada. Prestem testemunho sincero. Orem e pratiquem; procurem melhorar. Em nossas reuniões administrativas, sejamos todos instruídos e edificados, como dizem as revelações, para que até nesses momentos o ensino venha “do alto” [D&C 43:8, 16]. Assim, a Igreja será melhor, e vocês também, pois, como Paulo disse aos romanos: “Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?” [Romanos 2:21].

O EXEMPLO DE JEREMIAS

Temos um relato memorável do poder desse tipo de ensino na vida do profeta Jeremias. Aquele grande homem sentia-se como a maioria dos professores ou oradores e autoridades da Igreja se sente ao receber o chamado: inexperiente, inadequado, assustado. “Ah, Senhor Deus!”, clamou ele, “Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino.”

Mas o Senhor deu-lhe confiança: “Não temas diante deles; porque estou contigo. (...) Tu, pois, cinge os teus

lombos, e levanta-te, e dize-lhes tudo quanto eu te mandar” [Jeremias 1:6, 8, 17].

Foi o que ele fez, mas, no início, não se saiu muito bem. As coisas pioraram, até que finalmente foi aprisionado e feito alvo de riso do povo. Zangado por ter sido tão maltratado e injuriado, Jeremias prometeu nunca mais ensinar outra lição; fosse para pesquisador, criança da Primária, membro novo e, muito menos, para jovens de quinze anos. “Não me lembrarei [do Senhor], e não falarei mais no seu nome”, disse o desanimado profeta. Mas aí aconteceu uma reviravolta em sua vida. Alguma coisa acontecera a cada testemunho que prestara, escritura que lera ou ocasião em que ensinara uma verdade. Acontecera algo com que ele não contava. Mesmo tendo prometido fechar a boca e afastar-se da obra do Senhor, ele descobriu que era incapaz de fazê-lo. Por quê? Porque Sua palavra estava “no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e [estava] fatigado de sofrer, e não [podia] mais” [ver Jeremias 20:7–9].

TODOS PODEM SER MESTRES “[VINDOS] DE DEUS”

Isso é o que acontece no evangelho, tanto para o professor quanto para o aluno. Isso é o que aconteceu com Néfi e Leí na ocasião em que, segundo o livro de Helamã, “o Santo Espírito de Deus desceu do céu e penetrou-lhes o coração, e encheram-se, como que de fogo, e puderam dizer palavras maravilhosas” [Helamã 5:45]. Com certeza deve ter sido esse tipo de alegria divina que Maria Madalena sentiu quando, junto ao jardim do sepulcro, inesperadamente viu o Senhor ressurreto e disse-Lhe simplesmente: “Raboni”, que quer dizer literalmente “Mestre” [João 20:16].

Todos nós, que fomos ensinados, dizemos a todos vocês que ensinam: Muito obrigado, de todo o coração. Que enalteçamos o ensino no lar e na Igreja e aumentemos nosso empenho para edificar e instruir. Em todas as nossas reuniões e em todas as nossas mensagens, que saibamos nutrir pela boa palavra de Deus. E que nossas crianças e nossos membros novos, nossos vizinhos e nossos novos amigos digam, referindo-se a nosso empenho honesto: “És mestre, vindo de Deus”. No sagrado nome do Mestre dos Mestres, Jesus Cristo. Amém.

UMA ÉPOCA DESAFIADORA E MARAVILHOSA

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

PRESIDENTE DA IGREJA

Uma Noite com o Presidente Gordon B. Hinckley, 7 de fevereiro de 2003



Meus queridos irmãos e irmãs, dirijo-me a vocês com amor, gratidão e respeito. Sinto-me grato pelo que o Élder Eyring disse e endosso suas palavras para vocês.

Creio que não preciso dizer-lhes que tenho uma responsabilidade muito especial e importante nesta Igreja. Agradecemos a cada um de vocês por seu serviço dedicado. Gostaria, em especial, de agradecer aos irmãos do instituto e seus companheiros de trabalho que têm ajudado tanto na administração do Fundo Perpétuo de Educação.

Nesta reunião, vocês representam diversas categorias de professores — membros do corpo docente de três campus da Universidade Brigham Young, diretores e professores do instituto, e professores do seminário, tanto de tempo integral quanto de meio-período, e professores do LDS Business College. Mas todos vocês estão engajados em um empreendimento comum, que é cultivar no coração dos jovens o amor pelo Salvador do mundo e o desejo de seguir Seus ensinamentos.

Assistimos outra noite a um concerto realizado por vários grupos musicais da BYU. Foi maravilhoso. Foi uma ocasião grandiosa. A apresentação foi magnífica. Havia aproximadamente quinhentos participantes, todos estudantes.

Ao olhar para eles, pensei comigo: Que grandes jovens são esses! Demonstraram tamanho talento e todos se apresentaram juntos em perfeita harmonia. Depois, lembrei que cada um deles é aluno de um de vocês, que está aprendendo sobre esta Igreja, sua doutrina, história e práticas. E pensei no grande desafio que vocês têm em ensiná-los de modo a não apenas instruí-los, porém, mais importante que isso, inspirá-los.

Ao observá-los, imaginei os muitos milhares de outros que estão sob sua liderança nos institutos de religião em outras universidades e faculdades espalhadas por todo o mundo. Depois, pensei nos seminários que vocês representam, tanto os professores profissionais quanto os voluntários. Acho que não existe nada semelhante a isso no mundo inteiro.

Vocês se dão conta de que cada um de vocês faz parte desse imenso trabalho de ensinar religião a jovens de muitas nações que falam muitas línguas diferentes? Literalmente, o

sol nunca se põe sobre os grupos de alunos que se reúnem para aprender sobre o Senhor e Sua grandiosa obra. Cumprimento-os calorosamente. Agradeço a vocês de todo o meu coração. Encorajo-os a trabalharem um pouco mais arduamente. Oro para que tenham sucesso e também que sintam satisfação no que estão fazendo.

Vocês não fazem idéia das conseqüências de seu trabalho. À medida que os anos se passam e seus jovens alunos seguem suas diversas carreiras, casam-se, criam uma família, a lembrança do que aprenderam no seminário e instituto guiará as decisões e motivará suas atividades.

Conheci um homem que dirigia uma grande empresa de negócios. A mulher dele era membro da Igreja, mas ele não era. Mas todas as manhãs, ele acordava bem cedo e levava seus filhos de carro para o seminário matutino. No começo, ele ficava sentado no carro esperando por eles. Então, o tempo foi ficando mais frio. Ele entrou e sentou-se no fundo da sala onde a turma de alunos se reunia. Ficou curioso com as lições dadas por uma mulher que era professora voluntária. Ele começou a fazer sozinho o que sua mulher não conseguira convencê-lo a fazer. Ele estudou o evangelho. Foi batizado e tornou-se membro da Igreja ativo e fiel. Ele fez uma imensa contribuição.

VOCÊS TÊM UMA RESPONSABILIDADE DESAFIADORA E MARAVILHOSA

Sua tarefa não é fácil. Tive uma pequena idéia dela, certa vez. Perdoem-me por contar uma pequena história pessoal.

Fui chamado para uma missão nas ilhas britânicas em 1933. Eu tinha terminado meu bacharelado na Universidade de Utah. Era mais velho do que a maioria dos missionários de hoje.

Bem poucos estavam saindo naquela época. A terrível Depressão assolava o mundo inteiro. O dinheiro era extremamente escasso. Havia apenas sessenta e cinco missionários em todas as ilhas britânicas, onde hoje trabalham provavelmente mil e duzentos missionários.

Os dois anos que passei na Inglaterra foram muito produtivos em termos de meu desenvolvimento. A maioria desse tempo foi passada em Londres, como assistente do presidente da missão européia. Ele era membro do Conselho dos Doze. Quando fui desobrigado para voltar para casa, pediram-me que fosse ver a Primeira Presidência para contar-lhes algumas das necessidades das missões da Europa. Ele escrevera uma carta para preparar o caminho para essa minha entrevista.

O Élder John A. Widtsoe tinha servido anteriormente como presidente da missão européia e, naquela época, era Comissário Educacional da Igreja. Ele convidou-me a experimentar algo. Pediu-me que fosse até a escola do

curso médio South High School, em Salt Lake City, e ensinasse o seminário depois das aulas regulares nos dias de semana, pelo que eu receberia 35 dólares por mês.

Fui ver a Primeira Presidência, e eles me convidaram a começar o trabalho de relações públicas da Igreja, sob a direção de um comitê composto por seis membros do Conselho dos Doze. Por esse trabalho, eu receberia 65 dólares por mês, num total de 100 dólares por mês nos dois empregos. Hoje em dia vocês não recebem tão pouco assim.

Considero uma das grandes realizações da minha vida ter sido capaz de enfrentar uma classe inteira de alunos que vinham para o nosso prédio todas as tardes depois da escola. Eles ficaram comigo durante todo o ano letivo. Foi uma responsabilidade árdua, desafiadora e maravilhosa. Trabalhei muito nela. Orei a respeito dela. Dei o melhor de mim, e a achei extremamente recompensadora.

Quando o ano terminou, os funcionários do SEI ficaram insistindo comigo para que eu me tornasse professor de tempo integral do seminário. O comitê dos Doze, que tinha um pouco mais de autoridade, da mesma forma pediu-me que trabalhasse em tempo integral para eles. Tive que fazer uma escolha. Escolhi ficar com os Apóstolos.

Eu estive a serviço da Igreja em tempo integral por mais tempo do que qualquer outro homem vivo hoje em dia. Também servi em diversos cargos eclesiásticos regulares, inclusive como presidente de estaca. Já sou uma Autoridade Geral há quarenta e cinco anos, e estou hoje no meu vigésimo segundo ano como membro da Primeira Presidência e no meu oitavo ano como Presidente da Igreja.

Tive uma vida bem longa, pelo que sou profundamente grato ao Senhor. Tive experiências ricas, maravilhosas e recompensadoras, pelas quais sou muito grato a Ele. Sempre serei grato pela experiência que tive como professor do seminário. Sempre serei grato pela oportunidade que tive de servir como presidente da Junta Educacional da Igreja e do Corpo de diretores da BYU, que me mantêm em contato com esse programa vital. Essas são mordomias extremamente importantes e significativas e maravilhosamente desafiadoras.

Uma comprovação da importância que damos ao programa do Sistema Educacional da Igreja é o fato de que gastamos mais dinheiro do dízimo da Igreja nele do que no programa missionário mundial, no programa do templo e história da família ou quase todos os outros programas, com exceção da construção e manutenção de edifícios.

Em minha juventude, fui beneficiado pelo ensino do evangelho nos dias de semana. Freqüentei a escola LDS High School, uma grande escola do curso médio aqui em Salt Lake City que era dirigida pela Igreja até 1930. Tínhamos ali um maravilhoso corpo docente e um grande grupo de estudantes, e todos os dias tínhamos o ensino religioso como parte do currículo regular. Nosso campus

era bem aqui, onde hoje se ergue o Edifício dos Escritórios da Igreja e o Edifício da Sociedade de Socorro.

Naquela época, era realizado anualmente um Dia dos Meninos, em Salt Lake City. Havia três escolas do curso médio na cidade: a East, a West e a LDS. Marchávamos pela rua principal em uma grande parada no Dia dos Meninos. E nós da LDS High School cantávamos rindo enquanto marchávamos: “Rá-tá-tá. Rá-tá-tá. Somos os rapazes do instituto. Não fumamos, não mascamos fumo e não nos associamos a rapazes que fazem isso”.

Aqueles foram dias felizes e maravilhosos, de grandes amizades que ainda prezo muito.

Muitos anos se passaram desde aquela época, setenta e cinco para ser mais exato, e como mudou o mundo! Olho para trás e me dou conta de que vivi durante a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã, a Guerra do Golfo e a guerra contra o terrorismo. Que história sangrenta aconteceu nesses anos!

E que mudança assustadora ocorreu em nossa cultura. Uma imensa enxurrada de imundície tem sido derramada sobre nós. Em nossos campus universitários é usada uma linguagem que jamais era proferida por nossos lábios nos dias da minha juventude. A pornografia com toda a sua sedutora e maléfica atração está a todo o nosso redor. Temos a televisão, as fitas de vídeo, DVDs, a Internet e outros meios para trazer a imundície e o mal para dentro de nossa casa e nossa vida. Isso está tendo suas conseqüências. Vocês provavelmente estão mais cientes disso do que qualquer outro grupo que conheço. Estão enfrentando todos os dias os frutos disso. Esta é a época da linguagem suja, das roupas descontraídas e do estilo de vida relaxado.

ESTA É UMA GERAÇÃO MARAVILHOSA

Ao mesmo tempo, esta é a época em que muitos de nossos jovens demonstram notável força, capacidade e determinação de fazer o certo. Quão maravilhosa é a geração com que vocês estão lidando. Nunca tivemos uma geração como esta em toda a história da Igreja. Eles são mais instruídos. Conhecem melhor as escrituras. Creio que oram com mais fé, têm mais desejo de fazer a vontade do Senhor, são mais ativos na Igreja, saem para o mundo como missionários mais preparados e se tornam melhores pais. Parece-me que as coisas boas estão ficando melhores, e as ruins, piores.

Esses são os seus alunos. Vocês têm os dois tipos. E têm também o imenso desafio de proporcionar incentivo, inspiração e fé para os que estão dispostos a aceitar e a procurar com toda a sua capacidade fazer todo o possível para tocar o coração daqueles que estão sendo intensamente pressionados a participar de atividades que irão separá-los de vocês e de seus melhores alunos.

VOCÊS PRECISAM ENSINAR A MORALIDADE

Vocês desempenham um papel muito difícil. Sua principal responsabilidade é ensinar doutrina e história, e acho que fazem isso muito bem. Vocês não pensam em ocupar o lugar do bispo ou dos pais, nem devem fazê-lo. É responsabilidade deles, principalmente dos pais, nutrir, desenvolver a fé, ensinar os caminhos do Senhor a seus filhos, criá-los em verdade e retidão. É responsabilidade do bispo aconselhá-los, entrevistá-los, conversar com eles sobre a vida deles e suas aspirações, dar-lhes forças para enfrentar o mundo. Mas inevitavelmente, vocês precisam também ensinar-lhes moralidade e edificar nesses jovens o vigor que irá fortalecê-los contra os ardilosos caminhos do adversário.

Evidentemente, o pecado não é exclusividade desta geração. Ele existe no mundo desde que Caim matou Abel. Em certa ocasião, as condições se tornaram tão ruins que o Senhor sentiu-Se compelido a purificar o mundo com um dilúvio.

Ao longo das eras, profetas foram apedrejados e mortos. O Redentor do mundo foi crucificado. Seus Apóstolos foram mortos. Os reformadores foram martirizados. Joseph Smith foi morto a tiros na cadeia de Carthage. Desde a fundação da Igreja, nosso povo sofreu muito de muitas maneiras. Tudo isso foi resultado do trabalho do adversário.

Mas agora existe um elemento mais astuto em seus esforços. Não existem mais incêndios, apedrejamentos e expulsões. Há um convite sutil e sedutor para que as pessoas deixem as coisas boas, belas e santas e se voltem na direção dos caminhos maléficos, sujos, imundos e viciantes do mundo.

A música e os entretenimentos fazem parte disso. Por algum motivo que eu, como homem idoso, não consigo compreender, a música dessas bandas e artistas vulgares atraem e seduzem nossos jovens. Não há melodia nela. Nada há que eleve nela. Não vejo beleza nela. Mas nossos jovens estão fascinados por ela. Pagam um valor substancialmente elevado para entrar nesses concertos, que atraem milhares de pessoas. Ali, eles pulam e se retorcem e agem como animais. São como animais. Estão respondendo a sua natureza mais baixa.

Freqüentemente, segue-se a isso o uso de drogas. Uma coisa leva à outra, até que estejam totalmente viciados. Não conseguem escapar da escravidão das drogas. A vida deles é destruída, com exceção de uns poucos que reconhecem seu problema e com grande determinação e a ajuda do Senhor vencem o vício. Mas esse é um processo doloroso.

A pornografia os incita. Ela aparece de muitas formas, e eles conhecem todas. O sexo torna-se parte do quadro geral. Entre nossos próprios jovens, há muitos que se deixam envolver.

Conheço uma moça muito bonita, que foi mandada pelos pais para uma de nossas instituições. Ela queria sair de casa, e eles deixaram que ela fizesse isso. Voltou para casa há pouco para contar à mãe que estava grávida. Lágrimas correram. Houve momentos de raiva. Orações e súplicas foram proferidas. Seguiu-se um casamento, mas não havia alegria nele. Foi simplesmente um evento que visava corrigir uma situação trágica.

Essa é uma situação que vocês conhecem muito bem. O que vocês devem fazer? O que vocês podem ensinar? Como vocês podem ajudar nessa situação desesperadora que é enfrentada por muitos?

ENSINEM SEUS ALUNOS A ORAR E A ANDAR EM RETIDÃO

Usarei apenas um versículo de escritura hoje. É a palavra do Senhor para os pais. Mas também se aplica a vocês. Ele disse: “[Ensinem-nos] (...) a orar e a andar em retidão perante o Senhor” (D&C 68:28).

Creio que esse breve mandamento abrange as coisas mais importantes que podemos fazer.

Em primeiro lugar, ensinem-nos a orar — não de modo hipócrita, mas em resposta ao convite do Pai Celestial de que conversemos com Ele, que nos aconselhem com Ele, que agradeçamos a Ele, e supliquemos a Ele que nos dê forças.

Que coisa maravilhosa será se vocês puderem ensinar-lhes de tal modo que eles saibam que a oração é seu refúgio do pecado, uma fonte segura de forças para vencer o mal, sua promessa de ajuda, se apenas buscarem essa ajuda.

Ensinem-nos a orar pela manhã, quando enfrentarem as oportunidades, os desafios e as tentações do dia. Ensinem-nos a orar à noite, para agradecer pela orientação, a força e as bênçãos do Todo-Poderoso em tudo o que fizeram. Ensinem-nos a ajoelharem-se sozinhos em oração antes de saírem de casa para namorar pedindo para que mantenham o auto-controle, que se comportem de modo que a noite seja uma ocasião bela e maravilhosa, e não algo que somente lhes trará remorso no futuro. Ensinem-nos a orar sobre seus estudos, seus amigos, o rumo que tomarão na vida, seu futuro cônjuge com o qual sonham.

Em segundo lugar, ensinem-nos a andar em retidão perante o Senhor. Ensinem-nos que existe alguém que tudo vê, que cuida de nós, que conhece nosso coração, que sabe quais são os nossos pensamentos, de quem não podemos esconder-nos. No final das contas, precisamos viver nossa própria vida, com o conhecimento de que alguém está vendo tudo que fazemos.

Ensinem-nos a trilhar sempre o caminho mais elevado. Ao fazerem isso, eles andarão em retidão perante o Senhor.

Não conheço conselho melhor nas escrituras do que essas poucas palavras que nos conclamam a orar e a andar em retidão perante o Senhor.

SEJAM EXEMPLOS

E vocês, meus queridos irmãos e irmãs que servem como professores de nossos jovens, não preciso dizer que vocês têm que ser um exemplo para eles, orando e andando em retidão perante o Senhor.

Espero que supliquem ao Senhor que lhes dê forças, capacidade e inspiração para ensinar aqueles que os procuram para serem instruídos. Seu exemplo terá uma influência muito maior do que suas palavras a respeito da história e doutrina da Igreja.

Permitam que eles vejam em vocês os doces frutos de uma vida bem vivida, segundo o padrão do Senhor. Que seu casamento seja forte e firme, agradável e nobre. Que vocês, como pais, sejam um exemplo do que eles querem ser como pais. Façam com que haja um lado ameno em sua vida. Que haja diversão e alegria, senso de humor, a capacidade de rir de vez em quando das coisas engraçadas.

Lembro-me de um antigo poema que é muito significativo para sua situação:

Mark Hopkins sentou-se em um tronco de árvore caído

E o menino da fazenda sentou-se perto dele.

Mark Hopkins agia como pedagogo

E ensinava como um irmão mais velho.

Pouco me importa o que Mark Hopkins ensinava,

Se ele sabia pouco latim, e quase nada de grego,

Porque o menino da fazenda pensava assim

Durante toda a lição e os testes,

“O tipo de homem que quero ser

É o tipo de homem que Mark Hopkins é.”

(Arthur Guiterman, “Education”, *Masterpieces of Religious Verse*, comp. James Dalton Morrison, 1948, p. 505).

Eles querem ver em vocês um certo tipo de companheirismo. Querem saber que vocês são alguém com quem podem conversar. Mas lembrem-se sempre de que vocês são os professores. Não deixem que haja uma familiaridade indevida. A liderança deve preceder a amizade.

Seus alunos estarão com vocês durante apenas um breve período de tempo. Será que eles se lembrarão de vocês, e se lembrarão das coisas que vocês lhes ensinaram?

Ainda me lembro de muitos de meus professores do curso médio: James E. Moss, Arthur Welling, J. R. Smith, Owen Horsefall, Bessie Jones, para mencionar alguns. Não me lembro muito do que eles me ensinaram. A matemática, a história, as regras de gramática já foram esquecidas, em grande parte. Mas restou algo indefinível, que permaneceu comigo durante todos esses anos e que foi sendo

aumentado, à medida que trilhei a longa estrada da vida. Tem a ver com a beleza da música e da arte, da literatura e da natureza. Lembra-me constantemente a trilhar o caminho mais elevado.

ENCHAM SUA VIDA DE AMOR E FELICIDADE

Meus queridos amigos, que a sua vida seja repleta de amor: amor a Deus, a quem podem recorrer para obter forças e consolo; amor por Seu amado Filho, a quem podem conhecer como seu Redentor, que deu a vida sem qualquer tipo de egoísmo para abençoar toda a humanidade; amor pela esposa ou marido e sua família, as coisas mais preciosas que possuem; amor por seus alunos e pela grande oportunidade de tocar a vida deles.

Que a sua vida seja repleta de felicidade. Vocês que fizeram do ensino a sua profissão talvez não tenham todo o dinheiro que poderiam desejar e que poderiam ter adquirido se tivessem seguido outra carreira. Mas não é nisso que reside a verdadeira felicidade. Ela é encontrada em pequenas coisas, nas quais tocamos a vida de outra pessoa e interagimos uns com os outros.

Sentimo-nos profundamente gratos por todos vocês, que ensinam em tempo integral e os muitos que servem como voluntários. Olhem sempre o lado positivo das coisas. Vocês não podem fracassar. Vocês não estão fracassando. Olhem a seu redor. Olhem para seus alunos. Vocês estão se saindo bem, muito bem. Mantenham esse bom trabalho e regozijem-se no Senhor por essa oportunidade. Orem e andem em retidão perante o Senhor, e Ele irá abençoá-los.

Vocês ouviram o meu discurso sobre serem gratos, inteligente, puros, verdadeiros, humildes e orar sempre. Acrescento agora: Sejam felizes.

Todos temos problemas. Enfrentamos problemas todos os dias. Quão grato sou por termos coisas difíceis com as quais lutar. Elas nos mantêm jovens, na medida do possível. Elas nos mantêm vivos. Elas nos mantêm no caminho. Elas nos mantêm humildes. Elas nos colocam de joelhos para pedir ao Deus do céu que nos ajude a solucioná-las. Sejam gratos por seus problemas, e sei que de alguma forma haverá uma solução.

FAÇAM O MELHOR QUE PUDEREM

Que os céus sorriam para vocês, meus queridos irmãos desta grande obra. Simplesmente façam o melhor que puderem, mas certifiquem-se de que realmente é o melhor. Depois, deixem o restante nas mãos do Senhor.

Não disse nada profundo ao falar-lhes hoje. Mas falei de coisas que são as mais profundas de todas na vida, os grandes valores nos quais se baseiam nossa civilização e que

tornam possíveis a nossa felicidade, bem-estar e progresso eterno pessoais.

Oro para que os céus os abençoem, que tenham paz, amor e bondade em seu lar, que encontrem felicidade, um constante desafio, e as doces recompensas que virão por

liderarem, ensinarem e ajudarem os jovens desta grande Igreja. Que sejam inspirados e sirvam de inspiração nesse grande trabalho pelo qual são responsáveis, é minha humilde oração, deixando com vocês o meu amor e minhas bênçãos, no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

CÍRCULOS DE EXALTAÇÃO

**ÉLDER SPENCER W.
KIMBALL**

**DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS**

Trecho de um discurso para educadores religiosos, 28 de junho de 1968, Universidade Brigham Young, Encargo dos Educadores Religiosos, 3ª edição, 1994, p. 42



Uso o quadro-negro quando visito as estacas de Sião para ilustrar algumas coisas que me parecem ser muitíssimo importantes. Para a presidência da estaca, sumo conselho e bispados, desenho no quadro-negro uma série de círculos e no mais alto de todos escrevo: “Vida Eterna ou Exaltação”. Essa, evidentemente, é a meta final de todas as pessoas.

Ao descermos pela linha — que representa o caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna e que poucos encontram — no segundo círculo está escrito “Casamento Eterno”. Essa é a porta para a exaltação, e o Senhor disse por intermédio de João: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador” (João 10:1). De fato, existe *apenas* uma porta. Todos sabem disso. Espero que estejam ensinando isso a todo rapaz e moça que encontram. Há somente uma porta — nenhuma outra — e ela é o casamento eterno, porque nenhuma alma entrará pela porta da exaltação sozinha. Não haverá solteiros. Sempre haverá casais, e eles serão formados por um homem e uma mulher que se amam

intensamente e que se adaptaram um ao outro em completa perfeição — nada menos que isso!

Então, geralmente desenho um terceiro círculo no quadro-negro e pergunto àqueles líderes qual de todas as organizações da Igreja que contribuem de modo mais imediato e importante para o casamento eterno como meta intermediária para a vida eterna — nossa meta final — melhor se enquadraria naquele círculo. É interessante ouvir suas muitas respostas. Eles sugerem quase tudo o que vocês possam imaginar. Citam todas as organizações auxiliares, e faço então pequenos círculos em volta do círculo maior para indicar que cada uma delas faz a sua contribuição. Eles citam a Primária, a Escola Dominical, a Sociedade de Socorro, a Associação de Melhoramentos Mútuos, as reuniões do sacerdócio, as reuniões sacramentais, as conferências — tudo que vocês possam imaginar. Por fim, decidimos pela organização que todos concordam que tem a mais importante influência no casamento eterno. Essa, evidentemente é a missão. (...)

Fazemos outro círculo mais para baixo nesse caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna. Surge então a pergunta: O que vocês colocariam no próximo círculo? O círculo mais alto é a exaltação, o segundo é o casamento eterno, e o terceiro é a missão. (...)

(...) O que colocaremos nele? Bem, existe apenas uma coisa a ser colocada ali, não é? Trata-se do programa do seminário e instituto. Nunca deixem de colocar esse programa nessa importante posição, porque estou convencido de que os seminários e institutos podem fazer muito para levar os jovens para o campo missionário e para o casamento no templo e, por fim, para a exaltação. Esse programa é a organização perfeita da Igreja — todas as outras, evidentemente, fazem contribuições marcantes.

INVESTIMENTOS ETERNOS

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER

PRESIDENTE DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trechos de Uma Noite com o Presidente Howard W. Hunter, 10 de fevereiro de 1989

TRABALHAR PELOS JOVENS

O Presidente Heber J. Grant disse certa vez:

“Não há trabalho que possamos realizar que seja mais aceitável à vista de nosso Pai Celestial do que trabalhar pelos [jovens] da Igreja de Jesus Cristo (...).

(...) Há um ditado que diz que ‘a árvore se inclina de acordo com o broto’. Vocês que ensinam os nossos [jovens] estão engajados no trabalho de inclinar os brotos (...)

“Não há nenhum lucro que um ser humano possa auferir de títulos ou ações ou nada na riqueza do mundo que se compare ao conhecimento no coração de que ele foi um instrumento nas mãos de Deus para moldar uma vida para o bem” (“To Those Who Teach Our Children”, *Improvement Era*, novembro de 1970, pp. 5–6).

Vocês aqui presentes hoje são agentes importantes nesta grande obra. Vocês trabalham todos os dias para tocar o coração de nossos jovens, e têm uma profunda influência sobre eles. Estou certo de que já descobriram que as palavras do Presidente Grant são verdadeiras — que nenhum lucro financeiro ou mundano de qualquer espécie pode se comparar à satisfação que vocês sentem ao moldar a vida desses jovens para o bem. Vocês estão fazendo um grande investimento nesses alunos e um grande investimento para o futuro vigor da Igreja. Um dia, vocês desfrutarão uma imensa recompensa pessoal nesse investimento — o conhecimento de que auxiliaram diretamente na salvação eterna de homens e mulheres, e no estabelecimento do reino de Deus na Terra.

ESTUDAR AS ESCRITURAS (...)

Sei que existem dificuldades em seu trabalho e que nem toda sala de aula ou situação é plenamente perfeita, mas tenho um segredo para contar-lhes: Ninguém tem uma situação ou trabalho perfeito nesta vida. Todos enfrentam problemas para ganhar seu sustento com o suor do rosto, por isso se vocês enfrentarem alguns problemas, podem ter certeza de que estão bem acompanhados. A maioria dos membros da Igreja que trabalham não conta com o ambiente ideal em que vocês trabalham.



ENSINAR A TER CONFIANÇA NAS ESCRITURAS

Recomendo enfaticamente que usem as escrituras em seu ensino e façam todo o possível para ajudar os alunos a usarem-nas e a terem familiaridade com elas. Gostaria de que nossos jovens tivessem confiança nas escrituras, e gostaria de que vocês interpretassem essa frase de duas maneiras.

Primeiro, queremos que os alunos tenham confiança na força e nas verdades das escrituras, confiança em que seu Pai Celestial está realmente falando com eles por meio das escrituras, e confiança em que podem consultar as escrituras e encontrar respostas para seus problemas e suas orações. Esse é um tipo de confiança que espero que vocês dêem a seus alunos, e vocês podem dar-lhes isso se lhes mostrarem todos os dias, todas as horas, que vocês próprios confiam nas escrituras dessa forma. Mostrem-lhes que vocês próprios têm confiança em que as escrituras contêm as respostas para muitos, na verdade para a maioria dos problemas da vida. Portanto, quando ensinarem, ensinem usando as escrituras.

Obviamente outro significado implícito na expressão “confiança nas escrituras” é ensinar aos alunos as obras-padrão de modo tão minucioso que eles possam encontrar nelas confiança, aprendendo as escrituras essenciais, sermões e textos nelas contidos. Esperamos que nenhum de seus alunos saia da sala de aula temeroso ou envergonhado ou constrangido por não conseguir encontrar a ajuda de que precisam, por não conhecerem as escrituras o suficiente para localizarem as devidas passagens. Proporcionem a esses jovens experiência suficiente na Bíblia, no Livro de Mórmon, em Doutrina e Convênios e na Pérola de Grande Valor, para que eles tenham os dois tipos de confiança que mencionei.

Freqüentemente penso que os jovens da Igreja serão muito semelhantes a outros jovens fora da Igreja, se não adquirirem um certo domínio e aptidão no uso das obras-padrão. Todos vocês devem lembrar-se dos versículos que o Profeta Joseph escreveu quando estava preso na cadeia de Liberty. Entre outras coisas, ele escreveu: “Pois ainda existe muita gente na Terra, em todas as seitas, partidos e denominações, que é cegada pela astúcia sutil dos homens que ficam à espreita para enganar, e que só está afastada da verdade por não saber onde encontrá-la” (D&C 123:12; grifo do autor).

Temos uma grande responsabilidade, como educadores religiosos na Igreja, de cuidar para que nossos próprios membros, nossos próprios jovens, não se enquadrem nessa infeliz categoria de pessoas que foram cegadas, sendo rapazes e moças bons e dignos que estão impedidos de conhecer as verdades das escrituras por não saberem onde encontrar essas verdades e por não terem confiança em sua capacidade de usar as obras-padrão.

CONVIDAR PARA CRISTO

Gostaria de deixar-lhes uma palavra de advertência. Tenho certeza de que reconhecem o perigo em potencial de terem tamanha influência e serem tão persuasivos a ponto de que seus alunos desenvolvam uma lealdade a vocês em lugar do evangelho. Esse é um problema maravilhoso com o qual devemos lutar, e esperamos que todos vocês sejam professores tão carismáticos assim. Mas há um perigo real envolvido. É por isso que vocês precisam convidar seus alunos a lerem as escrituras propriamente ditas, não apenas lhes dar sua interpretação e apresentação delas. É por isso que vocês precisam convidar seus alunos a sentir o Espírito do Senhor, e não apenas lhes dar sua impressão pessoal a esse respeito. É por isso, no final das contas, que vocês precisam convidar seus alunos a achegarem-se diretamente a Cristo, e não apenas lhes ensinar Suas doutrinas, por melhor que o saibam fazer. Nem sempre vocês estarão à disposição desses alunos. Vocês não poderão conduzi-los pela mão depois que tiverem saído do curso médio ou da faculdade. E vocês não precisam de discípulos pessoais.

Nossa grande tarefa é dar um alicerce para esses alunos, de modo que possam prosseguir pela vida, indicar-lhes o caminho para Ele que os ama e pode guiá-los onde nenhum de nós estará. Certifiquem-se de que a lealdade desses alunos seja para com as escrituras e o Senhor e as doutrinas da Igreja restauradas. Indiquem-lhes o caminho para Deus, o Pai, e Seu Filho Unigênito Jesus Cristo, e para a liderança da Igreja verdadeira. Certifiquem-se de que quando o charme e o carisma de sua personalidade e seus discursos e o ambiente da sua sala de aula se forem eles não fiquem de mãos vazias para enfrentar o mundo. Dêem-lhes dádivas que eles levarão consigo quando tiverem que ficar sozinhos. Se fizerem isso, toda a Igreja será abençoada pelas gerações futuras.

CONFIAR NA FOICE DO ESTUDO (...)

(...) Precisamos ter uma Igreja repleta de homens e mulheres que conheçam muito bem as escrituras, que utilizem as referências remissivas e marquem as escrituras, que elaborem aulas e discursos usando o *Guia para Estudo das Escrituras*, que saibam como usar os mapas e outros auxílios contidos nesse maravilhoso conjunto de obras-padrão. Evidentemente existe muito mais nelas do que podemos aprender a dominar rapidamente. Sem dúvida o campo das escrituras está “branco e pronto para a ceifa”. Precisamos de professores do SEI que lançarão suas foices com todo o vigor e colherão o fruto abundantemente oferecido ali.

Em nenhuma época desta dispensação, e sem dúvida em *nenhuma* outra dispensação as escrituras, a eterna e esclarecedora palavra de Deus, estiveram tão prontamente disponíveis e facilmente estruturadas para o uso de todo homem,

mulher e criança que as pesquisar. A palavra escrita de Deus está em sua forma mais fácil de ser lida e acessível que já foi proporcionada para os membros leigos, em toda a história do mundo. Sem dúvida seremos considerados responsáveis se não as lermos, e sem dúvida vocês serão considerados responsáveis, tendo o ensino como profissão, se não ensinarem seus alunos a confiar nelas(...)

ENSINAR COM O ESPÍRITO

(...) Gostaria também de incentivá-los a prepararem-se e a viverem de modo que tenham o Espírito do Senhor em seu ensino. Há tantas coisas em nosso mundo que destroem o sentimento do Espírito e tantas que nos impedem de ter o Espírito conosco. Precisamos fazer todo o possível por esses jovens que estão sendo atacados e cercados pelas coisas mundanas que os envolvem. Precisamos fazer todo o possível para que eles sintam a agradável e tranqüilizadora presença do Espírito do Senhor. Suas salas de aula são um santuário nos dias de semana onde eles podem encontrar isso.

Em uma das revelações mais básicas desta dispensação, o Senhor disse: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14).

Considero que este versículo significa não apenas que *não devemos* ensinar sem o Espírito, mas também que *não conseguimos* ensinar sem Ele. O aprendizado de coisas espirituais simplesmente não pode acontecer sem a presença instrutora e confirmadora do Espírito do Senhor. Joseph Smith parece concordar com isso: “Todos devem pregar o evangelho pelo poder e influência do Espírito Santo; sem o Espírito Santo é impossível a qualquer homem pregar o evangelho” (Joseph Smith, *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, sel. Joseph Fielding Smith, p. 190).

Gostaria de deixar uma palavra de advertência sobre esse assunto. Creio que se não formos cuidadosos como profissionais do ensino trabalhando nas salas de aulas todos os dias, podemos começar a imitar a verdadeira influência do Espírito do Senhor por meios indignos e manipulativos. Fico preocupado quando aparentemente as emoções fortes ou as lágrimas copiosas são igualadas à presença do Espírito. Sem dúvida o Espírito do Senhor pode produzir fortes sentimentos emocionais, inclusive lágrimas, mas a manifestação externa não deve ser confundida com a presença do Espírito propriamente dita.

Observei muitos de meus irmãos ao longo dos anos e compartilhamos algumas raras e indescritíveis experiências espirituais juntos. Todas essas experiências foram diferentes umas das outras, cada uma foi especial à sua própria maneira, e esses momentos sagrados podem ou não ser acompanhados de lágrimas. Muito freqüentemente são, mas às vezes são acompanhados de total silêncio. Em

outras ocasiões, são acompanhados de alegria. Sempre são acompanhados por uma grande manifestação da verdade, por uma revelação ao coração.

Dêem a seus alunos a verdade do evangelho ensinada com vigor; essa é a maneira de proporcionar-lhes uma experiência espiritual. Deixem que isso aconteça naturalmente e como vierem, talvez com lágrimas, mas talvez sem isso. Se o que vocês disserem for a verdade, proferido com pureza e sincera convicção, os alunos sentirão o espírito da verdade sendo ensinado a eles e reconhecerão que o coração deles recebeu inspiração e revelação. É assim que edificamos a fé. É assim que fortalecemos o testemunho: com o poder da palavra de Deus ensinada com pureza e convicção.

Dêem ouvidos à verdade, sigam a doutrina e deixem que a manifestação do Espírito ocorra da maneira que acontecer, em todas as suas muitas e diversas formas. Permaneçam firmemente alicerçados nos princípios; ensinem com um coração puro. Então, o Espírito penetrará sua mente e seu coração, e a mente e o coração de todos os seus alunos.

ESTENDER A MÃO PARA O INDIVÍDUO

Gostaria também de encorajá-los a pensar nos alunos que ensinam e procurar ajudá-los individualmente. Mesmo que trabalhem com unidades grandes, como estacas, regiões e áreas da Igreja, temos constantemente nos lembrado de que essas unidades consistem de indivíduos que têm problemas individuais, bem como esperanças e sonhos individuais. Vocês têm classes grandes. Têm preparativos a fazer e exames para corrigir. Os números podem ser assobertantes, mas vocês precisam lembrar que estão ensinando alunos individuais e procurando tocar a vida deles.

Sempre fico impressionado com o fato de que o Senhor lida conosco de maneira pessoal e individualizada. Fazemos muitas coisas em grupo na Igreja, e precisamos de organizações razoavelmente grandes para permitir que administremos bem a Igreja, mas muitas coisas importantes, as *mais* importantes, são realizadas individualmente. Abençoamos bebês, um por vez, mesmo que sejam gêmeos ou trigêmeos. Batizamos e confirmamos as crianças, uma por vez. Tomamos o sacramento, somos ordenados ao sacerdócio, ou passamos pelas ordenanças do templo como indivíduos: como uma pessoa que desenvolve um relacionamento com o Pai Celestial. Pode haver outros perto de nós quando passamos por essas experiências, tal como existem outros em suas salas de aula, mas a ênfase dos céus está em cada indivíduo, em cada pessoa.

Quando Cristo apareceu aos nefitas, Ele disse:

“Levantai-vos e aproximai-vos de mim, para que possais meter as mãos no meu lado e também apalpar as marcas dos cravos em minhas mãos e em meus pés(...)”

E aconteceu que a multidão se adiantou e meteu as mãos no seu lado e apalçou as marcas dos cravos em suas mãos e seus pés; e isto fizeram, *adiantando-se um por um*, até que todos *viram com os próprios olhos, apalparam com as mãos* e souberam com toda a certeza, testemunhando que ele era aquele sobre quem os profetas escreveram que haveria de vir” (3 Néfi 11:14–15; grifo do autor).

Essa experiência levou algum tempo, mas foi importante que cada indivíduo tivesse a experiência, que cada par de olhos e cada par de mãos tivesse esse confirmador testemunho *pessoal*. Mais tarde, Cristo tratou as crianças nefitas exatamente da mesma forma.

“Pegou as criancinhas, *uma a uma*, e abençoou-as e orou por elas ao Pai” (3 Néfi 17:21; grifo do autor).

Será difícil para vocês dar toda a atenção pessoal que alguns de seus alunos desejam e precisam, mas procurem fazer o melhor que puderem para pensar neles individualmente, para deixá-los sentir algo pessoal e especial em sua preocupação como professor deles. Orem para saber quais alunos precisam de ajuda e que tipo de ajuda, e estejam atentos a esses sussurros quando vierem.

Não caiam na armadilha, como alguns fazem, de chamar aqueles que sempre são muito brilhantes e ávidos e prontos a dar a resposta certa. Vejam e procurem aqueles que estão se esquivando, que são tímidos e retraídos, e talvez com problemas espirituais. Se chamar essas pessoas na classe não for a melhor coisa a se fazer — e em alguns casos pode muito bem não ser — então encontre um motivo para conversar com elas antes ou depois das aulas, no corredor, ou ainda melhor, em sua sala. Lembrem-se de que o melhor ensino é feito individualmente e freqüentemente acontece fora da sala de aula.

Exige-se muito de seu tempo. Vocês não poderão fazer tudo que gostariam, mas pensem nisso. Tenham isso sempre em mente. Estejam atentos a oportunidades de tocar todos os alunos pessoalmente durante o ano letivo. Vocês não devem fazê-lo de modo calculista, como se seus alunos fossem itens de uma lista de roupas sujas, mas podem ser sistemáticos ao lembrar para quem dão designações, a quem pedem para fazer orações ou responder perguntas, e como podem ajudar eficazmente cada aluno individualmente.

Em seu empenho de ensinar cada aluno individualmente, vocês sem dúvida descobrirão que alguns não estão se saindo tão bem quanto outros, e que alguns nem sequer estão freqüentando as aulas. Interesse-se pessoalmente por esses alunos; caminhe a segunda milha para convidar e ajudar a ovelha perdida a voltar ao redil. “Lembraí-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus” (D&C 18:10). O Salvador pagou um preço incalculável por todos e cada um de nós, e temos o dever de fazer todo o possível para auxiliá-Lo neste trabalho. Temos o dever de certificar-nos de que a dádiva da Expição seja levada a todo

rapaz e moça pelos quais somos responsáveis. Em sua situação, isso significa mantê-los em plena atividade em suas classes.

Dêem atenção especial aos que estão tendo dificuldades, e saiam sempre que necessário à procura da ovelha perdida. Um cartão postal com uma mensagem sua, um telefonema, ou se possível, uma visita pessoal na casa deles, em muitos casos têm um resultado maravilhoso. A atenção pessoal a um jovem que começou a se desviar pode economizar horas e horas, na verdade anos e anos, de esforço posterior em nosso empenho de resgatar aquela pessoa de volta para a atividade. Façam tudo que puderem para fortalecer os fortes e reconduzir os errantes dessa faixa etária. Será infinitamente mais difícil ter sucesso em tocá-los mais tarde.

“VIVAM O QUE ENSINAM”

Gostaria de concluir esta parte de meus conselhos com a advertência de que coloquem em prática em sua própria vida as coisas que estão procurando ensinar aos outros. O Presidente Ezra Taft Benson disse a este mesmo grupo, há mais de uma década:

“Sua responsabilidade é viver aquilo que ensinam. Façam com que sua vida seja coerente com a mensagem que transmitem a seus alunos. A maioria de vocês é um forte e louvável exemplo do que uma vida e um lar santo dos últimos dias deveriam ser. Quantos alunos foram levados a tomar decisões justas por causa do exemplo de seus professores do seminário e do instituto! (...)”

“(…) Como professores, vocês precisam perguntar constantemente: ‘Como o Salvador deseja que eu me apresente perante os outros? De que maneira Ele gostaria de que eu agisse?’ (...)”

Vocês foram repetidamente aconselhados a ‘viver no mundo, mas não ser do mundo’(…) . Vivam de acordo com os convênios que fizeram no templo” (“The Gospel Teacher and His Message”, discurso para educadores religiosos, 17 de setembro de 1976, pp. 12, 14–15; ver também *Charge to Religious Educators*, 2ª ed., 1982, pp. 52–53).

Nossos jovens precisam de grandiosos exemplos vivos, heróis morais e religiosos, se assim o desejarem, que estabeleçam um padrão para eles e lhes mostrem a graça e a beleza de uma vida digna.

HOMENS EXEMPLARES

PRESIDENTE SPENCER W. KIMBALL

PRESIDENTE DA IGREJA

Trechos de um discurso para educadores religiosos, 12 de setembro de 1975, pp. 1–7, 10–11; ver também Charge to Religious Educators, 3ª edição, 1994, pp. 23–27

Gostaria de falar especificamente para vocês a respeito de seu desafio e seu encargo como professores dos jovens. (...)

(...) Alguns de vocês já trabalham há bastante tempo para lembrarem-se de que há quase uma década falei aos professores do seminário e instituto, num curso de verão, aqui no campus da BYU. Naquela época, abordei o tema “O Que Espero que Ensinem a Meus Netos”. Na época, eu tinha vinte e sete netos. Calculei que nos vinte e quatro anos seguintes haveria até doze daqueles preciosos jovens sendo ensinados por vocês a cada ano, e que coletivamente eles passariam cerca de 152 anos em suas salas de aula sob sua tutela. Também mencionei que esperava deles pelo menos trinta anos de trabalho missionário.



Fiquei preocupado na época com os homens que seriam contratados no quarto de século seguinte. Queria que fossem homens de valor e fé, de vigor e coragem: homens exemplares.

Pedi então que vocês ensinassem àqueles netos a honestidade, lealdade, humildade e um senso de responsabilidade. Expressei o desejo de que eles fossem ensinados a evitar o fanatismo e as modas. Pedi aos professores que ajudassem aqueles jovens a vestir toda a armadura de Deus, ensinando-os a conhecer, a amar e a usar as escrituras. Pedi que aqueles alunos fossem vigorosamente envolvidos na leitura das escrituras. Existem bênçãos que resultam de nossa imersão nas escrituras. A distância entre nós e nosso Pai Celestial é reduzida. Nossa espiritualidade brilha com mais intensidade. Amamos mais intensamente aqueles que devemos amar. É muito mais fácil seguir conselhos. As lições da vida são aprendidas mais prontamente e com mais certeza.

Conhecer os patriarcas e profetas do passado e sua fidelidade em situações de estresse, tentação e perseguição é algo que fortalece a determinação dos jovens. Ao longo de todas as escrituras praticamente todas as fraquezas e virtudes do homem foram retratadas, e as recompensas e castigos foram registrados. É preciso ser cego para não aprender a viver de modo digno com essa leitura. O Senhor disse: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida

eterna, e são elas que de mim testificam” (João 5:39). Ele é o mesmo Senhor e Mestre em cuja vida encontramos todas as virtudes, todas as qualidades que devemos desenvolver em nossa própria vida.

Eu esperava que esses 152 anos de treinamento (e um possível milênio futuro para minha posteridade) completassem a educação dada pelos pais que proporcionaria um belo equilíbrio na vida de minha posteridade e de todas as outras: uma abordagem bem equilibrada da vida. Sabendo da tendência de quase todos os jovens de adorarem um herói, esperei que vocês, como professores deles, se qualificassem para essa admiração e quase adoração. Queria que eles tivessem uma vida abundante e bela, que procurasse moldar-se à imagem ideal de uma família eterna. Eles aprenderiam isso, um pouco pelo que vocês lhes dissessem, mas muito mais pelo que vocês lhes mostrassem. Conseqüentemente, eu esperava que a imagem que ficasse gravada durante essas quinze décadas de aprendizado fosse bem próxima da ideal. Isso os levaria a esperar honra, integridade, pureza, otimismo e fé de seus professores de religião. Eu esperava que os professores aparecessem diante daqueles jovens bem vestidos e bem arrumados, pessoas otimistas e felizes, cujo amor e paz de seu lar lhes tivessem deixado uma influência calorosa e vibrante ao começarem o dia com seus alunos. Queria que os alunos se sentissem seguros de que seu professor naquela mesma manhã tivesse saído de um lar amoroso no qual a paz reinasse e o amor fosse entronizado. Essa ainda é parte do desafio enfrentado por vocês, homens e mulheres que trabalham em nosso programa diário de educação religiosa.

De fato, a missão de todos os educadores religiosos do Sistema Educacional da Igreja é ajudar os pais a criarem os filhos para que sejam santos dos últimos dias dignos, dispostos e capazes de servir eficazmente no reino de Deus. Essa é a sua parte. Para cumprirem bem a sua parte, é sábio lembrar o que Oliver Wendell Holmes disse: “Para alcançarmos um porto, precisamos navegar, às vezes a favor do vento, às vezes contra o vento; mas precisamos navegar, e não sermos arrastados pela corrente ou lançarmos âncora”. Vocês precisam seguir a admoestação de assumir o comando de sua vida.

Tenho hoje vinte e sete netos e dezesseis bisnetos, com a probabilidade de chegar a centenas de descendentes. Com o crescimento de minha família e de outras famílias também, sua esfera de influência e contato foi imensamente aumentada. Nosso programa de seminário e instituto está agora estendendo a mão para auxiliar pais em mais de cinquenta países. Essa é uma grande bênção, uma grande oportunidade, uma grande responsabilidade, porque sabemos por revelação que o lar, com uma família unida, é o que salvará a sociedade. A vida no lar e a orientação dos

pais são o remédio para todos os males, a cura de todas as doenças, a solução de todos os problemas.

A esse respeito, uma das declarações mais pungentes e profundas das santas escrituras é a instrução de Paulo aos maridos e mulheres, concernente a seu dever uns para com os outros e para com sua família. Em primeiro lugar, ele ordena às mulheres:

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Efésios 5:22).

“Como ao Senhor.” “Sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor”, disse ele. “Como ao Senhor.” Podem imaginar isso? Será que isso significa algo para vocês, ao seguirem o conselho do Senhor, cumprirem Sua vontade, seguirem Seus preceitos justos, servirem-No fielmente?

“Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja. (...)” (Efésios 5:23).

Vocês conseguem encontrar nas santas escrituras alguma ocasião em que o Senhor Jesus Cristo falhou para com Sua Igreja? Podem encontrar alguma escritura que diga que Ele foi desleal com Seu povo, Seus vizinhos, amigos ou companheiros? Ele foi fiel? Ele foi verdadeiro? Há algo de bom e digno que Ele não tenha feito? Então é isso que pedimos, o que pedimos a cada marido, a todos os maridos. Essa é a meta. Podem imaginar uma única exceção em Sua grandiosa vida? Tampouco deve haver qualquer uma na vida de vocês.

“De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Efésios 5:24).

Muitos mal-entendidos e erros estão se imiscuindo na mente de muitas pessoas de hoje. Esperamos que vocês, irmãs, dêem o exemplo, liderando um grande grupo de mulheres que compreendem as grandes oportunidades e responsabilidades que elas podem receber. Porque as oportunidades e as responsabilidades andam de mãos dadas. Isso não é tema para piadas ou brincadeiras. Muito está implícito nas palavras de Paulo: “Como ao Senhor”. Façamos com que elas penetrem profundamente em nosso coração. Nenhuma mulher precisa temer imposições ou sujeitar-se a medidas ditatoriais ou exigências impróprias se o marido for prestativo, altruísta e digno. Não seria de se esperar que uma mulher inteligente hesitasse em submeter-se em tudo a um marido que fosse verdadeiramente digno, mas às vezes ficamos chocados de ver a mulher assumir a liderança, decidindo quem fará a oração, onde cada pessoa irá ficar, quais as coisas que serão feitas.

Foi ordenado aos maridos:

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Efésios 5:25).

Há uma escritura que diz: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15:13). Sua esposa é sua amiga. Vocês devem estar dispostos a até dar a vida por ela, se necessário. Vocês dariam a vida por ela?

Vocês precisam perguntar a si mesmos: “Será que consigo amar minha mulher tal como Cristo amou a Igreja?” Podem imaginar como Ele amou a Igreja? Tudo nela era importante para Ele. Seu crescimento, cada membro individual era precioso para Ele. Ele doou àquelas pessoas toda a Sua energia, poder e interesse. Deu a vida, que mais Ele poderia dar? Deu a vida voluntariamente. Ele disse: “Não preciso fazê-lo”.

Para Pedro, Ele disse: “Eu poderia chamar doze legiões de anjos; você não precisa puxar da espada. Você não poderia defender-me de qualquer forma. Mas eu poderia chamar doze legiões de anjos, e eles me protegeriam. Mas darei a minha vida. Eu a darei para meu povo”. [Ver Mateus 26:52–54.] Ele deu Sua preciosa vida, a vida mais preciosa que já houve nesta Terra.

Quando o marido está disposto a tratar sua família dessa maneira, não apenas a esposa, mas também os filhos seguirão sua liderança amorosa e exemplar. Será automático. Ele não precisará exigir; isso acontecerá porque eles desejarão fazer o que compreendem ser necessário e justo.

Sem dúvida, se os pais quiserem ser respeitados, precisam merecer esse respeito. Se quiserem ser amados precisam ser constantes, amáveis, compreensíveis e bondosos, e precisam honrar seu sacerdócio. Precisam considerar-se afortunados por lhes terem sido confiados os preciosos filhos espirituais de Deus.

A mãe tem um grande incentivo para honrar e elevar seu digno marido aos olhos dos filhos sabendo que isso contribuirá para que eles tenham uma vida bem equilibrada. O pai tem um grande incentivo para erguer-se ao ponto mais alto de sua espiritualidade, merecendo assim o amor e respeito de todos os membros da família.

Portanto, instamos vocês, pais, a voltarem a seu pequeno reino e inspirarem sua família com bondade, justiça, disciplina adequada e amor. Rogamos às mães que ajudem a criar esse feliz relacionamento familiar. Desejamos que nosso povo fortaleça sua família de acordo com o padrão estabelecido por Abraão. Precisamos preparar tudo em nosso lar para servir fora dele quando recebermos chamados e oportunidades de prover o fermento do mundo. O mundo carece e deseja o que possuímos. Na bela oração proferida pelo irmão Holland, ele mencionou a fome no mundo: fome não de pão, não de coisas comuns, mas fome da palavra do Senhor; e vocês são os guardiães do pão da vida, vocês o levam para sua família para que eles possam compartilhá-lo com as pessoas do mundo.

Estamos constantemente nos esforçando para gravar na mente dos pais e mães da Igreja que eles têm a principal responsabilidade de criar os filhos em fé e ensinar-lhes os princípios de um viver correto. Mas precisamos ser realistas, porque muitos pais e mães falham em diversos graus na devida educação de seus filhos. Portanto, todas as outras organizações dedicadas a fazer o bem precisam cuidadosamente assumir a responsabilidade não cumprida. Entre essas pessoas, na Igreja, estão aquelas que ensinam nos seminários e institutos e outras que ensinam religião em nossas universidades e faculdades da Igreja. Para muitos jovens, vocês, professores e sua amável esposa constituem o melhor modelo de como viver adequadamente em família. Espero que cada um de vocês esteja se esforçando para ser marido e pai perfeito, com o devido autocontrole e com um relacionamento familiar amoroso, para que seus alunos vejam em vocês e em sua família o exemplo ideal que irá moldar-lhes a vida.

Ouvimos nos círculos políticos que “o que acontece no Maine, acontece em todos os Estados Unidos”. O que vocês, professores do SEI, fizerem irá influenciar a vida dos seus alunos, os filhos, os jovens de Sião. Quero que nossos jovens escolham bem seus companheiros quando fizerem amigos, e ainda mais quando começarem a namorar, em parte porque vêem em seu amado professor ou diretor todas as qualidades que os tornam exemplos ideais. Eles devem ver uma esposa inteligente e bem-equilibrada e uma mãe que apóia plenamente o marido e faz sua parte para desenvolver o perfeito relacionamento conjugal. Espero que esses jovens vejam seus instrutores contribuindo sabiamente para a vida comunitária como cidadãos dignos e felizes, e para a vida na Igreja, como líderes dedicados, dignos de confiança e eficazes. Espero que eles os amem, porque servimos a quem amamos. “Como encontrar a esposa certa?” Frequentemente ouço essas perguntas de missionários que estão começando a pensar nisso. Minha resposta sempre foi: “Encontrem alguém como minha esposa, então tudo estará bem”. Espero que sintam o mesmo em relação à sua própria esposa.

Espero que os jovens tenham tamanha confiança em vocês que não hesitem em procurá-los com suas dúvidas. Embora vocês não tenham autoridade eclesiástica e não sejam juízes comuns, sendo professores de religião dos dias de semana, vocês podem ser o primeiro contato deles. Seu conselho sábio pode ajudá-los a resolver alguns de seus problemas e vocês, evidentemente, vão encaminhá-los ao bispo para as soluções que estão na esfera de responsabilidade do bispo.

Espero que vocês sejam esse firme alicerce e exemplo, de modo que eles possam receber de vocês a força que irá protegê-los de problemas. A medicina preventiva é melhor do que a medicina reabilitadora, embora precisemos das duas. Espero que vocês consigam fortalecê-los contra o

pecado. Pecado ainda é pecado, e está crescendo cada vez mais neste mundo. Talvez a sua principal função seja fortalecer as defesas dos alunos contra o pecado. O bispo é quem irá ajudá-los no processo curativo, caso venham a cair e desviar-se de seu firme alicerce.

É preciso que evitem brigas e discussões em seu lar. Vocês precisam evitar que esse veneno contagioso seja levado para dentro da sala de aula. Seus alunos não merecem sofrer por causa de seus problemas. Evidentemente, vocês farão todo o possível para ensinar seus alunos a jejuar, prestar testemunho, pagar o dízimo, assistir a todas as reuniões, ir ao templo no devido tempo, santificar o Dia do Senhor, servir na Igreja de boa vontade, realizar reuniões familiares e oração familiar, permanecer isentos de dívidas, ser honestos e íntegros. Ressalto as palavras: *sem dívidas, honestos e íntegros*. Elas são muito importantes. O exemplo é melhor do que preceito sem aplicação prática pessoal, que é como “o metal que soa ou como o sino que tine”.

Seus alunos têm o direito de esperar anos de firme espiritualidade em seu ensino eficaz. Quanto mais experientes vocês se tornarem, melhor deve ser o seu ensino. Mantenham-se em sintonia espiritual para que seu intelecto permaneça eficaz e receptivo à verdade.

Eu já disse antes que nossos jovens nunca devem ser ensinados por mercenários. Ninguém deve estar ensinando neste programa como se fosse simplesmente um emprego. Se estiverem, talvez haja outros lugares em que poderiam ter o mesmo retorno financeiro. Mas se seu salário for apenas um detalhe e sua “grande e magnífica obsessão” forem nossos filhos e seu crescimento e desenvolvimento, então eu ficaria muito feliz em ter todos vocês ensinando em Nova York ou Michigan ou Wisconsin ou Utah ou Califórnia ou em outros lugares nos quais estejam a minha posteridade e a sua posteridade. (...)

A geração futura também precisa ser nutrida em sua fé em Jesus Cristo, a ponto de permitir-lhes que se ergam acima do egoísmo da sociedade. O egoísmo destrói a raiz do verdadeiro caráter. O fracasso no sentido eterno da palavra quase sempre está associado ao egoísmo. Se os jovens da Igreja quiserem cumprir devidamente a sua missão, eles precisam ser ensinados a vencer o egoísmo. Os pais podem fazer isso, e vocês podem ajudá-los nesse

trabalho. A compreensão do trabalho e da missão do Senhor, conforme ensinado nas escrituras, ajuda-nos a desenvolver o desejo de servir abnegadamente.

Esse, portanto, é nosso programa. Esse é o seu programa. Vocês aceitaram a responsabilidade, e serão julgados de acordo com a maneira que desempenharem essa grande responsabilidade: reafirmar e levar destemidamente adiante o trabalho de Deus, em pureza e retidão, levar o evangelho da verdade ao mundo — a toda nação, tribo, língua e povo. Para isso, precisamos de jovens e famílias fortes.

Como educadores religiosos, vocês estão numa posição-chave para fazerem muito para auxiliar nesse grande trabalho. Agradecemos tudo que vocês fizeram e que estão fazendo. Conclamamos vocês, bem como outros em outros papéis, a fazerem ainda mais. Preparem-se para fazer ainda mais e a fazerem melhor. Façam do desempenho de qualidade a sua meta. Busquem o Espírito do Senhor. Estudem as escrituras. Trabalhem com união. Apeguem-se aos princípios fundamentais para que ensinem a verdade. Fortaleçam suas lições tornando-as simples. Amem seus alunos e liderem-nos com a luz de seu próprio testemunho. Sejam humildes e vivam o evangelho em seu próprio lar e em sua própria vida para que seus alunos façam o mesmo.

Presto testemunho a vocês, meus irmãos e irmãs, que esta é a obra do Senhor. Não estamos perdendo nosso tempo fazendo esta obra. Este é o programa do Senhor. A juventude de Sião precisa de vocês. Eles estão implorando por vocês, e vocês precisam dar-lhes a força que vocês podem oferecer-lhes. Ajudem-nos a edificar o testemunho deles. Vocês não estão muito interessados nas coisas deste mundo; estão mais interessados nas coisas espirituais. Cuidem para que eles tenham o material e as oportunidades para desenvolverem o testemunho deles, porque o testemunho é a essência da vida espiritual. Que Deus os abençoe quando voltarem para seus alunos e proporcionarem a eles uma compreensão do trabalho do Senhor. O Senhor concede-nos revelações. Ele está levando adiante a Sua obra. Ele está inspirando as Autoridades Gerais, quando ensinam o evangelho verdadeiro. Que vocês também tenham essa mesma felicidade, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

O PROFESSOR DO EVANGELHO E SUA MENSAGEM

**PRESIDENTE EZRA TAFT
BENSON**

**PRESIDENTE DO QUÓRUM
DOS DOZE APÓSTOLOS**

Trechos de um discurso para os educadores religiosos, 17 de setembro de 1976, pp. 1–8, 12–16



Quero hoje falar sobre o tema “O Professor do Evangelho e Sua Mensagem”. Ao fazê-lo, dirijo-me não apenas ao professor que passa seu tempo na sala de aula, mas também a você, que está casada com ele, porque vocês dois são uma equipe de ensino. A menos que você e seu cônjuge estejam unidos em propósito, dedicação e lealdade, não terão o mesmo sucesso que teriam de outra forma. (...)

PREPARE-SE ESPIRITUALMENTE

Sua primeira responsabilidade como professor do evangelho é preparar-se espiritualmente. Todos vocês foram entrevistados por uma Autoridade Geral quando se candidataram a um emprego no Sistema Educacional da Igreja. Presumo que tenha sido perguntado para a maioria de vocês se tinham um testemunho, um testemunho pessoal, do chamado de Joseph Smith e da divindade de Jesus Cristo. Citando as palavras do falecido Presidente J. Reuben Clark, esse é o “primeiro requisito para que um professor ensine [o evangelho]. (...) Nenhum professor que não tenha um testemunho real (...) de que Jesus é o Filho de Deus e o Messias, e da missão divina de Joseph Smith, inclusive da Primeira Visão, em toda a sua realidade, tem lugar no sistema educacional da Igreja” (“The Charted Course of the Church in Education”, discurso para os funcionários do instituto e do seminário, Aspen Grove, 8 de agosto de 1938, p. 7). Presumimos que todos vocês, sem nenhum equívoco, tenham esse testemunho; caso contrário, estão iludindo as pessoas e enganando-se a si mesmos, e seu ensino é uma hipocrisia e uma falsidade.

O Presidente Clark declarou: “A simples aquisição de um testemunho não é suficiente. Vocês precisam, além disso, ter uma das mais raras e preciosas virtudes do caráter humano: coragem moral. Porque na ausência da coragem moral para declararem seu testemunho, ele será recebido por seus alunos de modo tão diluído que lhes será difícil ou mesmo impossível detectar. (...)” (Ibid.)

Presumimos que vocês já façam isso no cumprimento de sua missão; contudo, esse é apenas um requisito básico. Além disso, parafraseando o Mestre dos mestres, diríamos a vocês: “Professor, cura-te a ti mesmo!” Ou como Ele disse em outra ocasião ao seu principal apóstolo: “Quando

te converteres, confirma teus irmãos” (Lucas 22:32). A conversão a Jesus Cristo e a Seu evangelho é mais do que um testemunho; é ser curado espiritualmente. Nas palavras de Paulo, é partilhar do “poder de Deus”. Um exemplo notável desse processo pode ser encontrado no Livro de Mórmon, na história de Enos. Vocês conhecem muito bem a história e não preciso repeti-la. Quero apenas chamar a sua atenção para estes versículos. Enos testificou: “E relatar-vos-ei a luta que travei perante Deus *antes de receber a remissão de meus pecados*” (Enos 2, grifo do autor).

Ele, então, explicou-nos o que foi essa luta com Deus. Observem o fervor de sua súplica: “E minha alma ficou faminta; e ajoelhei-me ante o meu Criador e clamei-lhe, em fervorosa oração e súplica, por *minha própria alma*; e clamei o dia inteiro. (...)” (Enos 4, grifo do autor).

Então, Enos testificou: “E ouvi uma voz, dizendo: Enos, perdoados são os teus pecados e tu serás abençoado. (...) Portanto minha culpa foi apagada” (Enos 5, 6). (...)

Essa é a maneira pela qual os santos de todas as épocas se converteram, ou nas palavras do Livro de Mórmon, “[foram] mudados, de seu estado carnal e decaído, para um estado de retidão, sendo redimidos por Deus, tornando-se seus filhos e filhas; e tornam-se, assim, novas criaturas (...)” (Mosias 27:25, 26). Isso é o que significa partilhar do “poder de Deus”. A vocês, professores — vocês que devem ensinar o poder desse evangelho — gostaria de perguntar: “Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vosso semblante? Haveis experimentado esta poderosa mudança em vosso coração?” (Alma 5:14).

Um sinal dessa mudança no coração é o que acontece com as motivações e desejos do professor do evangelho. Enos testificou que ele começou “a desejar o bem-estar de meus irmãos” (Enos 9). Alma, que também sentiu essa vigorosa mudança, disse: “Tenho trabalhado sem cessar para conseguir trazer almas ao arrependimento; para fazer com que elas experimentem a intensa alegria que eu experimentei (...)” (Alma 36:24).

Oro para que a sua motivação seja igualmente pura. Que o bem-estar de seus alunos seja a *principal* motivação de seu ensino. Que vocês se convertam para poderem confirmar seus alunos.

Antes de poderem fortalecer seus alunos, é essencial que estudem as doutrinas do reino e aprendam o evangelho *tanto* pelo estudo *quanto* pela fé. Estudar pela fé é buscar compreensão e o Espírito do Senhor pela oração da fé. Então, vocês terão o poder de convencer seus alunos. Não se trata apenas de um bom conselho; é um mandamento do Senhor. Ouçam Suas palavras: (...)

“Não procures pregar minha palavra, mas primeiro procura obter minha palavra e então tua língua será desatada; e então, se o desejares, terás meu Espírito e minha palavra, sim, o poder de Deus para convencer os homens” (D&C 11:21, grifo do autor).

A seqüência para possuir o poder de Deus em seu ensino é buscar primeiro obter a palavra; então vem o entendimento e o Espírito; e por fim, o poder de convencer. Sim, como nosso profeta vivo nos instruiu: “Há bênçãos que recebemos por nossa imersão nas escrituras. A distância que nos separa do Pai Celestial diminui. Nossa espiritualidade se torna mais brilhante” (Spencer W. Kimball, “Men of Example”, Discurso para os educadores religiosos proferido no Assembly Hall, 12 de setembro de 1975, p. 2).

Lembrem sempre que não há substituto satisfatório para as escrituras e as palavras dos profetas vivos. Elas devem ser sua fonte original. Leiam e ponderem mais aquilo que o Senhor disse, e menos o que outros escreveram a respeito do que o Senhor disse.

Espero que todas as manhãs, antes de saírem de casa, vocês se ajoelhem perante o Senhor em oração individual e em família. Espero também que antes de entrarem na sala de aula, peçam que sejam conduzidos pelo Espírito. A parte mais importante de sua preparação para o ensino é serem guiados pelo Espírito.

ENSINAR SOMENTE O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

Uma segunda responsabilidade que gostaria de citar é que vocês devem ensinar somente o evangelho de Jesus Cristo. Isso também é um mandamento do Senhor, porque Ele disse: “[Os professores] desta igreja ensinarão os princípios de *meu evangelho* que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, no qual se acha a plenitude do evangelho” (D&C 42:12, grifo do autor). (...)

Em 1938, o Presidente J. Reuben Clark Jr., falando em nome da Primeira Presidência, declarou um encargo para vocês em um discurso intitulado “O Curso Traçado da Igreja na Educação”. Todos vocês devem ter uma cópia desse discurso e devem lê-la pelo menos no início de cada ano letivo. Cito esta declaração tirada de seu discurso:

“(...) Seu essencial e quase único dever é o de ensinar o evangelho do Senhor Jesus Cristo. (...) Vocês devem ensinar esse evangelho, usando como recursos e autoridade as obras-padrão da Igreja e os escritos daqueles que Deus chamou para liderar Seu povo nestes últimos dias. (...) Vocês não podem deixar que sua filosofia pessoal seja introduzida em seu trabalho, não importa qual seja a fonte disso ou quão agradável ou racional lhes pareça. (...)

(...) Vocês não podem mudar as doutrinas da Igreja nem torná-las diferentes de como estão declaradas nas obras-padrão da Igreja e por aqueles que têm autoridade para proclamar a mente e a vontade do Senhor para a Igreja. (...)

Vocês não devem ensinar as filosofias do mundo. (...) Seu único campo é o evangelho. (...)” (Clark, “Curso Traçado”, p. 9, grifo do autor).

Esse conselho não mudou ao longo dos anos. Ele se aplica ainda mais hoje em dia, porque o programa de educação religiosa foi ampliado e o número de professores aumentou. Mais recentemente, o Presidente Harold B. Lee renovou esse encargo com as seguintes palavras: “*Ensinem as velhas doutrinas da Igreja, não apenas de forma clara para que eles entendam, mas vocês precisam ensinar as doutrinas da Igreja de modo tão claro que ninguém as entenda errado*” (“Loyalty”, Discurso para funcionários do Seminário e Instituto, 8 de julho de 1966, p. 9, grifo do autor). Se mantiverem as doutrinas fundamentais e princípios do evangelho, seguirão as obras-padrão, as palavras das Autoridades Gerais e o programa dos cursos do Sistema Educacional da Igreja, buscando a orientação do Espírito, vocês não terão dificuldade em seguir esse conselho. (...)

VIVAM O QUE ENSINAM

Em terceiro e último lugar, sua responsabilidade é viver aquilo que ensinam. Façam com que sua vida seja coerente com a mensagem que transmitem a seus alunos. A maioria de vocês é um forte e louvável exemplo de como devem ser a vida e o lar de um santo dos últimos dias. Quantos alunos foram levados a tomar decisões justas por causa do exemplo de seus professores do seminário e do instituto! “Quero ser igual a eles” é uma expressão frequentemente ouvida, referindo-se a vocês como uma equipe composta de marido e mulher. Creio que essas expressões são muito merecidas, e cumprimos vocês pelo exemplo que dão.

Estamos contentes de saber que além de seu ensino, muitos de vocês têm cargos de responsabilidade na Igreja. Cumprimos vocês por isso, porque vocês têm a obrigação de fazer mais na Igreja do que é exigido por sua profissão. A missão da Igreja nunca mudou. A missão da Igreja consiste em que todos os membros procurem “trazer à luz e estabelecer a causa de Sião” (D&C 6:6). Ao procurarem fazer isso em sua profissão e em seus chamados de serviço, terão mais do Espírito com vocês.

Esperamos que vocês tenham uma excelente relação de trabalho, como marido e mulher. Esperamos que seu lar tenha a paz e o amor do Salvador, e que isso seja muito evidente para todos que nele entrarem. Não deve haver discussões e brigas em seu lar.

Na sexta-feira passada, com nossos filhos, comemoramos os primeiros cinquenta anos de nosso companheirismo eterno. Sei o que significa desfrutar as inestimáveis bênçãos do doce companheirismo, ampliadas pelo amor, devoção, lealdade, união diários, sem nunca ouvir uma única reclamação dos lábios dela. Sim, sei o que significa ser o mais velho de onze filhos criados em um lar onde nunca

se ouviu uma palavra rude ser trocada entre meu pai e minha mãe.

Fiquei impressionado com o tributo prestado pelo Élder Theodore Tuttle ao Élder Boyd K. Packer e a esposa dele como prefácio do excelente livro do Élder Packer, *Teach Ye Diligently* [Ensinaí Diligentemente]. Falando da esposa do Élder Packer, o Élder Tuttle escreveu:

“Ela é sua namorada, sua amiga e seu sereno apoio. Graças a ela, ele pôde dizer, com toda a honestidade: Sei que há famílias nas quais os pais vivem juntos com muito amor, *sem que haja uma única discussão por trinta anos ou mais*” (Prefácio, p. ix., grifo do autor).

Embora o Élder Packer seja agora um dos Doze, ele já foi certa vez um professor do seminário; e depois, foi administrador do Sistema Educacional da Igreja. Ele e a esposa foram um exemplo naquela época, tal como são hoje.

O exemplo do lar de vocês pode ser uma influência mais poderosa do que imaginam. Há vários anos, quando morava em Washington D. C., um importante advogado constitucional, John D. Miller, passou uma noite em nossa casa. Depois de conversarmos por uma hora na sala de estar, minha mulher e nossas filhas, que estavam preparando o jantar, anunciaram que ele estava pronto. Fomos para a sala de jantar, e as crianças começaram a preparar as cadeiras para a oração familiar. Então, eu disse ao juiz Miller, “Juiz, em nossa casa costumamos realizar uma oração familiar todos os dias, pela manhã e à noite. Gostaria de participar conosco?” Ele disse: “Sim, eu gostaria”. Ele observou as crianças para ver como se portavam, e então se ajoelhou junto à sua cadeira. Pedimos que nossa filha mais velha, que na época estava com oito ou nove anos, fizesse a oração. Ela é hoje mãe de cinco filhos e esposa de um presidente de estaca. Barbara fez uma oração muito bonita, tal como a filha de vocês faria, e então acrescentou: “E Pai Celestial, abençoa o juiz Miller para que ele goste da visita que nos está fazendo e volte em segurança para o seu hotel”. Isso foi tudo.

Levamos o juiz de carro para seu hotel. Nada foi dito a respeito do que aconteceu. Seis meses depois, aquele homem recebeu cerca de vinte e cinco ou trinta líderes industriais, empresariais, trabalhistas e agrícolas em sua casa de inverno, na Flórida. Depois do jantar, eles se sentaram em uma grande sala de estar para conversar sobre os problemas que o país enfrentava e, como freqüentemente acontece (mais do que imaginamos), o tema da discussão voltou-se para as coisas do Espírito, para a religião. E então, John D. Miller, aquele nobre cavalheiro cristão, que não é membro da Igreja, contou o que aconteceu em nossa casa, aquela simples oração familiar. Ele disse: “Cavalheiros, fui para o hotel naquela noite sentindo que não fui o pai que deveria ter sido. Nunca fizemos uma oração em nossa casa com meus filhos”. Então ele prosseguiu relatando a força que

sentiu que deveria haver na vida de filhos criados em um lar onde existe espiritualidade.

Que o lar de vocês irradie quem vocês são, e que essa serena influência deixe uma impressão duradoura em todos que os conhecerem.

Gostaria agora de falar a vocês sobre vários outros assuntos relacionados a seu exemplo perante os jovens.

Vocês, como casal, representam a Primeira Presidência em tudo o que fizerem e em sua aparência. Esperamos que se vistam bem e de modo conservador. A expressão “siga as Autoridades Gerais” tem um significado muito mais amplo do que alguns lhe dão. Significa não apenas concordar com o conselho dado pelas Autoridades Gerais para a Igreja, mas também seguir seu exemplo na aparência e no comportamento. Como professores, vocês precisam perguntar constantemente: “Como o Salvador deseja que eu me apresente perante os outros? De que maneira Ele gostaria que eu agisse?” Vocês não devem imitar os modismos do mundo em sua roupa ou no seu modo de falar. Seu corte de cabelo deve estar em conformidade com os padrões da Igreja. Vocês estão, por assim dizer, na frente de batalha, mostrando a nossos jovens como servir em uma missão. Certamente vocês podem dar-lhes um exemplo do padrão que pedimos que os futuros missionários sigam.

Graças a seu exemplo e influência, os jovens os procurarão de tempos em tempos para pedir conselhos a respeito de problemas pessoais. Peço que desenvolvam um relacionamento bem próximo com seus líderes eclesiásticos, para que quando os jovens os procurarem, vocês possam guiá-los para seus respectivos bispos. Isso permitirá que o problema seja resolvido à maneira do Senhor. Nunca se interponham entre o aluno e seu próprio bispo.

Em seguida, quero mencionar sua responsabilidade de permanecerem livres de dívidas financeiras. Vocês devem fazer todo o possível para livrarem-se das dívidas e permanecerem assim. Sei que precisam de financiamento para comprar sua casa própria ou possivelmente para concluir seus estudos, e às vezes para conseguir transporte; mas fora disso, devem pagar tudo à vista. Vocês não conseguirão comprar de uma vez todas as coisas que desejam. Aprendam a adiar até conseguirem pagar à vista. Jamais deve haver dúvidas concernentes à honestidade e integridade de quaisquer de nossos professores. Paguem suas dívidas dentro do prazo estabelecido. Não há desculpas para um professor deste programa adquirir má reputação por não pagar suas dívidas.

Todos devem pagar um dízimo honesto. Essa é uma condição para manterem seu emprego. Vocês devem oferecer um dia inteiro de horas de trabalho pelo que recebem. Isso significa que você está exercendo seu emprego durante todas as suas horas de serviço, mesmo que não esteja dando aulas em algumas dessas horas.

Vocês foram repetidas vezes aconselhados a “viver no mundo, mas não ser do mundo”. Às vezes, alguns de nossos membros querem viver o mais perto possível dos padrões mundanos, mas ainda assim se qualificarem para uma recomendação para o templo. Vivam pelos convênios que fizeram no templo; não vivam beirando os limites. Vocês serão julgados pelo tipo de filmes a que assistem, pelo modo como se vestem e pela música que ouvem. Há alguns anos, um de nossos professores disse a seus alunos que ele tomava bebidas à base de cola e que isso não o impedia de ter uma recomendação para o templo. Essa foi uma demonstração de falta de bom senso da parte dele e ilustra o que quero dizer quando me refiro a viver “beirando os limites”. Vivam o espírito dos mandamentos.

O Presidente Harold B. Lee fez esta memorável declaração: “Se quiserem elevar a alma de outra pessoa, vocês próprios precisam estar num patamar mais elevado”. Esse “patamar mais elevado” é seu persuasivo exemplo ao cumprirem os mandamentos. Portanto, repito o conselho do Presidente Kimball para vocês:

“Vocês devem fazer tudo o que ensinam a seus alunos, ou seja, prestar testemunho, pagar o dízimo, assistir a todas as devidas reuniões, freqüentar as sessões do templo, santificar o Dia do Senhor, servir na Igreja de boa

vontade, realizar reuniões familiares e orações em família, manter-se livres de dívidas, ser sempre honestos e totalmente íntegros” (“Men of Example”, p. 8).

“Que tipo de homens deveréis ser” perguntou o Salvador. E Sua resposta foi: “Em verdade vos digo que deveréis ser *como eu sou*” (3 Néfi 27:27; grifo do autor).

Falei hoje diretamente a vocês. Tudo que eu disse para vocês visa ajudá-los a permanecerem no curso e a transmitir sua mensagem de modo mais eficaz. Como declarei no início, estamos muito contentes com seu trabalho, sua dedicação, sua lealdade e seu empenho em inspirar a juventude de Sião com testemunhos do evangelho. Resumindo: Preparem-se espiritualmente, ensinem somente o evangelho de Jesus Cristo e vivam o que ensinam.

Na visão de Leí da árvore da vida, ele viu um homem vestido de branco que fez sinal para que Leí o seguisse através de um deserto escuro e triste, que representava as tentações do mundo. Com a ajuda da oração, Leí foi levado a partilhar do fruto daquela árvore, o qual lhe proporcionou “imensa alegria” (ver 1 Néfi 8:6–12). Esperamos que vocês, professores, sejam os homens de roupa branca, conduzindo nossos jovens em segurança através das tentações do mundo, para que eles também partilhem do fruto da árvore da vida e tenham imensa alegria.

TRABALHO EM CONJUNTO

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de um discurso proferido em um seminário de representantes regionais, 3 de abril de 1975, p. 1

Há vários anos, com Bill e Allie Marriott, Donna e eu fomos a uma feira rural, em Nova Hampshire. Era um belo dia de outono, e fomos ver uma maravilhosa feira rural à moda antiga.

O centro das atrações era a competição de parelhas de bois. Várias parelhas com pesadas cangas estavam enfileiradas para competir. Um trenó de madeira foi carregado com blocos de cimento: quatro toneladas e meia para começar. O objetivo era que os bois movessem o trenó um metro.

Percebi uma parelha muito bem casada, com dois bois malhados bem grandes. Eles tinham ossos fortes, eram uma mistura das raças Holstein e Durham, muito conhecidos no passado. Devido a seu tamanho, evidentemente eram os favoritos.



Cada parelha tinha três tentativas para mover o trenó. Se conseguissem fazê-lo facilmente, mais peso era acrescentado, até que as parelhas fossem eliminadas, uma a uma. Cada parelha foi atada ao trenó, uma por vez. O condutor da parelha posicionava os animais cuidadosamente, acariciava-os, cantava para eles, sussurrava-lhes e depois, com o aguilhão e um forte brado de comando, fazia com que arremetessem para a frente empurrando a canga. Ou o peso se movia, ou os bois se contorciam mas não saíam do lugar.

A parelha dos bois cinzentos nem sequer foi classificada! Uma parelha de animais pequenos e sem raça distinta, que nem sequer estavam bem casados em tamanho, conseguiu mover o trenó em todas as três tentativas.

Fiquei admirado e impressionado, e voltei-me para um morador local que estava no meio da multidão e perguntei se ele saberia explicar como aquilo tinha acontecido. Ele disse: “E-yeh” (Isso significa “sim”, na Nova Inglaterra). E então explicou. Os bois cinzentos eram maiores, mais fortes e mais bem casados em relação ao tamanho do que a outra parelha. Mas os bois menores tinham melhor trabalho de equipe e coordenação. Eles se lançavam contra a canga juntos. Os dois animais davam um tranco para a frente exatamente no mesmo instante, e a força movia a carga.

Um dos bois cinzentos se atrasava um segundo ou empurrava cedo demais — algo semelhante a um jogador de futebol americano que se lança para a frente cedo demais — e a força era desperdiçada num impacto indireto. A canga era empurrada para um dos lados e a parelha se desviava para aquele lado, e o trenó nem saía do lugar.

Se eu quisesse declarar a moral da história, começaria com uma expressão típica do Livro de Mórmon: “E assim vemos” que o tamanho e a força não são suficientes. É preciso também que haja trabalho de equipe.

Tudo o que tenho a dizer aqui, no tempo que me foi designado, a respeito do ensino pode ser demonstrado por essa ilustração do trabalho de equipe daqueles bois. Na

Igreja, precisamos trabalhar em equipe no ensino — não o tipo de trabalho de equipe em que duas equipes competem entre si, como adversárias, como nos esportes, mas um trabalho de equipe como a da parelha de bois, lado a lado, trabalhando juntos.

No ensino, temos dois lados. De um lado temos os professores contratados e assalariados, dirigidos por supervisores e administradores. De outro lado temos os líderes do sacerdócio que foram chamados e ordenados e que presidem. Eles trabalham juntos, lado a lado, na ala e na estaca, e a nível regional. Acima deles, os dois lados são presididos pela Primeira Presidência e o Conselho dos Doze, que são representados pela Junta Educacional da Igreja.

AO ACONSELHAREM OS JOVENS

ÉLDER THOMAS S. MONSON
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Trechos de Pathways to Perfection: Discourses of Thomas S. Monson, 1973, pp. 92–93

Ao aconselharem os jovens, vocês precisam estar com a mente receptiva ao Espírito do Senhor, se quiserem ajudá-los a tomarem decisões. Não existem decisões pouco importantes na vida de um jovem. Lembrem-se de que o poder de liderar também serve para desviar; e o poder de



desviar é o poder de destruir. Vocês têm o poder de destruir a alma dos rapazes e moças sob seus cuidados. Por outro lado, vocês têm o poder de elevá-los para mais perto de Deus, vivendo em retidão e fazendo com que essa vida justa influencie seu ensino.

Presto testemunho a vocês hoje que se *ouvirem atentamente, avaliarem cuidadosamente, aconselharem sabiamente, orarem fervorosamente e viverem em retidão*, vocês serão os conselheiros que o Pai Celestial deseja para abençoar a vida de Seus preciosos jovens. Dêem aquela palavra de incentivo, providenciem aquela entrevista com o bispo, aquele exemplo a ser seguido que levará os jovens para cima e para frente, rumo ao reino celestial de Deus. Vocês são realmente os pastores que tomam conta de Israel, e não podem estar dormindo quando seus serviços forem necessários.

O ESPÍRITO PRECISA SER NOSSO COMPANHEIRO CONSTANTE

ÉLDER HENRY B. EYRING
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Trechos de Uma Noite com o Presidente Gordon B. Hinckley, 7 de fevereiro de 2003

Irmãos e irmãs, sinto-me muito grato por seu grande serviço e admiro-os por isso. Muitos de vocês estão fazendo sacrifícios extraordinários. Estão realizando um trabalho maravilhoso na vida de nossos jovens, mas ainda precisamos fazer mais.



Muitos de nossos alunos estão se perdendo espiritualmente. Muitos vão para o campo missionário e para o templo dignamente. Mas o seu coração e o meu sofrem quando pensamos em um nome e vemos o rosto de alguém que ensinamos e amamos, e ficamos sabendo que ele fracassou no campo missionário ou em seu casamento no templo.

Uma única tragédia assim é demais. Mas os problemas e tentações que nossos alunos enfrentavam há cinco anos não são nada em comparação com o que vemos hoje, e tempos ainda mais difíceis estão pela frente. Senti, como muitos de vocês, que tudo o que fizemos e estamos fazendo não será suficiente. Precisamos de mais força para levar o evangelho para o coração e a vida de nossos alunos.

Deus está sempre pronto com a ajuda de que precisamos. Ele pode usar muitos meios para multiplicar nossa capacidade de ensinar o que precisamos ensinar. Ainda não sei tudo o que Ele deseja que façamos. Uma coisa que Ele *sem dúvida* exigirá de nós não é nova — é fazermos melhor o que Ele sempre exigiu de nós.

O melhor resumo do que precisamos fazer está descrito em uma escritura bem conhecida e muito repetida. É a seção 42 de Doutrina e Convênios: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14).

Percebem por que saber como obter o Espírito é algo muito importante para nós? O que irá manter nossos alunos puros e em paz no mundo que enfrentam é muito mais do que o conhecimento do evangelho e da palavra de Deus. É mais do que conhecer a maravilhosa organização, a história inspiradora e os grandes líderes da Igreja. Eles precisam escolher a obediência aos mandamentos do Senhor, diante de maiores tentações e provas. Precisam fazer isso por terem fé em Jesus Cristo. E essa fé somente pode ser adquirida por meio do testemunho do Espírito.

Vocês precisam ter o Espírito como seu companheiro constante para ensinarem com poder, e seus alunos não sobreviverão espiritualmente sem o Espírito como companheiro deles. Da mesma forma, nós e eles iremos nos qualificar para a força que nos é exigida. É preciso orar com fé e obedecer aos mandamentos de Deus. Para alguns, pode ser preciso mais do que orar, mas para todos será necessário mais fé. Precisamos ter a confiança inabalável de que o

Espírito virá ajudar-nos. Nossos alunos também. Precisamos orar com a confiança de que o Espírito nos guiará em nosso ensino e em nossa vida. Parte dessa fé é nossa determinação, ao rogarmos pedindo o Espírito, que iremos obedecer a Suas instruções.

Depois que o Senhor souber que nossa fé é suficiente a ponto de ter certeza de que iremos obedecer, Ele enviará o Espírito para ensinar-nos de modo mais claro e mais frequente. A oração da fé sempre inclui o compromisso de obedecer. Nossa obediência, em seu devido tempo, resultará, por intermédio da Expição de Jesus Cristo, na mudança de nossa natureza de que precisamos para encontrar paz nesta vida e herdar a vida eterna no mundo vindouro. Ele deseja isso para nós e para nossos alunos.

Portanto, estejam certos de que uma maior influência do Espírito virá. Podem esperar isso nos dias e meses que virão. Suas orações irão subir um pouco mais alto, sua determinação de obedecer irá aumentar e vocês descobrirão que o Espírito lhes ensinará as coisas pacíficas em momentos pouco pacíficos. E verão a evidência de que a Expição está mudando o coração de seus alunos. Vocês terão alegria ao verem que eles adquirem mais força e felicidade.

Sei que Deus, o Pai, vive. Seu Filho Amado é nosso Salvador. Joseph Smith foi um profeta, e o Presidente Gordon B. Hinckley é o profeta vivo de Deus. Sentimo-nos imensamente gratos por ele estar conosco hoje. O Espírito estará com vocês ao darem ouvidos a ele com uma oração de fé em seu coração. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A LÂMPADA DO SENHOR

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Extraído de Ensign, janeiro de 1983, pp. 51–56

Extraído de um discurso proferido em um seminário para novos presidentes de missão em 25 de junho de 1982

Depois de muito pensar, decidi fazer meu discurso como se seus missionários, seus élderes e sísteres estivessem aqui em seu lugar, e apresentar conceitos mais adequados para eles, os iniciantes, os inexperientes, do que para vocês. Espero que por intermédio de vocês, eu possa compartilhar com eles algumas das coisas que



aprendi a respeito do Espírito e de como podemos preparar-nos para recebê-lo.

Não aprendemos as coisas espirituais exatamente da mesma forma que aprendemos as outras coisas que sabemos, embora possamos fazê-lo lendo, ouvindo e ponderando. Aprendi que é preciso uma atitude especial, tanto no ensino quanto no aprendizado das coisas espirituais. Há coisas que vocês sabem, ou podem vir a saber, que lhes será muito difícil explicar para as outras pessoas. Tenho certeza de que é assim mesmo que as coisas deviam ser. (...)

NÃO APENAS COM PALAVRAS

Não podemos expressar o conhecimento espiritual apenas com palavras. Podemos, contudo, mostrar com palavras como uma pessoa pode se preparar para receber o Espírito. O próprio Espírito irá ajudar nesse processo.

“Porque quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, o poder do Espírito Santo leva as suas palavras ao coração dos filhos dos homens” (2 Néfi 33:1).

Temos, então, uma comunicação espiritual, e podemos dizer em nosso íntimo: Era isso que eu estava procurando! É isso que significam aquelas palavras da revelação. Depois disso, se forem cuidadosamente escolhidas, as palavras serão adequadas para ensinar coisas espirituais.

Não temos palavras (nem mesmo nas escrituras) que descrevam perfeitamente o Espírito. As escrituras geralmente usam a palavra voz, que não descreve exatamente o Espírito. Aquela comunicação delicada e refinada não é vista com os nossos olhos, não é ouvida com nossos ouvidos. Embora seja descrita como uma voz, é uma voz que mais sentimos do que ouvimos.

Depois que compreendi isso, um versículo do Livro de Mórmon adquiriu um profundo significado para mim, e meu testemunho do livro cresceu imensamente. Tem a ver com Lamã e Lemuel, que se rebelaram contra Néfi. Néfi os repreendeu, dizendo: “Haveis visto um anjo que vos falou; sim, haveis ouvido sua voz de tempos em tempos; e ele vos falou numa voz mansa e delicada, mas havíeis perdido a *sensibilidade*, de modo que não pudestes *perceber* suas palavras” (1 Néfi 17:45; grifo do autor). (...)

A VOZ MANSA E DELICADA

A voz do Espírito é descrita como uma voz nem “áspera” nem “forte”. Não é “uma voz de trovão nem uma voz de ruído tumultuoso”, mas, sim, uma “voz mansa, de perfeita suavidade, semelhante a um sussurro”, que “penetra até o âmago da alma” e faz “[arder] o coração” (3 Néfi 11:3; Helamã 5:30; D&C 85:6–7). Lembrem-se de que Elias descobriu que a voz do Senhor não estava no vento nem no terremoto nem no fogo, mas era uma “voz mansa e delicada” (I Reis 19:12).

O Espírito não chama nossa atenção gritando ou sacudindo-nos com brutalidade. Ele sussurra. Ele nos afaga tão gentilmente que se estivermos preocupados com alguma coisa pode ser que não sintamos nada. (Não admira que a Palavra de Sabedoria nos tenha sido revelada, pois como pode o bêbado ou o viciado sentir essa voz?)

De vez em quando, ela nos chamará com suficiente firmeza para que prestemos atenção. Mas na maioria das vezes, se não prestarmos atenção ao delicado sentimento, o Espírito vai retirar-Se e esperar que O busquemos e O ouçamos e digamos, à nossa própria maneira, o mesmo que Samuel disse no passado: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve” (I Samuel 3:10).

FORTES EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS NÃO ACONTECEM COM FREQUÊNCIA

Aprendi que não temos muito frequentemente experiências espirituais fortes e marcantes. E quando as temos, geralmente são para nossa própria edificação, instrução ou correção. A menos que tenhamos sido chamados pela devida autoridade para fazê-lo, elas não nos colocam em condição de aconselhar ou corrigir as pessoas.

NÃO COMENTAR LEVIANAMENTE AS EXPERIÊNCIAS

Concluí também que não é sábio falar continuamente a respeito de experiências espirituais incomuns. Elas devem ser guardadas com carinho e só devem ser compartilhadas quando o próprio Espírito inspirá-los a usarem-nas para abençoar outras pessoas. Lembro-me sempre das palavras de Alma:

“É dado a muitos conhecer os mistérios de Deus; é-lhes, porém, absolutamente proibido divulgá-los, a não ser a parte de sua palavra que ele concede aos filhos dos homens de acordo com a atenção e diligência que lhe dedicam” (Alma 12:9).

Ouvi, certa vez, o Presidente Marion G. Romney aconselhar os presidentes de missão e respectivas esposas em Genebra, dizendo: “Não conto tudo o que sei; nunca contei a minha esposa tudo o que sei, porque descobri que se eu não agir com muita seriedade ao falar de coisas sagradas, o Senhor passará a não confiar mais em mim”.

Creio que devemos guardar essas coisas e ponderá-las em nosso coração, como Lucas disse que Maria fez a respeito das coisas sublimes que acompanharam o nascimento de Jesus (ver Lucas 2:19).

NÃO PODEMOS FORÇAR AS COISAS ESPIRITUAIS

Há algo mais a ser aprendido. Não se pode forçar o surgimento de um testemunho; ele precisa crescer. Aumentamos o nosso testemunho da mesma forma que crescemos em estatura física; mal percebemos isso acontecer, porque o crescimento é muito gradual.

Não é sensato questionar as revelações com tanta insistência a ponto de exigirmos respostas imediatas ou as bênçãos desejadas. Não podemos forçar as coisas espirituais. Palavras como *compelir*, *coagir*, *forçar*, *pressionar*, *exigir* não descrevem nossos privilégios com o Espírito. Não podemos forçar o Espírito a responder, da mesma forma que não podemos forçar um feijão a brotar ou um ovo a chocar antes do tempo. Podemos criar um ambiente que promova crescimento, edificação e proteção; mas não podemos forçar ou compelir: É preciso esperar o crescimento.

Não sejam impacientes para adquirirem um grande conhecimento espiritual. Deixem-no crescer, ajudem-no a crescer, mas não o forcem, caso contrário estarão propensos a se desviarem do rumo certo.

USEM TODOS OS SEUS RECURSOS

Espera-se que usemos a luz e o conhecimento que já possuímos para lidar com os problemas de nossa vida. Não precisamos que uma revelação nos instrua a sairmos para cumprir nosso dever, porque isso já nos foi dito nas escrituras. Tampouco devemos esperar que a revelação substitua a inteligência espiritual ou física que já recebemos. Ela simplesmente irá ampliá-la. Precisamos seguir adiante com nossa vida normalmente, trabalhando todos os dias, seguindo as rotinas, regras e normas que governam a vida.

As regras, normas e mandamentos são uma proteção valiosa. Se precisarmos de uma instrução revelada para alterar nosso curso, ela estará nos esperando ao longo do caminho, assim que chegarmos ao ponto em que necessitaremos dela. O conselho de “ocupar-nos zelosamente” é realmente muito sábio (ver D&C 58:27).

MAIS PODEROSO DO QUE IMAGINAMOS

Não se sintam acanhados nem envergonhados se não souberem tudo. Néfi disse: “Sei que ele ama seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas” (1 Néfi 11:17).

Há mais poder em seu testemunho do que vocês imaginam. (...)

POR ONDE COMEÇAR

Não é incomum ouvirmos um missionário dizer: “Como posso prestar um testemunho antes de adquiri-lo? Como posso testificar que Deus vive, que Jesus é o Cristo e que o evangelho é verdadeiro? Se eu não tenho esse testemunho, não seria desonesto?”

Oh! Se ao menos eu pudesse ensinar-lhes este único princípio. O testemunho é *descoberto* quando nós o *prestamos*! Em algum lugar de sua jornada em busca de conhecimento espiritual, existe aquele “salto de fé”, como os filósofos o chamam. É o momento em que chegamos até o limiar da luz e damos um passo para dentro da escuridão, para então descobrirmos que o caminho está iluminado por apenas um ou dois passos à nossa frente. “O espírito do homem”, como diz a escritura, é realmente “a lâmpada do Senhor” (Provérbios 20:27).

Uma coisa é receber um testemunho daquilo que lemos ou do que outra pessoa disse; e temos obrigatoriamente que começar por aí. Mas uma coisa totalmente diferente é sentir o Espírito confirmar em nosso peito que aquilo que

nós testemunhamos é verdadeiro. Percebem que isso lhes será concedido quando vocês o compartilharem? Ao oferecerem o que vocês têm, isso lhes será devolvido e aumentado! (...)

ELE IRÁ APOIÁ-LOS

Se falarem com humildade e sincera intenção, o Senhor não os deixará desamparados. As escrituras prometem isso. Ponderem esta promessa:

“Portanto, em verdade vos digo: Clamai a este povo; expressai os pensamentos que eu vos puser [observem que isso ainda está por acontecer] no coração e não sereis confundidos diante dos homens;

Pois naquela mesma hora, sim, naquele mesmo momento, ser-vos-á dado o que dizer. [Observem novamente que isso é algo que acontecerá no futuro.]

Mas um mandamento vos dou, de que tudo o que declarardes declarareis em meu nome, com solenidade de coração, com espírito de mansidão em todas as coisas.

E prometo-vos que, se fizerdes isso, derramar-se-á o Espírito Santo testificando todas as coisas que disserdes” (D&C 100:5–8). (...)

O ESPÍRITO NÃO LUTARÁ PARA SEMPRE CONOSCO

Depois que isso acontecer, sejam obedientes aos sussurros que receberem. Aprendi uma lição muito importante quando fui presidente de missão. Eu era também Autoridade Geral. Fui inspirado várias vezes, para o bem do trabalho, a desobrigar um de meus conselheiros. Além de orar a esse respeito, eu tinha chegado à conclusão de que aquela era a coisa certa. Mas não fiz isso. Têmi magoar um homem que tinha servido na Igreja por muito tempo.

O Espírito Se afastou de mim. Não recebi nenhuma inspiração sobre quem deveria ser chamado como conselheiro, caso eu o desobrigasse. Isso durou várias semanas. Minhas orações não passavam do teto da sala onde as fiz. Tentei diversas outras maneiras de colocar o trabalho em ordem, mas de nada adiantou. Por fim, fiz o que o Espírito me orientara a fazer. Imediatamente, o dom retornou! Oh, como foi sublime a alegria de ter aquele dom novamente. Vocês o conhecem, porque vocês o possuem: o dom do Espírito Santo. E o irmão não ficou magoado. Na verdade, ele foi muito abençoado, e imediatamente, o trabalho começou a prosperar.

PODEMOS SER ENGANADOS

Estejam sempre atentos para não serem enganados por uma inspiração proveniente de uma fonte falsa. Vocês

podem receber falsas mensagens espirituais. Há espíritos falsos, assim como há anjos falsos (ver Morôni 7:17). Tomem cuidado para não serem enganados, porque o diabo pode aparecer disfarçado de anjo de luz.

Nossa parte espiritual e nossa parte emocional estão tão intimamente ligadas que é possível confundir um impulso emocional com algo espiritual. Ocasionalmente encontramos pessoas que receberam o que elas supõem ser um sussurro espiritual de Deus, quando na verdade aquela inspiração está centralizada nas emoções ou veio do adversário.

Evitem como se fosse uma praga aqueles que alegam terem sido abençoados com uma grande experiência espiritual que os autoriza a desafiar a autoridade constituída do sacerdócio da Igreja. Não fiquem perturbados se não conseguirem contradizer todas as insinuações do apóstata ou todo desafio dos inimigos que atacam a Igreja. Enfrentamos uma enxurrada dessas coisas. No devido tempo, vocês serão capazes de confundir os iníquos e inspirar os sinceros de coração. (...)

(...) A pérola de grande valor é aprender bem cedo na vida a ser guiado pelo Espírito do Senhor — um dom sublime. De fato, trata-se de um guia e uma proteção.

“O Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14).

VOCÊS PODEM FAZER O TRABALHO DO SENHOR

Há grande poder neste trabalho, um poder espiritual. Um membro comum da Igreja, como vocês, tendo recebido o dom do Espírito Santo pela confirmação, pode realizar o trabalho do Senhor.

Há vários anos, um amigo, que já faleceu há muito tempo, contou-me esta experiência. Ele tinha dezessete anos e, com seu companheiro de missão, parou em uma pequena casa nos estados do sul. Era seu primeiro dia no campo missionário, e aquela era sua primeira porta. Uma mulher grisalha apareceu do outro lado da tela de proteção e perguntou o que eles queriam. Seu companheiro o cutucou para que ele prosseguisse. Muito atemorizado e sentindo a língua travada, ele finalmente conseguiu dizer: “Como o homem é Deus já foi, e como Deus é o homem pode vir a ser”.

Por estranho que pareça, ela ficou interessada e perguntou onde ele tinha ouvido isso. Ele respondeu: “Está na Bíblia”.

Ela saiu de junto da porta por um instante e voltou com sua Bíblia. Dizendo ser ministra de uma congregação, ela entregou a Bíblia para ele e disse: “Mostre-me onde está”.

Ele pegou a Bíblia e a folheou com nervosismo. Por fim, ele a devolveu, dizendo: “Não consigo encontrar. Nem tenho certeza se está aí, e mesmo que esteja, não consegui encontrar. Sou apenas um pobre rapaz da fazenda que saiu de Cache Valley, em Utah. Não tenho muita instrução. Mas venho de uma família que vive o evangelho de Jesus Cristo. E isso foi tão bom para minha família que aceitei o chamado de vir servir em uma missão por dois anos, à minha própria custa, para dizer às pessoas como me sinto a respeito do evangelho”.

Depois de meio século, ele não conseguiu conter as lágrimas ao contar-me que ela abriu a porta e disse: “Entre, meu rapaz, eu gostaria de ouvir o que você tem para dizer”.

Há um grande poder neste trabalho, e o membro comum da Igreja, apoiado pelo Espírito, pode fazer o trabalho do Senhor.

Há muitas outras coisas a serem ditas. Eu poderia falar sobre oração, jejum, a autoridade do sacerdócio, dignidade — todas essenciais à revelação. Quando compreendidas, todas se encaixam perfeitamente. Mas algumas coisas precisam ser aprendidas individualmente, sozinhos, ensinados pelo Espírito.

Néfi interrompeu seu grande sermão sobre o Espírito Santo e os anjos, dizendo: “Não posso dizer mais; o Espírito encerra a minha fala” (2 Néfi 32:7). Fiz o melhor que pude com as palavras que tenho. Talvez o Espírito lhes tenha aberto o véu um pouco ou confirmado para vocês um princípio sagrado de revelação, de comunicação espiritual.

Sei por experiências por demais sagradas para serem mencionadas que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que o dom do Espírito Santo que nos foi conferido em nossa confirmação é um dom sublime.

O Livro de Mórmon é verdadeiro!

Esta é a Igreja do Senhor! Jesus é o Cristo! Há um profeta de Deus que nos preside! O dia dos milagres não cessou, tampouco os anjos deixaram de aparecer e ministrar aos homens! Os dons espirituais estão na Igreja. O mais especial deles é o dom do Espírito Santo!

ENSINAR PELO ESPÍRITO — “A LINGUAGEM DA INSPIRAÇÃO”

ÉLDER NEAL A. MAXWELL
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Old Testament Symposium
Speeches, 1991, pp. 1–6

Vivemos e ensinamos em meio a uma grande variedade de personalidades, experiências, culturas, línguas, interesses e necessidades individuais. Somente o Espírito pode compensar essas diferenças. O Senhor nos disse que “a espada do Espírito (...) é a palavra de Deus” (Efésios 6:17); ela pode facilitar a comunicação e penetrar de modo inigualável. Portanto, as santas escrituras e as palavras dos profetas vivos ocupam uma posição privilegiada; elas são as chaves para o ensino pelo Espírito para que nos comuniquemos no que o Profeta Joseph Smith chamou de “linguagem inspirada” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, sel. Joseph Fielding Smith, p. 56).

Talvez os poderes especiais e evocativos das escrituras estejam relacionados a lampejos de memória que temos do mundo pré-mortal, ou ao menos suscitem predisposições que por tanto tempo desenvolvemos ali.

As escrituras inspiradas contêm palavras santificadas.

Usar as escrituras para ensinar não substitui a necessidade de recebermos revelação, que pode guiar-nos como professores.

Mesmo assim, estando num mundo cada vez mais materialista, devemos reconhecer a verdade: “O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Coríntios 2:14). Muitas pessoas se recusam a ser ensinadas pelo Espírito. Contudo, como todos sabemos, quando o orador e o ouvinte — o escritor e o leitor — estão espiritualmente sintonizados, uma coisa especial acontece, ocorre uma reciprocidade de revelação:

“Então como é que não podeis compreender e saber que aquele que recebe a palavra pelo Espírito da verdade recebe-a como é pregada pelo Espírito da verdade?”

Portanto aquele que prega e aquele que recebe se compreendem um ao outro e ambos são edificados e juntos se regozijam” (D&C 50:21–22).

John Taylor confirmou isso, dizendo: “Não existe, nem nunca existiu, quem seja capaz de ensinar as coisas de Deus, a menos que as ensine do mesmo modo que aprendeu, por intermédio da orientação do espírito de revelação



do Todo-Poderoso. Ninguém consegue receber o conhecimento verdadeiro ou formar a idéia correta quanto aos princípios sagrados da vida eterna a menos que esse mesmo espírito o influencie; sendo assim, tanto os oradores como os ouvintes estão nas mãos do Todo-Poderoso” (*Journal of Discourses*, vol. 17, p. 369).

Conhecemos a experiência especial que Joseph Smith teve ao ler Tiago 1:5: “Jamais uma passagem de escritura penetrou com mais poder no coração de um homem do que essa, naquele momento, no meu. Pareceu entrar com grande força em cada fibra de meu coração” (Joseph Smith — História 1:12). Tiago foi inspirado a escrever, e Joseph, a ser influenciado por essas palavras! Outros se beneficiaram e continuarão a se beneficiar com Tiago 1:5, mas seu principal propósito foi fazer parte da evocação espiritual que daria início à última dispensação.

O Espírito não apenas informa e aumenta a compreensão mútua, Ele convence! O Espírito pode convencer o aluno a “pôr à prova” (ver Alma 32:27) o evangelho, para que ocorra a valiosa confirmação pessoal, e a pessoa saiba por si mesma que aquelas coisas são verdadeiras.

Brigham Young disse o seguinte sobre o poder confirmador do Espírito:

“Nada a não ser essa influência conseguirá convencer uma pessoa da veracidade do evangelho de salvação. (...)”

(...) Mas quando vi um homem pouco eloqüente, sem nenhum talento para falar em público, que podia apenas dizer: ‘Sei, pelo poder do Espírito Santo, que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Joseph Smith é um Profeta do Senhor’, o Espírito Santo que provinha daquele indivíduo iluminou meu entendimento, e vi diante de mim luz, glória e imortalidade. Fui envolto por essas coisas, inundado por elas, e soube por mim mesmo que o testemunho daquele homem era verdadeiro. (...) Meu próprio julgamento, talentos naturais e instrução se curvaram diante daquele simples porém vigoroso testemunho. Ali está o homem que me batizou, (irmão Eleazer Miller). Inundou-me o corpo de luz, e minha alma de alegria. O mundo, com toda sua sabedoria e poder, e com toda a glória e beleza superficial de seus reis ou potentados, torna-se absolutamente insignificante quando comparado com o simples e singelo testemunho de um servo de Deus” (*Journal of Discourses*, vol. 1, pp. 90–91).

Quer estejamos ensinando ou aprendendo sob a influência do Espírito, estamos acelerando o processo pelo qual o indivíduo é “vivificado no homem interior” (Moisés 6:65; ver também Efésios 3:16; Salmos 119:40). Isso frequentemente envolve uma drástica experiência espiritual, porém, mais frequentemente, também envolve serenos momentos de importância espiritual.

Mas quando falamos em ensinar pelo Espírito, não se trata de um processo místico. O ensino não substitui a responsabilidade que o professor tem de preparar-se, orando e ponderando. Ensinar pelo Espírito não significa ligar o “piloto automático”. Ainda temos a necessidade de elaborar cuidadosamente um plano de vôo. Estudar as coisas em nossa própria mente implica termos o Espírito conosco em nossa preparação, bem como em nossa apresentação da lição. Não podemos cometer o erro, tal como Oliver Cowdery, de nada fazer além de pedir que Deus nos conceda Seu Espírito (ver D&C 9:7).

A melhor maneira de buscar o Espírito é pedir ao Senhor que nos conduza, tendo uma mente instruída, por já termos “estudado”. Além disso, se já nos importamos profundamente com aqueles que serão ensinados, será muito mais fácil para o Senhor inspirar-nos a prover conselhos e ênfases específicos para nossos alunos. Não podemos ser indiferentes a nossos alunos quando ensinamos pelo Espírito.

Um exemplo do mundo secular me ajudará a ilustrar esse ponto. Quando tinha apenas vinte e três anos, Winston Churchill escreveu um artigo sobre retórica que nunca foi publicado, mas foi encontrado entre seus documentos depois de sua morte. Ali ele falava da necessidade de nos comunicarmos com sentimento, dizendo:

“Antes que alguém possa inspirar as pessoas com emoção, ele próprio precisa estar inspirado. (...) Antes de poder levar o público às lágrimas, ele precisa derramar suas próprias lágrimas. Para convencer as pessoas, ele precisa acreditar. (...) Se ele gosta do que fala, tem um poder mais duradouro do que o de um grande rei. É uma força independente no mundo. Mesmo que seja abandonado por seu partido, traído por seus amigos, despojado de seus cargos, todo aquele que puder comandar esse poder ainda conta com uma força formidável” (William Manchester, *The Last Lion: Winston Spencer Churchill Alone, 1932–1940*, Boston: Little, Brown and Co., 1988, p. 210).

O Presidente Harold B. Lee deu-nos o equivalente espiritual:

“Você não pode acender uma chama em outra alma a menos que ela esteja brilhando dentro de sua própria alma. Vocês, professores, o testemunho que prestam, o espírito que têm ao ensinar e liderar, esses são seus maiores trunfos na tarefa de ajudar a fortalecer aqueles que tanto precisam, visto que vocês têm tanto a oferecer” (Conference Report, abril de 1973, pp. 178–179; ou *Ensign*, julho de 1973, p. 123).

Os sentimentos adequados que acompanham o nosso ensino, sendo eles por si mesmos instrutivos, são facilitados pela eloquência do exemplo pessoal. As pessoas serão influenciadas pela autoridade maior do exemplo quando ele estiver presente em nossa vida. Então, o Espírito

poderá confirmar de modo especial a autenticidade de nossas palavras, e as pessoas irão “crer nas [nossas] palavras” (D&C 46:14).

A tenra fé do iniciante envolve a confiança nas palavras do fiel. No princípio, ele precisa ter “fé tão-somente nas palavras de meu servo” (Mosias 26:15). “E se agora dizes que existe um Deus, eis que acreditarei” (Alma 22:7). Esse discipulado traz consigo a sua própria recompensa: “Abençoados são eles por causa de sua grande fé tão-somente nas palavras que tu lhes disseste” (Mosias 26:16).

O Presidente Joseph F. Smith rogou aos pais: “Ensinem essas coisas a seus filhos, em espírito e poder, *apoiados e fortalecidos pela prática pessoal*. Façam com que eles vejam que vocês são sinceros e praticam o que pregam” (“Worship in the Home”, *Improvement Era*, dezembro de 1903, p. 138; grifo do autor). É a ausência dessa sinceridade visível que priva muitas apresentações de sua almejada influência, embora o conteúdo seja primoroso.

Os alunos percebem e sentem a compatibilidade da presença do Espírito com aqueles que estão trabalhando com afínco para desenvolver ainda mais em si mesmos os principais atributos e virtudes celestes. Esses atributos são fundamentais. Eles são eternos. Podemos levá-los conosco aonde formos. Um desses principais atributos é a “amorosa bondade” (ver 1 Néfi 19:9; D&C 133:52). De fato, nosso nível de “sinceridade” é medido pelo nosso desenvolvimento pessoal e espiritual.

Gostaria agora de deixar com vocês alguns pensamentos baseados na seção 133 de Doutrina e Convênios. A seção fala da segunda vinda de Jesus, das drásticas alterações que acontecerão com o sol e a lua. E depois, lemos: “E as estrelas serão arremessadas de seus lugares” (versículo 49): A voz de Jesus será ouvida quando Ele disser que pisou sozinho no lagar (versículo 50). Então, numa perspectiva que a mim me parece preciosa, Ele dirá que lembraremos Sua bondade amorosa para todo o sempre (versículo 52). Embora as estrelas sejam arremessadas de seus lugares, o que mais nos lembraremos dessa ocasião será Sua terna bondade!

O Espírito não se impõe a um aluno ou professor que não esteja disposto a ouvir. Se resistirmos a Ele, o Espírito rapidamente se afastará.

Um homem sábio disse que mais precisamos ser lembrados do que instruídos. Uma das funções mais vigorosas do Espírito é fazer-nos lembrar de certas coisas.

O Espírito estimula a reflexão nos ouvintes e encoraja sua sinceridade intelectual. Foi o que aconteceu com Amuleque, que abertamente reconheceu que antes de seu despertar espiritual ele sabia, mas não desejava saber — que tinha sido chamado, mas não tinha desejo de ouvir (ver Alma 10:6). O Espírito induz esse tipo de

reflexão sincera. Pode acontecer em um momento passado com um adolescente ou um universitário, ou no seio da família ou em uma conversa tranqüila. O Espírito não tolerará a desonestidade intelectual, mas incentivará a sinceridade intelectual. Esse processo pode muito bem ser descrito como a “espada do Espírito” (ver Efésios 6:17).

Na verdade, o Espírito conecta os alunos diretamente ao Senhor. As lealdades e as perspectivas são correlacionadas. Mesmo que os pais e os professores se afastem física ou socialmente, o Espírito continuará a ministrar. Ao recusar-se a ceder à tentação da mulher de Potifar, o José da antigüidade não apenas se recusou a ser desleal a Potifar, que nele confiava e tinha-lhe sido tão generoso, mas também se recusou a fazer “tamanho maldade (...) contra Deus” (Gênesis 39:9; ver vv. 7–20). Esse tipo de arranjo intelectual e espiritual permanece intacto e é desenvolvido ao longo dos anos. Ele nos dá coragem em situações totalmente imprevistas.

Não admira que ao tomarmos o pão sacramental todas as semanas, peçamos que o Espírito esteja *sempre* conosco. Somente assim estaremos seguros. De outra forma, sem o Espírito, estaremos sozinhos. Quem é que gostaria de viver completamente sozinho?

Não existe melhor exemplo de como a fé é adquirida pelo que ouvimos do que irei relatar agora. Brigham Young era um aluno muito especial do evangelho, como todos sabemos. Ele fazia grandes sacrifícios — freqüentemente enfrentando dificuldades — para ouvir o Profeta Joseph. Mais tarde, ele disse:

“Em minha vida, jamais deixei passar uma oportunidade de estar com o Profeta Joseph e ouvi-lo falar em público ou em particular, para que pudesse absorver entendimento da fonte da qual ele falava, para que assim pudesse tê-lo e evocá-lo quando necessário. Por experiência pessoal, sei que o grande sucesso com que o Senhor abençoou

meu trabalho deve-se ao fato de eu ter-me aplicado do fundo do coração à sabedoria. Percebo que mesmo meus irmãos de sangue, quando me visitam em meu escritório, o que é muito raro, quando há assuntos importantes em jogo — quando estou ensinando aos irmãos os princípios de governo e de como aplicá-los às famílias, vizinhos e nações — saem de lá como se isso fosse algo sem importância. E é isso que acontece com um número muito grande de Élderes da Igreja. Isso me deixa transtornado. Na época do Profeta Joseph, esses momentos eram mais preciosos para mim do que toda a riqueza do mundo. Não importa quão grande fosse a minha pobreza — mesmo que tivesse de pedir emprestado para alimentar minha mulher e filhos — jamais deixei passar uma oportunidade de aprender o que o Profeta tinha a dizer” (*Journal of Discourses*, vol. 12, pp. 269–270).

O Espírito gera ações bem como sentimentos. Observem estes exemplos das escrituras:

“Estas palavras não são de homens nem de um homem, mas são minhas; portanto vós testificareis que são minhas e não de um homem” (D&C 18:34).

“[Acreditei] nestas palavras, porque são as palavras de Cristo e ele deu-as a mim” (2 Néfi 33:10).

“A palavra (...) surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do que (...) qualquer outra coisa” (Alma 31:5).

Quando um homem trabalha pela fé, ele “trabalha de acordo com as palavras encontradas nas escrituras” (ver *Lectures on Faith* 7:3).

“Esta geração, porém, receberá minha palavra por teu intermédio” (D&C 5:10).

Tendo falado das dimensões básicas do ensino pelo Espírito, gostaria de deixar algumas recomendações e advertências. Essas coisas afetam o ambiente de ensino. As recomendações convidam o Espírito, e as advertências referem-se a coisas que afastam o Espírito.

RECOMENDAÇÕES	ADVERTÊNCIAS
1. Concentre-se no momento de ensino tornando-se calmo e sereno em seu coração..	1. Não se preocupe com coisas menos importantes, como fez Marta. Lembra-se de como Joseph Smith certa vez se sentiu incapaz depois de ter discutido com Emma? É difícil convencer o Espírito, mas Ele não virá se estivermos sobrecarregados de preocupações.
2. Seja humilde e “Eu te falarei em tua mente e em teu coração” (D&C 8:2).	2. Não procure impressionar para ser ouvido ou visto pelos homens.
3. Mantenha contato visual com os alunos e ouça o que eles dizem.	3. Não fique tão atarefado a ponto de ficar impossibilitado de ouvir o Espírito ou os alunos. Não espere que seus alunos ouçam o que você está dizendo, se você não estiver ouvindo o Espírito.
4. Use frases curtas e inspiradas que serão lembradas e guardadas.	4. Não torne as palavras ou conceitos mais complicados do que são. Será que gostaríamos tanto do Sermão da Montanha se ele enchesse três livros?
5. Conheça a essência do que está sendo apresentado. Pondere e ore para concentrar-se naquilo.	5. Não apresente uma porção de conceitos, esperando que alguém encontre algo de valor. A falta de enfoque deixa os alunos inseguros.
6. Indique aplicações práticas e implicações do que está sendo ensinado.	6. Não responda perguntas que ninguém fez.
7. Faça perguntas inspiradas.	7. Não tenha medo de perguntas.
8. Esteja preparado para aprender com o que disser sob a influência do Espírito. Ouvi o Presidente Marion G. Romney dizer em várias ocasiões: “Sempre sei quando estou falando sob inspiração do Espírito Santo, porque sempre aprendo algo com o que eu disse” (Boyd K. Packer, <i>Teach Ye Diligently</i> , Salt Lake City: Deseret Book Co., 1975, p. 304).	8. Não tenha medo de ponderar na frente dos alunos.
9. Programe momentos para fazer uma pausa deliberada. O Espírito providenciará sua própria “prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1).	9. Não tenha medo de silêncios inspiradores.

<p>10. Deixe que as doutrinas falem por si mesmas. “Todo princípio que Deus revelou traz consigo a certeza de sua veracidade para a mente humana” (Brigham Young, <i>Journal of Discourses</i>, vol. 9, p. 149).</p>	<p>10. Não gaste tempo tentando convencer os alunos das doutrinas. O Professor Arthur Henry King escreveu o seguinte sobre o relato da Primeira Visão de Joseph Smith: “Quando li pela primeira vez a história de Joseph Smith, fiquei profundamente impressionado. Eu não estava inclinado a sentir-me impressionado. Como estudioso de estilos literários, passei a vida toda pouco inclinado a ficar impressionado. Então, quando li a história dele, pensei comigo: Que coisa extraordinária. Trata-se de um relato surpreendentemente direto e desapaixonado. Aquele homem não estava tentando persuadir-me de coisa alguma. Ele não sentia necessidade de fazê-lo. Estava contando o que lhe havia acontecido, não de modo entusiasmático, mas de forma bem direta e franca. Ele não está tentando me fazer chorar ou deixar-me extasiado. Isso me impressionou e começou a edificar meu testemunho, pois percebi que aquele homem estava dizendo a verdade. (...) (...) Não se tratava de algo escrito por alguém que estava tentando tornar a história convincente ou agradável. Eram as palavras de alguém que contava as coisas como tinham acontecido, que usava toda a sua capacidade para expressar a verdade, sem pensar em mais ninguém — e acima de tudo, embora escrevesse sobre Joseph Smith, não estava pensando em Joseph Smith, não estava pensando no efeito que ele teria sobre outras pessoas, não estava assumindo uma postura artificial, não estava fingindo, mas simplesmente sendo ele mesmo” (<i>The Abundance of the Heart</i>, Salt Lake City: Bookcraft, 1986, pp. 200–201).</p>
<p>11. Preste seu testemunho de modo adequado e específico.</p>	<p>11. Não diga apenas: “Tenho um testemunho”.</p>

Evidentemente existem pessoas que cumprem seus convênios e não têm carisma. Evidentemente existem pessoas cuja vida está em ordem mas não são professores cativantes. No entanto, o Espírito abençoa o empenho de todos os que vivem dignamente. Ele endossa o que eles dizem ou fazem. Há uma autenticidade de testemunho que procede da pessoa que cumpre os mandamentos que fala por si mesma. Portanto, prefiro a exatidão doutrinária e a certeza espiritual (mesmo que seja um pouco enfadonha) ao carisma e ensino inteligente que não sejam fundamentados na doutrina e no Espírito.

Contudo, parte do que está faltando, às vezes, no professor digno é um entusiasmo pessoal revigorante a respeito do evangelho que pode ser extremamente contagioso. Como somente conseguimos expressar um mínimo do que sentimos, não devemos deixar que esse “mínimo” encolha ainda mais.

Por fim, como foi dito pelo profeta do Livro de Mórmon: “Oh! Sede sábios! Que mais poderei dizer?” (Jacó 6:12).

Vou encerrar contando-lhes vários exemplos. Seus exemplos são no mínimo tão bons ou melhores que os meus.

Era uma noite de domingo, há cerca de trinta anos. Estávamos reunidos no instituto da Universidade de Utah. O Presidente Hugh B. Brown deveria ser o nosso orador. Chegou a hora da reunião, e ele não apareceu. As pessoas que tinham planejado a reunião estavam muito preocupadas e envergonhadas com a confusão. Naquela noite, Richard L. Evans, um orador muito capaz, estava lá conosco. Enquanto o Élder Evans nos falava, alguém foi enviado para ir buscar o Presidente Brown. Encontraram-no caminhando em volta do quarteirão da casa dele. Ele foi correndo se trocar e foi até o instituto falar para nós. Essa foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida. Sob a orientação do Espírito, ele nos ensinou sobre a Restauração e prestou-nos seu testemunho. Nenhum de nós que estávamos ali jamais irá se esquecer daquela noite.

Lembro-me de estar presente no auditório do Escritório Administrativo da Igreja, em abril de 1974. O Presidente Spencer W. Kimball estava fazendo seu primeiro discurso como Presidente da Igreja. Em sua primeira entrevista coletiva com a imprensa, com toda a sua humildade, ele disse que simplesmente ficaria feliz em dar continuidade ao trabalho que o Presidente Lee vinha desenvolvendo.

Naquele dia, sentimos como se fosse uma descarga elétrica o seu discurso: “Ide a todo o mundo”. Sentimos isso! O Presidente Benson, como Presidente dos Doze, comentou a esse respeito depois. Todos nos sentimos tocados e emocionados. Houve uma reunião, no devido tempo do Senhor, sendo aquele o homem e o momento certos. O Espírito endossou o que foi dito, e sentimos Sua influência naquela ocasião. Como dissemos antes, seja numa grande congregação ou simplesmente numa conversa entre duas pessoas, o Espírito age.

Lembro-me da pergunta inspirada que foi feita há pouco mais de um ano pelo chefe da família Critchfield, em Payson, Utah. Seu filho, Stanley, tinha sido morto a facadas em Dublin, Irlanda, enquanto servia em uma missão naquele país. A notícia foi recebida com espanto e tristeza. Então, aquele humilde pai perguntou ao irmão mais novo de quinze anos: “Filho, em quatro anos você fará dezenove. O profeta irá chamá-lo para servir em uma missão. Você viu o que aconteceu a seu irmão Stanley. O que você vai fazer?” “Eu irei, pai. Eu irei”, foi a resposta. O Espírito santificou aquela pergunta e aquela resposta inspiradas, tal como santifica a comunicação em grandes congregações. Aquela resposta maravilhosa teve uma enorme influência naquele rapaz, que hoje está economizando para a sua missão. Sua resposta, afinal de contas, não difere muito das palavras de Néfi: “Eu irei e cumprirei”.

Mencionei o silêncio inspirador. Como tenho a tendência de querer preencher o silêncio, foi-me difícil às vezes aprender a ficar calado. Felizmente, houve poucas ocasiões assim. Aprendi indiretamente com um soldado da Segunda Guerra Mundial que se recuperava de problemas cardíacos em um hospital de Phoenix. Um bom setenta da ala local escreveu-me uma carta, contando a respeito das dificuldades que meu amigo estava enfrentando. Eu tinha perdido contato com ele havia trinta anos. Escrevi-lhe uma carta, liguei para ele e enviei-lhe alguns livros. Depois, liguei novamente para ele, depois que voltou para casa em Duncan, Arizona. “Como está você, Harry?” “Muito bem”. “Você leu o que lhe enviei?” “Sim, eu li, mas ...” “Harry, eu gostaria de ir até aí para batizá-lo.” Houve uma longa pausa. Felizmente, não me apressei em preencher o silêncio. Então, ouvi-o dizer: “Você faria isso?” Pouco depois, viajei para Duncan, Arizona, e tive o privilégio de batizar e confirmar meu amigo, Harry White. O Espírito agiu nele. Ele tinha uma

esposa maravilhosa que era membro da Igreja e havia outras pessoas que por muitos anos tinham tentado apressar sua conversão. Não tenham medo do silêncio!

Todos conhecem a escritura: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus” (Salmos 46:10). Poderíamos traduzi-la para o nosso equivalente: “Fiquem quietos”. Não é isso que ela quer dizer. Significa: “Tranquilizem-se”. Nessa tranquilidade especial há controle e concentração. As coisas alheias são afastadas. Tranquilizem-se e deixem que essa serenidade aja naquelas ocasiões especiais em que o Espírito informa, inspira ou evoca algo à lembrança.

Quão abençoados somos por sabermos o que sabemos, por sermos chamados para fazer o que fazemos, por estarmos em Seu reino. Sim, vivemos numa época cada vez mais materialista. É uma época em que as coisas do Espírito parecem tolice para um número cada vez maior de pessoas deste planeta. Mas aqueles que sabem, têm consciência do que sabem.

Minha mulher e eu estávamos em um serão para adultos solteiros há alguns meses. Entre as pessoas que tiveram a gentileza de vir cumprimentar-nos estava uma mulher divorciada. Ela não falou comigo; falou com Colleen, embora eu tenha apertado a mão dela. Ela me entregou um bilhete que dizia: “Lembro-me de ter sabido, mas não sei mais”. Entre as pessoas que vocês irão inspirar estão aqueles que sabiam, mas já não se lembram mais. Alguns, como Amuleque, sabiam, mas não queriam saber e resistiram.

Quão abençoados somos pelo Espírito ampliar o que fazemos com nossos escassos talentos. Que Deus os abençoe e os apóie. Que Ele lhes faça saber quão importantes vocês são para o trabalho deste reino e para as gerações ainda por nascer nos anos futuros e que sem dúvida por toda a eternidade irão erguer-se e chamá-los de abençoados.

Naquelas longas viagens nas manhãs de inverno, quando tão poucos parecem dar valor ao que vocês estão fazendo, saibam que estão a serviço do Pai. Ele os abençoará com Seu Espírito. Vocês sentirão a alegria de serem envolvidos num círculo de gratidão por aqueles que vocês ensinarem. Deixem-nos vê-los como homens e mulheres de Cristo, no processo de se tornarem também homens e mulheres de Cristo, e vocês terão o Espírito Dele com vocês, sempre! Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O PODER DA PALAVRA

**PRESIDENTE EZRA TAFT
BENSON**

PRESIDENTE DA IGREJA

*Trecho de Ensign, maio de 1986,
pp. 79–82*

Vivemos numa época de muitos desafios. Vivemos na época a que se referia o Senhor, quando disse: “A paz será tirada da Terra e o diabo terá poder sobre seu próprio domínio” (D&C 1:35).

Vivemos no dia previsto por João, o Revelador, no qual “o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17). Esse dragão é Satanás; a mulher representa a Igreja de Jesus Cristo. Satanás está movendo guerra aos membros da Igreja que têm testemunho e procuram guardar os mandamentos. Embora muitos de nossos membros continuem fiéis e fortes, alguns estão vacilando, e outros, caindo. Alguns estão cumprindo a profecia de João de que, na guerra contra Satanás, alguns santos seriam vencidos (ver Apocalipse 13:7). (...)

O Apóstolo Paulo também viu os nossos dias, descrevendo-os como uma época em que haveria em quantidade coisas como blasfêmia, desonestidade, crueldade, falta de afeto natural, orgulho e busca do prazer (ver II Timóteo 3:1–7). Advertiu também que “homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (II Timóteo 3:13).

Essas sinistras predições dos profetas antigos dariam motivo a grande temor e desânimo, se aqueles mesmos profetas não tivessem, ao mesmo tempo, oferecido a solução. Em seus conselhos inspirados podemos encontrar a resposta para as crises espirituais de nossa época.

Em seu sonho, Leí viu a barra de ferro que conduzia através das névoas de escuridão. Ele viu que as pessoas que se agarravam firmemente à barra podiam evitar os rios de imundície, permanecer à distância dos caminhos proibidos, parar de vagar por estradas estranhas que levavam à destruição. Mais tarde, seu filho Néfi explicou claramente o simbolismo da barra de ferro. Quando Lamã e Lemuel perguntaram: “O que significava a barra de ferro?” Néfi respondeu: “Era a palavra de Deus; e [observem essa promessa] *todos os que dessem ouvidos à palavra de Deus e a ela se apegassem, jamais pereceriam; nem as tentações nem os ardentes dardos do adversário poderiam dominá-los até a cegueira, para levá-los à destruição*”. (1 Néfi 15:23–24; grifo do autor). Não apenas a palavra de Deus irá conduzir-nos ao fruto mais



desejável de todos, mas na palavra de Deus e por meio dela podemos encontrar o poder de resistir à tentação, o poder de frustrar o trabalho de Satanás e seus emissários.

A mensagem de Paulo é idêntica à de Leí. Depois de descrever a terrível impiedade dos tempos futuros — futuros para ele, mas presentes para nós! — ele disse a Timóteo: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste. (...)

Desde a tua meninice sabes as sagradas escrituras, *que podem fazer-te sábio para a salvação*” (II Timóteo 3:14–15; grifo do autor).

Meus queridos irmãos, essa é a resposta ao grande problema de nossa época. A palavra de Deus, que se encontra nas escrituras, nas palavras dos profetas vivos e na revelação pessoal, tem o poder de fortalecer os santos e armá-los com o Espírito para que possam resistir ao mal, apegar-se firmemente ao que é bom e encontrar alegria nesta vida. (...)

(...) Nos últimos anos, temos aconselhado vocês repetidamente que certas coisas são espiritualmente mais proveitosas que outras. Já em 1970, o Presidente Harold B. Lee disse o seguinte aos representantes regionais:

“Estamos convencidos de que nossos membros têm fome do evangelho, não diluído, com suas abundantes verdades e conceitos. (...) Algumas pessoas parecem esquecer que as mais poderosas armas que o Senhor nos deu contra tudo o que é mau são Suas próprias palavras, as claras e simples doutrinas de salvação encontradas nas escrituras” (Seminário de Representantes Regionais, 1º de outubro de 1970, p. 6).

Numa mensagem da Primeira Presidência de 1976, o Presidente [Spencer W.] Kimball disse:

“Estou convicto de que cada um de nós precisa, em algum momento da vida, descobrir as escrituras por si mesmo, e não apenas uma vez, mas redescobri-las repetidamente. (...)

O Senhor não está brincando conosco ao nos dar essas coisas, pois ‘a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá’ (Lucas 12:48). O acesso a essas coisas significa responsabilidade por elas. Precisamos estudar as escrituras de acordo com o mandamento do Senhor (ver 3 Néfi 23:1–5). E precisamos fazer com que governem nossa vida” (*Ensign*, setembro de 1976, pp. 4–5).

Em abril de 1982, o Élder Bruce R. McConkie dirigiu-se aos representantes regionais, falando da prioridade das escrituras em nosso trabalho. Ele disse: “Estamos tão enredados em programas, estatísticas e tendências, em propriedades, terras e dinheiro, em atingir metas que ressaltem a excelência de nosso trabalho, que temos desprezado ‘o mais importante da lei’. (...) Por mais talentosos que sejam os homens em questões administrativas; por

mais eloqüentes que sejam em expressar seus pontos de vista; por mais entendidos que sejam nas coisas deste mundo, a menos que paguem o preço em termos de estudo, meditação e oração a respeito das escrituras, ser-lhes-ão negados os doces sussurros do Espírito que poderiam ouvir” (Seminário de Representantes Regionais, 2 de abril de 1982, pp. 1–2). (...)

(...) Muitas vezes nos empenhamos para melhorar o índice de frequência em nossas estacas. Trabalhamos diligentemente para elevar a porcentagem do comparecimento à reunião sacramental. Esforçamo-nos para conseguir que mais rapazes sirvam em uma missão. Procuramos aumentar o número dos que se casam no templo. Todos esses são esforços louváveis e importantes para o crescimento do reino. Mas quando os membros, individualmente e como famílias, lançam-se regular e consistentemente ao estudo das escrituras, esses outros aspectos da participação são uma decorrência automática. O testemunho das pessoas se fortalece. O comprometimento será fortalecido. As famílias se tornarão mais fortes. Haverá muito mais revelação pessoal.

O Profeta Joseph Smith declarou que “o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros da Terra; e a pedra fundamental de nossa religião; e que seguindo seus preceitos o *homem se aproximaria mais de Deus do que seguindo os de qualquer outro livro*” (Livro de Mórmon, Introdução, grifo do autor). Não é isso que queremos para os membros

de nossas alas e estacas? Não desejamos que se acheguem mais a Deus? Então, pois, vamos incentivá-los de toda maneira possível a mergulharem nessa maravilhosa testemunha moderna de Cristo.

É preciso que vocês ajudem os santos a perceber que o estudo e a pesquisa das escrituras não é um fardo imposto pelo Senhor, mas uma maravilhosa bênção e oportunidade. (...)

Oh, meus irmãos, não tratemos levemente as grandes coisas que recebemos das mãos do Senhor! Sua palavra é uma das mais valiosas dádivas que Ele nos concedeu. Peça que renovem seu compromisso de estudar as escrituras. Mergulhem nelas diariamente para que o poder do Espírito os ampare em seus chamados. Leiam-nas em família e ensinem seus filhos a amá-las e estimá-las. A seguir, aconselhando-se fervorosamente uns com os outros, procurem por todos os meios possíveis incentivar os membros da Igreja a seguirem seu exemplo. Se assim fizerem, verão tal como Alma que “a palavra [exerce] uma grande influência sobre o povo, levando-o a praticar o que [é] justo — sim, [surte] um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhe [tenha] acontecido” (Alma 31:5).

Tal como Alma, digo a vocês: “[É] aconselhável pôr à prova a virtude da palavra de Deus” (Alma 31:5). Em nome de Jesus Cristo. Amém.

VIVER DE ACORDO COM OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO



Manual do Aluno de Casamento Eterno (*Religião 234 e 235, 2003*), pp. viii-ix

GOVERNAR NOSSA VIDA COM PRINCÍPIOS

O Presidente Ezra Taft Benson ensinou: “Uma das coisas mais importantes que vocês podem fazer (...) é mergulhar nas escrituras. Estudem-nas diligentemente,

banqueteando-se nas palavras de Cristo. Aprendam a doutrina. Assimilem os princípios nelas encontrados” (“The Power of the Word”, *Ensign*, maio de 1986, p. 81).

O Élder Richard G. Scott, membro do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Ao buscar conhecimento espiritual, procure princípios. Separe-os cuidadosamente dos detalhes usados para explicá-los. Os princípios são verdades concentradas, prontas para serem utilizadas numa grande variedade de situações. Um princípio verdadeiro torna as

decisões mais claras, mesmo nas situações mais desorientadoras e constrangedoras. Vale a pena esforçar-nos para organizar a verdade em princípios simples” (Conference Report, outubro de 1993, p. 117; ou *Ensign*, novembro de 1993, p. 86).

Conhecer e viver princípios corretos é essencial para uma vida feliz e um casamento feliz. Os princípios do evangelho incluem doutrina, mandamentos, convênios, ordenanças e preceitos. (...)

PRECISAMOS FAZER A NOSSA PARTE

Os princípios geralmente podem ser divididos em duas partes principais: *se* e *então*. A parte “*se*” é um conselho geral declarado pelo Senhor. E a parte “*então*” são os resultados prometidos se obedecermos ou desobedecermos ao conselho.

Deus chamou a Palavra de Sabedoria de “um princípio com promessa” (D&C 89:3). A parte *se* refere-se ao conselho de mantermos nosso corpo física e espiritualmente puro. A parte *então* promete saúde, sabedoria, força e outras bênçãos.

O Senhor cumpre Suas promessas: “Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa alguma” (D&C 82:10). Precisamos fazer a nossa parte para qualificar-nos para as bênçãos (ver D&C 130:20–22). Devemos lembrar que Deus determina a parte do *então* conforme Sua sabedoria e não de acordo com nossas expectativas.

Os princípios nem sempre são ensinados ou escritos no formato *se-então*. Por exemplo, as Autoridades Gerais nem sempre dirão: “*Se* vocês tiverem fé, *então* terão o poder do Senhor em sua vida”. Em vez disso, eles podem contar exemplos que ilustrem a fé ou que nos motivem a sermos fiéis.

OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO SÃO UNIVERSAIS

Os princípios do evangelho são universais: são válidos em todas as situações, em todas as culturas e em todos os

momentos. Todos os princípios do evangelho, que eram verdadeiros para Adão, continuam sendo verdadeiros nestes últimos dias. Temos profetas, escrituras e a influência do Espírito Santo para ajudar-nos a compreender e aplicar os princípios corretos em nossa vida.

RESUMO

Um princípio é uma verdade permanente, uma lei, uma regra que se pode adotar para tomar decisões. Os princípios ajudam-nos a aplicar as doutrinas do evangelho a nosso dia-a-dia e dão-nos uma luz para iluminar o caminho à nossa frente, neste mundo cada vez mais confuso e iníquo.

COMO ENCONTRAR RESPOSTAS PARA PERGUNTAS SOBRE O EVANGELHO

**ÉLDER BRUCE R.
MCCONKIE**

**DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS**

*Carta aberta, aproximadamente
1980, Arquivos do Departamento
Histórico, A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias*

Para: Aqueles que Buscam
Sinceramente a Verdade

Queridos irmãos e irmãs,

Recebo uma infinidade de cartas com perguntas sobre doutrinas, práticas e a história da Igreja. Milhares de perguntas me são feitas a cada ano. Recentemente recebi uma única carta contendo 210 perguntas importantes mais numerosas perguntas de menor importância. Para responder as perguntas dessa única carta, precisaria de centenas de páginas. Frequentemente tenho uma pilha de cartas não respondidas com cerca de vinte centímetros de altura. Há ocasiões em que semanas se passam sem que eu tenha oportunidade sequer de ler as cartas, muito menos de tentar respondê-las.

As pessoas sensatas se darão conta de que mesmo que eu dedicasse todas as horas do dia pesquisando e trabalhando para responder as perguntas que recebo, ainda assim não seria capaz de responder todas elas. No entanto — e isso é muito mais importante — se eu fosse capaz de realizar esse trabalho, ainda assim não seria a coisa certa a ser feita, tampouco seria o melhor para os que me apresentam seus problemas. Gostaria de fazer as seguintes sugestões gerais



para aqueles que buscam respostas para perguntas sobre o evangelho:

1. BUSQUEM LUZ E VERDADE.

Todos os homens de toda parte, dentro e fora da Igreja, sem distinção de seita, partido ou denominação, têm a obrigação de buscar luz e verdade. A Luz de Cristo é dada como um dom gratuito a todos os homens; ela ilumina todo homem que nasce no mundo; e aqueles que seguem sua inspiração buscam a verdade, adquirem conhecimento e compreensão, e são conduzidos ao evangelho e suas verdades de salvação.

Os membros da Igreja têm uma obrigação ainda maior de compreender tanto as leis da natureza quanto as doutrinas de salvação. Eles têm o dom do Espírito Santo, que é o direito à constante companhia desse membro da Trindade, dependendo da fidelidade. O Espírito Santo é um revelador. “E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas” (Morôni 10:5). No sentido pleno e final, o único meio perfeito e absoluto de adquirir um conhecimento seguro de qualquer verdade de qualquer campo é receber revelação pessoal do Santo Espírito de Deus. Esse privilégio concedido pelo céu é reservado aos que cumprem os mandamentos e obtêm a companhia do Santo Espírito. Lembremo-nos de que o Espírito não habita em tabernáculos impuros.

2. EXAMINEM AS ESCRITURAS.

As respostas para quase todas as importantes perguntas doutrinárias encontram-se nas obras-padrão e nos sermões e escritos do Profeta Joseph Smith. Se não forem encontradas

nessas fontes, elas provavelmente não são essenciais à salvação e podem estar bem além de nossa capacidade espiritual de compreensão. Novas revelações serão dadas quando acreditarmos nas verdades que já recebemos, quando as compreendermos e vivermos em harmonia com elas.

O modo de se alcançar um alto nível de conhecimento sobre o evangelho é, primeiro, estudar o Livro de Mórmon e ponderar e orar a respeito dele, e então fazer o mesmo com as outras escrituras. O Livro de Mórmon contém aquela parte da palavra do Senhor que Ele deu ao mundo para preparar o caminho para uma compreensão da Bíblia e de outras revelações que hoje temos conosco. Fomos ordenados a examinar as escrituras, todas elas; entesourar a palavra do Senhor, para não sermos enganados; beber profundamente da fonte das santas escrituras, para que nossa sede de conhecimento seja saciada.

Paulo disse que as escrituras são capazes de tornar-nos “sábio[s] para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (II Timóteo 3:15). Elas nos conduzem à verdadeira Igreja e aos representantes legítimos que Deus designou para administrar Seu trabalho na Terra. É muito melhor obtermos nossas respostas a partir das escrituras do que de algo que alguém disse sobre elas. É verdade que frequentemente precisamos de um intérprete inspirado para ajudar-nos a compreender o que os apóstolos e profetas escreveram para nós nas obras-padrão. Mas também é verdade que muitas explicações dadas por muitas pessoas, em relação ao significado de passagens das escrituras, não são exatamente verdadeiras nem edificantes.

Estaremos em uma situação muito melhor se pudermos beber diretamente da fonte das escrituras, sem que as águas sejam poluídas por outros, cujos pontos de vista não sejam tão grandiosos como os dos autores proféticos que escreveram as passagens encontradas no cânone aceito de santas escrituras. Não estou rejeitando os bons comentários sobre as escrituras; sei de seu valor e sou grato por elas, e eu mesmo escrevi alguns livros assim. Estou simplesmente dizendo que as pessoas que tiverem a capacidade de fazê-lo estariam em situação bem melhor para escreverem seus próprios comentários. Há algo sagrado, solene e salvador em relação ao estudo das escrituras propriamente ditas. Devemos disciplinar-nos nesse sentido.

3. AS DOCTRINAS VERDADEIRAS ESTÃO EM HARMONIA COM AS OBRAS-PADRÃO.

As obras-padrão são escrituras. Elas têm muito valor entre nós. Elas são a mente, a vontade e a voz do Senhor. Ele nunca revelou, não revela agora nem nunca revelará qualquer coisa contrária ao que está escrito nelas. Ninguém que esteja falando pelo espírito de inspiração ensinará uma doutrina que não esteja em harmonia com as verdades que Deus já revelou.

Estas palavras do Presidente Joseph Fielding Smith devem guiar-nos a nosso estudo do evangelho. “Não importa o que está escrito ou o que *alguém* já disse; se o que foi dito entra em *conflito* com o revelado pelo Senhor, podemos pô-lo de lado. Se minhas palavras ou os ensinamentos de qualquer membro da Igreja, seja quem for, não concordarem com as revelações, não precisamos aceitá-las. Deixemos isto claro. Aceitamos as quatro obras-padrão como medida ou balança pela qual aferimos a doutrina de todo homem.

Só podeis aceitar os livros escritos pelas autoridades da Igreja como padrões doutrinários, quando concordarem com a palavra revelada nas obras-padrão.

Todo homem que escreve é responsável pelo que produz, não a Igreja. Se Joseph Fielding Smith escreve algo discordante das revelações, então todo membro da Igreja tem por dever rejeitá-lo. Se escrever o que está em perfeita harmonia com a palavra revelada do Senhor, então deverá ser aceito” (*Doutrinas de Salvação*, comp. Bruce R. McConkie, 3 vols., 1954–1956, vol. 3, pp. 203–204; também citado em Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine*, 2ª ed., 1966, p. 609).

4. PROCUREM HARMONIZAR AS DECLARAÇÕES DAS ESCRITURAS COM AS DOS PROFETAS.

Toda verdade, em todo campo, em toda a Terra e em toda a eternidade, está em completa e total harmonia com toda outra verdade. A verdade está sempre em harmonia consigo mesma. A palavra do Senhor é a verdade, e nenhuma escritura contradiz outra, nem qualquer declaração inspirada de qualquer pessoa está em desarmonia com a declaração inspirada de qualquer outra pessoa. Paulo e Tiago não tinham pontos de vista diferentes em relação à fé e às obras, e tudo que Alma disse sobre a ressurreição está de acordo com a seção 76 de Doutrina e Convênios. Quando descobrimos conflitos aparentes, isso significa que ainda não captamos a visão plena dos pontos envolvidos, sejam eles quais forem.

O Senhor espera que busquemos harmonia e concordância nas escrituras e entre as Autoridades Gerais, em vez de procurar aparentes divergências de pontos de vista. As pessoas que têm fé e compreensão sempre procuram harmonizar em um perfeito todo todas as declarações das escrituras e todos os pronunciamentos das Autoridades Gerais. A infeliz tendência de certas pessoas de pegarem esta ou aquela informação e concluírem que ela está em discordância com o que outra pessoa disse não é de Deus. Ao longo dos anos, recebi milhares de cartas que diziam: “Fulano disse uma coisa, mas Sicrano disse o contrário — quem está certo?” O que descobri por experiência própria é que na maioria dos casos — ou melhor, em quase todos os casos — a aparente divergência pode ser harmonizada,

e quando isso não acontece, não tem grande importância, de qualquer forma. O Espírito do Senhor conduz à harmonia, união e concordância. O espírito do diabo incita à divisão, discussão, contenda e desunião.

5. TODAS AS DECLARAÇÕES PROFÉTICAS SÃO VERDADEIRAS?

É claro que sim! Esse é o sistema de ensino do Senhor. Tudo que Seus servos dizem quando inspirados pelo Espírito Santo é escritura, e Seu mandamento a Seus ministros é: “O Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14).

Mas nem toda palavra que um homem que é profeta diz é uma declaração profética. Joseph Smith ensinou que um profeta nem sempre é profeta, somente quando age como tal. Os homens que vestem o manto profético ainda são homens; eles têm seu próprio ponto de vista; sua compreensão das verdades do evangelho depende de seu estudo e inspiração.

Alguns profetas — digo isso com muito respeito — sabem mais e têm maior inspiração do que outros. Portanto, se Brigham Young, que foi um dos maiores profetas, disse algo a respeito de Adão que não está em harmonia com o que está no Livro de Mórmon e na seção 78, são as escrituras que prevalecem. Esse é um dos motivos por que chamamos nossas escrituras de *obras-padrão*. Elas são o padrão para julgarmos e avaliarmos todas as doutrinas e pontos de vista, e não faz diferença alguma de quem são os pontos de vista envolvidos. As escrituras sempre têm precedência.

6. DEIXEM OS MISTÉRIOS DE LADO E EVITEM MANIAS NO EVANGELHO.

Em nosso atual estado de progresso espiritual não entendemos nem podemos entender todas as coisas. Não temos a parte selada do Livro de Mórmon porque não estamos preparados para compreender e viver as verdades ali encontradas. Algumas coisas contidas nas escrituras estão ocultas da visão plena por meio de parábolas, imagens e metáforas. Somos obrigados a compreender as doutrinas básicas que conduzem à vida eterna; além desse ponto, nosso conhecimento acerca dos mistérios depende do nível de nosso esclarecimento espiritual. É insensato nadar em águas demasiadamente profundas. Em minha experiência, as pessoas que se deixam envolver em contendas inúteis sobre o significado de passagens profundas e ocultas de escritura são geralmente as que não possuem uma compreensão sensata e básica das verdades simples e fundamentais de salvação.

Também em minha experiência, as pessoas que adotam manias em relação ao evangelho, que tentam se qualificar como especialistas em determinado campo específico,

que procuram fazer com que todo o plano de salvação gire em torno de um determinado campo de seu interesse — em minha experiência, essas pessoas de modo geral são espiritualmente imaturas e instáveis. Isso inclui aquelas que se dedicam — como se isso fosse uma designação divina — a explicar os sinais dos tempos; ou a divulgar a Segunda Vinda; ou a interpretar de modo particular a Palavra de Sabedoria; ou enfatizar de modo distorcido o trabalho no templo ou qualquer outra doutrina ou prática. Os judeus da época de Jesus se tornaram extremistas e minuciosos em relação ao cumprimento do Dia do Senhor, e isso distorceu completamente sua adoração. Bem faríamos em ter uma abordagem sadia e equilibrada do evangelho como um todo e de todas as suas doutrinas.

7. NÃO SE PREOCUPEM DEMAIS COM ASSUNTOS DE POUCA IMPORTÂNCIA.

Existe tanto a se aprender sobre as grandes verdades eternas que moldam nosso destino, que me parece um desperdício dedicarmos toda a nossa atenção a minúcias insignificantes. Frequentemente ouço perguntas como esta: “Sei que não é essencial à minha salvação, mas gostaria realmente de saber quantos anjos conseguem dançar na cabeça de um alfinete e se faz alguma diferença se o alfinete é feito de latão ou de bronze.” Algumas pessoas ficam tão obcecadas com minúcias no grande quadro que representa o plano inteiro de salvação que perdem a noção do significado da vida, da luz e da glória da recompensa eterna. Existe o que podemos chamar de conhecimento praticamente inútil, cuja aquisição não faz um pingote de diferença no destino do reino ou da salvação de seus súditos.

8. SE PRECISO, ABSTENHAM-SE DE DAR UM PARECER EM RELAÇÃO A PERGUNTAS DIFÍCEIS.

Para aqueles que possuem uma visão plena e um completo entendimento, não existem perguntas difíceis. Depois que um mistério tiver sido solucionado, ele deixa de ser mistério. Mas há questões que parecem convidar a exploração intelectual de áreas desconhecidas, ou que parecem enredar em contendas infundáveis as pessoas que possuem um conhecimento espiritual não muito desenvolvido.

Se não puder acreditar em todas as doutrinas do evangelho, evite manifestar-se em relação aos assuntos duvidosos. Não se comprometa defendendo um ponto de vista que seja contrário ao dos profetas e apóstolos que presidem o reino. Estude, ore e trabalhe na Igreja, e aguarde mais luz e conhecimento.

Se tiver problemas em relação à assim chamada evolução e não tiver aprendido que Adão foi tanto o primeiro homem quanto a primeira carne mortal, e que não havia morte para nenhuma forma de vida até depois da queda

— abstenha-se de emitir um parecer sobre essa questão e não se coloque em posição contrária às escrituras.

Se você acha que Deus está progredindo e adquirindo mais conhecimento e verdade, e que Ele não é realmente onipotente, onisciente e onipresente, como Joseph Smith ensinou — abstenha-se de comentar o assunto. Permaneça calado. Não se coloque em posição contrária à palavra revelada.

Se achar que existe progresso de um reino de glória para outro depois da ressurreição; ou que as pessoas que rejeitaram o evangelho nesta vida terão uma segunda chance de alcançar a salvação no mundo vindouro; ou que os casais que se casaram no templo podem cometer todo tipo de pecado e ainda assim alcançar a salvação; ou qualquer de uma infinidade de heresias comuns do momento — abstenha-se de emitir um parecer a esse respeito. Não se comprometa a defender uma causa falsa. Estude outra coisa e aguarde o dia em que estiver preparado para receber mais luz a respeito do assunto que o incomoda.

9. IGNOREM, SE PUDEREM, A COLEÇÃO INTERMINÁVEL DE LIVROS ANTIMÓRMONS E EVITEM AS SEITAS COMO SE FOSSEM UMA PRAGA.

A conversão não nasce da contenda. Aquele que tem o espírito de contenda não é de Deus. Nosso encargo divino é declarar as boas-novas ao mundo, e não brigar com as pessoas sobre o significado dos textos. Existem, evidentemente, respostas para todas as falsas alegações daqueles que nos atacam — não creio que o diabo tenha tido idéias novas nos últimos cem anos — mas a conversão não é gerada pelo debate acalorado. A conversão vem aos que lêem o Livro de Mórmon da forma que Morôni aconselhou. A maioria dos membros da Igreja estaria em melhor situação se simplesmente ignorasse as alegações falsas dos antimórmons profissionais.

Se as falsas alegações sobre a salvação apenas pela graça, ou qualquer coisa que os livros antimórmons proclamam o deixarem perturbados, procure as respostas. Elas estão nas escrituras. Todo aquele que não conseguir aprender na Bíblia que a salvação não vem simplesmente por professar crença no Senhor com os lábios, sem levar em consideração todos os outros termos e condições do plano de salvação, não merece ser salvo.

E quanto às seitas, elas são o portão do inferno. Os membros da Igreja que adotam a prática sectária do casamento plural, por exemplo, são adúlteros, e os adúlteros serão condenados. A abordagem comum daqueles que fazem propaganda dessa prática é combater as palavras dos profetas vivos com aquelas proferidas por profetas já falecidos. Todo aquele que segue um profeta morto em vez de um profeta vivo irá segui-lo para a morte e não para a vida. Repito, existem respostas a todos os pontos de vista

falsos dos sectários, e aqueles que tiverem sido enganados por essas falsidades forjadas devem procurar a verdade, caso contrário se arriscam a perder sua salvação. É mais seguro e sábio não se envolver com esses assuntos desde o princípio.

10. NÃO EXISTEM DOCTRINAS SECRETAS.

Todas as doutrinas e práticas da Igreja são ensinadas publicamente. Não existem doutrinas secretas, não existem práticas ocultas, nenhuma conduta aprovada apenas para alguns. As bênçãos do evangelho são para todos. Não se deixe enganar acreditando que as Autoridades Gerais crêem em doutrinas secretas ou adotam práticas secretas na vida. Tudo que é ensinado e praticado na Igreja está aberto ao público para ser investigado, ou pelo menos, no tocante às ordenanças do templo, para ser investigado e conhecido por todos que se qualificarem por sua dignidade pessoal a entrar na casa do Senhor.

11. MANTENHAM A MENTE ABERTA.

As doutrinas são do Senhor. Ele as estabeleceu; Ele as revela; Ele espera que as aceitemos. Frequentemente aqueles que fazem perguntas estão mais interessados em sustentar uma postura preconcebida do *que* em aprender os fatos. Nossa preocupação deve ser a de encontrar a verdade e apegar-nos a ela. Não importa qual seja a doutrina, devemos preocupar-nos apenas em conhecê-la. O fato de adotarmos uma falsa doutrina e a defendermos não a torna verdadeira. Devemos preocupar-nos em adquirir um conhecimento da verdade, e não provar um ponto de vista com o qual nos comprometemos insensatamente.

12. A RESPONSABILIDADE DE ESTUDAR É INDIVIDUAL.

Chegamos agora à conclusão de toda esta questão, uma conclusão que terá grande importância para a nossa salvação eterna. A conclusão é que cada pessoa precisa aprender as doutrinas do evangelho por si mesma. Ninguém pode fazer isso por ela. Cada pessoa está sozinha, no tocante ao conhecimento do evangelho; cada uma tem acesso às mesmas escrituras e tem direito de receber orientação do mesmo Santo Espírito; cada uma precisa pagar o preço estabelecido pela Providência Divina, se quiser adquirir a pérola de grande valor.

O mesmo princípio se aplica ao aprendizado da verdade e ao cumprimento dos padrões. Ninguém pode arrepende-se em lugar de outra pessoa, ninguém pode cumprir os mandamentos em lugar da outra, ninguém pode ser salvo em nome de outra pessoa. E ninguém pode adquirir um testemunho ou perseverar em luz e verdade para a glória eterna por outra pessoa, a não ser por si mesmo. Tanto o conhecimento da verdade quanto as bênçãos recebidas pelos que vivem de acordo com os princípios verdadeiros são questões pessoais. E assim como um Deus justo oferece a

mesma salvação a toda alma que cumpre as mesmas leis, Ele também oferece a mesma compreensão de Suas verdades eternas a todos os que pagarem o preço em sua busca da verdade.

O sistema da Igreja para se adquirir conhecimento do evangelho é o seguinte:

- a. Cada pessoa tem a responsabilidade de adquirir um conhecimento da verdade por esforço próprio.
- b. Em seguida, a família deve ensinar seus próprios familiares. Os pais receberam o mandamento de criarem seus filhos em luz e verdade. O lar deve ser o principal centro de ensino na vida de um santo dos últimos dias.
- c. Para ajudar as famílias e os indivíduos, a Igreja, como agência de serviço, oferece muitas oportunidades de ensino e aprendizado. Fomos ordenados a “[ensinar] a doutrina do reino uns aos outros” (D&C 88:77). Isso é feito nas reuniões sacramentais, nas conferências e outras reuniões, pelos mestres familiares, nas aulas do sacerdócio e auxiliares, por meio de seminários e institutos, e em todo o sistema educacional da Igreja.

As oportunidades de aprendizado são ilimitadas.

Perguntas adequadas podem ser discutidas em qualquer uma das classes e escolas criadas para esse fim.

Uma palavra final me parece adequada. Existem poucas alegrias na vida que se comparam à de conhecer a verdade. As pessoas fiéis se regozijam imensamente quando adquirem um testemunho! Um sentimento de êxtase e paz enche o coração de um aluno do evangelho toda vez que uma nova verdade lhe é manifestada! Toda vez que sua visão é ampliada para captar o entendimento pleno de uma passagem profética! Toda vez que sua alma aprende e sente a importância do que as revelações dizem a respeito de algum princípio grandioso!

Tudo o que escrevi foi no intuito de ser útil; de incentivar o conhecimento do evangelho; e de guiar aqueles que buscam a verdade a seguirem um caminho sábio e adequado.

É minha oração que todos nós aprendamos e vivamos o evangelho e alcancemos uma herança final no reino eterno. Daquele a quem servimos.

Desejo-lhes tudo de bom e oro para que o Senhor sempre os abençoe,

Sinceramente, seu irmão,

[assinatura]

Bruce R. McConkie

PARA QUE POSSAIS ENSINAR MAIS PERFEITAMENTE

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

PRESIDENTE DA IGREJA

Trecho de Improvement Era, agosto de 1956, p. 557

Há três coisas que precisam guiar todos os professores: primeiro, entre no assunto; segundo, incorpore esse assunto; terceiro, procure conduzir seus alunos para que incorporem o assunto — não o despeje em cima deles, mas conduza-os para que vejam o que você vê, saibam o que você sabe e sintam o que você sente.



ENSINAMENTOS FALSOS

PRESIDENTE JOSEPH F. SMITH PRESIDENTE DA IGREJA

Trecho de Gospel Doctrine, 14ª edição, 1966, p. 373

Entre os santos dos últimos dias a pregação de doutrinas falsas, disfarçadas de verdades do evangelho, é algo esperado de praticamente apenas duas categorias de pessoas, que são:

Primeiro: As irremediavelmente ignorantes, cuja falta de inteligência se deve à indolência e negligência, que mal se esforçam, se é que o fazem, para melhorarem por



meio da leitura e do estudo; pessoas acometidas de uma doença terrível que pode evoluir para uma enfermidade incurável: a preguiça.

Segundo: As orgulhosas e presunçosas, que entendem as escrituras de acordo com sua própria vaidade; que interpretam as regras a seu próprio critério; que se tornaram a lei para si mesmas, colocando-se como os únicos juízes de suas próprias ações, sendo mais perigosamente ignorantes do que as primeiras.

Acautelem-se contra os preguiçosos e orgulhosos; sua infecção é contagiosa. Melhor seria para eles e para todos que sempre fossem compelidos a exibir sua bandeira amarela de advertência, a fim de que os puros e não infectados pudessem ser protegidos.

LEALDADE

ÉLDER HAROLD B. LEE DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de um discurso para os educadores religiosos, 8 de julho de 1966, pp. 7, 9 de Charge to Religious Educators, 3ª edição, 1994, p. 119

Como professores de nossos jovens, não propomos que saibam nada além de Jesus Cristo, e Ele crucificado.

Nesse assunto, espera-se que sejam peritos. Espera-se que conheçam o seu tema. Espera-se que tenham um testemunho. E nisso terão grande força. Se o presidente da Igreja não tiver declarado a posição da Igreja, então vocês não devem sair à procura de uma resposta.



De vez em quando, um de vocês escreve várias cartas para as Autoridades Gerais, e se forem endereçadas para qualquer pessoa que não seja o presidente da Igreja, ele receberá tantas respostas quantas foram as cartas que enviou. Daí o indivíduo fica muito satisfeito e começa a exibir as várias respostas, dizendo: “Ora, as Autoridades Gerais estão divididas porque não concordam entre si”. Tudo isso pode ser interpretado nas comunidades em que vocês vivem como a mais vil deslealdade para com as Autoridades Gerais. Lembrem-se disso. É uma questão importante. (...)

(...) Conferência após conferência, não apresentamos nenhuma doutrina nova. Vocês, professores, não estão sendo enviados para ensinar doutrina nova. Vocês devem ensinar as velhas doutrinas, não apenas de modo suficientemente claro para que as pessoas simplesmente as compreendam, *mas vocês devem ensinar as doutrinas da Igreja de modo tão claro que ninguém as compreenda erroneamente.*

A INSENSATEZ DO ENSINO

**ÉLDER BRUCE R.
MCCONKIE**

**DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS**

Trecho de um discurso para educadores religiosos, 18 de setembro de 1981, pp. 6, 9, 11, 14–15

Vou sugerir cinco coisas que compõem e constituem o encargo divino do professor. (...)



1. Somos ordenados a ensinar os princípios do evangelho. (...)
2. Devemos ensinar os princípios do evangelho como se encontram nas obras-padrão. (...)
3. Devemos ensinar pelo poder do Espírito Santo. (...)
4. Devemos aplicar os princípios do evangelho ensinados às necessidades e à situação de nossos ouvintes. (...)
5. Precisamos testificar que aquilo que ensinamos é verdade.

COMO RECEBER REVELAÇÃO PESSOAL

**ÉLDER BRUCE R.
MCCONKIE**

**DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS**

New Era, junho de 1980, pp. 46–50

Gostaria de abordar certas realidades espirituais e algumas coisas básicas que precisamos fazer para operar nossa salvação, ser membros dignos e representativos do reino de Deus nesta vida e qualificar-nos para a recompensa eterna no mundo vindouro. Gostaria de falar sobre como recebemos revelação pessoal e, em especial, sobre como cada membro individual da Igreja pode saber da divindade da obra, sentir no coração e na alma o sussurro do Espírito e, além disso, ter visões, receber a visita de anjos, contemplar a face do Senhor e receber todo o conhecimento e sabedoria concedidos aos fiéis de todas as eras.

Como povo, costumamos dizer que acreditamos em revelação moderna. Afirmamos de modo bem ousado que os céus se abriram, que Deus falou em nossos dias, que anjos ministraram aos homens, que tivemos visões e revelações e que nenhum dom ou graça que os antigos possuíam nos foi negado — e tudo isso foi revelado novamente em nossos dias.

De modo geral, porém, quando mencionamos essas coisas, pensamos em Joseph Smith, Brigham Young ou Spencer W. Kimball. Pensamos nos apóstolos e profetas — homens que foram chamados, escolhidos e preordenados a ocupar os cargos que têm e a exercer o serviço ministerial que



realizam. Pensamos neles e no princípio geral de que a Igreja propriamente dita opera por meio de revelação.

Bem, quanto a isso não há dúvida: a organização a que pertencemos é literalmente o reino de Deus na Terra. Como tal, ele foi designado a preparar-nos e qualificar-nos para entrarmos no reino de Deus no céu, que é o reino celestial, e esta Igreja é guiada por revelação. Já participei diversas vezes de reuniões com as Autoridades Gerais em que o profeta de Deus na Terra disse, com toda humildade e com fervoroso testemunho, que o véu é muito fino, que o Senhor está dirigindo e orientando os assuntos da Igreja, que esta é a Sua Igreja e que Ele está manifestando a Sua vontade.

Existe inspiração à testa da Igreja, e ela está cumprindo seu propósito e progredindo de acordo com a vontade do Senhor, para que, tão rapidamente quanto nossas forças permitam, Sua mensagem chegue até Seus outros filhos espalhados pelo mundo e para que nós, como membros do reino, possamos purificar e aperfeiçoar nossa vida, tornando-nos merecedores das mais elevadas bênçãos nesta vida e no mundo vindouro.

Mas o que desejo salientar é que a revelação não está restrita ao profeta de Deus na Terra. As visões da eternidade não estão reservadas aos Apóstolos e às Autoridades Gerais. A revelação é algo para ser recebido individualmente. Deus não faz acepção de pessoas, e toda e qualquer alma é tão preciosa aos olhos Dele quanto aqueles que foram chamados para ocupar cargos de liderança. Como Ele opera segundo os princípios de uma lei eterna, universal e inalterável, todo indivíduo que cumprir a lei que lhe dê o direito de receber revelação pode saber exata e precisamente tudo o que o Presidente Kimball sabe, pode falar com anjos da mesma forma que Joseph Smith

falou e pode estar em plena sintonia com todas as coisas do Espírito.

O Profeta Joseph Smith disse:

“A leitura das experiências alheias, ou as revelações dadas a *outras pessoas* jamais poderão dar a *nós* um entendimento de nosso estado e de nossa verdadeira relação com Deus. O conhecimento dessas coisas tão somente se pode obter pela experiência, mediante as ordenanças que Deus estabeleceu para esse propósito. Se, por cinco minutos, pudésseis contemplar o que há nos céus, aprenderíeis mais que se lêsseis tudo o que já se escreveu sobre o assunto” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 316).

Prestem atenção nesta declaração: “Se, por cinco minutos, pudésseis contemplar o que há nos céus, aprenderíeis mais que se lêsseis tudo o que já se escreveu sobre o assunto”. Creio ser de nosso interesse receber revelação pessoal, conhecer pessoalmente a mente e a vontade do Senhor a nosso próprio respeito e receber confirmação do que Ele pensa e deseja para a Sua Igreja.

Suponho que possamos dividir o assunto em um campo intelectual e um campo espiritual. Na escola, buscamos conhecimento principalmente no campo intelectual e o adquirimos na maioria das vezes por meio da razão e dos sentidos.

Isso é uma coisa extremamente importante e vital. Incentivamos todos aqueles que desejam progredir na vida a aprimorarem seu intelecto.

Contudo, creio que devamos dedicar uma porção maior de nosso tempo à busca do conhecimento espiritual. Quando abordamos realidades espirituais, não estamos nos referindo à aquisição de algo unicamente pelo raciocínio nem à transmissão de conhecimento à mente ou ao nosso espírito exclusivamente por nossos sentidos, mas estamos falando de revelação. Estamos falando de aprender a obter conhecimento das coisas de Deus, sintonizando nosso espírito com o Espírito eterno de Deus. Esses são, basicamente, o canal e o meio pelo qual a revelação chega ao indivíduo.

Não me preocupo muito se alguém escrever, avaliar ou analisar um problema de doutrina ou da Igreja, seja qual for, se essa pessoa o fizer apenas do ponto de vista intelectual. Ninguém questiona que tudo na esfera espiritual está em total e completa harmonia com as realidades intelectuais compreendidas por intermédio da razão, mas se compararmos, avaliarmos e pesarmos o mérito relativo desses dois campos, as coisas mais importantes são as *espirituais*, e não as intelectuais. As coisas de Deus só podem ser conhecidas pelo Espírito de Deus.

É bem verdade que se pode arrazoar sobre questões doutrinárias, mas é impossível instilar religião na própria vida até

que ela se torne uma *experiência pessoal* — até que você sinta algo na alma, até que haja uma mudança em seu coração, até que você se torne uma nova criatura do Espírito Santo. Graças à orientação e ao cuidado onisciente de Deus, *todo* membro da Igreja tem a oportunidade de fazer isso, porque, em virtude do batismo, todo membro da Igreja recebeu a imposição das mãos de um ministro legítimo e ouviu a promessa: “Recebe o Espírito Santo”. Desse modo, foi-lhe concedido o “dom do Espírito Santo”, que por definição significa que ele tem o direito de ter a companhia constante desse membro da Trindade, dependendo de sua retidão e fidelidade pessoais.

Afirmo que todos temos o *direito* de receber revelação. Todo membro da Igreja, independentemente do cargo que possua, tem o direito de receber revelação do Espírito Santo; tem o direito de falar com anjos; tem direito a visões da eternidade; e se quisermos considerar as possibilidades plenas, tem o direito de ver Deus da mesma forma que todo profeta viu realmente a face Dele.

Ao falarmos em profetas modernos, pensamos em termos de um profeta que prediz o destino futuro da Igreja e do mundo. Mas além disso, o fato é que *toda pessoa deve ser profeta para si mesma e para seus próprios problemas e assuntos*. Moisés disse: “Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor pusesse o seu espírito sobre ele!” (Números 11:29).

Paulo disse: “Procurai, com zelo, profetizar” (I Coríntios 14:39).

Sua recomendação é que, como indivíduos, busquemos de todo o coração e com todas as nossas forças o dom da profecia para os nossos assuntos pessoais.

Gostaria de ler uns poucos trechos das revelações do Profeta Joseph Smith que nos fornecem a fórmula, por assim dizer, para que cada um de nós, individualmente, possa conhecer as coisas de Deus pelo poder do Espírito.

Uma das coisas que o Senhor disse foi: “Eu te falarei em tua mente e em teu coração, pelo Espírito Santo que virá sobre ti e que habitará em teu coração.

Ora, eis que este é o espírito de revelação” (D&C 8:2–3).

Essa revelação refere-se a Espírito falando a espírito — o Espírito Santo falando a meu espírito e, de modo incompreensível, à mente, mas de modo simples e claro ao entendimento espiritual — transmitindo conhecimento, concedendo inteligência, mostrando a verdade e dando conhecimento seguro das coisas de Deus. Isso se aplica a todos.

“Deus vos dará conhecimento, por seu Santo Espírito, sim, pelo indescritível dom do Espírito Santo, conhecimento esse que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora;

O qual nossos antepassados aguardaram com ansiedade que se revelasse nos últimos tempos” (D&C 121:26–27).

Eis outra passagem gloriosa. Essa passagem *não* se dirige às Autoridades Gerais. *Não* se dirige aos Profetas de Deus. *Dirige-se a toda alma vivente da Igreja*. Em outras palavras, é uma revelação pessoal para você.

“Pois assim diz o Senhor: Eu, o Senhor, sou misericordioso e benigno para com aqueles que me temem e deleito-me em honrar aqueles que me servem em retidão e em verdade até o fim.

Grande será sua recompensa e eterna sua glória.

E a eles [todos os membros do reino] revelarei todos os mistérios, sim, todos os mistérios ocultos de meu reino desde a antigüidade; e por eras futuras dar-lhes-ei a conhecer a boa disposição de minha vontade concernente a todas as coisas relativas a meu reino.

Sim, até as maravilhas da eternidade conhecerão e coisas futuras mostrar-lhes-ei, sim, coisas de muitas gerações.

E sua sabedoria será grande e seu entendimento alcançará os céus; e diante deles a sabedoria dos sábios perecerá e o entendimento dos prudentes se desvanecerá.

Porque pelo meu Espírito os iluminarei e pelo meu poder dar-lhes-ei a conhecer os segredos de minha vontade — sim, até as coisas que o olho não viu nem o ouvido ouviu e ainda não entraram no coração do homem” (D&C 76:5–10).

Pois bem, eu disse que podemos falar com anjos, ter sonhos e visões, contemplar a face do Senhor. Aqui está uma promessa nesse sentido:

“Em verdade assim diz o Senhor: Acontecerá que toda alma que abandonar seus pecados e vier a mim e invocar meu nome e obedecer a minha voz e guardar meus mandamentos verá minha face e saberá que eu sou” (D&C 93:1).

O Profeta afirmou que o véu pode abrir-se hoje ou outro dia qualquer, desde que nos reunamos como élderes do reino, com fé e retidão, estando qualificados para as visões da eternidade. Eis uma declaração de Joseph Smith:

“A salvação não pode vir sem a revelação [e não estou falando agora da revelação que nos concedeu a dispensação em que vivemos — estou falando da revelação pessoal concedida às pessoas, individualmente]; e de nada adianta uma pessoa exercer seu ministério sem ela. Homem algum pode ser ministro de Cristo sem ser profeta. Ninguém pode ser ministro de Cristo, se não tem o testemunho de Jesus; e o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. Quando administramos a salvação, o fazemos pelo testemunho. Os homens desta época testificam do céu e do inferno e jamais viram um ou outro; e eu direi que ninguém sabe dessas coisas sem o espírito de revelação” (*Ensinamentos*, p. 155).

Temos direito à revelação. A revelação pessoal é essencial à nossa salvação. As escrituras contêm muitas ilustrações de coisas que aconteceram. Eis algo registrado por Néfi:

“Se não endurecerdes vosso coração e me pedirdes com fé, acreditando que recebereis, guardando diligentemente os meus mandamentos, certamente estas coisas vos serão dadas a conhecer” (1 Néfi 15:11).

Eis uma declaração do Livro de Mórmon sobre certos missionários de muito sucesso, os filhos de Mosias:

“Eram homens de grande entendimento e haviam examinado diligentemente as escrituras para conhecerem a palavra de Deus.

Isto, porém, não é tudo; haviam-se devotado a muita oração e jejum; por isso tinham o espírito de profecia e o espírito de revelação; e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus” (Alma 17:2–3).

Gostaria de citar mais uma passagem. É do Profeta Joseph Smith:

“Podeis beneficiar-vos, percebendo os primeiros sinais do Espírito de revelação. Por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, podereis, repentinamente, ser despertados por uma corrente de idéias, de modo que, observando-as, vereis que se cumprem no mesmo dia ou pouco depois; (isto é) as coisas que o Espírito de Deus revelou à vossa mente acontecerão; e assim, por conhecer e aceitar o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação até que chegueis a ser perfeitos em Cristo Jesus” (*Ensinamentos*, p. 147).

As escrituras fazem muitas referências à revelação. O Profeta e todos os profetas disseram muitas coisas a esse respeito. Para nós, significa que precisamos de *experiência religiosa*, precisamos de um relacionamento pessoal com Deus — nossa preocupação não é ler o que alguém disse *a respeito* de religião. De tempos em tempos, mais por diversão e entretenimento, leio o que alguém disse de modo crítico a respeito da Igreja ou o que certo teólogo protestante disse sobre os dogmas do cristianismo. Na verdade, o que eles dizem — *os pontos de vista deles* — têm bem pouco valor e importância. As críticas em relação à Igreja feitas por uma pessoa que esteja avaliando uma doutrina ou prática ou um programa social da Igreja do ponto de vista intelectual são totalmente irrelevantes. Essa crítica é total e simplesmente irrelevante para a Igreja ou para as pessoas que se importam com as coisas espirituais. Religião não é uma questão intelectual.

Repito que quanto melhor for o intelecto, melhor seremos capazes de avaliar os princípios espirituais, e que é uma coisa maravilhosa sermos instruídos e educados, sendo dotados de visão e capacidade mental, porque podemos usar esses talentos e capacidades na esfera espiritual. *Mas*

o que importa no campo da religião é participarmos pessoalmente. Em vez de lermos tudo o que foi escrito e analisarmos tudo o que todos os estudiosos do mundo inteiro disseram sobre o céu e o inferno, precisamos fazer o que o Profeta disse: contemplar o céu por cinco minutos. Como resultado, saberemos mais do que tudo o que foi analisado, escrito e avaliado em relação ao assunto.

Religião é uma questão de se introduzir o Espírito Santo na vida de uma pessoa. Estudamos e, é claro, precisamos avaliar o que estudamos. Graças a esse estudo, adquirimos certos fundamentos que nos proporcionam um estado de espírito que nos *possibilita* buscar as coisas do Espírito. Mas no final das contas, o resultado será que *teremos a alma tocada pelo Espírito de Deus.*

Quer uma fórmula para receber revelação pessoal? Isso pode ser explicado de várias maneiras. A minha simplesmente diz:

1. Examinar as Escrituras.
2. Guardar os mandamentos.
3. Pedir com fé.

Toda pessoa que fizer isso, ficará com o coração tão sintonizado com o Infinito que “a voz mansa e delicada” lhe revelará os princípios eternos da religião. À medida que progredir e avançar e se achegar mais a Deus, chegará o dia em que falará com anjos, terá visões e finalmente contemplará a face de Deus.

Religião é uma coisa espiritual. Use toda a sua intelectualidade para ajudá-lo, mas em última análise, terá que estar em sintonia com o Senhor.

O ENSINO DO EVANGELHO

ÉLDER DALLIN H. OAKS DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Conference Report, outubro de 1999, pp. 100–104; ou Ensign, novembro de 1999, pp. 78–80

A INFLUÊNCIA DE UM PROFESSOR

Um escritor muito conhecido nos Estados Unidos escreveu um livro a respeito do melhor professor que teve na vida. A razão pela qual esse professor exerceu tamanha influência sobre seu aluno residia no fato de que o aluno tinha plena convicção de que esse professor realmente se preocupava com ele e queria que seu aluno aprendesse e fizesse tudo o que o ajudasse a encontrar a felicidade. O autor termina sua homenagem com a



A primeira grande revelação que precisamos receber é *saber da divindade da obra.* Chamamos isso de testemunho. Quando uma pessoa adquire um testemunho, isso a ensina a colocar-se em sintonia com o Espírito e a receber revelação. Portanto, repetindo a seqüência — ao colocar-se em sintonia, a pessoa pode adquirir conhecimento para orientá-la em seus assuntos pessoais. Depois, desfrutando esse dom e nele progredindo, a pessoa conseguirá receber todas as revelações da eternidade que o Profeta ou que todos os profetas receberam em todas as épocas.

Até certo ponto, todos recebemos revelações. Tive uma revelação que me disse que esta obra é verdadeira. Por esse motivo, *eu sei* que isso é verdade. Sei disso, independentemente de qualquer estudo ou pesquisa; sei disso porque o Santo Espírito falou a meu espírito e concedeu-me um testemunho. Por esse motivo, posso ser um ministro legítimo e dizer verdadeiramente que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que Joseph Smith é Seu profeta, que Spencer W. Kimball é o profeta atual e que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única Igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a Terra.

E ainda mais, no tocante ao assunto em pauta, posso testificar que *toda alma vivente* que obedecer às leis, examinar as escrituras, guardar os mandamentos e pedir com fé *pode receber revelação pessoal do Todo-Poderoso* para grande glória e satisfação de sua alma nesta vida e sua salvação final nas moradas do alto.

seguinte pergunta: “Você já teve um professor de verdade? Alguém que o visse como uma matéria bruta, mas preciosa, uma jóia que, com sabedoria, poderia ser lapidada para tornar-se indiscutivelmente bela? Se você tiver a sorte de encontrar um professor assim, sempre acabará voltando a procurá-lo (...)”¹

Há muitas formas diferentes de ensinar, mas todo bom ensino baseia-se em certos princípios fundamentais. Sem ter a pretensão de cobrir todos os pontos, gostaria de identificar e comentar seis princípios fundamentais sobre o ensino do evangelho.

AME A DEUS E AME SEUS ALUNOS

O *primeiro* é o amor. Ele tem duas manifestações. Quando recebemos um chamado para ensinar, devemos aceitá-lo e fazê-lo por causa de nosso amor a Deus, o Pai Eterno, e Seu Filho Jesus Cristo. Além disso, o professor do evangelho deve sempre ensinar seus alunos com amor. Somos

ensinados que devemos orar “com toda a energia de [nosso] coração, [para que sejamos] cheios desse amor” (Morôni 7:48). O amor a Deus e a Seus filhos é a razão mais importante para prestarmos serviço. Aqueles que ensinam com amor serão magnificados como instrumentos nas mãos do Senhor a quem servem.

ENFOQUE AS NECESSIDADES DOS ALUNOS

Segundo, o professor do evangelho, como o Mestre a quem servimos, concentra-se inteiramente naqueles que está ensinando. Toda a sua concentração está voltada para as necessidades das ovelhas — para o bem dos alunos. O professor do evangelho não se concentra em si mesmo. Aquele que entende esse princípio não irá encarar seu chamado como o ato de simplesmente “dar uma aula”, porque essa definição vê o ensino sob o ponto de vista do professor, e não do aluno.

Concentrando-se nas necessidades dos alunos, o professor do evangelho jamais terá sua visão do Mestre obscurecida por querer se autopromover ou por buscar seus próprios interesses durante a aula. Isso significa que o professor do evangelho nunca deve se comprazer em artimanhas sacerdotais, que significa “o homem pregar e estabelecer-se como uma luz para o mundo, a fim de obter lucros e louvor do mundo” (2 Néfi 26:29). O professor do evangelho não prega para “[tornar-se] popular” (Alma 1:3) ou “por causa de riquezas e honrarias” (Alma 1:16). Ele segue o maravilhoso exemplo do Livro de Mórmon, no qual, “o pregador não era melhor que o ouvinte nem o mestre melhor que o discípulo” (Alma 1:26). Ambos olharão sempre para o Mestre.

ENSINE O MATERIAL APROVADO DO EVANGELHO

Terceiro, o professor bem qualificado do evangelho ensina o material prescrito no curso, dando ênfase no ensino da doutrina, princípios e convênios do evangelho de Jesus Cristo. Isso nos foi ordenado na revelação moderna, quando o Senhor disse:

“[Os professores] desta igreja ensinarão os princípios de meu evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, no qual se acha a plenitude do evangelho.

E observarão os convênios e regras da igreja e cumpri-los-ão e estes serão seus ensinamentos, conforme forem dirigidos pelo Espírito” (D&C 42:12–13).

Os professores que receberam o mandamento de ensinar “os princípios do evangelho” e “a doutrina do reino” (D&C 88:77), em geral devem abster-se de ensinar regras ou aplicações específicas. Não devem, por exemplo, ensinar qualquer regra que determine o que é um dízimo integral, tampouco fazer uma lista do que *se deve* ou *não fazer* no Dia do Senhor. Uma vez tendo ensinado a doutrina e os princípios a ela relacionados, conforme se encontram nas escrituras e nas palavras dos profetas vivos,

essas aplicações específicas ou regras normalmente são de responsabilidade do indivíduo e das famílias.

As doutrinas e os princípios, quando bem ensinados, exercem muito mais influência sobre o comportamento do que as regras. Quando ensinamos doutrinas e princípios do evangelho, qualificamo-nos para receber o testemunho e a orientação do Espírito para corroborar nosso ensino e encaminhamos os alunos a exercerem sua fé ao buscarem a orientação desse mesmo Espírito para colocarem esses ensinamentos em prática em sua vida pessoal. (...)

Ao visitar quóruns e Sociedades de Socorro, geralmente tenho ficado satisfeito e impressionado em ver como os *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja* estão sendo apresentados e recebidos. Contudo, às vezes, encontrei professores que meramente mencionavam o capítulo da lição e depois davam uma aula e iniciavam uma discussão baseando-se em outros materiais de sua escolha. Isso não é aceitável. O professor do evangelho não foi chamado para escolher o assunto da lição, mas para ensinar e discutir o que foi especificado. Os professores do evangelho precisam também ser cuidadosos no sentido de evitar assuntos de sua preferência, abster-se de apresentar suas próprias especulações ou de discutir temas polêmicos. As revelações e instruções do Senhor para Seus servos são muito claras nesse ponto. Devemos sempre nos lembrar da importante instrução dada pelo Presidente Spencer W. Kimball de que o professor do evangelho é um “convidado”.

“[Ele] foi posto numa posição de autoridade e recebeu um selo de aprovação, e as pessoas que ele ensina estão justificadas ao presumir que, tendo sido escolhido e apoiado de maneira adequada, o professor representa a Igreja e que as coisas que ensina são aprovadas pela Igreja. Por mais brilhante que seja e por mais que pense ter encontrado muitas verdades novas, ele não tem o direito de ir além do programa da Igreja.”⁶

PREPARE-SE BEM E APRESENTE AS AULAS EFICAZMENTE

Quarto, o professor do evangelho deve preparar-se diligentemente e procurar usar os meios mais eficazes para dar as aulas prescritas. (...)

ENSINE PELO ESPÍRITO

O *quinto* princípio fundamental do ensino do evangelho que gostaria de salientar é o mandamento do Senhor, citado anteriormente, de que os professores do evangelho devem “[ensinar] os princípios do (...) evangelho (...) conforme forem dirigidos pelo Espírito. (...) E se não [receberem] o Espírito, não [ensinarão]” (D&C 42:12–14). É privilégio e dever do professor do evangelho buscar esse nível de discipulado, no qual seu ensino será orientado e confirmado pelo Espírito, em vez de ser

rigidamente selecionado e preparado de acordo com a conveniência e qualificações pessoais do professor. Os maravilhosos princípios de “Ensino e Liderança no Evangelho”, no novo *Manual de Instruções da Igreja*, incluem o seguinte:

“Os professores e alunos devem buscar o Espírito durante a aula. Uma pessoa pode ensinar verdades profundas, e os alunos podem participar de discussões extremamente estimulantes, mas a menos que o Espírito esteja presente, essas coisas não deixarão uma impressão profunda na alma. (...)”

Quando o Espírito está presente no ensino do evangelho, ‘o poder do Espírito Santo leva [a mensagem] ao coração dos filhos dos homens’ (2 Néfi 33:1).⁷

O Presidente Hinckley falou sobre uma conseqüência importante da obediência ao mandamento de ensinar pelo Espírito quando fez este desafio:

“Precisamos (...) que nossos professores falem mais daquilo que vem do coração do que dos livros, que comuniquem seu amor ao Senhor e a esta preciosa obra, de modo a acender essa mesma chama no coração de seus alunos.”⁸

Esse é o nosso objetivo: fazer com que o amor de Deus e a dedicação ao evangelho de Jesus Cristo toquem o coração daqueles que ensinamos.

ENSINE OS ALUNOS A AJUDAREM OUTROS

Isso nos leva ao *sexto* e último princípio que desejo abordar. O professor do evangelho preocupa-se com os resultados de seu ensino e avalia o sucesso desse ensino e de seu testemunho pelo impacto causado na vida dos alunos.⁹ O professor do evangelho jamais ficará satisfeito em apenas

transmitir uma mensagem ou fazer um sermão. O professor bem qualificado do evangelho quer ajudar na obra do Senhor de levar a efeito a vida eterna de Seus Filhos.

O Presidente Harold B. Lee disse: “O chamado do professor do evangelho é um dos mais nobres do mundo. Um bom professor pode fazer toda a diferença para inspirar rapazes e moças, homens e mulheres a mudarem sua vida e cumprirem seu destino mais elevado. A importância do professor foi magnificamente descrita por Daniel Webster quando disse: ‘Se trabalharmos no mármore, ele estragará; se trabalharmos em latão, o tempo o destruirá; mas se trabalharmos na mente imortal das pessoas, se incutirmos nelas os princípios, o temor a Deus e o amor a nosso semelhante, gravaremos na mente delas algo que brilhará por toda a eternidade’”.¹⁰

Testifico que esta é a obra de Deus e que nós somos Seus servos e temos a sagrada responsabilidade de ensinar o evangelho de Jesus Cristo, a mensagem mais importante de todos os tempos. Precisamos de mais professores que sejam dignos dessa mensagem. Oro para que todos nós nos tornemos professores extremamente bem qualificados. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

NOTAS

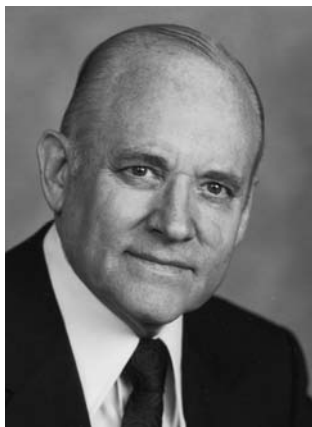
1. Mitch Albom, *Tuesdays with Morrie*, 1997, p. 192.
6. *The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, 1982, p. 533.
7. *Manual de Instruções da Igreja, Volume 2: Líderes do Sacerdócio e das Auxiliares* 1998, p. 300.
8. *Teachings of Gordon B. Hinckley*, 1997, pp. 619–620.
9. Ver Henry B. Eyring, Conference Report, abril de 1999, pp. 94–95; ou *Ensign*, maio de 1999, p. 73.
10. *The Teachings of Harold B. Lee*, ed. Clyde J. Williams, 1996, p. 461.

LER AS ESCRITURAS

ÉLDER HOWARD W. HUNTER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Conference Report, outubro de 1979, pp. 91–93; ou *Ensign*, novembro de 1979, pp. 64–65

Quando seguimos o conselho de nossos líderes de ler e estudar as escrituras, colhemos muitos tipos de benefícios e bênçãos. É o estudo mais proveitoso a que nos podemos dedicar. As escrituras conhecidas como o Velho e o Novo Testamento são



freqüentemente consideradas como a melhor literatura do mundo. Esses livros já foram considerados como tratados científicos, dissertações filosóficas e até como registros históricos. Contudo, entendendo o verdadeiro propósito dessas e outras escrituras, percebemos que são na verdade a literatura religiosa fundamental.

BIBLIOTECA DE ESCRITURAS

As escrituras contêm declarações fundamentais concernentes a Deus, Seus filhos e o relacionamento existente entre eles. Em todos os livros, existe o apelo a se crer e ter fé em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho Jesus Cristo; e do primeiro ao último desses livros de escritura, eles nos conclamam a fazer a vontade de Deus e a guardar Seus mandamentos.

As escrituras contêm o registro de como Deus Se revelou à humanidade; e por meio delas, Deus fala ao homem. Como seria possível usar melhor o nosso tempo do que lendo as escrituras, uma literatura que nos ensina a conhecer Deus e a entender nosso relacionamento com Ele? O tempo é precioso para as pessoas atarefadas, e esse tesouro é-nos roubado quando perdemos horas lendo ou assistindo a coisas levianas e sem valor.

Os hábitos de leitura das pessoas variam muito. Alguns lêem depressa, outros, devagar. Alguns lêem pequenas porções por vez, outros não param até chegar ao fim do livro. Entretanto, aqueles que se aprofundam no estudo das escrituras descobrem que para entenderem é preciso mais do que uma leitura casual — é preciso estudo concentrado. Sem dúvida, aquele que estuda as escrituras diariamente consegue muito mais do que outro que lê longo tempo num dia e depois passa vários dias sem ler. Não apenas devemos estudar as escrituras diariamente como também reservar uma hora determinada na qual possamos concentrar-nos sem interferência.

ORAÇÃO

Nada há de mais proveitoso do que orar para que se abra nosso entendimento para as escrituras. Orando, sintonizamos a mente com a busca de respostas. O Senhor disse: “Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Lucas 11:9). É a confirmação de Cristo de que, se pedirmos, buscarmos e batermos, o Santo Espírito nos fará entender, se estivermos preparados e dispostos a receber.

PLANO DE ESTUDO SISTEMÁTICO

Muitos acham que a melhor hora para estudar é pela manhã, com a mente descansada e despreocupada. Outros preferem estudar nos momentos tranquilos após o término do trabalho, deixando de lado as preocupações do dia, encerrando-o com a paz e a tranquilidade proporcionadas pela comunhão com as escrituras.

Talvez o mais importante seja reservar uma hora certa para o estudo. Seria ideal dispor de uma hora por dia; mas, se não for possível, meia hora, regularmente, dará resultados substanciais. Quinze minutos é pouco tempo, mas é surpreendente quanto esclarecimento e cultura se pode adquirir nesse tempo. O importante é não permitir que algo interfira em nosso estudo.

Uns preferem estudar a sós, mas pode ser proveitoso estudar a dois. A família é muito abençoada quando pais sábios reúnem os filhos, lêem todos juntos as escrituras e depois conversam abertamente a respeito das belas histórias e pensamentos lidos de modo que todos possam compreender. Frequentemente os jovens e as crianças pequenas revelam surpreendente compreensão da literatura religiosa fundamental e um grande apreço por ela.

Não devemos ler a esmo, mas ter um plano de estudo sistemático. Alguns lêem determinado número de páginas ou capítulos por dia ou semana. Isso pode ser justificável quando se está lendo por prazer, mas não constitui estudo. É preferível ter um tempo determinado, diariamente, para o estudo das escrituras, do que ter um certo número de capítulos para ler. Pode ser que o estudo de um único versículo ocupe o tempo todo.

CONTEMPLAÇÃO

A vida, os atos e os ensinamentos de Jesus podem ser lidos rapidamente. As histórias quase sempre simples são contadas de maneira singela. O Mestre ensinava com poucas palavras, porém de sentido tão conciso, que juntas transmitiam uma imagem bem clara. Às vezes, contudo, podemos passar horas meditando os pensamentos profundos expressos em poucas palavras.

Um incidente da vida do Salvador foi mencionado tanto por Mateus quanto por Marcos e Lucas. A parte maior da história é contada por Marcos em apenas dois versículos e algumas palavras.

A HISTÓRIA DE JAIRO

“E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o [ou seja, quando ele viu Jesus], prostrou-se aos seus pés,

E rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva.

E [Jesus] foi com ele” (Marcos 5:22–24).

A leitura desse trecho leva uns trinta segundos. É curto e simples. O quadro visual é claro e até mesmo uma criança seria capaz de repeti-lo sem dificuldade. Mas, quando nos pomos a meditar, obtemos um profundo entendimento e concluímos que é muito mais do que uma simples história de uma menina doente que Jesus foi abençoar. Lerei novamente:

“E eis que (...)” O termo *eis que* é de uso freqüente nas escrituras, com vários sentidos. Neste caso, quer dizer subitamente ou inesperadamente. Jesus e Seus companheiros tinham acabado de atravessar o mar da Galiléia; a multidão que estava à Sua espera foi encontrá-Lo na praia, perto de Cafarnaum. “E, eis que [súbita e inesperadamente] chegou um dos principais da sinagoga”. As sinagogas maiores da época eram presididas por um colegiado de anciãos sob a direção de um chefe ou principal. Esse chefe era uma pessoa de prestígio, muito respeitado pelos judeus.

Mateus não diz o nome desse ancião chefe, porém Marcos o identifica, acrescentando ao título “por nome Jairo”. O nome dele não aparece em nenhum outro lugar, mas sua

memória sobrevive na história devido ao breve contato com Jesus. Muitas vidas normalmente obscuras tornaram-se memoráveis ao toque da mão do Mestre, que os fez mudar de pensamento e ação para uma vida nova e melhor.

“E, vendo-o [ou seja, quando Jairo viu Jesus], prostrou-se aos seus pés”.

Isso é uma coisa incomum para um homem importante e de prestígio, um principal da sinagoga, ajoelhar-se aos pés de Jesus — aos pés de alguém considerado como pregador itinerante com o dom de cura. Muitos outros homens instruídos e de prestígio viram Jesus, mas O ignoraram. Tinham a mente fechada. Hoje não é diferente; quantos há que não conseguem aceitá-Lo.

“E [Jairo] rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda.” Isso é comum quando um homem se achega a Cristo, não tanto por si, mas pelo desespero por um ente querido. O tremor que percebemos na voz de Jairo, quando diz “minha filha”, suscita nossa compaixão ao imaginarmos aquele homem, que ocupava um alto cargo na sinagoga, de joelhos diante do Salvador.

Segue-se então uma grande profissão de fé: “Rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva”. Não são simples palavras de fé proferidas por um pai desesperado, mas são também um lembrete de que tudo em que Jesus põe as mãos vive. Se Jesus impuser as mãos em um casamento, ele viverá. Se permitirmos que Ele imponha as mãos sobre a família, ela viverá.

Depois, as palavras: “E [Jesus] foi com ele”. Não é de supor que isso estivesse em Seus planos daquele dia. O

Mestre acabara de chegar, e a multidão estava na praia esperando ouvir Seus ensinamentos. “E eis que” — súbita e inesperadamente — Ele foi interrompido pela súplica de um pai. Poderia ter ignorado o pedido, pois muitos outros o esperavam. Poderia ter dito que iria ver a filha dele no dia seguinte, mas “foi com ele”. Caso seguissemos os passos do Mestre, será que alguma vez estaríamos muito ocupados para ignorar as necessidades de nossos semelhantes?

Não é preciso ler o restante da história. Chegando à casa de Jairo, Jesus tomou a menina pela mão e a ergueu de entre os mortos. Da mesma forma, Ele há de levantar e elevar para uma vida melhor todo homem que permitir que o Salvador o tome pela mão.

AS ESCRITURAS NOS PROPORCIONAM MAIOR CONHECIMENTO DE CRISTO

Sou muito grato pelas escrituras que nos permitem obter um maior conhecimento de Jesus Cristo. Sou grato pelo Senhor ter acrescentado ao Velho e Novo Testamentos, por intermédio dos profetas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, outras escrituras reveladas como testemunhas adicionais de Cristo: O Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Sei que todas são a palavra de Deus. Presto testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Que o Senhor nos abençoe em nosso estudo e em nossa justa vontade de buscá-Lo, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

AJUDAR AS PESSOAS A SEREM CONDUZIDAS ESPIRITUALMENTE

ÉLDER RICHARD G. SCOTT DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de um discurso proferido para educadores religiosos em simpósio sobre Doutrina e Convênios e História da Igreja, Universidade Brigham Young, 11 de agosto de 1998, pp. 1–5, 8, 10–12

Se eu fosse professor de jovens, faria com que se comprometessem a colocar em prática este princípio: procurarei aprender com o que ouvir, ver e sentir. Anotarei as coisas que aprender e as colocarei em prática.



Eu lhes explicaria como utilizar cada um desses três canais de comunicação. Todo aluno que fizer isso com perseverança será abençoado com orientação inspirada na vida. (...)

Quero sugerir algumas maneiras pelas quais você pode ajudar os alunos a qualificarem-se para serem conduzidos pelo Espírito e a reconhecerem essa orientação quando ela chegar, registrarem-na e obedecerem a ela.

Seus alunos vivem num mundo sujeito a desafios e tentações. Estou convencido de que sem a ajuda do Espírito uma pessoa terá muita dificuldade para evitar transgressões no mundo atual. Se fizer escolhas erradas, ficará cativa do pecado. (...)

Se você ensinar a devida doutrina e explicar o processo pelo qual o Senhor Se comunica por intermédio do Espírito, seus alunos terão a *experiência* pessoal de serem conduzidos espiritualmente. Aprenderão os princípios nos

quais se baseiam essa comunicação. Se eles colocarem esses princípios em prática, farão as escolhas corretas na vida.

No mundo, muito freqüentemente o relacionamento do professor com o aluno é de apenas dar conselhos, com pouca ou nenhuma interação. Freqüentemente não se dá explicação dos motivos pelos quais recebemos mandamentos, regras e padrões. A maior parte do ensino no mundo baseia-se em um dos cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato ou paladar.

Em sua sala de aula, você pode ensinar pelo poder do Espírito. Você tem a oportunidade de incentivar a participação contínua de seus alunos no debate, de modo a introduzir na vida deles a orientação do Santo Espírito.

Sua capacidade de fazer isso será ampliada pela orientação que você mesmo receber do Santo Espírito.

Se não conseguir realizar mais nada em seu relacionamento com os alunos além de ajudá-los a reconhecer e seguir os sussurros do Espírito, terá abençoado a vida deles de modo imensurável e eterno. Você já sabe que para fazer isso terá que buscar constantemente a orientação do Espírito para saber o que dizer e como dizê-lo.

Você que está começando seu trabalho como instrumento do Senhor na tarefa de ensinar e prestar testemunho aos preciosos jovens da Igreja aprenderá uma importante lição que os mais experientes já confirmaram há muito tempo. Não há lugar em seu ensino para malabarismos, modismos ou bajulação com favores ou presentes. Essas atividades não resultam em motivação duradoura para o crescimento pessoal nem têm qualquer resultado benéfico duradouro. Em termos simples, o ensino de coisas verdadeiras num ambiente de genuíno amor e confiança qualifica-se para o testemunho confirmador do Santo Espírito.

Quando você incentiva os alunos a erguerem a mão para responder uma pergunta, eles comunicam ao Santo Espírito o desejo que têm de aprender. Essa utilização do arbítrio moral permite que o Espírito os motive e lhes proporcione uma orientação mais vigorosa durante o tempo em que vocês passarem juntos. A participação permite que cada um *sinta pessoalmente* que está sendo guiado pelo Espírito. Eles aprenderão a reconhecer e sentir a orientação espiritual. É por meio da repetição do processo de receber inspiração, anotá-la e segui-la que a pessoa aprende a confiar mais na orientação do Espírito do que na comunicação pelos cinco sentidos.

Gostaria agora de explicar o fundamento doutrinário das coisas que iremos abordar. Algumas delas serão úteis para seus alunos.

O Salvador disse: “Eis que eu te falarei em tua *mente* e em teu *coração*, pelo Espírito Santo” (D&C 8:2; grifo do autor).

Eu explicaria aos alunos que a comunicação à *mente* é muito específica.

Uma explicação detalhada pode ser ouvida, sentida ou escrita, como se as instruções estivessem sendo ditadas.

Uma mensagem transmitida ao *coração* é uma impressão mais geral. O Senhor freqüentemente começa a Se comunicar por meio de sentimentos. Se reconhecermos a importância dessas coisas e obedecermos a esses sentimentos, adquiriremos uma capacidade maior de receber instruções mais detalhadas em nossa *mente*. Uma impressão sentida no coração, se for seguida, será fortalecida por uma instrução mais específica para a mente. (...)

(...) Vamos abordar diferentes maneiras de aprender usando as escrituras.

Uma delas é ler, ponderar e orar sobre o significado de alguns versículos específicos. Outra é analisar e reunir escrituras correlatas. Então, numa folha separada, elabore uma declaração de princípio que incorpore as verdades contidas naquelas escrituras. Depois que essas duas coisas tiverem sido cuidadosa e coerentemente feitas, você então poderá ser instruído por meio da inspiração, ao examinar as escrituras. (...)

Das escrituras propriamente ditas tiramos preciosas verdades e as registramos numa folha separada como declaração de princípio.

Começemos a declaração de princípio escrevendo: “*A fim de qualificar-me para ser conduzido mais vigorosamente pelo Espírito, preciso: . . .*”

Iremos então para as escrituras específicas e identificaremos o que escreveremos sob esse título. Utilizaremos a experiência vivida por Enos. Lerei várias escrituras daquele capítulo maravilhosamente instrutivo e, no final, identificaremos duas instruções muito preciosas que ele recebeu e que nos ajudam a aprender a verdade por intermédio do Santo Espírito.

“Eis que saí para caçar animais nas florestas; e as palavras que freqüentemente ouvira de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram-me profundamente o coração” (Enos 1:3).

Ele estava tendo um sentimento no coração e, com muita sabedoria, atendeu com vigor e prontidão.

“Minha alma ficou faminta e ajoelhei-me ante o meu Criador e clamei-lhe, em fervorosa oração e súplica, por minha própria alma; e clamei o dia inteiro; sim, e depois de ter anoitecido, continuei a elevar minha voz até que ela chegou aos céus” (Enos 1:4).

Não sabemos exatamente o que aconteceu, mas não é muito provável que ele tenha ficado de joelhos todo esse tempo. Você provavelmente já teve a experiência de precisar resolver algo urgente, então você orou, ponderou,

orou mais um pouco, decidiu comprometer-se a fazer certas coisas e tomou algumas decisões, apresentou-as ao Senhor, orou mais e recebeu sentimentos orientadores Dele. A orientação dada a Enos foi muito direta por causa da necessidade premente e por sua sabedoria em atender imediatamente a um sussurro do Espírito.

“E ouvi uma voz, dizendo: Enos, perdoados são os teus pecados e tu serás abençoado.

E eu, Enos, sabia que Deus não podia mentir; portanto minha culpa foi apagada.

E eu disse: Senhor, como isso aconteceu?”

Temos então uma jóia de instrução:

“E ele respondeu-me: Por causa da tua fé em Cristo. (...)

Ora, aconteceu que após ter ouvido estas palavras, comecei a desejar o bem-estar de meus irmãos, os nefitas; portanto implorei a Deus por eles com toda a minha alma.”

Essa foi outra mensagem transmitida ao coração de Enos pelo Senhor, e Enos atendeu imediatamente:

“Portanto, implorei a Deus por eles com toda a minha alma.

Enquanto estava assim lutando no espírito, eis que a voz do Senhor me veio outra vez à *mente*, dizendo:”

Então, o Senhor nos dá outra verdade preciosa:

“Visitarei teus irmãos segundo a sua diligência em guardar meus mandamentos” (Enos 1:5–10; grifo do autor).

Identificamos duas verdades relacionadas à comunicação espiritual entre o Senhor e Enos: “Por causa de tua fé em Cristo”, e “visitarei teus irmãos segundo a sua diligência em guardar meus mandamentos”. Escreveremos agora essas verdades como parte de nossa declaração de princípio. (...)

O padrão que estamos seguindo está ficando mais claro? Essa mesma abordagem pode ser usada para ensinar qualquer outra doutrina, como, por exemplo, a Expição do Salvador. O esforço que fazemos para estudar as escrituras e reunir conceitos comuns nelas encontrados irá qualificar-nos para receber mais inspiração e orientação ao ponderarmos as escrituras. (...)

Há alguns anos, cumpri uma designação no México e na América Central semelhante à de um Presidente de Área. Percebi que algumas tradições falsas freqüentemente faziam com que até alguns membros da Igreja fizessem coisas erradas. Por muito tempo, orei pedindo orientação do Senhor sobre como ajudar aquelas pessoas que tanto amava a reconhecerem as tradições falsas, sem que achassem erroneamente que eu não apreciava sua cultura.

Certo domingo, eu estava no prédio onde a ala de nossa família se reunia juntamente com um ramo de língua espanhola. Assisti à reunião do sacerdócio do ramo, na qual um líder mexicano do sacerdócio, muito humilde e com pouca

instrução, esforçava-se para transmitir as verdades do evangelho. Era muito evidente que elas haviam tocado profundamente a vida dele. Percebi seu grande desejo de comunicar esses princípios. Ele reconhecia que eram de grande valor para os irmãos que ele tanto amava. Ele leu a aula no manual de lições, mas demonstrava ter puro amor pelo Salvador e pelos irmãos que ele estava ensinando. Esse amor, sinceridade e pureza de coração permitiram que a influência do Espírito Santo enchesse a sala.

O Senhor escolheu aquele momento para responder minhas súplicas. Comecei a receber uma orientação bem clara sobre como ajudar os líderes e os membros a vencerem as tradições falsas. Tive outros sentimentos que foram dirigidos pessoalmente a mim. À medida que tive cada impressão, anotei-a com fidelidade. Recebi verdades preciosas das quais muito necessitava para ser um servo do Senhor mais eficaz.

Embora os detalhes da comunicação sejam sagrados, como uma bênção patriarcal — para o benefício daquele que a recebe — compartilharei algumas das coisas que aprendi e outras verdades que me foram transmitidas naquele dia. Esse é um exemplo da orientação inspirada concedida pelo Senhor por intermédio do Espírito Santo que todos podem receber se as doutrinas que mencionamos forem conscienciosamente colocadas em prática.

O conselho específico começou com esta declaração: “Você deve continuar a edificar a Igreja sobre o alicerce de princípios verdadeiros, porém expressando mais do amor e apreço com os quais você foi abençoado a ter e sentir pelo grande povo lamanita”. Seguiram-se orientações, instruções e promessas condicionais específicas que alteraram o curso de minha vida.

Subseqüentemente, fui para a aula da Escola Dominical da ala que minha família freqüentava. Um professor universitário muito culto apresentou a lição. A experiência foi um marcante contraste em relação ao que eu tinha sentido na reunião do sacerdócio do ramo. Pareceu-me que o professor tinha deliberadamente escolhido referências pouco conhecidas e exemplos incomuns para desenvolver o tema designado: a vida de Joseph Smith. Tive a nítida impressão de que ele usou aquela oportunidade de ensino para impressionar a classe com seu grande conhecimento. De modo algum parecia estar tão desejoso de comunicar princípios quanto o humilde líder do sacerdócio.

Essa experiência também criou um ambiente propício para que eu recebesse novamente outras impressões. Comecei a escrever as instruções que foram transmitidas diretamente para a minha mente. Alguns parágrafos começavam com frases como estas: “Ensine e testifique de modo a instruir, edificar e conduzir as pessoas à plena obediência, e não para se exhibir. Todos os que forem orgulhosos serão afastados”.

Outra de minhas anotações dizia: “Você não é nada por si mesmo, Richard”. Seguiu-se um conselho específico sobre como eu poderia tornar-me um instrumento mais eficaz nas mãos do Senhor. Outro trecho começava assim: “Qualifique-se pela obediência, autodisciplina e pelo poder da fé”. Depois dessa frase, seguiram-se outras promessas condicionadas àqueles requisitos.

Nessa ocasião, senti um influxo de sentimentos pessoais que não considerei adequado anotar no meio de uma aula da Escola Dominical. Em um lugar mais reservado, continuei a escrever os sentimentos que inundaram minha mente, da forma mais exata possível. Depois de cada vigorosa impressão ter sido registrada, eu a ponderei, buscando confirmar se teria expressado corretamente os sentimentos que recebi. Então orei, expressando ao Senhor o que achava que o Espírito me ensinara. Um sentimento de paz confirmou a exatidão do que eu havia registrado. Tive a inspiração de perguntar se havia mais coisas que eu deveria receber. Houve outras impressões, e o processo foi repetido até eu receber algumas das instruções mais preciosas e específicas que alguém poderia esperar receber na vida.

Essa não foi uma experiência isolada. Sei que as pessoas sinceras e justas que seguem os princípios que abordamos desfrutarão essa orientação recebida do Senhor. Ajude seus alunos a compreenderem esses princípios e a receberem a confirmação do próprio testemunho deles da realidade da orientação espiritual, que os incentivará a buscarem-na. Em espírito de oração, ajude seus alunos a compreenderem que essa orientação é tão real quanto os cinco sentidos. Incentivo-o a salientar que freqüentemente deixamos de ouvir a orientação pessoal mais preciosa do Espírito porque não a anotamos e não atendemos aos primeiros sussurros que ouvimos, no momento em que o Senhor decide orientar-nos ou quando recebemos impressões em resposta a uma oração urgente.

Aquela experiência sagrada ilustra o significado desta conhecida instrução de Doutrina e Convênios:

“Aquele que recebe a palavra pelo Espírito da verdade recebe-a como é pregada pelo Espírito da verdade[.]

(...) Portanto aquele que prega e aquele que recebe se compreendem um ao outro e *ambos são edificados e juntos se regozijam*” (D&C 50:21–22; grifo do autor).

Para mim, a palavra *edificados* significa que o Senhor personaliza nossa compreensão da verdade para atender a nossas necessidades individuais, quando nos esforçarmos por receber essa orientação. Naquela reunião do sacerdócio do ramo, *compreendi* os princípios que foram ensinados por um professor dirigido pelo Espírito. Tive um testemunho de sua veracidade. Mas, além disso, fui *edificado*. A mensagem ensinada foi vigorosamente ampliada em meu próprio benefício pelas sagradas impressões transmitidas pelo Espírito Santo. A humildade do líder do sacerdócio mexicano era um pré-requisito para que ele fosse usado como instrumento para a comunicação espiritual da verdade.

A humildade é a qualidade que permite que sejamos ensinados do alto por intermédio do Espírito ou por meio de fontes que se originaram na inspiração do Senhor, como as escrituras e as palavras dos profetas. A humildade é o fértil e precioso solo do caráter justo. Nela, germinam as sementes do crescimento pessoal. Quando cultivadas pelo exercício da fé, podadas pelo arrependimento e fortalecidas pela obediência e boas obras, essas sementes produzem os desejados frutos da orientação espiritual.

A importância da humildade é ilustrada no versículo 28 da seção 1 de Doutrina e Convênios: “E se fossem *humildes*, fossem fortalecidos e abençoados do alto e recebessem conhecimento de tempos em tempos” (grifo do autor).

Ensine a seus alunos que não podemos “chamar” o Espírito, como alguns costumam dizer. Podemos criar um ambiente adequado para que o Espírito Santo nos instrua. A comunicação espiritual não pode ser forçada. Precisamos qualificar-nos e estar prontos para receber a orientação e direção do Senhor quando Ele decidir provê-las. Não importa quão urgente seja o nosso cronograma pessoal, o Senhor responde de acordo com Sua própria vontade.

Ao salientar a necessidade da obediência aos mandamentos de Deus para que sejamos orientados espiritualmente, os jovens compreenderão por que Satanás os tenta para que desobedeçam aos mandamentos. Mesmo coisas consideradas como transgressões pequenas afetarão seriamente a capacidade que eles têm de serem conduzidos pelo Espírito. As explicações e os exemplos que você oferecer ajudarão a confirmar na mente deles a determinação de serem justos para que se qualifiquem para serem conduzidos pelo Senhor, por intermédio do Espírito, nas importantes decisões que terão de tomar na vida.

A SALA DE AULA — UM LUGAR PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO

IRMÃ VIRGINIA H.
PEARCE

PRIMEIRA CONSELHEIRA NA
PRESIDÊNCIA GERAL DAS
MOÇAS

*Conference Report, outubro de
1996, pp. 12–15; ou Ensign,
novembro de 1996, pp. 11–14*

ESPERANÇA DE
PERMANECERMOS ATIVOS E
FIÉIS



Há vários meses, meu marido realizou o batismo de uma amiga querida. Durante a cerimônia, minha mente e meu coração voltaram-se para os anos que ela passara preparando-se para aquele momento: os princípios cuidadosamente ensinados, constantemente observados e serenamente aceitos; o reconhecimento da mão de Deus no decorrer de sua vida; a terna confirmação do Espírito quando escolhas corretas, embora difíceis, foram feitas. Recordei o passado e regoziquei-me com o presente, não podendo deixar de prever o futuro. Desejei, de todo o coração, que aquela mulher permanecesse ativamente filiada à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pelo resto da vida — que ela continuasse a aprender e a viver o evangelho e sentisse a plenitude de suas bênçãos.

Hoje, ao recordar essa esperança, penso nas 375.469 pessoas¹ que foram batizadas no ano passado. E penso então em todos nós. Aproximadamente nove milhões entraram nas águas do batismo em algum momento do passado. Embora a história de cada um seja exclusiva, todos chegamos à ordenança do batismo depois de termos aprendido as verdadeiras doutrinas do reino, tendo sentido o Espírito, compreendido como as doutrinas se inseriam no contexto de nossa vida e demonstrado o desejo de colocar em prática essas verdades.

Parece muito doloroso pensar na possibilidade, ou até probabilidade, de que nem todos continuaremos a “apegar-nos à Igreja e a viver os seus princípios”.² Muitos se afastarão, para nunca mais retornar a este feliz convívio. Alguns se afastarão por certo tempo e encontrarão o caminho de volta, tendo então maior senso de gratidão por sua participação no reino de Deus na Terra. A realidade da vida é que cada um de nós corre o risco de afastar-se ou até de escolher deliberadamente a inatividade.

A SALA DE AULA DA IGREJA PROMOVE O DESENVOLVIMENTO

Há muitas coisas que nos ajudam a permanecer ativos. Gostaria hoje de falar sobre uma delas. Gostaria de sugerir que a sala de aula comum da Igreja é um instrumento muito poderoso para nosso desenvolvimento constante e contínuo no evangelho.

As aulas da Escola Dominical, sacerdócio, Sociedade de Socorro, Moças, Primária, seminário e instituto podem ser dadas num edifício que tenha sido dedicado, debaixo de uma árvore ou em casa. Cada aula, porém, faz parte de um plano de ensino contínuo do evangelho. Podemos ter grandes esperanças na eficácia dessas horas de ensino! Nas salas de aula da Igreja podemos sentir repetidamente tudo aquilo que nos levou às águas do batismo; nelas aprendemos a doutrina e recebemos o testemunho que confirma sua veracidade; nelas compreendemos como a doutrina se aplica à realidade da vida diária e aceitamos o desafio de modificar nosso comportamento segundo esses ensinamentos.

ENSINAR, COMPREENDER A DOCTRINA E COLOCÁ-LA EM PRÁTICA

O currículo básico de todas as aulas da Igreja são as escrituras³ — elas contêm as doutrinas imutáveis do reino de Deus. Foram essas verdades que nos trouxeram para a Igreja. Se não continuarmos a aprendê-las, poderemos afastar-nos. “(...) Ensineis a doutrina do reino uns aos outros (...) para que estejais preparados em todas as coisas”.⁴

O Élder Boyd K. Packer disse: “A verdadeira doutrina, quando compreendida, modifica as atitudes e o comportamento”.⁵ Como sabemos que doutrina ensinar a cada semana? Encontramos essa resposta no objetivo da lição. Mas como *compreender* a doutrina de modo que ela modifique nossas atitudes e comportamento?

Para compreendê-la realmente, precisamos ver como a doutrina é colocada em prática. Nos manuais de aula, as histórias, os exemplos, as atividades e os jogos sugeridos têm por objetivo ajudar os alunos a compreenderem a doutrina dentro das situações reais da vida.

Como o dia-a-dia de cada pessoa varia muito nos 160 diferentes países onde temos classes organizadas, as histórias e os exemplos dos manuais podem às vezes confundir os alunos. Os professores devem, em espírito de oração, fazer adaptações, tendo sempre cuidado para que as atividades didáticas escolhidas expressem verdadeiramente a doutrina.

A meta do professor é mais do que apenas fazer uma palestra sobre a verdade. É convidar o Espírito e usar técnicas que aumentem a possibilidade de o aluno descobrir a verdade por si mesmo e depois se sentir motivado a colocá-la em prática.

APRENDER E DESENVOLVER HABILIDADES DIDÁTICAS

Embora alguns pareçam ter nascido para serem professores, as técnicas didáticas podem ser aprendidas com sucesso. Onde você, professor, pode melhorar suas aptidões? Pode observar outras pessoas e aprender com elas? Talvez conversar com um professor que admire e pedir-lhe que o observe e ofereça sugestões? E se procurar a presidência da Primária, caso dê aulas na Primária, ou a sua presidência da Escola Dominical, se estiver dando aulas na Escola Dominical? Se você pedir auxílio regular e específico a seu coordenador de aperfeiçoamento didático da ala, terá a seu dispor uma grande quantidade de recursos.⁶ Não é preciso lutar sozinho nesta Igreja. Recebemos ajuda de todos os alunos. Podemos fervorosa e corajosamente procurar aprender e praticar novas técnicas.

AS SALAS DE AULA DA IGREJA AFETAM A ATIVIDADE NA IGREJA

Tive uma conversa com um jovem da qual não consigo me esquecer. A história de sua atividade na Igreja, de total inatividade e volta à atividade incluía a descrição de duas salas de aula. Ele disse: “Quando eu tinha mais ou menos quinze anos, comecei a questionar uma porção de coisas na Igreja. Pensei que haveria uma oportunidade de conversar sobre minhas dúvidas na Igreja, mas isso não aconteceu. No sacerdócio, parecia que a maior parte do tempo todo mundo falava sobre o jogo da noite anterior. Na Escola Dominical acontecia o mesmo — com uma breve aula dada às pressas nos últimos cinco minutos, do tipo ‘adivinha qual é a resposta que está no manual’”.

Bem, outras coisas aconteceram: atividades até tarde da noite de sábado, uma mudança no horário das reuniões, que passaram a ser mais cedo, e em pouco tempo o rapaz deixou de freqüentar a Igreja. Passaram-se vários anos, até que ele voltasse a freqüentar a Igreja. Dessa vez seu rosto se iluminou ao descrever sua classe da Escola Dominical:

“O professor não tinha uma aparência que chamava a atenção, mas estava muito entusiasmado com o que ensinava. Não perdia um só minuto. Fazia perguntas significativas. Todos levavam as escrituras para a aula. Procuravam versículos. Ouviam uns aos outros. Falavam sobre problemas na escola e como esses problemas se enquadravam na lição. Podia-se perceber que os alunos eram todos diferentes, mas tinham uma coisa incrível em comum: todos estavam interessados em aprender o evangelho. Depois de cinco minutos, já sabia que aquele era um bom lugar para mim.”

COMO AJUDAR OS ALUNOS A APRENDER

Quão diferentes foram essas experiências! Podem imaginar centenas de milhares de salas de aula todos os domingos, cada uma com um professor que entende que “a aprendizagem deve ser feita pelo aluno? Portanto é ele quem precisa ser posto em atividade. Quando o professor vira o centro das atenções, ou torna-se a estrela do espetáculo, ou realiza toda a atividade, é quase certo que está interferindo com o aprendizado dos membros da classe”.⁷

Um professor habilidoso não pensa: “O que farei na classe hoje?” Ele pergunta: “O que meus alunos farão na classe hoje?” Não pensa: “O que ensinarei hoje?” mas, sim: “Como ajudarei meus alunos a descobrirem o que precisam saber?”⁸ O professor habilidoso não deseja alunos que saiam da classe comentando como o professor é maravilhoso e especial. Esse professor quer alunos que saiam da aula falando sobre como o evangelho é maravilhoso!

CRIE CONFIANÇA E SEGURANÇA NA CLASSE

Aprendemos melhor num ambiente no qual nos sintamos confiantes e seguros. Isso significa que as perguntas e contribuições de cada um são respeitadas. Quando nos sentimos seguros e incluídos num grupo, podemos fazer perguntas que nos ajudem a compreender o evangelho. Podemos falar de nossa fé e compartilhar explicações que auxiliem outras pessoas.⁹ Podemos tropeçar sem nos envergonharmos, ao tentarmos aplicar as lições ensinadas. Por outro lado, quando sentimos que precisamos nos proteger e defender, ou dar a impressão de sermos mais retos do que realmente somos, nossa energia é usada de modo contraproducente, ficando nossa aprendizagem e a dos outros seriamente comprometida. Manter um clima de confiança, no qual todos se sintam seguros, é responsabilidade tanto do professor quanto dos alunos.

O COMEÇO, O MEIO E O FIM DA AULA

Ouvi a irmã Janette Beckham, presidente geral das Moças, falar com simplicidade sobre como dar aulas. Ela disse:

“É responsabilidade do professor iniciar a lição e expor os fundamentos. A parte intermediária cabe aos alunos, que participam e trabalham juntos, buscando o entendimento e a aplicação prática. O professor precisa controlar o tempo, porque os últimos minutos da aula lhe pertencem. Ele tem a responsabilidade de esclarecer e resumir a doutrina ensinada de modo que os alunos não saiam da classe confusos a respeito da mensagem. Ele então pode prestar testemunho do princípio em discussão.”¹⁰

UMA CLASSE DAS MOÇAS BEM-SUCEDIDA

Para concluir, vocês gostariam de entrar comigo em uma classe de moças de doze e treze anos? Vejam as alunas descobrirem a doutrina. Observem a experiência proporcionada

às alunas pela professora, ajudando-as a relacionar a doutrina à realidade de seu dia-a-dia. Sintam o testemunho do Espírito.

Nossa professora puxa sua cadeira para um semicírculo formado por cinco moças. “Temos uma convidada esperando lá fora”, inicia ela. “É a irmã Joana. Ela vai mostrar-nos seu bebezinho e contar-nos como se sente como mãe. Ao observarem esse bebezinho, observem também a mãe. Vejam como ela trata o bebê; o que ela faz, o que ela diz. Conversaremos sobre a visita dela depois que for embora.”

A irmã Joana entra, passa sete ou oito minutos falando sobre seu bebê e respondendo a perguntas. As moças agradecem, e ela deixa a sala de aula.

“O bebê era uma gracinha, não era?” comenta a professora, diante do burburinho animado da classe. “Mas o que observaram a respeito da mãe?”

Um minuto de silêncio, então uma resposta: “Bem, ela estava muito feliz”. Outra: “Ela ficou embalando o bebê o tempo todo”. Mais algumas respostas, e depois Cátia comentou: “Ela falava — hum — bem baixinho”.

“Poderia discorrer mais a esse respeito?” incentivou a professora.

“Bem, a voz dela lembrou-me de minha mãe quando nos telefonou do hospital para avisar que tínhamos uma nova irmãzinha, no ano passado.”

A professora, voltando-se para as outras moças: “O que vocês acham? Alguém mais notou a voz dela?”

As moças ficaram pensativas e começaram a responder, usando palavras como “reverência”, “céu”, “amor”.

A professora: “Acho que compreendo. Creio que essas palavras nos vêm à mente porque estamos reconhecendo uma bela dádiva de nosso Pai Celestial. Ele nos ama e confia tanto em nós que está disposto a repartir Seus poderes de criação conosco. Sentimos muita gratidão e reverência por essa confiança. Ser mãe é um papel *divino*”.

Depois dessa clara declaração de doutrina e testemunho, nossa professora passa a uma atividade em que as moças identificam qualidades em suas mães, que mostram uma compreensão de que a maternidade é algo divino. “Poderiam preparar-se para a maternidade desde já colocando em prática esta semana uma dessas virtudes, como ser mais pacientes, mais bondosas, mais positivas?”

Cada uma das moças fala sobre sua escolha. Nossa professora presta seu testemunho. A aula termina com uma oração.

Uma aula simples, sem histórias sensacionais. As alunas não são altamente instruídas — simplesmente vieram preparadas para participar. A professora não tem dotes extraordinários — apenas se preparou espiritualmente e

usou técnicas que lhe permitiram ajudar as alunas a compreender e colocar em prática a doutrina verdadeira.

FORTALECER-NOS MUTUAMENTE NA SALA DE AULA

Telefonei para nossa amiga recém-batizada na semana passada, para saber como iam as coisas. A resposta dela foi entusiástica: “Meu marido e eu fomos chamados para dar aula para os jovens de 15 e 16 anos, e estou aprendendo muito!” Senti-me reconfortada e animada. Que melhor lugar do que uma sala de aula — para ela e para cada um de nós?

O Presidente Hinckley nos incentivou, dizendo: “Estamos todos juntos nessa empreitada e temos um grande trabalho à frente. Todo professor pode aperfeiçoar-se e ser melhor do que é hoje”.¹¹ Eu acrescentaria: Todo aluno pode aprender mais do que está aprendendo hoje. E toda classe pode melhorar.

Oro para que continuemos a apoiar-nos uns aos outros por meio de um aprendizado eficiente na sala de aula. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

ANOTAÇÕES

1. Ver Conference Report, abril de 1996, p. 28; ou *Ensign*, maio de 1996, p. 21.
2. “Apeguem-se à Igreja e vivam seus princípios, e não hesite em prometer-lhes que terão felicidade na vida, suas realizações serão significativas e terão motivos para ajoelhem-se e agradecerem ao Senhor por tudo o que Ele lhes fará, proporcionando-lhes maravilhosas oportunidades na vida” (Gordon B. Hinckley, citado em *Church News*, 3 de agosto de 1996, p. 2).
3. Ver *Instruções para os Líderes do Sacerdócio e das Auxiliares sobre o Currículo*, 1994, p. 1.
4. Doutrina e Convênios 88:77, 80.
5. “A doutrina verdadeira, quando compreendida, muda as atitudes e o comportamento. O estudo das doutrinas do evangelho transformará positivamente o comportamento, com mais rapidez do que o estudo do comportamento poderá melhorar o próprio comportamento” (*A Liahona*, janeiro de 1987, pp. 17–18).
6. Ver *Ensino — Não Há Maior Chamado*, 1978; *Instruções para os Líderes do Sacerdócio e das Auxiliares sobre o Aperfeiçoamento Didático*, 1993; *Ensinai-vos Uns aos Outros*, fita de vídeo, 1990.
7. *Ensinar o Evangelho: Um Manual para Professores e Líderes do SEI*, 1994, p. 14.
8. *Ensinar o Evangelho*, p. 13.
9. Ver Romanos 1:11–12.
10. Discurso não publicado.
11. “Estamos todos juntos nessa empreitada e temos um grande trabalho à frente. Todo professor pode aperfeiçoar-se e ser melhor do que é hoje. Todo líder pode aperfeiçoar-se e ser melhor do que é hoje. Todo pai, toda mãe, todo marido, toda esposa, todo filho pode ser melhor do que é hoje. Estamos no caminho que conduz à imortalidade e a vida eterna. O dia de hoje faz parte desse caminho. Nunca nos esqueçamos disso” (Gordon B. Hinckley, citado em *Church News*, 4 de novembro de 1995, p. 2).

Referências adicionais: I Tessalonicenses 5:11; Jacó 1:19; Alma 1:26; 29:8; Doutrina e Convênios 42:12; 43:8; 50:22; 88:122.

EDUCAÇÃO DOS JOVENS

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

PRESIDENTE DA IGREJA

Trecho de Pathways to Happiness, org. Llewelyn R. McKay, 1957, p. 61

O grande fator que influencia os alunos na sala de aula é o professor, sua personalidade, seu modo de pensar, não apenas o que ele diz, mas o que ele é real e verdadeiramente em seu coração — é isso que influencia os alunos.



LIMPAR O VASO INTERIOR

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

PRESIDENTE DA IGREJA

Conference Report, abril de 1986, p. 3; ou Ensign, maio de 1986, pp. 4-6.

Meus amados irmãos e irmãs, ao darmos início a mais outra conferência geral da Igreja, conto com sua fé e orações para que minhas palavras possam abençoá-los e edificá-los a alma. Reconheço que dependo do Senhor, e também sei que Jesus Cristo está à testa desta Igreja e que, por meio Dele, podemos fazer tudo o que for necessário.

DEDICAÇÃO, DEVOÇÃO E SERVIÇO

Cumprimento todos vocês que estão aqui nesta manhã, bem como aqueles que acompanham a transmissão desta reunião e os que tiverem a oportunidade de ouvir ou ler as mensagens desta conferência mais tarde.

Nosso coração transborda de imensa gratidão por todos vocês que contribuem para a edificação do reino de Deus na Terra. O Senhor sem dúvida Se agrada do tempo e amor consagrados e do generoso apoio de tantos de Seus santos no mundo inteiro.

Sua dedicação, devoção e serviço são um sinal de que a fé está realmente aumentando na Terra. Raramente os esforços de tão poucos resultaram em bênçãos para tantos!



GUARDA, QUE HOUE DE NOITE?

Ao buscar a orientação do Senhor, confirmou-se em meu pensamento e coração o mandamento do Senhor de “não [pregar] coisa alguma a esta geração, a não ser arrependimento” (D&C 6:9; 11:9) Esse tem sido o tema de todo profeta moderno, juntamente com seu testemunho de que Jesus é o Cristo e que Joseph Smith é um profeta de Deus.

O arrependimento foi a grande mensagem de nosso último e grande profeta, Spencer W. Kimball. Esse tema permeava seus discursos e escritos, como seu maravilhoso livro *O Milagre do Perdão*. E deve continuar sendo nossa mensagem de hoje, tanto para os membros como para os não-membros: arrependam-se.

Guarda, que houve de noite? Precisamos responder dizendo que nem tudo vai bem em Sião. Conforme recomendava o capitão Morôni, precisamos limpar o vaso interior (ver Alma 60:23), começando por nós mesmos, depois nossa família, e finalmente a Igreja.

UM POVO MUDADO!

Um profeta de Deus declarou: “Tirareis os maus, à medida que os bons forem crescendo (...) até que os bons sobrepujem os maus” (Jacó 5:66). É preciso um povo de Sião para produzir uma sociedade de Sião, e precisamos preparar-nos para isso.

Nos últimos anos, foram tomadas várias providências na Igreja para ajudar-nos. Publicaram-se novas edições das escrituras. Estamos tirando proveito delas? Mais templos foram construídos mais perto das pessoas. Estamos freqüentando mais amiúde a casa do Senhor? Estabelecemos o sistema de reuniões combinadas.

Estamos aproveitando o tempo livre resultante com nossa família? Providenciamos um novo manual para a noite familiar. Ele está sendo usado? Acabamos de publicar um novo hinário. Estamos entoando mais cantos do coração? (ver D&C 25:12). E a lista vai por aí afora. Temos recebido muita ajuda. Não precisamos mudar programas, precisamos de pessoas mudadas!

Recordamos as muitas maravilhosas palavras de conselho de nosso querido Presidente Kimball, entre as quais estava o incentivo de “alargar nosso passo”. Precisamos dessa orientação, porque o Livro de Mórmon nos adverte das táticas do adversário nos últimos dias: “E a outros pacificará e acalantar­á com segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem — e assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno” (2 Néfi 28:21).

Há muitas passagens de alerta no Livro de Mórmon, como esta: “Oh! Quisera que acordásseis; que acordásseis de um profundo sono, sim, do sono do inferno. (...) Despertai, (...) [e] cingi a armadura da retidão. Sacudi as correntes com que estais amarrados e saí da obscuridade e levantai-vos do pó” (2 Néfi 1:13, 23). Parece que, como povo, conseguimos sobreviver melhor e mais facilmente à perseguição do que suportar a paz e prosperidade.

IMORALIDADE SEXUAL

O maldito pecado desta geração é a imoralidade sexual. Essa, dizia o Profeta Joseph Smith, seria a pior de todas as fontes de tentações, provação e dificuldades para os élderes de Israel (ver *Journal of Discourses*, vol. 8, p. 55).

O Presidente Joseph F. Smith disse que a impureza sexual seria um dos três perigos internos da Igreja, e isso realmente é verdade (ver *Gospel Doctrine*, pp. 312–313). Ela infesta a nossa sociedade.

Na classificação dos pecados, o Livro de Mórmon coloca a falta de castidade logo abaixo do assassinato (ver Alma 39:5). Alma declarou: “Agora (...) eu quisera que te arrependesses e abandonasses teus pecados e que não mais sucumbisses à concupiscência dos teus olhos; (...) pois, a não ser que assim procedas, de nenhum modo herdarás o reino de Deus” (Alma 39:9). Se quisermos limpar o vaso interior, precisamos abandonar a imoralidade e ser puros.

LER MAIS O LIVRO DE MÓRMON

O Senhor declarou na seção 84 de Doutrina e Convênios que, a menos que leiamos o Livro de Mórmon e acatemos seus ensinamentos, a Igreja inteira estará sob condenação: “E essa condenação encontra-se sobre os filhos de Sião, sim, sobre todos” (D&C 84:56). O Senhor prossegue, dizendo: “E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, sim,

o Livro de Mórmon e os mandamentos anteriores que lhes dei, não somente por palavras, mas agindo de acordo com o que escrevi” (D&C 84:57).

Não somente precisamos *falar* mais do Livro de Mórmon, como precisamos *aproveitá-lo* melhor. Por quê? O Senhor responde: “Para que produzam frutos dignos do reino de seu Pai; caso contrário, há um flagelo e julgamento a deramar-se sobre os filhos de Sião” (D&C 84:58). Nós temos sentido esse flagelo e julgamento!

O Profeta Joseph Smith disse que “o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros da Terra e a pedra fundamental de nossa religião; e que seguindo seus preceitos o homem se aproximaria mais de Deus do que seguindo os de qualquer outro livro” (Livro de Mórmon, Introdução). O Livro de Mórmon não tem sido e ainda não é o ponto central de nosso estudo pessoal, nosso ensino no lar, nossa pregação e trabalho missionário. Disso precisamos arrepender-nos.

DECLARAÇÃO DO PRESIDENTE ROMNEY SOBRE A LEITURA DO LIVRO DE MÓRMON

Não conheço um só homem vivo atualmente que seja mais fiel ao Livro de Mórmon do que o Presidente Marion G. Romney. Num discurso de conferência geral, ele declarou que o Livro de Mórmon “é a nossa publicação missionária mais eficaz”. Citou Doutrina e Convênios, que declara que “o Livro de Mórmon e as santas escrituras são dadas por mim para vossa instrução” (D&C 33:16) e que “os élderes, sacerdotes e mestres desta igreja ensinarão os princípios de meu evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon” (D&C 42:12). O Presidente Romney acrescentou: “É naturalmente óbvio que, a menos que leiamos, estudemos e aprendamos os princípios encontrados no Livro de Mórmon, nós, élderes, sacerdotes e mestres desta igreja não podemos cumprir esse encargo de ensiná-los.

Mas existe outra razão para o lermos”, prosseguiu o Presidente Romney. “Fazendo isso, encheremos e refrescaremos nossa mente com um fluxo constante da ‘água’ que, segundo disse Jesus, será em nós ‘uma fonte de água que salte para a vida eterna’ (João 4:14). Se quisermos resistir ao mal e conservar a bênção de termos nascido de novo, precisamos de um suprimento contínuo dessa água. (...)

Para evitar a adoção dos males do mundo, precisamos seguir o rumo que diariamente nutra nossa mente e a leve de volta às coisas do Espírito. Não conheço modo melhor para isso do que ler o Livro de Mórmon. (...)

E então ele concluiu, dizendo: “E assim, eu os aconselho, meus amados irmãos, irmãs e amigos de toda parte, a adquirirem o hábito de ler o Livro de Mórmon diariamente, por alguns minutos, por toda a sua vida. . . .

Estou certo de que se os pais lerem em casa o Livro de Mórmon regularmente, em espírito de oração, tanto para si mesmos como com os filhos, o espírito desse grande livro acabará permeando nossos lares, bem como todos os que neles habitam. O espírito de reverência se intensificará; a consideração e o respeito mútuos aumentarão. O espírito de contenda se afastará. Os pais aconselharão os filhos com mais amor e sabedoria. Os filhos se mostrarão mais receptivos e obedientes aos conselhos dos pais. A retidão aumentará. Fé, esperança e caridade — o puro amor de Cristo — abundarão em nosso lar e nossa vida, proporcionando paz, alegria e felicidade” (Conference Report, abril de 1960, pp. 110–113).

ORGULHO

Gostaria de abordar agora um assunto muito sério que merece ser discutido com mais profundidade do que o tempo permite: o orgulho.

Nas escrituras, não existe menção a orgulho justo. Ele é sempre considerado pecaminoso. Não estamos falando do sadio sentimento de valor próprio, que se desenvolve melhor quando nos achegamos a Deus. Referimo-nos ao orgulho, que alguém chamou de o pecado universal.

Mórmon escreveu que “o orgulho desta nação, ou seja, do povo nefita, mostrou ser a sua destruição” (Morôni 8:27). O Senhor disse em Doutrina e Convênios: “Precavei-vos contra o orgulho, para que não vos torneis como os nefitas de outrora” (D&C 38:39).

“HUMILHAI-VOS DIANTE DE DEUS”

Basicamente, o orgulho é um estilo de vida mais voltado à “minha vontade” do que à “Tua vontade”. O oposto do orgulho é humildade, mansidão, submissão (ver Alma 13:28), ou seja, a capacidade de sermos ensinados.

Nos primórdios da igreja restaurada, o Senhor admoestou dois de seus membros eminentes por causa do orgulho. Para Oliver Cowdery, Ele disse: “Acautela-te (...) contra o orgulho, para que não caias em tentação” (D&C 23:1). Para Emma Smith, Ele disse: “Continua em espírito de mansidão, acautelando-se contra o orgulho” (D&C 25:14).

“Que não haja orgulho em teu coração”, adverte-nos o Senhor (D&C 42:40). “[Humilhai-vos] diante de Deus”, diz o Livro de Mórmon (Mosias 4:10).

Quando a Terra for purificada pelo fogo nos últimos dias, os orgulhosos serão como restolho (ver 3 Néfi 25:1; D&C 29:9; 64:24).

O grande e espaçoso edifício que Leí viu era o orgulho do mundo, no qual estavam reunidas as multidões da Terra (ver 1 Néfi 11:35–36). Aqueles que seguiam o caminho reto e estreito, apegando-se à palavra de Deus e participando de Seu amor, eram escarnecidos e ridicularizados

pelos que estavam nesse edifício (ver 1 Néfi 8:20, 27, 33; 11:25).

“Os humildes seguidores de Cristo” são poucos (2 Néfi 28:14).

NÃO SE FAÇA A MINHA VONTADE, MAS A TUA

O orgulho não atenta para Deus e não se importa com o que é certo. Olha de lado para os homens e discute quem está certo. O orgulho se manifesta no espírito de contenda.

Não foi por orgulho que o diabo se tornou diabo? Cristo queria servir. O diabo queria dominar. Cristo queria levar os homens para onde Ele estava. O diabo queria estar acima dos homens.

Cristo eliminou o ego com a força de Sua vida perfeita. Dizia: Faça-se a *Tua* vontade, não a *Minha*.

O orgulho caracteriza-se por “O que quero da vida?” em vez de “O que Deus quer que eu faça da minha vida?” É a vontade pessoal que se opõe à vontade de Deus. É o temor do homem acima do temor de Deus.

A humildade atende à vontade de Deus, ao temor de Seu juízo e às necessidades de nossos semelhantes. O aplauso do mundo agrada o ouvido do orgulhoso; para o humilde, o aplauso dos céus aquece o coração.

Disse alguém: “O orgulho não se compraz em ter alguma coisa, apenas em ter dela mais do que o próximo”. O Senhor disse a respeito de um certo irmão: “Eu, o Senhor, não estou satisfeito com ele, pois procura sobressair-se e não é suficientemente humilde perante mim” (D&C 58:41).

“OS INSTRUÍDOS E OS RICOS”

Os dois grupos do Livro de Mórmon que aparentemente têm mais problemas com o orgulho são “os instruídos e os ricos” (2 Néfi 28:15). Mas a palavra de Deus consegue abater o orgulho (ver Alma 4:19).

O orgulho é acompanhado de muitas maldições. A humildade traz numerosas bênçãos. Por exemplo: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações” (D&C 112:10). Os humildes serão “fortalecidos e abençoados do alto e [receberão] conhecimento” (D&C 1:28). O Senhor é “misericordioso para com aqueles que confessam seus pecados com o coração humilde” (D&C 61:2). A humildade consegue afastar a ira de Deus (ver Helamã 11:11).

É PRECISO LIMPAR O VASO INTERIOR

Meus amados irmãos e irmãs, ao limparmos o vaso interior, haverá mudanças em nossa própria vida, na de nossos familiares e na Igreja. Os orgulhosos não mudam para melhor, mas defendem sua posição, racionalizando-a.

Arrependimento significa mudança, e para mudar é preciso que a pessoa seja humilde. Mas nós podemos mudar.

Fizemos progressos maravilhosos no passado. Alargaremos nossos passos no futuro. Para isso, precisamos primeiro limpar o vaso interior, despertando e erguendo-nos, sendo moralmente puros, usando o Livro de Mórmon de

maneira que o Senhor retire a condenação, e, por fim, vencendo o orgulho, humilhando-nos.

Podemos fazê-lo. Sei que podemos. Que o façamos é minha oração por todos nós. Deus os abençoe por todo o bem que têm feito e irão fazer. Deixo minhas bênçãos com todos vocês e o faço em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

OBTER E MANTER A INTEGRIDADE DAS ESCRITURAS E DA DOCTRINA

EDWARD J. BRANDT
DIRETOR DA DIVISÃO DE
AValiação DA CORRELAÇÃO,
DEPARTAMENTO DE
CORRELAÇÃO

*A Current Teaching
Emphasis for the Church
Educational System, 2003
(fita de vídeo de treinamento em
serviço), pp. 7–11*



A administração do Sistema Educacional da Igreja pediu-me que abordasse com vocês o tema “Obter e Manter a Integridade das Escrituras e da Doutrina” ou, em outras palavras, “esforçar-nos para manter a doutrina pura”.

Sei que a maioria de vocês é sincera e honesta e procura esforçar-se ao máximo para ensinar o evangelho de Jesus Cristo, conforme foi restaurado nestes últimos dias por intermédio do Profeta Joseph Smith. Conheci e observei alguns, porém, que embora fossem sinceros, estavam às vezes enganados ou cometiam erros. Se uma doutrina falsa ou uma interpretação incorreta das escrituras ou das declarações dos profetas for ensinada, de modo geral isso não acontece intencionalmente. Às vezes nos expressamos incorretamente. Às vezes nos falta preparação. Talvez muito freqüentemente estejamos tentando instruir sem conhecermos bem o assunto e sem a devida preparação. Há ocasiões em que estamos mal-informados. Às vezes, porém, presumimos ter um conhecimento ou autoridade que não nos cabe por direito. Todos esses fatores precisam ser cuidadosamente levados em consideração, além de nossa boa intenção ao cumprir nossas responsabilidades.

As aberrações ou desvios da verdade sempre encontram uma forma de chamar a atenção de outras pessoas. Os desvios da verdades se manifestam de várias maneiras. Há uma multidão de testemunhas de nosso trabalho e do que dizemos ou fazemos.

Quando nossos ensinamentos parecem estar incorretos ou estranhos, eles chamam a atenção do Sistema Educacional da Igreja por meio de reclamações de várias pessoas. Muitos de nossos alunos têm uma sensibilidade espiritual para o que não é legítimo ou que pareça estar incorreto. Essas coisas freqüentemente são transmitidas aos pais, ou podem ser observadas pelos pais em comentários feitos pelos filhos sobre coisas aparentemente erradas. Os pais comunicam suas preocupações aos líderes do sacerdócio. Os líderes do sacerdócio têm a oportunidade de entrevistar regularmente os jovens e ouvir deles ou de outras pessoas o relato de coisas que não pareçam estar corretas.

Recebemos também relatórios de líderes, diretores e administradores do Sistema Educacional da Igreja. Algumas dessas questões são encaminhadas às Autoridades Gerais e Autoridades de Área da Igreja. Embora as Autoridades Gerais repassem a maioria dessas questões para que sejam resolvidas pela administração do Sistema Educacional da Igreja, eles têm muito interesse e preocupação por essas coisas.

Muitas coisas também são levadas ao conhecimento do Departamento de Correlação da Igreja para análise e avaliação. Pediram-me que lhes apresentasse algumas sugestões, à guisa de orientação e cautela, as quais lhes podem ser muito úteis em seu esforço para obter e manter a integridade das escrituras e da doutrina em seu ensino.

A fonte básica que consultamos são as escrituras. O Senhor disse que devemos “[ensinar] os princípios de meu evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, no qual se acha a plenitude do evangelho.

E observarão os convênios e regras da igreja e cumpri-los-ão e estes serão seus ensinamentos, conforme forem dirigidos pelo Espírito.

E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:12–14).

O Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“As obras-padrão (...) são o reservatório de nossa doutrina do qual fluem as águas da luz do evangelho. Elas são o padrão por meio do qual avaliamos toda doutrina do evangelho. Todos os outros [materiais] devem provir da palavra do Senhor, conforme estabelecida nesses livros” (“Cornerstones of Responsibility”, seminário de representantes regionais, 5 de abril de 1991, p. 2).

Outro alicerce sobre o qual deve ser estabelecido o nosso ensino é mencionado nas revelações que instruem que devemos ensinar “nada mais do que escreveram os profetas e apóstolos e o que lhes foi ensinado pelo Consolador por meio da oração da fé” (D&C 52:9).

E novamente “nada mais declarando do que os profetas e apóstolos” (D&C 52:36).

Qual é a posição especial dos profetas e apóstolos em relação ao privilégio que temos de ensinar?

Há muitos anos, o Presidente J. Reuben Clark Jr., falando para os professores do sistema educacional da Igreja, ensinou o seguinte:

“Algumas Autoridades Gerais [os Apóstolos] foram designados a um chamado especial; eles possuem um dom especial; são apoiados como profetas, videntes e reveladores, o que lhes concede uma investidura espiritual especial em relação aos ensinamentos que ministram às pessoas. Eles têm o direito, o poder e a autoridade de declarar a mente e a vontade de Deus para Seu povo, estando sujeitos ao poder e autoridade supremos do Presidente da Igreja. As outras Autoridades Gerais não recebem essa investidura espiritual especial”. Essa limitação resultante “se aplica a todos os outros líderes e membros da Igreja, porque nenhum deles foi espiritualmente investido como profeta, vidente e revelador” (“When Are Church Leader’s Words Entitled to Claim of Scripture?” *Church News*, 31 de julho de 1954, pp. 9–10).

Eles [os profetas, videntes e reveladores] têm uma investidura espiritual especial em relação aos ensinamentos que ministram às pessoas. Nenhum outro líder ou membro tem essa mesma investidura espiritual especial. Portanto, ao avaliarmos nossos materiais de recursos básicos, precisamos perguntar-nos, como o Apóstolo Paulo disse a Timóteo:

“Permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido” (II Timóteo 3:14).

“Sabendo de quem o tens aprendido.” Quais são suas fontes básicas? São as escrituras? Paulo escreveu:

“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça.

Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (II Timóteo 3:16–17).

Há espírito e poder nas escrituras. Usem a linguagem das escrituras ou as expressões nelas contidas ao ensinar. Não as substituam por linguagem moderna ou clichês, nem as interpretem com suas próprias paráfrases. Deixem que as escrituras falem por si mesmas.

Utilizar escrituras fora de contexto — retirar frases ou versículos das escrituras, geralmente fora do contexto, forçando-as a provar um ponto de vista ou estabelecer uma suposta base das escrituras para a nossa própria interpretação pessoal — essa é uma das maneiras mais comuns de desviar-nos da doutrina.

Os seguintes princípios ensinados pelo Élder Boyd K. Packer podem ser úteis em nosso ensino das doutrinas básicas da Igreja:

“Primeiro: A instrução vital para nossa salvação não está oculta num versículo ou frase obscura das escrituras. Pelo contrário, as verdades essenciais são repetidas muitas e muitas vezes.

Segundo: Todo versículo, seja ele freqüente ou raramente citado, precisa ser comparado a outros versículos. Existem ensinamentos complementares e harmonizadores nas escrituras que proporcionam um conhecimento equilibrado da verdade.

Terceiro: Há coerência entre aquilo que o Senhor diz e o que Ele faz. (...)

Quarto: Nem tudo que Deus disse está na Bíblia. Outras escrituras — o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor — têm igual validade e apóiam-se mutuamente.

Quinto: Embora muitas coisas tenham que ser aceitas simplesmente pela fé, há revelação individual por meio da qual podemos conhecer a verdade. (...) Aquilo que talvez esteja obscuro nas escrituras pode ser esclarecido pelo dom do Espírito Santo. Podemos ter pleno entendimento das coisas espirituais, se estivermos dispostos a buscá-lo” (Conference Report, outubro de 1984, p. 81; ou *Ensign*, novembro de 1984, p. 66).

Devemos também observar que “muitos elementos da verdade só são compreendidos depois de uma vida inteira de preparação” (Boyd K. Packer, Conference Report, abril de 1974, p. 138; ou *Ensign*, maio de 1974, p. 95).

Há uma ordem ou desígnio que devemos seguir em nossa preparação e ensino que proverá a visão e o poder do evangelho em tudo que procuramos realizar. O Élder Packer nos instruiu, dizendo:

“O curso que seguimos não é criação nossa. O plano de salvação, o grande plano de felicidade, nos foi revelado, e os profetas e Apóstolos continuam a receber revelação, à medida que a Igreja e seus membros necessitem mais. (...)

(...) As escrituras provêm o padrão e a base da doutrina correta.

A partir da doutrina, aprendemos princípios de conduta e a maneira certa de agir em relação aos problemas de nossa vida diária” (Conference Report, abril de 1994, pp. 25–26; ou *Ensign*, maio de 1994, p. 20).

“Um princípio é uma verdade permanente, uma lei, uma regra que se pode adotar para tomar decisões. De modo geral, os princípios não são explicados em detalhes. Esse fato deixa-nos livres para descobrir por nós mesmos o que é adequado ou não de se fazer, tomando o princípio como base” (Boyd K. Packer, Conference Report, abril de 1996, p. 22; ou *Ensign*, maio de 1996, p. 17).

As escrituras, portanto, são a base da doutrina. A partir das escrituras, aprendemos a doutrina correta. A partir da doutrina, aprendemos princípios. A partir dos princípios e com a ajuda do Espírito podemos descobrir como eles se aplicam a nossas necessidades e situações atuais.

O resultado desse ensino proporciona a base para o desenvolvimento e crescimento pessoais:

“A doutrina verdadeira, quando compreendida, muda as atitudes e o comportamento.

O estudo das doutrinas do evangelho transformará positivamente o comportamento, com mais rapidez do que o estudo do comportamento poderá melhorar o próprio comportamento” (*A Liahona*, janeiro de 1987, pp. 17–18).

Programas, processos e apresentações sem base nas escrituras e sem a compreensão da doutrina são pouco eficazes e não têm o potencial e a capacidade de mudar a vida das pessoas. É sobre essa base que precisamos ajudar nossos alunos a encontrar a aplicação prática na vida deles.

Recentemente, o Élder Dallin H. Oaks ilustrou a grande força que há nisso:

“Os professores que receberam o mandamento de ensinar ‘os princípios do evangelho’ e ‘a doutrina do reino’ (D&C 88:77) em geral devem abster-se de ensinar regras ou aplicações específicas. Não devem, por exemplo, ensinar uma regra que determine o que é um dízimo integral, tampouco fazer uma lista do que *se deve* ou *não* fazer no Dia do Senhor. Uma vez tendo ensinado a doutrina e os princípios a ela relacionados, conforme se encontram nas escrituras e nas palavras dos profetas vivos, essas aplicações específicas ou regras normalmente são de responsabilidade do indivíduo e das famílias.

(...) Quando ensinamos doutrinas e princípios do evangelho, qualificamo-nos a receber o testemunho e a orientação do Espírito para corroborar nosso ensino, e encaminhamos os alunos a exercerem sua fé para buscar a orientação desse mesmo Espírito a fim de colocar esses ensinamentos em prática em sua vida pessoal” (Conference Report, outubro de 1999, p. 102; ou *Ensign*, novembro de 1999, p. 79–80).

Para resumir, o Élder Harold B. Lee ensinou:

“Nossa maior esperança de mantermos a pureza da doutrina está em termos membros que conheçam e compreendam as implicações da doutrina por terem ‘testemunhado por si mesmos’” (“Special Challenges Facing the Church in Our Time”, seminário de representantes regionais, 3 de outubro de 1968, p. 7).

Ou seja, eles seguiram a admoestação do Salvador: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:17).

Aderir a esses princípios pode ser uma rede de proteção para evitar que a pessoa se afaste do caminho estabelecido, o caminho estreito e apertado. Portanto, perguntem-se a si mesmos: “Será que já ensinei uma doutrina falsa?” Tenho certeza que todos já fizemos isso, mas à medida que aprendemos e nos esforçamos para ter o Espírito do Senhor em nossa vida, podemos corrigir-nos.

O Élder Boyd K. Packer ensinou:

“Um membro, em dado momento, pode talvez não compreender este ou aquele ponto de doutrina, ter um conceito falso, ou até acreditar que algo que é verdadeiro seja falso.

Não há tanto perigo nisso. É uma parte inevitável do aprendizado do evangelho. Nenhum membro da Igreja deve ficar envergonhado por precisar arrepender-se de um conceito falso no qual tenha acreditado. Essas idéias são corrigidas à medida que a pessoa se desenvolve em luz e conhecimento.

Não há problema em *crer* num conceito falso, o problema é *ensiná-lo* a outras pessoas” (Conference Report, abril de 1985, pp. 43–44; ou *Ensign*, maio de 1985, p. 35).

Portanto, há uma ordem que o Presidente Harold B. Lee deu para os funcionários do sistema educacional da Igreja há muitos anos. Esse deve ser um ponto-chave de nosso ensino. Ele disse:

“Vocês, professores, não estão sendo enviados para ensinar doutrina nova. Vocês devem ensinar as velhas doutrinas, não apenas de modo suficientemente claro para que as pessoas simplesmente as compreendam, mas vocês devem *ensinar as doutrinas da Igreja de modo tão claro que ninguém as compreenda erroneamente*” (“Loyalty”, discurso para educadores religiosos, 8 de julho de 1966, p. 9; ver também *Charge to Religious Educators*, 3ª ed., 1994, p. 119).

Um elemento essencial no ensino dos princípios do evangelho é estar atento às necessidades, à preparação espiritual e à maturidade dos alunos com os quais estiver trabalhando. O Élder Boyd K. Packer, professor exemplar, deu este sábio conselho:

“Algumas coisas verdadeiras não são muito úteis. (...)

Ensinar certas verdades de modo prematuro ou no momento errado pode causar sofrimento e decepção em vez da alegria que deveria acompanhar o aprendizado.

(...) As escrituras ensinam enfaticamente que precisamos oferecer leite antes de carne. O Senhor deixou bem claro que algumas coisas devem ser ensinadas de modo bem seletivo, e outras somente para os que são dignos.

Não importa apenas *o que* aprendemos, mas também *quando* o aprendemos. Tome cuidado para edificar a fé em vez de destruí-la” (*The Mantle Is Far, Far Greater than the Intellect*, discurso para o quinto simpósio anual dos educadores religiosos do Sistema Educacional da Igreja, 1981, pp. 4–5).

Além disso, o Élder Lee disse:

“Temos, em nossa época, a imensa tarefa de manter a pureza da doutrina. (...) *As doutrinas da Igreja não são ‘nossas’, mas, sim, ‘Dele’, a quem esta Igreja pertence!* É isso que precisamos deixar bem claro para todos. Se deixarmos de manter puras e simples as doutrinas dadas por Cristo, isso causaria muito sofrimento para a humanidade, tanto aqui quanto na eternidade. Por esse motivo, a especulação inútil, o fascínio pelos mistérios e a tendência que têm alguns professores de acrescentar seu próprio ponto de vista ao explicar o evangelho precisam ser combatidos” (“Special Challenges Facing the Church in Our Time”, p. 6).

Duas áreas parecem apresentar mais problemas para os professores que têm desafios em relação à doutrina:

Uma delas é compartilhar coisas impróprias. Alguns acham que têm uma visão mais elevada, uma interpretação mais profunda. Vocês precisam fazer uma auto-análise para certificarem-se de que não estão ensinando algo simplesmente para demonstrar que sabem algo que imaginam que ninguém mais saiba, e que não estejam tentando impressionar os alunos ou fornecer informações que estejam além do que alguns chamam de “as mesmas coisas maçantes de sempre”. Lembrem-se da advertência dada a uma pessoa que supunha ter conhecimento e compreensão e buscava reconhecimento:

“E quanto a meu servo Almon Babbit: Há muitas coisas que não me agradam; eis que ele aspira a estabelecer seu próprio conselho, em vez do conselho que decretei, sim, o da Presidência de minha Igreja; e estabelece um bezerro de ouro para meu povo adorar” (D&C 124:84).

Se surgirem dúvidas em sua mente a respeito das coisas que estiverem ensinando, e elas retornarem repetidas vezes, então algo está errado. Deixem essas coisas de lado, ou ao menos testem-nas com outras pessoas, alguns de seus colegas ou outras pessoas com bom conhecimento. Peçam-lhes um parecer sincero e aberto acerca do que estiverem propondo. Pode ser que vocês saibam mais do

que é justo e adequado compartilhar. Vocês devem ensinar apenas aquilo que o Espírito Santo lhes deu permissão e autorização para ensinarem. Não tentem estar um passo à frente das Autoridades Gerais. Vocês ficarão perdidos sem o Espírito. A experiência lhes mostrará que não estão isentos de terem que usar o bom senso.

Outras áreas preocupantes são aqueles assuntos que se afastam do cerne e da alma do evangelho e fazem com que o professor deixe de lado as coisas mais importantes e se desvie do rumo certo. Às vezes há a tentação de entreter ou divertir. Geralmente se tratam de coisas interessantes de se saber. Certifiquem-se de confirmar e comprovar tudo que ensinarem em fontes *confiáveis*. Jamais forneçam informações aos alunos com base em boatos ou rumores. As coisas que são ensinadas somente por serem interessantes, de modo geral, são uma perda de tempo.

É importante mantermos o equilíbrio em tudo o que fazemos. A preocupação com determinado tópico ou tema resulta numa visão inadequada ou distorcida da relação entre aquele assunto e outros elementos do evangelho. Trata-se da mania de tocar sempre a mesma nota, da qual padecem algumas pessoas. Alguns, por exemplo, preocupam-se demais com a geografia do Livro de Mórmon. O Élder James E. Faust disse:

“É importante sabermos as coisas que o Livro de Mórmon *não* é. Ele não é fundamentalmente um livro de história, embora muito de seu conteúdo seja histórico. (...)

[O Presidente] George Q. Cannon declarou que ‘o Livro de Mórmon não é uma cartilha geográfica. Não foi escrito para ensinar fatos geográficos. Tudo o que é nos dito sobre a situação de diversas terras ou cidades (...) de modo geral não passa simplesmente de um comentário superficial relacionado com as partes doutrinárias ou históricas da obra’. (...)

O teste para se compreender esse livro sagrado é preeminentemente espiritual. Uma obsessão pelo conhecimento secular em lugar da compreensão espiritual tornará o seu conteúdo difícil de ser entendido” (Conference Report, outubro de 1983, pp. 10–11; ou *Ensign*, novembro de 1983, p. 10).

A respeito do Livro de Mórmon, o Presidente Hinckley disse:

“A prova de sua veracidade, de sua validade num mundo que tem a tendência de exigir comprovações, não está na arqueologia ou na antropologia, embora elas possam ser úteis para alguns. Não está na pesquisa semântica ou na análise histórica, embora essas coisas possam confirmar sua veracidade. A prova de sua veracidade e validade está no conteúdo do livro propriamente dito. (...)

(...) Ele é outra testemunha para uma geração cheia de dúvidas de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus Vivo”

(Conference Report, outubro de 1984, p. 69; ou *Ensign*, novembro de 1984, p. 52).

Em resumo, o Presidente J. Reuben Clark Jr., em *The Charted Course of the Church in Education*, fez esta advertência:

“Grande será o fardo e a condenação de todo professor que semear a dúvida em uma alma confiante. (...)”

(...) Vocês não podem deixar que sua filosofia pessoal seja introduzida em seu trabalho, não importa qual seja a fonte disso ou quão agradável ou racional lhes pareça. (...)

(...) Vocês não podem mudar as doutrinas da Igreja nem torná-las diferentes de como estão declaradas nas obras-padrão da Igreja e por aqueles que têm autoridade para proclamar a mente e a vontade do Senhor para a Igreja. O Senhor declarou que Ele é ‘o mesmo ontem, hoje e para sempre’ (2 Néfi 27:23)” (Edição revisada, 1994, pp. 3, 10).

O Élder Mark E. Petersen, ao instruir os funcionários do sistema educacional da Igreja, disse, em certa ocasião:

“Nossas autoridades são as escrituras, as quatro obras-padrão. Joseph Smith e os outros Presidentes e líderes também são nossas autoridades. São nossos principais líderes. Precisamos ensinar como eles ensinam. Precisamos evitar as doutrinas que eles evitam” (“Avoiding Sectarianism”, *Charge to Religious Educators*, 2ª ed., 1982, p. 118).

Alguns argumentam, dizendo: “Mas devemos ensinar pelo Espírito; e orei fervorosamente, e sinto que o Espírito me deu essa visão adicional, essa nova perspectiva, essa verdade maior ou mais elevada”.

Há muitos anos, uma das Primeiras Presidências da Igreja promulgou esta advertência:

“Não se deixem conduzir por qualquer espírito ou influência que desacredite a autoridade estabelecida (...) ou que os afaste das revelações diretas de Deus para o governo da Igreja. O Espírito Santo não contradiz suas próprias revelações. A verdade está sempre em harmonia consigo mesma. O zelo excessivo freqüentemente encobre o erro. Os conselhos do Senhor transmitidos por meio dos canais por Ele designados serão seguidos com segurança” (Joseph F. Smith, Anthon H. Lund e Charles W. Penrose, “A Warning Voice”, *Improvement Era*, setembro de 1913, p. 1149).

Lembrem-se: O Espírito Santo (o Espírito do Senhor) não Se contradiz.

Esperamos que esta revisão de alguns fundamentos básicos possa ajudá-los em seu trabalho de professores do Sistema Educacional da Igreja. Que maravilhosa oportunidade vocês têm de instruir os filhos e filhas espirituais de nosso Pai Celestial aqui na mortalidade, ensinando-lhes verdades eternas.

Continuem em espírito de oração, preparação e concentração, mantendo seu ensino simples e direto. Certifiquem-se de que tudo que ensinarem esteja fundamentado nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas e apóstolos, porque eles têm uma investidura espiritual especial em relação a seus ensinamentos. Sigam esses princípios de doutrina baseados nas escrituras, porque há segurança em fazê-lo, e as bênçãos do céu acompanharão seu ensino. Lembrem-se também de que vocês ensinam o que vocês são. Mantenham em ordem sua vida pessoal, material e espiritual.

O GRANDE PLANO DE FELICIDADE

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Discurso para educadores religiosos proferido em simpósio sobre Doutrina e Convênios e História da Igreja, Universidade Brigham Young, 10 de agosto de 1993

Conversei com o Presidente William E. Berrett há poucos dias. Ele ainda estava no hospital. Agora está descansando confortavelmente, aguardando com serenidade o momento de sua formatura da vida mortal.



Há algum tempo, ele disse para o irmão Tuttle e para mim que quando era adolescente no sul do vale do Lago Salgado, que naquela época era uma área rural, os jovens de sua ala eram muito encrenqueiros, tal como acontece na ala de vocês — tal como acontece em sua sala de aula. Foi na época em que o seminário começou. Um bispo muito preocupado chamou um homem para dar aula para os jovens. O irmão Berrett o descreveu como um converso da Europa que não sabia falar inglês muito bem. Esse era um motivo para que ele não fosse chamado. E era idoso; outro motivo para não ser chamado. Mas o bispo o chamou mesmo assim.

O irmão Berrett então nos contou como foram as aulas. A princípio, eles não conseguiam entendê-lo muito bem. O irmão Berrett concluiu sua descrição desse período da sua

vida, dizendo: “O professor assassinava a rainha da Inglaterra a cada frase que proferia, mas podíamos aquecer-nos na chama de sua fé”. “Podíamos aquecer-nos na chama de sua fé”. Ele considerava aquele professor uma grande influência em tudo que aconteceu posteriormente em sua vida.

Ao longo dos anos, procurei manter-me próximo do sistema educacional da Igreja. Conheci em pessoa praticamente todos os pioneiros do programa do seminário e instituto, desde o seu princípio. A contribuição que fizeram em minha vida é inestimável e imensurável.

Todos sabem da crise de valores que o mundo está enfrentando e a séria influência que isso tem sobre muitos membros da Igreja. Sabem dos desafios que os jovens enfrentam por causa disso. Não é muito diferente do que Mosias enfrentou quando:

“Aconteceu que havia muitos da nova geração que não podiam compreender as palavras do rei Benjamim, pois eram criancinhas na época em que ele falara a seu povo; e não acreditavam na tradição de seus pais.

Não acreditavam no que fora dito sobre a ressurreição dos mortos nem acreditavam no que se referia à vinda de Cristo.

Ora, por causa de sua incredulidade não podiam compreender a palavra de Deus; e seu coração estava endurecido” (Mosias 26:1–3).

Mais tarde, Alma encontrou Corior, o anticristo, e enfrentou a apostasia dos zoramitas — creio que tudo isso não é muito diferente do que está acontecendo na Igreja hoje.

Há poucos dias, num momento de grande preocupação em relação a uma rápida série de eventos que mostraram como as pessoas que têm sentimentos de crítica, desafio e apostasia são um problema para a Igreja, tive uma impressão, como acontece quando recebemos revelação. Foi forte e clara, porque eu refletia em minha mente: “Por quê? Por que justamente agora quando precisamos tanto permanecer unidos?” Então, veio a resposta: “Permitiu-se que isso acontecesse agora para que os justos fossem separados dos iníquos, mas a repercussão na Igreja será mínima”.

Alma enfrentou Corior e a apostasia dos zoramitas, mas não teve dúvidas sobre o que precisava ser feito. O registro relata:

“Como a pregação da palavra exercia uma grande influência sobre o povo, levando-o a praticar o que era justo — sim, surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhe houvesse acontecido — Alma, portanto, pensou que seria aconselhável pôr à prova a virtude da palavra de Deus” (Alma 31:5).

“Seria aconselhável pôr à prova a virtude da palavra de Deus.”

As doutrinas individuais do evangelho não estão plenamente explicadas em um único lugar das escrituras, tampouco estão apresentadas em ordem ou seqüência. Precisam ser reunidas, uma parte aqui, outra ali. Às vezes são encontradas em grandes segmentos, mas na maioria das vezes são pequenos trechos espalhados ao longo dos capítulos e versículos.

Vocês podem achar que se todas as referências sobre o batismo, por exemplo, estivessem reunidos em um único capítulo de cada obra-padrão, e todas as referências sobre revelação em outro, o aprendizado do evangelho se tornaria muito mais simples. Aprendi a ter imensa gratidão pela forma como as escrituras estão arranjadas. Por causa dessa disposição das escrituras, existem infinitas combinações de verdades que se adaptam às necessidades de todos os indivíduos em todas as situações.

Quando estive no exterior a serviço das forças armadas, estudando o Livro de Mórmon com seriedade pela primeira vez na vida, aprendi a conhecer as referências e as notas de rodapé muito simples que existiam naquela época. Segui uma nota de rodapé de um dos primeiros capítulos do Livro de Mórmon até um versículo de um capítulo bem mais adiante. O assunto mudou. Encontrei um erro nas notas de rodapé, ou pensei que tinha encontrado!

Então, subitamente, como uma inspiração — uma inspiração revelada — percebi a relação entre os dois assuntos. Concluí não apenas que não havia erro algum, mas também que a pessoa que havia arranjado as notas de rodapé tinha sido realmente inspirada.

Nossos jovens precisam saber como marcar as escrituras, e precisam ter algum tipo de sistema de arquivos. Além disso, se vocês derem a cada um deles uma estrutura na qual as verdades que forem descobrindo aleatoriamente possam ser organizadas em um testemunho pessoal, terão feito um grande bem para seus alunos.

Depois de eu ter dado aula no seminário por vários anos, descobri algo que fez uma grande diferença no volume de informações que os alunos aprendiam e de quanto conseguiam se lembrar.

Descobri o seguinte: é muito proveitoso apresentar uma *breve* porém cuidadosamente organizada visão geral do curso inteiro, bem no seu início.

Tomemos, por exemplo, um curso sobre história da Igreja. Uma aula ou duas para apresentar uma visão geral, cobrindo a Apostasia, a Restauração, o Martírio, as perseguições, a mudança para o oeste, a expansão da Igreja no mundo inteiro, tudo isso em uma aula ou duas, proporciona uma estrutura sobre a qual os alunos podem organizar as informações que vocês irão ensinar-lhes, à medida que refizerem essa mesma jornada em velocidade bem mais lenta, no decorrer do curso. É como a abertura de uma ópera ou de um musical.

Essas primeiras aulas, um investimento de tempo relativamente tão pequeno, possibilitará que os alunos se localizem ao longo do caminho. Poderão sentir como será o curso. Reterão muito mais se souberem como todas as peças se encaixam. A luz do aprendizado deles brilhará bem mais forte. Essa visão geral proporcionará um alicerce que terá um valor bem maior do que todo o tempo e trabalho nele investido.

Só lamento ter descoberto esse princípio quase no fim de meu trabalho no seminário, em vez de no início. Os alunos teriam aprendido muito mais, se eu tivesse descoberto isso mais cedo.

Seja qual for o curso que vocês estejam ministrando, uma breve visão geral, mesmo na forma de esboço, pode criar uma estrutura sobre a qual nossos jovens poderão colocar as verdades que vocês apresentarão, muitas das quais são abordadas aleatoriamente.

Há uma estrutura adequada para todos os cursos que vocês derem. Os elementos dessa estrutura encontram-se em toda parte nas escrituras. Ela tem muitos nomes:

- O misericordioso plano do grande Criador (ver 2 Néfi 9:6).
- O plano de misericórdia (ver Alma 42:15).
- O grande plano de misericórdia (ver Alma 42:31).
- O plano de redenção (ver Jacó 6:8; Alma 12:25–26, 30, 32; 17:16; 18:39; 22:13–14; 29:2; 39:18; 42:11, 13).
- O plano eterno de redenção (ver Alma 34:16).
- O grande plano de redenção (ver Alma 34:31).
- O plano de salvação (ver Jarom 1:2; Alma 24:14; 42:5; Moisés 6:62).
- O plano de nosso Deus (ver 2 Néfi 9:13).
- O grande plano do Deus Eterno (ver Alma 34:9).
- O plano eterno de libertação (ver 2 Néfi 11:5).
- O plano de felicidade (ver Alma 42:16).
- O grande plano de felicidade (ver Alma 42:8).
- O plano de restauração (ver Alma 41:2).
- O plano dos Deuses (ver Abraão 4:21).

Todas exceto duas dessas referências vieram do Livro de Mórmon; duas são encontradas na Pérola de Grande Valor.

Uma breve visão geral do “plano de felicidade” (que é minha escolha, meu título favorito, ao referir-me ao plano), se for apresentada bem no início do curso e revisado de tempo em tempo, será de imenso valor para seus alunos.

Tenho uma designação para vocês. Vocês estavam esperando por isso, não é? Estão designados a preparar uma breve sinopse ou visão geral do plano de felicidade, o

plano de salvação. Elaborem-no como uma base sobre a qual seus alunos poderão organizar as verdades que irá ensinar-lhes.

A princípio, podem achar que se trata de uma designação muito simples. Garanto-lhes que não é. É extremamente difícil conseguir fazer com que seja breve e simples. A princípio pode ser que sejam tentados a incluir coisas demais. O plano em sua plenitude abrange toda a verdade do evangelho.

Alguns santos que partiam de Nauvoo não quiseram obedecer ao limite de carga estabelecido pelos líderes da Igreja. Pagaram bem caro por isso, posteriormente. Pode ser que vocês, tal como eles, irão querer incluir coisas demais em sua visão geral. Com certeza, sentirão muito pelo que terão de deixar de lado. Os pioneiros de carrinhos de mão só podiam levar aproximadamente 35 kg. Essa visão geral que vocês irão apresentar é uma “visão geral de carrinho de mão”.

Essa pode ser a mais difícil, mas sem dúvida a mais recompensadora designação de sua carreira como professores.

Sua visão geral do plano de felicidade não deve ser mais que um breve passar de olhos pelo livro aberto de todas as verdades contidas nas escrituras. Seus alunos poderão, então, localizar onde se encontram em relação ao plano.

Os jovens se perguntam “por quê?” — Por que somos ordenados a *fazer* algumas coisas, e por que somos ordenados a *não fazer* outras? O conhecimento do plano de felicidade, mesmo um esboço dele, pode dar aos jovens a resposta.

Um pai repreendeu severamente um filho por um erro grave, dizendo: “Por que foi que você fez uma coisa dessas?” O filho respondeu: “Se eu soubesse a razão, não teria feito”.

Ensinar aos alunos uma série de verdades, sem qualquer relação entre elas, pode prejudicar mais do que ajudar. Proporcionar um entendimento básico do plano completo, mesmo que sejam apenas alguns detalhes, irá ajudá-los muito mais. Façam com que eles saibam de que se trata o plano. Então, eles compreenderão o “porquê”.

A maior parte das questões mais difíceis que enfrentamos na Igreja hoje, e poderíamos fazer uma lista — aborto e tudo o mais, todos os questionamentos sobre quem pode ter o sacerdócio e quem não pode — não podem ser respondidas sem algum conhecimento do plano como base.

Alma disse, e esta é minha escritura favorita atualmente, embora eu sempre mude a minha escritura favorita de tempo em tempo: “*Depois* de lhes ter revelado o *plano de redenção*, Deus lhes deu *mandamentos*” (Alma 12:32; grifo do autor). Repito: “*Depois* de lhes ter revelado o plano de redenção, Deus lhes deu mandamentos”. Repito mais uma vez: “*DEPOIS* de lhes ter revelado o plano de redenção, Deus lhes deu mandamentos”.

Como o Presidente Harold B. Lee costumava dizer: Não expliquem de modo que eles compreendam; expliquem de modo a não haver como eles entenderem erroneamente (ver “Loyalty”, discurso para educadores religiosos, 8 de julho de 1966, p. 9). Se estiverem tentando dar um “porquê”, sigam este padrão: “*Depois* de lhes ter revelado o plano de redenção, Deus lhes deu mandamentos”.

Vocês não estarão com seus alunos ou seus próprios filhos sempre que eles enfrentarem tentações. Nesses momentos perigosos, eles terão que depender de seus próprios recursos. Se conseguirem localizar-se dentro da estrutura do plano do evangelho, serão imensamente fortalecidos.

Vale a pena repetir o plano muitas e muitas vezes. Então, o propósito da vida, a realidade do Redentor, a razão dos mandamentos, permanecerá com eles.

Seu estudo do evangelho e suas experiências de vida desenvolverão gradativamente um testemunho cada vez maior de Cristo, da Expição, e da restauração do evangelho.

Fiquei realmente tentado a preparar uma breve visão geral do plano de felicidade como modelo para vocês. Então, achei melhor não fazê-lo. Vocês precisam preparar o esboço por si mesmos. Só então poderão apresentá-lo de modo a influenciar seus alunos. Repito que não será fácil. Creio que isso deveria levar vários meses, se fizerem direito. Exigirá estudo, oração e trabalho. Não há dúvida de que vocês aprenderão mais no processo do que qualquer um de seus alunos. Serão recompensados simplesmente por fazerem isso.

Darei a vocês um esboço preliminar do plano, para começarem, mas são vocês que terão de montar a base do plano por si mesmos.

Os componentes essenciais do *grande plano de felicidade, de redenção, de salvação* são os seguintes:

Existência pré-mortal

Criação espiritual

Arbítrio

Guerra no céu

Criação física

A Queda e a mortalidade

Princípios e ordenanças do evangelho de Jesus Cristo [primeiros princípios: fé no Senhor Jesus Cristo, arrependimento, batismo, (...)].

A Expição

Vida depois da morte

Mundo espiritual

Julgamento

A Ressurreição

O Presidente J. Reuben Clark Jr. nos ensinou no *The Charted Course of the Church in Education (Curso Traçado para a Igreja nos Assuntos Educacionais)*. Sem dúvida todos vocês devem ter lido, cada um de vocês, todos os anos. Trata-se de revelação; tanto quanto aquela que vocês encontram quando abrem as obras-padrão. Vou citar suas palavras:

“Nossos jovens não são crianças em sua espiritualidade; estão bastante desenvolvidos em relação à maturidade espiritual normal deste mundo. Tratá-los como crianças em espiritualidade, como o mundo trataria esse grupo etário, é portanto e igualmente um anacronismo. Digo novamente, raramente encontramos um jovem que tenha passado pelo seu seminário ou instituto sem que tenha sido conscientemente um beneficiário de bênçãos espirituais ou que não tenha visto a eficácia da oração, ou que não tenha testemunhado o poder da fé para curar os doentes, ou que não tenha vislumbrado manifestações espirituais sobre as quais a maior parte do mundo de hoje é completamente ignorante. Vocês não precisam esgueirar-se por trás desses jovens espiritualmente experientes e sussurrar-lhes religião nos ouvidos; podem chegar diretamente diante deles e conversar com eles face a face. Não precisam disfarçar as verdades religiosas com um manto de coisas mundanas; podem apresentar essas coisas abertamente, em seu estado natural. Vocês poderão descobrir que os jovens não têm medo dessas coisas tanto quanto vocês. Não há necessidade de uma abordagem gradual, de historinhas dissimuladas, de mimos, de condescendência ou de qualquer outro artifício infantil usado para inspirar os que são espiritualmente inexperientes e quase espiritualmente mortos” (Edição revisada 1992, discurso para educadores religiosos, 8 de agosto de 1938, p. 9).

Leiam *The Charted Course of the Church in Education*. Com isso, são duas designações.

Há verdades fundamentais que, se forem compreendidas, ajudarão nossos jovens a compreenderem o plano de felicidade e irão incentivá-los a permanecerem fiéis.

Se vocês concordam com o Presidente Clark, e certamente concordam, que nossos jovens têm maturidade espiritual, podem expor-lhes as verdades da imortalidade e da eternidade.

Convençam os jovens da realidade das coisas espirituais. Primeiro ensinem que “o espírito e o corpo são a alma do homem” (D&C 88:15). O homem é um ser de natureza dupla, um espírito dentro de um corpo mortal.

É difícil ensinar coisas intangíveis e espirituais. Mas há maneiras de fazê-lo. Por exemplo, seus alunos conhecem computadores. Um computador pessoal é feito de metal, plástico, vidro e vários outros materiais que contêm uma quantidade assombrosa de informações. Todas as obras-padrão podem ser armazenadas ali, e além disso, várias enciclopédias, dicionários, livros de tudo quanto é assunto, até ilustrações e fórmulas matemáticas.

Pressionando-se apenas alguns botões, você pode selecionar qualquer parte que esteja armazenada e vê-la instantaneamente na tela. Pressionando-se outras, você pode rearranjar, acrescentar ou subtrair coisas que estejam armazenadas no computador. Pressione outra tecla ou duas e você poderá imprimir uma cópia de tudo que quiser, com todas as cores. Pode então segurar na mão uma prova tangível e absoluta do que está dentro dele e de como está organizado.

Mas se você abrir completamente o computador, não poderá encontrar uma única palavra nele, nenhuma ilustração, nenhuma prova tangível de que há livros, versos, poemas e ilustrações dentro do computador.

Vocês podem dissolver o computador com ácido ou queimá-lo, mas não encontrariam uma única prova tangível. Não encontrariam palavras nas cinzas do computador, da mesma forma como não podem encontrar o espírito nas cinzas cremadas de um corpo humano.

Ninguém duvida de que esse grande banco de informações está realmente armazenado no computador. Não deve ser muito difícil ensinar os jovens de que dentro do corpo humano há um espírito. Embora seja invisível e intangível, ele é a própria essência da realidade. Vocês podem explicar o que é o espírito, dentro do contexto do plano do evangelho. Repito: dentro do contexto do plano do evangelho, vocês podem explicar o que é o espírito, de onde ele veio, e qual o destino de cada um de nós.

Ensinem a eles que cada um deles é “o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita [neles]” (I Coríntios 3:16).

Mostrem-lhes o que as escrituras ensinam a respeito da luz de Cristo, “a luz que está em todas as coisas, que dá vida a todas as coisas, que é a *lei* pela qual todas as coisas são governadas” (D&C 88:13; grifo do autor; comparar com João 1:9; D&C 84:45—47; 88:6), e o “Espírito de Jesus Cristo (...) [que] dá luz a *todo* homem que vem ao mundo” (D&C 84:45—46; grifo do autor; comparar com D&C 88:1—13; João 1:9; Morôni 7:15—19).

Quer essa luz interior, esse conhecimento do certo e do errado, seja chamado de luz de Cristo, senso moral ou consciência, ela modera nossas ações, a menos que a subjugemos ou a destruamos. É um elemento que não tem equivalente nos animais.

Leí ensinou: “Os homens são ensinados suficientemente para *distinguírem* o bem do mal. E a *lei* é dada aos homens” (2 Néfi 2:5; grifo do autor).

O que chamamos de consciência afirma a realidade do espírito de Cristo no homem. Afirma também a realidade do bem e do mal, da justiça, misericórdia, honra, coragem, fé, amor e virtude, bem como seus opostos obrigatórios — ódio, cobiça, brutalidade e inveja (ver 2 Néfi 2:11, 16). Esses valores, embora intangíveis, respondem às leis da

relação causa e efeito, tão seguramente quanto qualquer lei física.

“O homem também estava no princípio com Deus. A inteligência, ou seja, a luz da verdade, não foi criada nem feita nem verdadeiramente pode sê-lo.

Toda verdade é independente para agir por si mesma na esfera em que Deus a colocou, como também toda inteligência; caso contrário, não há existência.

Eis que isto é o livre-arbítrio do homem e isto é a condenação do homem; porque aquilo que foi desde o princípio lhes é claramente manifestado e eles não recebem a luz.

E todo homem cujo espírito não recebe a luz está sob condenação.

Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria;

E, quando separados, não pode o homem receber a plenitude da alegria.

Os elementos são o tabernáculo de Deus; sim, o homem é o tabernáculo de Deus, ou melhor, templos; e qualquer templo que for profanado, Deus destruirá esse templo.

“A glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade.

A luz e a verdade rejeitam o ser maligno.

Todo espírito de homem era inocente no princípio; e Deus, tendo redimido o homem da queda, os homens tornaram-se outra vez, em sua infância, inocentes perante Deus.

E vem o ser maligno e tira a luz e a verdade dos filhos dos homens pela desobediência e por causa da tradição de seus pais.

Eu, porém, ordenei que criásseis vossos filhos em luz e verdade” (D&C 93:29—40).

Ensinem seus alunos a respeito da lei. A lei é uma regra constante e invariável, independente e irrevogável em sua existência. Ensinem a eles que as conseqüências sempre seguem o cumprimento, a transgressão ou até o menosprezo de uma lei.

As leis governam o universo físico com tal constância e precisão que depois que o homem as descobriu, ele pode, por meio do efeito delas, demonstrar sua existência com precisão infalível.

Ensinem seus alunos a respeitarem as leis, tanto físicas quanto espirituais.

As leis não mudam. Uma lei, como a verdade, “persiste e não tem fim” (D&C 88:6). Uma teoria é experimental, sujeita a mudanças, e pode ser verdadeira ou não. Uma teoria é um meio que visa a um fim, e não o fim propriamente dito.

Há leis morais e espirituais referentes aos valores — bem e mal, certo e errado — leis tão constantes, precisas e válidas quanto as que governam o universo físico.

Existem teorias divulgadas que ensinam ao homem que ele não passa de um animal e que, portanto, está isento de cumprir o padrão moral.

As leis que governam as coisas espirituais foram irrevogavelmente decretadas no céu antes da fundação da Terra (ver D&C 130:20). Frequentemente os jovens se recusam a aceitar as leis morais e espirituais porque essas leis não são medidas por métodos que eles estão acostumados a usar. As leis físicas ou naturais são muito mais fáceis de serem demonstradas, e podem ser úteis no ensino de coisas espirituais.

Deixem-me ilustrar. A nível do mar, a água congela a zero graus centígrados e passa do estado líquido para o sólido. A 100 graus centígrados, ela se transforma em gás. Seus alunos sabem disso, e não há nada que possam fazer para mudar essa lei. Isso pode ser descrito de modo preciso ou não, com medidas complicadas em graus centígrados ou *Fahrenheit* ou qualquer outra escala, e nada que seja dito a esse respeito irá mudar esse fato, porque isso acontece de acordo com a lei. A água congela ou evapora de acordo com a lei.

Não deve ser difícil compreender que há leis espirituais básicas que sempre existiram, que nunca mudam, que resultam em conseqüências; e não podemos mudá-las. A coisa maravilhosa é que podemos confiar nessas leis espirituais. “Iniquidade nunca foi felicidade” (ver Alma 41:10), e todos que procuraram saber se essa declaração era verdadeira descobriram que era. É uma lei.

Se seus alunos não aceitarem que as leis espirituais são tão constantes quanto as leis que governam a natureza, não conheço nenhuma outra maneira de explicar para eles o que a palavra *expição* significa nas escrituras. A lei da justiça exigia que a lei quebrada fosse cumprida. A Expição é um ato vicário do Messias. Pela obediência às leis e ordenanças do evangelho, por meio da Expição, toda a humanidade *será* redimida da morte física pela ressurreição, e toda a humanidade *pode* ser redimida da morte espiritual, desde que se arrependa.

Todos os eventos desde a Criação até o final dos tempos são governados pela lei. Nosso destino não se baseia no *acaso*. Baseia-se na *escolha*! Isso foi planejado assim antes de o mundo existir. Tudo funciona de acordo com o plano, o grande plano de felicidade.

O homem é um ser de natureza dupla, “Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria” (D&C 93:33)

Por fim, ensinem seus alunos a verem com os olhos que tinham antes de terem um corpo mortal; ensinem seus alunos a ouvirem com os ouvidos que possuíam antes de terem nascido; ensinem seus alunos a abrirem as cortinas da mortalidade e verem a eternidade.

Acostumamo-nos a pensar em termos de início e fim. Vemos o nascimento como nosso início e a morte como o fim. Medimos tudo que acontece entre o começo e o fim em segmentos de tempo: minutos, horas, anos, cada qual com um início e um fim. Esse é o modo de agir e pensar da vida mortal.

Os jovens precisam aprender a expandir sua mente e pensar em termos espirituais. Precisam saber que não houve princípio e que não haverá fim. Então, começarão a compreender o plano de redenção.

Em verdade:

Não há fim da matéria;
Não há fim do espaço;
Não há fim do espírito,
Não há fim da corrida.

Não há fim da virtude;
Não há fim do vigor;
Não há fim da sabedoria;
Não há fim da luz.

Não há fim da união;
Não há fim da juventude;
Não há fim do sacerdócio;
Não há fim da verdade.

(“If You Could Hie to Kolob”, *Hymns*, nº 284)

Ensinem seus alunos a aceitarem a verdade, mesmo que não a compreendam muito bem a princípio. Algumas coisas não tiveram início e não terão fim. Comecei a pensar em preparar um esboço do plano “desde o início até o fim” e então me lembrei de que não há início e não haverá fim.

Expandam a mente e vejam a eternidade. Ajuda muito saírem de casa em uma noite clara e olharem para o céu. Ali, mesmo com olhos mortais, podemos ver a expansão infinita da criação. E com “olhos” espirituais — os olhos de nosso entendimento; e há muitas referências a isso nas escrituras como, por exemplo, Doutrina e Convênios 110: “Abriram-se os olhos de nosso entendimento. Vimos o Senhor de pé no parapeito do púlpito” (versículos 1–2). Se compreendermos que ver com os olhos espirituais corresponde melhor à palavra *sentir* — é assim que vemos espiritualmente — então começaremos a ter uma noção de que há algo mais.

Abram os “olhos do entendimento” e ajudem seus alunos a terem uma noção da imensidão infinita da criação. Convençam seus alunos de que ela funciona com tamanha precisão e ordem que o homem não poderia tê-la criado. Ele mal consegue medi-la com os instrumentos mais precisos que pôde inventar.

Ensinem seus alunos que há outra esfera à qual o homem pertence, mesmo enquanto se encontra no mundo temporal. *Temporal* significa temporário. Isso se adapta ao mundo e ao corpo humano. As palavras *infinito, para sempre e sempre, sem fim* descrevem nosso destino espiritual. Quando recebermos um corpo que foi renovado e um espírito que era eterno desde o princípio, então teremos a plenitude da alegria.

Mostrem-lhes que as coisas conhecidas pelos sentidos mortais são limitadas, mas as coisas espirituais não são. Eles começarão a aprender o que não pode ser ensinado por meio dos sentidos mortais.

Ensinem-lhes que somos filhos espirituais de Deus, habitando um corpo mortal, que o plano funciona de acordo com a lei eterna, e que não houve princípio e não haverá fim. Então eles compreenderão o plano de redenção mencionado nas escrituras.

Contem-lhes verdades que talvez eles não compreendam, mas que se forem aceitas como verdadeiras pela fé abrirão seus olhos do entendimento para gloriosas coisas espirituais.

Ensinem-lhes a ordem correta das coisas no aprendizado pelo espírito. Eles precisam aceitar como verdade primeiro, por fé, sem compreender, e então conhecerão. As coisas espirituais lhes serão confirmadas.

O plano de felicidade, o plano de redenção, é verdadeiro. Eles podem confiar nisso. Não tenha receio de impor-lhes essas verdades. Vocês não os estarão enganando, e eles não serão enganados se vocês os ensinarem a ter fé nesse plano.

Ensinem seus alunos a serem como os antigos “cuja fé foi muito forte, antes mesmo de Cristo ter vindo, os quais não puderam ser impedidos de penetrar o véu, mas realmente viram com os próprios olhos as coisas que, antes, haviam contemplado com os olhos da fé, e regozijaram-se” (Éter 12:19).

Ensinem seus alunos que se “[buscarem] diligentemente, [orarem] sempre e [forem] crentes, (...) todas as coisas contribuirão para o (...) bem [deles]” (D&C 90:24).

Se eles compreenderem que não houve princípio e que não haverá fim e que assim como toda a natureza é governada pela lei, todas as coisas espirituais são governadas por leis que são espirituais, eles estarão prontos para compreender o plano, o grande plano do Deus eterno.

Ele nos ordenou que criássemos nossos filhos em luz e verdade, e que devemos ensinar a doutrina do reino uns aos outros. Portanto, para vocês:

“Ensinai diligentemente e minha graça acompanhar-vos-á, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, em todas as coisas pertinentes ao reino de Deus, que vos convém compreender;

Tanto as coisas do céu como da Terra e de debaixo da Terra; coisas que foram, coisas que são, coisas que logo hão de suceder; coisas que estão em casa, coisas que estão no estrangeiro; as guerras e complexidades das nações e os julgamentos que estão sobre a terra; e também um conhecimento de países e reinos —

Para que estejais preparados em todas as coisas, quando [Ele] vos enviar outra vez para magnificardes o chamado com o qual [Ele vos chamou] e a missão com a qual [Ele vos comissionou]” (D&C 88:78–80).

Deus os abençoe, meus colegas professores. Invoco Suas bênçãos sobre vocês, para que por seu intermédio os incontáveis milhares de jovens que vocês ensinam possam conhecer e compreender o grande plano do Deus eterno — o plano de felicidade. Então eles poderão encontrar a si mesmos. Oro para que vocês sejam um instrumento na vida deles, como aquele emigrante que gaguejava foi na vida desse grande professor que mencionei, o irmão William E. Berrett.

Oro para que Ele os abençoe em seus lares e em suas famílias; que à medida que servirem aos jovens, salvando Seus filhos, Ele, por Sua vez, salve os seus; que vocês sejam protegidos em seus assuntos materiais; que tenham os meios de sustentar suas famílias com as necessidades e conveniências e talvez até os luxos, à medida que progredem na vida; que aquelas coisas que tornam a vida digna de ser vida, coisas amáveis, louváveis e de boa fama, lhes sejam concedidas.

Que Ele os abençoe para que tenham o testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito do Pai, que esta é a Sua Igreja, que Ele é nosso Redentor, que o plano do qual todos estamos participando se dará como as escrituras nos revelaram, e vocês podem, tanto figurada quanto literalmente falando, tomar as mãos desses milhares de jovens e conduzi-los adiante, para que no devido tempo retornem à presença Dele.

Presto testemunho de que Ele vive. Sei que Ele vive. Tenho esse testemunho. É Ele que preside esta Igreja. Ele dirige o Seu trabalho. Ele não é um estranho para Seus servos aqui na Terra. Agradeço a todos vocês pelo serviço que têm prestado. Presto-lhes este testemunho e invoco essa bênção sobre vocês, em nome de Jesus Cristo. Amém.

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de um discurso para educadores religiosos, 14 de outubro de 1977, pp. 4–7

Na história da Igreja, não há ilustração melhor do preparo profético deste povo do que o início do programa do seminário e instituto. Esses programas foram iniciados quando eles eram úteis, mas não criticamente necessários. Foi-lhes dado um tempo para que florescessem e crescessem até se tornarem um baluarte da Igreja. Agora se tornaram uma salvação enviada por Deus à Israel moderna, na hora de maior necessidade. Estamos agora cercados pelo mal. Nossos jovens enfrentam um grave perigo. Estes são os últimos dias, que foram preditos pelos profetas do passado.

Lerei uma profecia clara, descritiva e precisa, muito antiga, porém tão atual que evidências de cada declaração podem ser encontradas nas notícias dos jornais de hoje.

Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães [podem imaginar isso sendo profetizado?], ingratos, profanos,

Sem afeto natural [vemos uma enxurrada de perversões sexuais em toda parte, sem mencionar o horrendo espectro do abuso de crianças, que está se tornando comum até em nosso meio], irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons,

Traidores, obstinados, orgulhosos mais amigos dos deleites do que amigos de Deus,

Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te.

[Quando pensamos no que está acontecendo na sociedade moderna, o próximo versículo tem um significado extremamente importante.]

Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências;

Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade” (II Timóteo 3:1–7).

Essa descrição profética de nossos dias é muito precisa. A situação maligna que ela descreve envolve todos os seus alunos.



Enquanto estudava, certo dia, li até aquele ponto e comecei a ponderar em todas as evidências que hoje confirmam cada elemento daquela profecia. Tive um sentimento de profunda tristeza e mau agouro, uma sensação muito sombria de frustração, quase futilidade. Desci os olhos pela página e uma palavra se destacou, creio que não por mero acaso. Li avidamente e então descobri que o apóstolo que profetizou todos aqueles problemas tinha incluído no mesmo discurso a imunização contra todas essas coisas. Pulando alguns versículos, continuarei a ler o mesmo capítulo.

Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados.

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido,

E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.

Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça.

Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (II Timóteo 3:13–17).

Está tudo aí: seu encargo, sua tarefa, seu objetivo na educação religiosa. Vocês devem ensinar as escrituras. Essa é a palavra que se destacou da página: *Escrituras*. Se seus alunos estiverem familiarizados com as revelações, não haverá dúvidas — pessoal, social, política ou vocacional — que ficarão sem resposta. Nelas está contida a plenitude do evangelho eterno. Nelas encontramos princípios de verdade que resolverão toda confusão, todo problema, todo dilema que a humanidade ou qualquer indivíduo irá enfrentar.

Vivemos numa época de grandes eventos relacionados às escrituras. Faz pouco tempo que duas revelações foram acrescentadas às obras-padrão. (...)

A primeira revelação [Doutrina e Convênios 137], dada a Joseph Smith, o Profeta, no Templo de Kirtland, Ohio, em 21 de janeiro de 1836, é uma visão do reino celestial, na qual foi revelada a doutrina de salvação dos mortos.

A segunda [Doutrina e Convênios 138] foi uma visão revelada a Joseph F. Smith, em 3 de outubro de 1918. Ele viu como o evangelho seria levado aos que morreram sem tê-lo recebido na mortalidade. Ambas são sobre o mesmo assunto, e isso não deixa de ter um significado muito importante.

Fiquei surpreso, e creio que todas as Autoridades Gerais ficaram surpresas, com o pouco caso com que o anúncio de dois acréscimos às obras-padrão foi recebido pela Igreja. Mas viveremos para sentir o significado disso; contaremos a nossos netos e bisnetos, e escreveremos em

nosso diário, que estávamos na Terra e que nos lembramos de quando isso aconteceu.

Por quatro anos, muito trabalho foi realizado para elaborar meios pelos quais as escrituras pudessem ser mais facilmente estudadas pelos membros da Igreja. A primeira parte desse imenso projeto envolveu a elaboração de referências remissivas da versão do Rei Jaime da Bíblia com todas as obras-padrão. Esse projeto, que está bem adiantado agora, é tão gigantesco que não seria possível de ser realizado sem a ajuda de computadores. Além das referências remissivas, haverá um material muito útil acrescentado para esclarecer o significado hebraico de algumas palavras e, quando adequado, algum material explicativo tirado da Tradução de Joseph Smith. Todo esse material será colocado em notas de rodapé de fácil leitura, na parte de baixo das páginas da Bíblia.

Uma das maiores realizações desse projeto será a inclusão na Bíblia do que passamos a chamar de guia para estudos. Em muitos dos versículos da Bíblia há tantas referências importantes disponíveis nas obras-padrão que seria praticamente impossível alistá-las todas nas notas de rodapé. Portanto, decidiu-se reunir essas referências em temas principais e alistá-las em ordem alfabética por tópicos, para fácil consulta. Por exemplo: no verbete *família* do guia para estudos, há oito temas mais importantes. São eles: Família; família, filhos, deveres dos; família, filhos, responsabilidades em relação aos; família, eterna; família, reunião familiar; família, amor na; família, administração financeira na; família, patriarcal. Somente em uma dessas categorias há mais de oitenta referências tiradas de todas as obras-padrão. Podem perceber por que elas não caberiam todas nas notas de rodapé. (...)

Na edição da Bíblia que está sendo preparada também estará incluído um dicionário bíblico que explicará a teologia SUD. Muitos assuntos encontrados nos dicionários existentes podem ser mais claramente explicados por causa do conhecimento adicional que nos foi concedido pelas revelações modernas; portanto, nosso próprio dicionário bíblico está sendo preparado, e ele é excelente. (...)

Esses quatro anos desse trabalho imenso e gigantesco foram apenas o começo. Um dia, todas as obras-padrão estarão organizadas e preparadas de forma que elas sejam um monumental testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito do Pai. As doutrinas de salvação precisam estar disponíveis a toda a humanidade, não apenas nas mãos das pessoas, mas também em sua mente e seu coração. E todos nós fazemos parte disso. Nunca desde a fundação do mundo foi tentado fazer algo assim, mas agora esse trabalho já está bem adiantado.

Desde seu início humilde, há quinze anos, todo o currículo da Igreja foi remodelado e coordenado, sendo permanente e seguramente vinculado ao alicerce das escrituras. (...)

Já mencionei que não há problema significativo que venhamos a enfrentar do qual não possamos ser protegidos se conhecermos as revelações. Lembrei-me de uma ilustração que gostaria de mencionar.

Na eleição presidencial de um ano atrás, os dois candidatos principais queriam ser suficientemente a favor do aborto para conseguirem metade dos votos, e suficientemente contra para conseguirem a outra metade. Essa era uma importante questão política na época, e continua sendo hoje. Qual a posição da Igreja? Como podemos saber o que fazer? Onde podemos obter informações para ajudar-nos a decidir? Bem, se conhecermos as revelações, teremos lido isto: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não furtarás nem cometerás adultério nem matarás *nem farás coisa alguma semelhante*” (D&C 59:6, grifo do autor).

Não matarás *“nem farás coisa alguma semelhante”*. Nenhum santo dos últimos dias que conheça as revelações precisará sujeitar-se às opiniões conflitantes referentes a qualquer questão existente no mundo.

Percebem, meus irmãos e irmãs, o trabalho gigantesco e monumental que está sendo realizado nesta Igreja e reino de Deus? Percebem o poder fortalecedor e protetor que está preparando este povo? Percebem a glória? Todos nós temos participação nesse trabalho. Seu trabalho nesta grande vinha é o cultivo das tenras raízes. Protejam-nas, orientem-nas bem, nutram-nas. Cavem em volta delas e podem-nas, se necessário, e elas não produzirão frutos ruins.

Se vocês lerem a alegoria das oliveiras boas e das oliveiras bravas no livro de Jacó e a aplicarem ao que estou dizendo, poderão pela primeira vez compreender partes dessa alegoria. Nos primórdios desta dispensação, o Senhor nos trouxe para cá, a parte mais baixa da vinha. E à medida que a árvore amadureceu, os ramos foram cortados e organizados em estacas e levados para o solo de todas as nações para onde os servos do Senhor podiam ir. E floresceram e deram muitos frutos. Percebem a visão? Percebem a parte que vocês desempenham? Não estão tendo um sentimento cálido e glorioso por saberem que fazem parte de algo assim?

Estas são as palavras da Primeira Presidência em 1907: “Nossos motivos não são egoístas; nossos propósitos não são mesquinhos nem terrenos; contemplamos a raça humana — do passado, presente e futuro — como seres imortais, por cuja salvação temos a missão de trabalhar; e para esse trabalho, tão amplo quanto a eternidade e tão profundo quanto o amor de Deus, dedicamo-nos agora e para sempre” (Joseph F. Smith, John R. Winder e Anthon H. Lund, *Improvement Era*, maio de 1907, p. 495).

Quisera ter o poder de transmitir parte da visão do que serenamente está acontecendo na Igreja. Vimos uma atenção imensa ser dada às revelações; uma grande reestruturação e adequação dos alicerces e da estrutura foram

realizadas; e agora estamos prontos. E ao vermos os grandes perigos que nos cercam no mundo, podemos dizer, como o Presidente Brigham Young disse quando lhe informaram que o exército do general Johnson estava se aproximando: “Não precisamos de ajuda. Deixem que

venham”. Ele tinha aquela serena e desafiadora atitude espiritual porque sabia em quem confiava. E tal como eles não estavam despreparados naquela ocasião, nós também não estamos despreparados agora.

PRECISAMOS ELEVAR NOSSA VISÃO

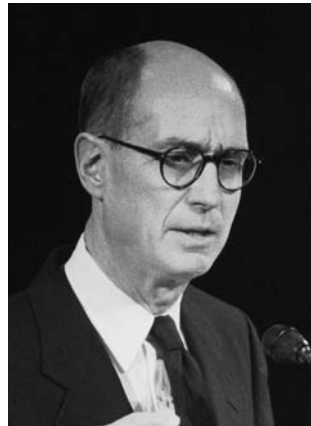
ÉLDER HENRY B. EYRING DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Discurso para educadores religiosos proferido numa conferência sobre o Livro de Mórmon, Universidade Brigham Young, 14 de agosto de 2001

Sinto-me grato pela música que foi magnificamente cantada e perfeitamente escolhida para a mensagem e o propósito que creio terem-me sido designados nesta noite. Agradeço ao irmão Stanley Peterson por sua apresentação. Uma das coisas mais agradáveis de ser Comissário de Educação e poder trabalhar com vocês e com pessoas como o irmão Peterson é que de tempos em tempos tenho a chance de sentir o apreço que o Salvador tem por vocês e por ele. Acho que vocês precisam saber que tive comprovações claras e indiscutíveis de que o Senhor conhece o irmão Peterson, que tem cuidado dele e que está grato e satisfeito com o trabalho dele. Creio que ele foi inspirado ao pedir que os voluntários e missionários ficassem de pé para que eu pudesse sentir novamente não a *minha* gratidão mas a gratidão do Mestre.

Também fiquei tocado com a primeira oração, que foi designada a alguém que prestou serviços por tanto tempo. Enquanto ele orava, senti novamente que alguns de vocês, funcionários de tempo integral, têm trabalhado sem o devido reconhecimento. Mas vocês não são desconhecidos, e seu trabalho é reconhecido.

Sinto-me grato por estar com vocês e por nossa oportunidade de ensinar o evangelho aos jovens da Igreja. Eles têm o futuro nas mãos. A Igreja sempre esteve a uma geração da extinção. Se toda uma geração se perder, o que não irá acontecer, perderíamos a Igreja. Mas até um único indivíduo perdido para o evangelho de Jesus Cristo fecha a porta para muitas gerações de descendentes, a menos que o Senhor estenda a mão para trazer alguns de volta. A confiança que o Senhor deposita em nós, como professores dos jovens, é muito grande. O mesmo pode ser dito de nosso privilégio.



O mundo em que nossos alunos escolhem a vida ou a morte espiritual está mudando rapidamente. Quando seus irmãos mais velhos voltam para visitar as mesmas escolas e campus que freqüentaram, percebem um ambiente moral radicalmente diferente. A linguagem usada nos corredores e vestiários ficou muito mais rude. As roupas são menos recatadas. A pornografia passou a ser mostrada abertamente. A tolerância em relação à iniquidade não apenas aumentou, mas muito do que era considerado errado não é mais condenado e chega até a ser admirado, inclusive por nossos alunos. Os pais e administradores, em muitos casos, cederam às pressões de um mundo em transição e se afastaram de padrões morais que eram amplamente aceitos no passado.

A força espiritual que até há poucos anos era suficiente para que nossos jovens permanecessem firmes em breve não será mais suficiente. Muitos deles são extraordinários em sua maturidade espiritual e fé. Mas até o melhor deles está sendo severamente provado. E as provações ainda se tornarão mais intensas.

Os jovens são responsáveis por suas próprias escolhas. No entanto, há muitas outras pessoas para ajudá-los. Pais, líderes do sacerdócio e líderes fiéis dos jovens dão apoio à fé dos nossos alunos. Mas nós temos uma oportunidade única. Exige-se que os alunos das universidades e faculdades de nossa Igreja assistam aos nossos cursos de religião. Os profetas de Deus endossaram muitas vezes os cursos do seminário e do instituto e instaram nossos jovens a serem nossos alunos. Temos a oportunidade constante, freqüentemente diária, de encontrar-nos com eles num ambiente em que a palavra de Deus que está nas escrituras é o texto a ser estudado e nós somos seus guias de confiança.

Vocês e aqueles que os precederam fizeram um trabalho maravilhoso. O mundo mudou, mas nosso currículo também. Os alunos do seminário e do instituto e dos nossos cursos de religião dos campus universitários estão lendo as escrituras e as estão compreendendo. Aqueles que trabalham conosco há menos de vinte e cinco anos talvez não percebam a grande mudança ocorrida. Onde antes tínhamos uma riqueza de materiais que visavam reter a atenção dos jovens e até entretê-los, vemos agora as palavras das escrituras fazendo esse trabalho. Em nossas classes, os alunos conhecem as escrituras bem melhor do que seus

irmãos e irmãs mais velhos ou até do que seus pais conheciam. Vocês tornaram as escrituras vivas para eles.

Mas eles precisam de mais. Há um número muito grande de formandos do seminário que não se qualificam para o campo missionário. Um número muito grande de nossos alunos fiéis nunca recebem as ordenanças do templo. A proporção dessas tragédias entre eles aumentará, se não mudarmos.

O ponto de partida é o nosso objetivo, nossa visão do que buscamos na vida de nossos alunos. Sempre procuramos matricular e reter os alunos em nossas classes. Procuramos vê-los persistirem até a formatura. Sempre tivemos a meta de vê-los qualificarem-se para o campo missionário e para o casamento no templo, e depois permanecerem fiéis. Essas são metas difíceis e trabalhosas, mas precisamos elevar nossa visão.

Muitos de nossos alunos desejam as bênçãos de uma missão e do templo, mas deixam de perseverar para terem direito a elas. Para muitos de nossos alunos, o ano que vem é algo muito distante, e o período além disso parece perder-se na eternidade. Para eles, a missão e o templo são coisas muito distantes, que acontecerão numa época em que as alegrias da juventude já passaram. Essas metas lhes parecem suficientemente distantes para que muitos digam a si mesmos: “Ora, sei que um dia precisarei me arrepender, e sei que uma missão e um casamento no templo exigirão grandes mudanças, mas sempre poderei cuidar disso quando a época chegar. Tenho um testemunho. Conheço as escrituras. Sei o que preciso fazer para arrepender-me. Procurarei o bispo quando chegar o momento e farei as mudanças mais tarde. Ainda sou muito jovem. Por enquanto, farei o que todos estão fazendo”.

Ora, as tentações estão se tornando cada vez mais intensas e freqüentes. Elas se tornarão uma enxurrada de sons, visões e sensações que ofendem o Espírito de Deus. Nadar contra a correnteza para atingir a pureza, indo em direção contrária à maré do mundo nunca foi fácil. Isso está se tornando cada vez mais árduo, e em breve se tornará assustadoramente difícil.

Precisamos elevar nossa visão. Precisamos manter as metas que sempre tivemos: matrículas, freqüência regular, formatura, conhecimento das escrituras, a experiência de sentir o Espírito Santo confirmar a verdade. Além disso, precisamos visar ao campo missionário e ao templo. Mas os alunos precisam de mais outras coisas durante a época em que são alunos. É nessa época que eles tomam decisões diárias que irão abençoar ou macular a vida deles. E é nessa época que as pressões da tentação e da confusão espiritual estão aumentando.

O PURO EVANGELHO MUDA O CORAÇÃO E A VIDA

O puro evangelho de Jesus Cristo precisa entrar no coração dos alunos pelo poder do Espírito Santo. Não será

suficiente para eles ter um testemunho espiritual da verdade e o desejo de fazer coisas boas mais tarde. Não será suficiente para eles ter a esperança de uma purificação e fortalecimento futuros. Nossa meta para eles precisa ser a de que se tornem verdadeiramente convertidos ao evangelho restaurado de Jesus Cristo enquanto estiverem conosco.

Então, terão adquirido uma força pelo que eles são, e não apenas pelo que conhecem. Eles se tornarão discípulos de Cristo. Serão filhos espirituais Dele que sempre se lembram Dele com gratidão e fé. Terão então o Espírito Santo como companheiro constante. Seu coração se voltará para as outras pessoas, preocupando-se com o bem-estar físico e espiritual de outros. Serão humildes. Sentir-se-ão purificados e terão aversão ao mal.

O Livro de Mórmon descreve essa mudança e testifica que isso é possível. Encontramos esses relatos ao longo de todo o livro. Uma evidência foi o que aconteceu ao povo do rei Benjamim, um excelente mestre:

“E então aconteceu que, tendo o rei Benjamim assim falado a seu povo, mandou investigar se seu povo acreditara nas palavras que lhe dissera.

E todos clamaram a uma só voz, dizendo: Sim, acreditamos em todas as palavras que nos disseste e também sabemos que são certas e verdadeiras, por causa do Espírito do Senhor Onipotente que efetuou em nós, ou melhor, em nosso coração, uma vigorosa mudança, de modo que não temos mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente.

E também nós mesmos, pela infinita bondade de Deus e manifestações de seu Espírito, temos grandes visões do que está por acontecer e, se fosse conveniente, poderíamos profetizar sobre todas as coisas.

E foi a fé que tivemos nas coisas que nosso rei nos disse que nos levou a este grande conhecimento, pelo que nos regozijamos com tão grande alegria.

E estamos dispostos a fazer um convênio com nosso Deus, de cumprir a sua vontade e obedecer a seus mandamentos em todas as coisas que ele nos ordenar, para o resto de nossos dias, a fim de que não recaia sobre nós um tormento sem fim, como foi anunciado pelo anjo, e não bebamos do cálice da ira de Deus.

Ora, estas eram as palavras que o rei Benjamim esperava deles; e portanto lhes disse: Dissestes as palavras que eu desejava; e o convênio que fizestes é um convênio justo.

E agora, por causa do convênio que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, porque eis que neste dia ele vos gerou espiritualmente; pois dizeis que vosso coração se transformou pela fé em seu nome; portanto nascestes dele e vos tornastes seus filhos e suas filhas” (Mosias 5:1–7).

Essa vigorosa mudança aparece muitas e muitas vezes no Livro de Mórmon. A maneira de essa mudança acontecer e o que a pessoa se torna são sempre o mesmo. As palavras de Deus em doutrina pura penetram profundamente no coração pelo poder do Espírito Santo. A pessoa roga a Deus com fé. O coração arrependido está quebrantado e o espírito, contrito. Convênios sagrados são realizados. Então, Deus cumpre Sua parte do convênio e concede um novo coração e uma nova vida, no Seu devido tempo.

ENSINAR O PURO EVANGELHO DE MANEIRA SIMPLES

Quer o milagre ocorra instantaneamente ou depois de vários anos, como é mais comum, é a doutrina de Jesus Cristo que promove a mudança. Às vezes subestimamos o poder que a pura doutrina tem de penetrar no coração das pessoas. Por que tantas pessoas foram influenciadas pelas palavras dos missionários quando a Igreja era tão nova e pequena, e aparentemente tão estranha? O que Brigham Young, John Taylor e Heber C. Kimball pregaram nas ruas e montanhas da Inglaterra? Ensinaram que o Senhor tinha iniciado uma nova dispensação, que Ele nos enviara um Profeta de Deus, que o sacerdócio havia sido restaurado, que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus e que tínhamos um glorioso dia novo. Ensinaram que o puro evangelho de Jesus Cristo tinha sido restaurado.

Essa pura doutrina penetrou no coração das pessoas, como o faz agora, porque elas estavam famintas e a doutrina foi ensinada com simplicidade. As pessoas da Inglaterra e nossos alunos foram vistos há muito tempo por um profeta de Deus chamado Amós:

“Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.

E irão errantes de um mar até outro mar, e do norte até ao oriente; correrão por toda a parte, buscando a palavra do Senhor, mas não a acharão.

Naquele dia as virgens formosas e os jovens desmaiarão de sede” (Amós 8:11–13).

A maioria dos primeiros conversos da Inglaterra sabiam que estavam famintos pela palavra de Deus. Nossos alunos talvez não saibam que estão desmaiando de fome, mas as palavras de Deus aliviarão uma sede que eles não sabiam que tinham, e o Espírito Santo a levará até o coração deles. Se tornarmos a doutrina simples e clara, e se ensinarmos do que temos em nosso próprio coração transformado, a mudança ocorrerá para eles tão seguramente quanto ocorreu para Enos. Ouçam seu relato, tão semelhante ao de outras pessoas:

“Eis que aconteceu que eu, Enos, sabia que meu pai era um varão justo — pois instruiu-me em seu idioma e também

nos preceitos e na admoestação do Senhor — e bendito seja o nome de meu Deus por isso —

E relatar-vos-ei a luta que travei perante Deus antes de receber a remissão de meus pecados.

Eis que saí para caçar animais nas florestas; e as palavras que freqüentemente ouvira de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram-me profundamente o coração.

E minha alma ficou faminta e ajoelhei-me ante o meu Criador e clamei-lhe, em fervorosa oração e súplica, por minha própria alma; e clamei o dia inteiro; sim, e depois de ter anoitecido, continuei a elevar minha voz até que ela chegou aos céus” (Enos 1:1–4).

E então ocorreu o milagre:

“E ouvi uma voz, dizendo: Enos, perdoados são os teus pecados e tu serás abençoado.

E eu, Enos, sabia que Deus não podia mentir; portanto minha culpa foi apagada.

E eu disse: Senhor, como isso aconteceu?

E ele respondeu-me: Por causa da tua fé em Cristo, a quem nunca ouviste nem viste antes. E muitos anos hão de passar antes que ele se manifeste na carne; portanto vai, tua fé te salvou” (versículos 5–8).

Então Enos descreveu os primeiros efeitos:

“Ora, aconteceu que após ter ouvido estas palavras, comecei a desejar o bem-estar de meus irmãos, os nefitas; portanto implorei a Deus por eles com toda a minha alma” (versículo 9).

Ele termina com uma descrição dos efeitos duradouros:

“E aconteceu que comecei a envelhecer; e haviam decorrido cento e setenta e nove anos da época em que nosso pai, Leí, deixara Jerusalém.

E vi que logo deveria descer à sepultura, tendo sido inspirado pelo poder de Deus a pregar e profetizar a este povo e declarar a palavra segundo a verdade que está em Cristo. E declarei-a durante todos os meus dias e nisso me tenho regozijado mais do que nas coisas do mundo.

E logo irei para o lugar de meu descanso, que é com meu Redentor, pois sei que nele descansarei. E regozijo-me no dia em que meu corpo mortal revestir-se de imortalidade e apresentar-se diante dele; então verei a sua face com prazer e ele me dirá: Vem a mim, ó bendito; há um lugar preparado para ti nas mansões de meu Pai. Amém” (vv. 25–27).

UMA PROFUNDA MUDANÇA EM NOSSOS ALUNOS

O que buscamos para nossos alunos é essa mudança. Precisamos ser humildes em relação ao papel que

desempenhamos nela. A verdadeira conversão depende de o aluno buscar voluntariamente com fé, exercendo grande esforço e com algum sofrimento. Então, é o Senhor que pode conceder, a Seu devido tempo, o milagre de purificação e mudança. Toda pessoa começa de um lugar diferente, com um conjunto diferente de experiências, e portanto necessidades diferentes para purificação e mudança. O Senhor conhece esse lugar e portanto somente Ele pode determinar o curso a ser seguido.

Mas para todos os nossos alunos podemos desempenhar um papel importante. Enos lembrou-se das palavras de vida eterna que lhe foram ensinadas. O mesmo aconteceu com Néfi e com o povo do rei Benjamim. As palavras foram colocadas na memória dessas pessoas de modo que o Espírito Santo pudesse levá-las profundamente para o coração delas. Somos professores cujo encargo é colocar essas palavras na mente dos alunos para que, quando eles assim decidirem e pedirem, o Espírito Santo poderá confirmar no coração deles, e o milagre pode começar a acontecer.

A PURA DOCTRINA ENSINADA COM CLAREZA

Grande parte do poder do Livro de Mórmon é que ele apresenta a pura doutrina de modo muito claro. Por exemplo, como se estivesse falando para nós, o Senhor deu-nos estas palavras por intermédio de profetas, em 2 Néfi:

“E agora, meus amados irmãos, eis que este é o caminho; e não há qualquer outro caminho ou nome debaixo do céu pelo qual o homem possa ser salvo no reino de Deus. E agora, eis que esta é a doutrina de Cristo e a única e verdadeira doutrina do Pai e do Filho e do Espírito Santo, que são um Deus, sem fim. Amém” (2 Néfi 31:21).

E o Senhor Se repete, como se pudéssemos deixar de compreendê-Lo:

“E esta é minha doutrina e é a doutrina que o Pai me deu; e dou testemunho do Pai e o Pai dá testemunho de mim e o Espírito Santo dá testemunho do Pai e de mim; e eu dou testemunho de que o Pai ordena a todos os homens, em todos os lugares, que se arrependam e creiam em mim.

E os que crerem em mim e forem batizados, esses serão salvos; e eles são os que herdarão o reino de Deus.

E os que não crerem em mim e não forem batizados, serão condenados.

Em verdade, em verdade vos digo que esta é minha doutrina e dela vos dou testemunho, vindo do Pai; e todo aquele que crê em mim, crê também no Pai; e a ele o Pai dará testemunho de mim, pois visitá-lo-á com fogo e com o Espírito Santo” (3 Néfi 11:32–35).

Ele prossegue dizendo ainda mais uma vez:

“Em verdade, em verdade vos digo que esta é minha doutrina e os que edificam sobre isto edificam sobre minha rocha; e as portas do inferno não prevalecerão contra eles.

E aqueles que declararem mais ou menos do que isto e estabelecerem-no como minha doutrina, esses vêm do mal e não edificam sobre a minha rocha, mas edificam sobre um alicerce de areia; e as portas do inferno estarão abertas para recebê-los quando vierem as inundações e os ventos açoitem-nos.

Portanto, dirigi-vos a este povo e declarai as palavras que eu disse, até os confins da Terra” (vv. 39–41).

Vocês, professores maravilhosos, já se esforçaram e se sacrificaram muito em sua preparação para ensinar a palavra, em seu ensino e em seu cuidado pelos alunos. Vocês não apenas estudam, mas também ponderam as palavras de Deus. Declaram-nas com fé e com testemunho. Jejuam e rogam ajuda em oração, por vocês e por seus alunos. Ensinam a pura doutrina com testemunho e clareza.

UMA VISÃO MAIS ELEVADA

Mas há mais. Podemos elevar nossa visão acrescentando mais fé em que a mudança prometida pelo Senhor acontecerá em nossos alunos. Os professores do Sistema Educacional da Igreja tiveram fé em que os alunos incorporariam as escrituras na vida deles, e os alunos assim fizeram. De todas as grandes contribuições que Stan Peterson pode lembrar-se com satisfação, a maior é ter sido ele quem contribuiu de modo importante para que esse milagre acontecesse, e creio que quando o Senhor mostrar tudo o que aconteceu, ele descobrirá que se sua contribuição não foi a maior, sem dúvida foi uma das maiores. Foi graças a você que ele adquiriu a fé nessa mudança vigorosa.

Vocês podem agora acrescentar sua fé no fato de que mais de nossos alunos farão a escolha que leva à verdadeira conversão. O Senhor sempre cumpre Suas promessas. Podemos exercer nossa fé em que Ele cumprirá Sua palavra, por nossos alunos e por nós mesmos.

Vocês já foram preparados. Tiveram o desejo de arrepender-se e de ser purificados quando estas palavras penetraram em seu coração:

“E certamente, como vive o Senhor, pois o Senhor Deus disse-o e é sua eterna palavra, a qual não pode passar, os justos ainda serão justos e os imundos ainda serão imundos; portanto os imundos são o diabo e seus anjos; e irão para o fogo eterno para eles preparado; e seu tormento é como um lago de fogo e enxofre, cuja chama ascende para todo o sempre e não tem fim.

Oh! A grandiosidade e a justiça de nosso Deus! Porque ele executa todas as suas palavras e elas saíram-lhe da boca; e sua lei deve ser cumprida.

Mas eis que os justos, os santos do Santo de Israel, os que tiverem acreditado no Santo de Israel, os que tiverem suportado as cruzes do mundo e desprezado a sua vergonha, herdarão o reino de Deus, que foi preparado para eles desde a fundação do mundo; e sua alegria será completa para sempre” (2 Néfi 9:16–18).

Vocês também sentiram seu coração inchar-se de amor assim como descrito nas palavras de Morôni (pensem no que vocês próprios sentiram — lembrem-se):

“E a remissão de pecados traz mansidão e humildade; e a mansidão e a humildade resultam na presença do Espírito Santo, o Consolador, que nos enche de esperança e perfeito amor, amor que se conserva pela diligência na oração até que venha o fim, quando todos os santos habitarão com Deus” (Morôni 8:26).

Todos vocês sentiram em algum momento de sua vida, graças ao poder da Expição, um alívio quando a tentação deixou de lhes parecer atraente, exatamente como nas palavras de Alma:

“E aconteceu que quando se levantou, Amon também pregou a eles e assim também fizeram todos os servos de Lamôni; e todos disseram ao povo a mesma coisa — que seu coração havia sido transformado; que não desejavam mais praticar o mal” (Alma 19:33).

E sentiram as manchas de sua alma sumirem, assim como aconteceu com aqueles servos de Deus, descritos nestas palavras de Alma:

“Portanto foram chamados segundo esta santa ordem e santificados; e suas vestimentas foram branqueadas pelo sangue do Cordeiro.

Ora, tendo sido santificados pelo Espírito Santo, havendo suas vestimentas sido branqueadas, achando-se puros e imaculados perante Deus, só viam o pecado com horror; e houve muitos, e grande foi o seu número, que foram purificados e entraram no descanso do Senhor seu Deus.

E agora, meus irmãos, quisera que vos humilhásseis perante Deus e apresentásseis frutos dignos do arrependimento, para que também venhais a entrar nesse descanso” (Alma 13:11–13).

E vocês também sentiram isto: sentiram que olhavam para o alto e se banquetevam com as palavras do Mestre e Seu amor, tal como prometido nas palavras de Jacó, e assim como alguns de vocês devem ter sentido neste exato momento em que estamos aqui juntos:

“Ó todos vós, que sois puros de coração, levantai a cabeça e recebei a agradável palavra de Deus e banquetei-vos com seu amor; porque podereis fazê-lo para sempre, se vossa mente for firme” (Jacó 3:2).

Vocês sabem o que eu sei. Como testemunha de Jesus Cristo, presto testemunho de que essas promessas são

verdadeiras. Nosso Pai Celestial vive. Jesus é o Cristo. Exercendo fé Nele e guardando Seus mandamentos, nós e nossos alunos podemos ter a vida eterna. Sei que a palavra de Deus pode ser levada ao coração dos homens e mulheres pelo poder do Espírito Santo. E sei que a bênção que o Senhor concede liberalmente desde o princípio do mundo, a de um coração novo, imaculado e cheio de Seu puro amor, ainda é oferecida nesta Sua Igreja verdadeira. Testifico que Ele chamou vocês para ensinar e que Ele convida todos que assim o desejarem a tornarem-se Seus verdadeiros discípulos, Seus filhos e filhas.

BÊNÇÃO FINAL

Para terminar, preciso compartilhar com vocês o desejo de meu coração. Orei para que tivesse a oportunidade de abençoá-los. Vocês sabem como são as bênçãos. *Todas as bênçãos são condicionais*. Sei o que desejo que vocês tenham, e sei o que vocês desejam para seus alunos e para sua família. Mas não é suficiente eu desejar. Eu precisava saber o que Deus estava disposto a conceder. Vocês estão prontos para fazer o que precisam fazer para receber a dádiva? Seus alunos estão prontos? Orei para saber isso, e recebi a confirmação da bênção que Ele deseja que lhes seja dada, e de que vocês e seus alunos estão preparados para receber a bênção.

O motivo de eu ter explicado isso para vocês é que preciso explicar-lhes o modo como vocês exercem uma fé inabalável. Fé não é esperança. Fé não é simplesmente saber que Deus *podia* fazer algo. Fé é saber que Ele o fará. E testifico para vocês que nosso Pai Celestial e Jesus Cristo estão preparados para abençoar nossos alunos. Deixo agora uma bênção com vocês.

Esta é minha bênção: abençoe vocês para que ao exercerem uma fé inabalável no Senhor Jesus Cristo e em Sua Expição, vocês vejam uma mudança vigorosa multiplicar-se na vida de seus alunos. Ao buscar o poder de dar essa bênção, foi-me dito que muitos de vocês já viram freqüentemente essa mudança em seus alunos, muito além do que seria razoável esperar, e portanto sabem que o poder da Expição estava agindo na vida deles. Abençoe vocês para que vejam essas coisas ampliadas, tanto na intensidade da mudança quanto no número de alunos que serão tocados.

Abençoe vocês do mesmo modo em sua família.

Agora, ao deixar com vocês essa bênção, preciso evidentemente adverti-los. Ensinem a doutrina de modo simples. Não é preciso fazer palestras sobre a conversão verdadeira. Tentei ser um exemplo para vocês hoje. Poderia ter contado histórias sobre a mudança vigorosa. Decidi não fazê-lo hoje, embora já o tenha feito em outras ocasiões. Procurei dar-lhes as palavras que o Senhor nos deu, com

fé que o Espírito Santo as levaria para o coração de vocês, e que isso resultasse em seu desejo de exercerem sua fé.

Minha esperança é esta: não que vocês falem muito a seus alunos sobre a vigorosa mudança nem sobre a bênção recebida do irmão Eyring. Seria melhor se vocês simplesmente ensinassem com fé inabalável a simples doutrina ensinada tão bem no Livro de Mórmon. Então, sozinhos, ao ajoelha-rem-se em oração, com grande fé, expressem a confiança que têm neles e o amor que sentem por eles.

Recebi a confirmação de que muitos serão influenciados pela pura doutrina, se ela for ensinada com humildade e testemunho, por professores que estejam sentindo os efeitos da Expição em sua própria vida.

Vocês viram os efeitos da Expição em sua vida. Não precisam contar isso para seus alunos. Eles sentirão essas coisas pela maneira como ensinarem. Eles saberão.

Eu poderia contar-lhes sobre minhas próprias lutas em minha vida. Poderia ter-lhes contado minhas experiências. Senti que o Senhor me impediu de fazê-lo, como se dissesse: Não faça isso. Faça a coisa simples. Ensine a doutrina de Jesus Cristo, de modo simples e claro, usando o Livro de Mórmon.

Preste testemunho sem enfocar indevidamente exemplos de sua própria vida, mas, em vez disso, tenha fé em que os alunos foram preparados, e que cada um deles verá em

sua própria vida a aplicação prática das escrituras que vocês lerem com eles.

Recebi a confirmação de que o Espírito Santo irá ensiná-los e prestar testemunho para eles, não apenas da verdade mas também do que devem fazer. Cada um deles receberá um curso diferente a seguir. Cada um deles será abençoado de modo diferente. O Senhor talvez não revele a vocês onde eles se encontram e o que precisam fazer, mas irá fazê-lo a cada um deles. Posso garantir-lhes isso.

Amo vocês. O Salvador os ama. Se os jovens da Igreja aceitarem o evangelho em sua vida eles estarão seguros. Terão segurança mesmo nos momentos de grande dificuldade que estão para vir. Eles terão proteção, graças à vigorosa mudança que ocorrerá no coração deles. Escolherão a retidão e descobrirão que não sentem mais vontade de fazer o mal. Isso acontecerá. Não de um momento para o outro, mas acontecerá com o tempo. Mas prometo que vocês verão neste ano que está chegando o milagre de fortalecimento em seus alunos, e eles fortalecerão uns aos outros. E haverá um fortalecimento criado pelo evangelho de Jesus Cristo por intermédio de sua fé e seus grandes esforços.

Digo novamente a vocês, em nome de Jesus Cristo, Ele os ama. Ele conhece vocês. Vocês sentirão o amor Dele neste trabalho. Presto testemunho disso, como Seu servo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

PORTANTO, O QUE DEVE SER FEITO?

ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Trecho de um discurso para educadores religiosos proferido em um simpósio sobre o Novo Testamento, Universidade Brigham Young, 8 de agosto de 2000, pp. 3–5, 7–9



ENSINANDO, PREGANDO,
CURANDO

Deixem-me dar-lhes um exemplo que escolhi porque também me permite dizer algo sobre os resultados desejados em sala de aula. (Estou procurando tirar o máximo dos conceitos ensinados nas escrituras.)

Rápida e prontamente pensamos em Cristo como professor. Sempre o fiz e sempre o farei. O maior professor que já existiu ou que virá a existir. O Novo Testamento está repleto de Seus ensinamentos, dizeres, sermões e parábolas. De um modo ou outro, Ele é um professor em todas

as páginas daquele livro. Mas mesmo enquanto ensinava, Ele estava conscientemente fazendo outra coisa, algo que colocava o ensino na devida perspectiva.

Depois do relato de Seu nascimento e Sua infância, sobre a qual sabemos relativamente pouco, lemos a respeito do batismo de Cristo por João Batista. Depois disso, Ele foi levado para o deserto “para estar com Deus”, e não com o diabo. Na Tradução de Joseph Smith, lemos que Ele foi para “estar com Deus” (TJS, Mateus 4:1).

Faço uma pausa aqui para pedir que vocês e seus alunos prestem atenção às maravilhosas notas de rodapé e auxílios de estudo que temos em nossa edição SUD das obras-padrão. As publicações da Igreja — neste caso, a versão do Rei Jaime do Novo Testamento — tornam estas escrituras SUD as melhores “escrituras para ensino” que já foram publicadas na história do mundo. Desfrutem esses auxílios para estudo e notas de rodapé, como a que acabei de citar. Voltando agora para a história.

Depois das tentações que Lhe foram apresentadas pelo adversário e o triunfo do Salvador, Cristo chamou Seus

primeiros discípulos (ainda não eram Apóstolos), e a obra teve início.

Lemos o seguinte em Mateus:

“E percorria Jesus toda a Galiléia, *ensinando* nas suas sinagogas e *pregando* o evangelho do reino, e *curando* todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 4:23; grifo do autor).

Ensinando e pregando é algo que conhecemos e esperamos. Além disso, sabemos que houve milagres de toda espécie, e curas de muitos aflitos. Mas lembro-me da primeira vez que me dei conta de que desde o princípio, desde o primeiro momento, curar é mencionado como se fosse sinônimo de ensinar e pregar. De fato, a passagem citada prossegue dizendo mais sobre curar do que ensinar.

Mateus prossegue:

“E a sua fama correu por toda a Síria, e traziam-lhe todos os que padeciam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos, e os paráliticos, e ele os curava” (versículo 24).

O que então segue é o magistral Sermão da Montanha, seis páginas e meia que levariam, em minha opinião, seis anos e meio para serem ensinadas adequadamente. Mas o momento do sermão passou, e Ele desceu da montanha e voltou a curar. Em rápida sucessão, Ele curou um leproso, o servo do centurião, a sogra de Pedro e então um grupo descrito apenas como “muitos endemoninhados” (Mateus 8:16). Em resumo, lemos que Ele “curou todos os que estavam enfermos” (versículo 16).

Forçado a atravessar o Mar da Galiléia pelas multidões que O cercavam, expulsou demônios de dois homens que moravam entre os sepulcros gadarenos, e depois voltou de barco para “sua cidade” (Mateus 9:1), onde curou um homem parálítico confinado a seu leito e uma mulher que padecia de um fluxo de sangue por doze anos (no que considero um dos momentos mais ternos e notáveis de todo o Novo Testamento) e então ergueu de entre os mortos a filha de um chefe — cabe notar, por sinal, que Ele fez isso somente depois de retirar do quarto o público curioso. (Quisera ter tempo para comentar o que *essa* lição do Novo Testamento passou a significar para mim em meu atual ministério, mas isso fica para outro dia.)

Depois, Ele restaurou a visão de dois cegos, expulsou um demônio que havia roubado de um homem a sua capacidade de falar. Esse foi um breve resumo dos cinco primeiros capítulos do Novo Testamento dedicados ao ministério de Cristo. Chegamos então ao seguinte versículo. Vejam se ele repete algo que já mencionamos:

“E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, *ensinando* nas sinagogas deles e *pregando* o evangelho do reino, e *curando* todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 9:35; grifo do autor).

Evidentemente, excetuando-se algumas poucas palavras, esse é exatamente o mesmo versículo que lemos cinco capítulos antes. E Ele precisou de ajuda.

“E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor.

Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros.

Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara” (versículos 36–38).

Com isso, Ele chamou os Doze e os encarregou da seguinte forma. Ele disse: “Ide (...) às ovelhas perdidas da casa de Israel.

E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus.

Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:6–8, grifo do autor).

Ora, depois de ter levado muito tempo para chegar a esta conclusão, gostaria de expressá-la. Pensamos no Salvador, conhecemos o Salvador como o Mestre dos mestres. Ele é isso e muito mais. E quando Ele disse que a seara é grande e que há poucos ceifeiros, imediatamente pensamos nos missionários e outros que, como vocês, precisam ensinar. Mas o chamado foi feito para um certo tipo de professor, um professor que cura no processo de ensino.

Quero me fazer absolutamente claro. Isso economizará um selo para a carta que iriam enviar ao Presidente Hinckley ou um telefonema. Ao me referir a “cura”, no tocante ao papel de vocês na sala de aula, *não* estou falando do uso formal do sacerdócio, ou da bênção de doentes, ou de qualquer coisa semelhante. Obviamente esse *não* é seu papel como instrutores e administradores do SEI. Isso ficou bem claro? De fato, uma das poucas maneiras, e realmente tivemos bem poucas, que vi o pessoal do SEI ter problemas ao longo dos anos é porque alguns não compreenderam a diferença entre seu papel como professores e o papel que tem um portador do sacerdócio que ocupa um cargo eclesiástico. Se vocês me prometerem que não vão confundir essas coisas, poderemos prosseguir.

Creio que Cristo quer que nosso ensino conduza à cura de natureza espiritual. Não creio que os dez capítulos que citamos, dentre apenas vinte e oito que Mateus escreveu, teriam focado tanto o ministério do Salvador aos aflitos, angustiados e atormentados, se isso não tivesse um propósito. Tal como fez o Mestre, não seria maravilhoso medir o sucesso de seu ensino pela cura que acontece na vida de seus alunos?

Deixem-me ser um pouco mais específico. Em vez de apenas darem uma aula, esforcem-se um pouco mais para ajudar aquele astro cego do basquete a realmente enxergar,

aquela rainha surda da escola a realmente ouvir, ou aquele presidente paraplégico do grêmio estudantil a realmente andar. Esforcem-se um pouco mais para fortalecê-los tão vigorosamente de modo que não importa quais forem as tentações que os diabos do inferno lançarem contra eles, seus alunos serão capazes de suportá-las e, naquele momento, permanecer realmente livres do mal. Vocês seriam capazes de esforçar-se um pouco mais para ensinar tão vigorosa e espiritualmente aquele aluno que vai sozinho para a escola e volta sozinho dela, que se senta sozinho no refeitório, que nunca teve namorada, que é o alvo de todas as piadas, que chora sozinho na calada da noite — seriam capazes de utilizar mais plenamente o poder das escrituras e do evangelho para “limpar” aquele leproso, não um leproso por culpa própria, mas um leproso criado pelas pessoas que o rodeiam?

“PORTANTO, O QUE DEVE SER FEITO?”

Talvez uma lição tirada da experiência de vida do atual Quórum dos Doze me ajude a dizer o que desejo dizer agora e evitar que vocês fiquem confusos. Sugeri que lessem para terem uma visão geral, um panorama, para verem os ensinamentos no contexto. Acabei de usar um exemplo, não o melhor exemplo, apenas um exemplo. Quero agora abordar um resultado, a avaliação de um professor.

O Presidente Boyd K. Packer, sendo ele mesmo um exímio professor e tendo trabalhado por muito tempo como administrador do Sistema Educacional da Igreja, tem uma pergunta que faz freqüentemente depois de termos feito uma apresentação ou termos dado um tipo de exortação para outro membro dos Doze. Ele ergue a cabeça, como se dissesse: “Terminou?” E então se dirige ao que acabou de falar (e implicitamente para todo o restante do grupo): “Portanto, o que deve ser feito?”

“Portanto, o que deve ser feito?” Creio que é isso que o Salvador dizia a cada dia como elemento inseparável de Seus ensinamentos e pregações. Tentei sugerir isso. Aqueles sermões e exortações não teriam nenhum valor se a vida real de Seus discípulos não mudasse.

“Portanto, o que deve ser feito?” Todos sabemos que ainda temos muitos jovens, e também muitas pessoas mais velhas, que não fizeram a ligação entre o que eles dizem que acreditam e como realmente vivem. Alguns, sem dúvida nem todos e certamente não a maioria, mas alguns parecem ser capazes de terem sido criados em um bom lar, os rapazes sendo avançados no sacerdócio, e os rapazes e as moças passando pelos vários programas da Igreja, alguns chegando até (e nisso quero ser muito cuidadoso) a ir ao templo para servirem em uma missão e casarem-se e realizarem aqueles convênios sagrados, para então descobrir que quase nada do que aprenderam antes — ou pelo menos não o suficiente — se traduziu em verdadeiro arrependimento e aplicação prática do evangelho.

Ressalto novamente que me refiro a exceções. Mas em alguns dias parece haver mais exceções do que nós ou o Pai Celestial gostaríamos que houvesse. Portanto, repito o chamado do Mestre por mais ceifeiros na vinha, não apenas declarando o evangelho do reino, mas ensinando de modo a curar todo tipo de enfermidades entre o povo.

Orem para que seu ensino resulte em mudanças. Orem para que, tal como a letra de uma canção quase esquecida, suas lições façam literalmente com que um aluno se “endireite e voe direito” (Nat King Cole, “Straighten Up and Fly Right”, 1943). Queremos que eles tenham uma vida em ordem e queremos que sejam justos. Queremos que sejam felizes, felizes nesta vida e salvos no mundo vindouro. (...)

ENSINEM PELO ESPÍRITO

Peço-lhes que ensinem pelo Santo Espírito. Se não ensinarmos dessa maneira, então pela definição das escrituras estamos ensinando “de alguma outra forma” (D&C 50:17). E qualquer outra forma “não é de Deus” (versículo 20). Proporcionem experiências espirituais para seus alunos de todas as maneiras que puderem. É isso que o Novo Testamento procura fazer por vocês. Essa é a mensagem dos evangelhos. Essa é a mensagem do livro de Atos. Essa é a mensagem de todas as escrituras. Essas experiências espirituais tiradas dos registros sagrados manterão seus alunos no caminho e na Igreja, em nossos dias, tal como o fizeram na antigüidade para os membros da época do Novo Testamento, e tal como o fizeram em todas as outras dispensações do tempo.

“O Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14). Não se trata apenas de não conseguirem ensinar ou que seu ensino será pouco eficaz. Não, é mais forte do que isso. Trata-se da forma imperativa do verbo. “*Não* ensinareis”. É um mandamento como aqueles que foram dados no monte Sinai. Eles são alunos de Deus, não seus, assim como aquela era a Igreja de Deus, e não de Pedro, Paulo, Joseph ou Brigham.

Propiciem essa manifestação no coração de seus jovens, fazendo-os saber onde está realmente o poder, a segurança e a salvação, por intermédio desses nossos líderes da Igreja e as bênçãos da vida na Igreja. Façam com que ergam os olhos para o céu para pedir orientação, tal como os onze fizeram no dia em que Cristo ascendeu do Monte das Oliveiras diante de seus olhos, tal como fez Pedro no dia em que os conduziu em oração para preencherem a vaga nos Doze, tal como os primeiros santos fizeram ao verem Brigham Young transformar-se perante seus olhos.

Gostaria de concluir. Lembro-me quase com terror (não creio que seja uma palavra forte demais) da responsabilidade de ensinar a Crucificação, Expição e Ressurreição em minhas aulas, porque nunca senti que pude me elevar

ao nível de dignidade que sabia que o assunto merecia. Eu gostaria tanto que isso tocasse o coração dos alunos e sei que se houver um elo fraco na experiência não seriam os alunos e sem dúvida não seria o Senhor — seria eu.

Embora eu ame o Salvador muito mais agora e tenha sido chamado com testemunha de Seu nome em todo o mundo, ainda me sinto sobrecarregado e inadequado nesse assunto. Digo isso para encorajá-los. Vocês, como professores, irão sentir isso em certos dias, e freqüentemente será nos dias em que desejarão ser o melhor possível.

Tenham ânimo. Deixem que o Espírito opere em vocês de modo que talvez nem tenham o privilégio de ver ou mesmo de reconhecer. Acontecerá muito mais do que imaginam se forem sinceros de coração e procurarem viver da forma mais pura que puderem. Quando chegarem àqueles momentos supremos e quase impossíveis de ensinar do Getsêmani, do Calvário e da Ascensão, peço-lhes que se lembrem, entre outras coisas, de duas das muitas aplicações que espero que façam com seus alunos.

CRISTO PERMANECEU FIEL

Lembrem aos alunos, embora haja muitas outras coisas para se dizer, mas lembrem aos alunos que naquele momento de indescritível sofrimento e terrível dor, *Cristo permaneceu fiel*.

Mateus disse que Ele “começou a entristecer-se e a angustiar-se muito”, ficando com a alma “cheia de tristeza até a morte” (Mateus 26: 37–38). Ele foi sozinho ao jardim, deixando deliberadamente os discípulos do lado de fora esperando. Ele teve que fazer aquilo sozinho. Caiu de joelhos e então, conta o Apóstolo, Ele “prostrou-se sobre o seu rosto” (versículo 39). Lucas disse que Ele estava “em agonia” e orou tão intensamente que Seu suor “tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão” (Lucas 22:44). Marcos disse que Ele prostrou-se em terra e clamou: “Aba, Pai” (Marcos 14:36) *Papai*, disse Ele. Isso não é teologia abstrata. Era um Filho suplicando a Seu Pai. “Aba [Papai], (...) todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice.”

Quem resistiria a tal súplica? Deus no céu — em Sua retidão, por aquele que era Seu único filho perfeito — quem resistiria? “Tudo podes fazer. Sei que podes. Afasta de mim este cálice.”

Marcos observou que aquela oração significava que, se isso fosse possível, aquela hora fosse removida do plano. Ele disse, de fato: “Se houver outro caminho, eu preferiria seguir por ele. Se houver alguma outra maneira — qualquer que seja — eu a aceitaria com alegria”. “Passe de mim este cálice”, escreveu Mateus (Mateus 26:39). “Passa de mim este cálice”, disse Lucas (Lucas 22:42). Mas no final o cálice não foi passado.

Então, Ele disse e fez aquilo que mais caracterizou Sua vida na mortalidade e na eternidade, as palavras e a ação que fizeram de Jesus o Filho de Deus, de acordo com o grande profeta Abinádi, do Livro de Mórmon. Ele disse e fez o que Ele tinha que fazer para tornar-Se o Filho (com letra maiúscula) de Deus. Ele cedeu à vontade de Seu Pai e disse: “Não se faça a minha vontade, mas a tua” (versículo 42). Esse foi, para todos os intentos e propósitos, o último momento de conversa divina entre o Pai e o Filho no ministério mortal de Jesus. Depois disso, a sorte havia sido lançada. Ele concluiria Sua missão não importava o que viesse.

E daquela última declaração no Velho Mundo temos esta primeira declaração no Novo Mundo. Aos nefitas reunidos no templo, Ele diria: “Eis que eu sou Jesus Cristo, (...) a luz e a vida do mundo; e bebi da taça amarga que o Pai me deu e (...) me submeti à vontade do Pai em todas as coisas desde o princípio” (3 Néfi 11:11). Essa foi a apresentação que fez de Si mesmo, a declaração que Ele considerou ser a que melhor nos explica quem Ele é.

Se vocês deixarem com seus alunos um elemento de comprometimento em resposta ao incomparável sacrifício do Salvador por eles, Seu pagamento pelas transgressões deles, Seu sofrimento pelos pecados deles, procure ajudá-los a ver a necessidade de obedecer — de se submeter, nas horas de suas próprias dificuldades e decisões, à “vontade do Pai” (versículo 11), custe o que custar. Eles nem sempre farão isso, não mais do que nós pudemos fazê-lo, mas essa deve ser a meta deles; esse deve ser seu objetivo. A coisa que Cristo parecia mais ansioso em salientar sobre Sua missão — além das virtudes pessoais e dos magníficos sermões e até das curas, é que Ele submeteu Sua vontade à vontade do Pai.

Somos pessoas obstinadas na maior parte do tempo, talvez. Sem dúvida seus alunos serão obstinados ao tentarem fazer coisas novas, testarem os limites, testarem sua fé e a Igreja e, freqüentemente, testarem a fé que vocês têm. Mas a mensagem para todos nós e para todos eles é que nossa oferta, à semelhança da oferta Dele, é um coração quebrantado e um espírito contrito. Precisamos vencer nossa mesquinhez e chorar por nossos pecados e pelos pecados do mundo. Peçam a seus alunos que se submetam ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito. Não há outro caminho. Sem nos compararmos demais a Ele, porque isso seria sacrilégio, aquele símbolo do cálice que não pode ser passado é algo que acontece em nossa vida, tal como aconteceu na Dele. Em nível muito menor, mas acontece freqüentemente conosco para ensinar-nos que devemos obedecer.

CRISTO CONHECE O CAMINHO

A segunda lição da Expição que peço que lembrem juntamente com seus alunos está relacionada ao que já dissemos. Se seus alunos sentirem que já cometeram erros

demais, se sentirem que deram demasiadamente as costas ao princípio da obediência, se sentirem que trabalham e vivem de modo que a luz de Cristo não possa ajudá-los, ensinem a eles, tal como o Profeta Joseph compartilhou com os santos, que Deus tem a “disposição de perdoar”, e que Cristo é “misericordioso e bondoso, tardio em irar-se, longânimo e cheio de boas qualidades” (*Lectures on Faith*, 1985, p. 42). A misericórdia, com a virtude gêmea do arrependimento e perdão, é um dos pontos centrais da Expição de Jesus Cristo. Tudo no evangelho nos ensina que podemos mudar se realmente desejarmos, que podemos ser ajudados se realmente pedirmos, que podemos ser curados, não importa quais tenham sido os problemas passados.

A despeito das tribulações da vida e por mais assustadoras que pareçam algumas das coisas que estão para vir, há auxílio para seus alunos nesta jornada. Quando Cristo lhes pedir que se submetam e obedeçam ao Pai, Ele sabe como ajudá-los a fazer isso. Ele passou por esse caminho e pede que eles façam o que Ele fez. Ele o tornou mais seguro. Ele o tornou muito mais fácil de ser transposto em suas viagens e nas nossas. Ele sabe onde estão as rochas pontiagudas e as pedras de tropeço, e onde estão os piores espinhos e sarças. Ele sabe onde o caminho é perigoso, Ele sabe que rumo seguir quando a estrada bifurca e a noite cai. Ele sabe tudo isso porque sofreu “dores e aflições e tentações de toda espécie (...) para que saiba (...) como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades” (Alma 7:11—12). *Socorrer* significa “correr para”. Testifiquem a seus alunos que Cristo correrá para eles, e está correndo agora, se eles apenas receberem o braço estendido de Sua misericórdia.

Para aqueles que vacilam e tropeçam, Ele está ali para firmá-los e fortalecê-los. No final, Ele está ali para salvar-nos, e por tudo isso, Ele deu a Sua vida. Não importa quão sombrios pareçam ser os dias de seus alunos, eles foram muito mais sombrios para o Salvador do mundo.

Como lembrança daqueles dias, Jesus decidiu, mesmo em um corpo ressuscitado e perfeito em todos os outros aspectos, manter para o benefício de Seus discípulos as feridas em Suas mãos e pés e no lado — um sinal, se assim desejarem considerar, de que coisas dolorosas acontecem mesmo aos puros e perfeitos; um sinal de que a dor neste mundo *não* é evidência de que Deus não nos ama; um sinal de que os problemas passam e podemos ter felicidade. Lembre a seus alunos que é o Cristo ferido que é o Capitão de nossa alma, Ele que ainda possui as marcas de nosso perdão, as lesões de Seu amor e humildade, a carne ferida da obediência e sacrifício.

Essas feridas são a principal maneira pela qual O reconheceremos quando Ele vier. Ele nos convida a aproximar-nos, como fez com outras pessoas, para ver e sentir essas marcas. Se não antes, então certamente naquela ocasião, lembraremos juntamente com Isaías que foi por nós que Deus foi “desprezado (...) e rejeitado (...) homem de dores, e experimentado nos trabalhos”, que “ele foi ferido por causa das nossas transgressões; e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:3, 5).

Testifico que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Testifico que Ele é perfeito, uno com o Pai em todo pensamento, toda virtude, toda ação, todo desejo. Testifico que a vida Dele foi a maior que já foi vivida e que somente em Seu nome está a salvação. Testifico que Joseph Smith viu o Pai e o Filho, quando foi conduzido através do véu pelo Santo Espírito. Testifico que esses seres divinos, a Trindade, lideram e dirigem esta Igreja ainda hoje, e que o Presidente Gordon B. Hinckley é Seu profeta em palavra e ação em todos os aspectos nos dias atuais.

Amo vocês e amo seu trabalho. Amo seus alunos e invejo sua oportunidade de dedicarem-se completamente neste ano ao majestoso Novo Testamento e à vida Daquele sobre quem ele testifica.

“UM ESTANDARTE PARA O MEU POVO”

ÉLDER JEFFREY R.
HOLLAND

DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Trecho de um discurso para educadores religiosos proferido em um simpósio sobre o Livro de Mórmon, Universidade Brigham Young, 9 de agosto de 1994, pp. 13–15

Nenhuma discussão sobre Cristo no Livro de Mórmon estaria completa sem pelo menos uma referência ao notável material contido em 3 Néfi. Há muitas coisas ali que o tornam *extremamente* emocionante. Quero compartilhar apenas um ponto que provavelmente é bem conhecido de todos vocês.

Quando o Salvador chegou ao final daquele notável primeiro dia de visita aos nefitas, percebendo que estavam cansados e que Ele precisava deixá-los por algum tempo, disse: “Preparai a mente para amanhã e eu virei a vós outra vez” (3 Néfi 17:3). Então, para ressaltar que não iria deixá-los por algum motivo fútil, Ele declarou Sua designação: “Mas agora vou para o Pai e vou também me manifestar às tribos perdidas de Israel, porque não estão perdidas para o Pai, pois ele sabe para onde as levou” (3 Néfi 17:4). Obviamente, naquele momento Ele tinha um grande chamado ao dever.

Mas então, passando os olhos pela multidão, viu as lágrimas nos olhos deles que expressavam seus sentimentos, implorando que Ele permanecesse um pouco mais com eles. Movido pela compaixão e sem dizer nenhuma palavra, Ele assentiu, convidando-os a trazerem seus enfermos, coxos, cegos, leprosos, atrofiados e surdos, todos para serem curados por Suas mãos, de acordo com sua fé e a vontade do Pai. Por mais milagroso e tocante que tudo isso tenha sido, foi apenas um prelúdio ao momento maravilhoso em que Ele se colocou no meio das crianças, pelas quais chorou, abençoando-as uma a uma. Anjos (...) desceram do céu em meio ao fogo sagrado que circundava as crianças, ministrando a elas em glória e majestade.

Segue-se então nessa saga de espontânea grandiosidade espiritual a instituição do sacramento, com todo o seu significado sagrado.

Portanto, chegamos a vigorosas doutrinas, declarações assombrosas proferidas pelo próprio Filho de Deus. Tivemos nosso primeiro dia com Ele — de 3 Néfi 11 a 3 Néfi 18 — sentindo pessoalmente as feridas em Sua carne, ouvindo o sermão no templo, aprendendo sobre o convênio, vendo a fulgurante manifestação de anjos, concluindo com a instituição do sacramento.



E então, recebemos este conselho, que creio ter sido dado com a intenção de ser o ponto culminante de um dia repleto de momentos preciosos. No clímax do primeiro dia, quando o sacramento da ceia do Senhor estava sendo ministrado, recebemos este reluzente diamante, este mandamento simples e claro. Ele disse para os doze nefitas:

“Em verdade vos digo que deveis vigiar e orar sempre, para que não sejais tentados pelo diabo e levados cativos por ele.

E da mesma forma que orei entre vós, assim orareis na minha igreja entre o meu povo que se arrepende e é batizado em meu nome. *Eis que eu sou a luz; eu dei-vos o exemplo*” (3 Néfi 18:15–16; grifo do autor).

Então, voltando-se dos Doze para a multidão, Ele disse: “Eis que em verdade, em verdade *vos* digo que deveis vigiar e orar sempre para não cairdes em tentação; porque Satanás deseja ter-vos para vos peneirar como trigo” (3 Néfi 18:18; grifo do autor). Então, Ele convidou todos a orarem em suas famílias, orarem por aqueles que estavam pesquisando a Igreja — um grande e abrangente convite sobre como devemos orar, seguido destas palavras: “Portanto levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. *Eis que eu sou a luz que levantareis — aquilo que me vistes fazer. Eis que vistes que eu orei ao Pai; e vós todos o testemunhastes*” (3 Néfi 18:24; grifo do autor).

E eles realmente testemunharam Cristo orando:

“Ele (...) orou ao Pai; e as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas e a multidão que o ouviu deu testemunho.

E desta forma testemunharam: Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram, até agora, coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai;

E não há língua que possa expressar nem homem que possa escrever nem pode o coração dos homens conceber coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que nos encheu a alma na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai” (3 Néfi 17:15–17; grifo do autor).

Mal posso imaginar como deve ter sido *ouvir* o Salvador orar, mas não posso sequer compreender o significado do que eles disseram: “Não há língua que possa expressar nem homem que possa escrever nem pode o coração dos homens conceber” o que eles *viram* o Salvador orar. Uma coisa é *ouvir* uma oração. Sem dúvida algo totalmente diferente é *ver* uma oração.

O que foi que eles *viram*? Bem, isso não pode ser escrito. Mas é suficiente dizer que esse foi o grande, final e definitivo exemplo que Ele deixou para o povo daquela época, a jóia mais preciosa, o conselho dado após o sacramento

para os Doze e para todos aqueles que quisessem tomar Sua cruz e segui-Lo: *Eles precisavam orar*, e orar sempre.

Precisavam orar individualmente e com sua família. Precisavam orar pelo membro mais novo, pela criança mais jovem e pelo homem mais idoso entre eles. Precisavam orar pelos que ainda estavam no mundo, aqueles que ainda não tinham a verdade. Precisavam orar por todos, inclusive seus inimigos e aqueles que os maltratavam com desprezo e os perseguiram. *Essa é a luz que deveriam erguer bem alto. Essa é a prova que dariam de sua fé no Pai Celestial.*

A oração é a adoração em sua forma mais simples e poderosa, conforme ensinou o desconhecido Zenos (ver Alma 33:3). Ela é “o desejo sincero da alma, expresso ou não” (“Prayer Is Soul’s Sincere Desire, *Hymns*, nº 145). “Portanto levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. Eis que eu sou a luz que levantareis — aquilo que me vistes fazer. *Eis que vistes que eu orei ao Pai; e vós todos o testemunhastes*” (3 Néfi 18:24; grifo do autor).

O Cristo que orava. Esse é o exemplo que devemos mostrar às pessoas. O Cristo cheio de humildade. O Cristo da comunhão espiritual. O Cristo que depende de Seu Pai. O Cristo que pede bênçãos para as pessoas. O Cristo que invoca os poderes do céu. O Cristo que é um com o Pai em pelo menos uma maneira na qual também podemos unir-nos a Ele: por meio da oração.

De todos os muitos aspectos de Sua vida que vocês ensinam para seus alunos, certifiquem-se com toda a certeza de ensinar-lhes o Cristo que ora. Além de colocarem as escrituras nas mãos de seus alunos, não há auxílio mais seguro que vocês podem dar-lhes neste mundo difícil em que eles vivem e nesta época cada vez mais destrutiva que estão enfrentando. Elevem essa luz para eles: Cristo buscando orientação, apoio e proteção do Pai. Cristo submetendo-Se, ajoelhando-Se, cedendo e obedecendo à vontade de Seu Pai Celestial. Essa é a luz que devemos mostrar ao mundo e que vocês devem mostrar a seus alunos. Essa é a imagem de Cristo proferindo coisas inexprimíveis.

Faça a seus alunos esta promessa, tal como Cristo a fez para a multidão de nefitas: “E tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, que seja justo, acreditando que recebereis, eis que vos será dado” (3 Néfi 18:20). Eles precisavam acreditar nisso. E acreditarão, se vocês acreditarem.

Meu testemunho final esta noite é o de Morôni, sem dúvida a voz mais solitária da história das escrituras. Em seu isolamento, Morôni torna-se, uma espécie de três testemunhas em uma, dirigindo-se a nós por três vezes, como se, em sua declaração final sobre o Salvador e seu testamento messiânico, do qual será o último autor. Seu primeiro testemunho é a sua conclusão do livro do pai, cobrindo os capítulos oito e nove daquele texto. Uma passagem de escritura dessa seqüência sobre Cristo

abençoou-me num momento crucial de minha vida, de modo mais vigoroso e dramático do que qualquer outro versículo das escrituras. Amarei Morôni para sempre somente por aquela experiência, se não houver outro motivo — e há muitos outros motivos.

O segundo testemunho de Morôni encontra-se no livro de Éter — seu próprio comentário naquele livro, depois da coisa extraordinária e única que aconteceu ao irmão de Jared. Aquelles vinte e oito versículos do terceiro capítulo de Éter podem muito bem ser o mais notável encontro único com Cristo que um homem mortal já vivenciou neste mundo, e temos uma enorme dívida para com Morôni por tê-los preservado para nós. E que lição de humildade ao vermos que naquela revelação sem precedentes recebida por alguém que tinha uma fé inigualável, não nos foi dado sequer o nome do profeta que a recebeu! Que assombrosa e serena declaração ao mundo que quase se afoga num mar de egoísmo e egocentrismo!

O terceiro e último testemunho de Morôni é dado na conclusão de seu próprio livro, salientando a fé em Cristo, a esperança em Cristo, a caridade de Cristo, orando para que essas três grandes virtudes cristãs, esses três princípios cristãos finais, nos conduzam à pureza: “Rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, (...) que vos torneis os filhos [e filhas] de Deus; *que quando ele aparecer, sejamos como ele*, porque o veremos como ele é; (...) que sejamos purificados, como ele é puro” (Morôni 7:48; grifo do autor).

Minha oração por vocês e seus alunos neste ano é a oração de Morôni, conforme ensinado por seu Pai — uma oração por pureza — a pureza de Cristo — que nos advém por nossa fé, esperança e caridade. Que o vejamos como Ele é e sejamos semelhantes a Ele quando Ele aparecer. Que sejamos purificados, como Ele é puro.

“[Vinde] a Cristo e (...) vos [apegueis] a toda boa dádiva; e (...) não [toqueis] (...) no que é impuro. (...)

Sim, vinde a Cristo, sede aperfeiçoados nele. (...)

E (...) se pela graça de Deus fordes perfeitos em Cristo e não negardes o seu poder, então sereis santificados em Cristo pela graça de Deus, por meio do derramamento do sangue de Cristo, que está no convênio do Pai para a remissão de vossos pecados, a fim de que vos torneis santos, sem mácula” (Morôni 10:30, 32–3).

Esse apelo final e solitário da pedra angular de nossa religião e o livro mais correto que já foi escrito é o de não tocarmos em coisas impuras; é que sejamos santos e sem mácula; que sejamos puros. E essa pureza só pode advir pelo sangue daquele Cordeiro que tomou sobre Si nossas dores e carregou nossos pesares, o Cordeiro que foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades, o Cordeiro que foi desprezado e aflito, mas do qual não fizemos caso (ver Mosias 14).

Mas a despeito de tudo que Lhe infligimos, e apesar dos sofrimentos que Ele não precisava ter tido que sofrer, e embora nossos pecados e nossa estupidez sejam como escarlata, podemos tornar-nos “brancos como a neve” (ver Isaías 1:18).

“Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram? (...)

Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:13–14).

Pureza — pelo sangue do Cordeiro. É isso que esse livro nos pede, e é por isso que eu oro, que vocês ajudem seus alunos a buscar. Esse é o convênio de Deus. Essa é a missão de Cristo. Esse é nosso privilégio, nosso dever e nossa oportunidade não merecida.

COISAS MARAVILHOSAS DEMAIS PARA MIM

ÉLDER VAUGHN J.
FEATHERSTONE
DOS SETENTA

*Trecho de Brigham Young
University 2000–2001
Speeches, (2001), pp.
171–173, 180*

Há uma escritura mencionada pelo Presidente Howard W. Hunter no treinamento das Autoridades Gerais, na conferência de outubro de 1992.

Escrevi essa declaração na margem de minhas escrituras. Essa escritura está em Jeremias 31:31–34.

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá.

Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; (...)

Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

Eu não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor; porque lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados.

Estou convencido de que a maioria de vocês viverá para ver esse dia. Como o grande Jeová pode colocar Sua lei em nosso interior e escrever em nosso coração? Por que não haverá mais necessidade de ensinarmos nosso próximo? Por que Ele perdoará às nossas iniquidades?

Há um ano, em abril passado, o Presidente Packer, que juntamente com os Doze Apóstolos é responsável pelo treinamento de todas as Autoridades Gerais e de Área, deu-nos um conselho e orientação que irá conduzir-nos ao cumprimento dessa citação de Jeremias. O treinamento foi o mais profundo e significativo que já tive em meus 29 anos como Autoridade Geral. Ele mudou minha vida e imagino que o mesmo se deu com todas as outras Autoridades Gerais. O Presidente Packer é um vidente divino. Ele fez toda a



preparação necessária e todo o esforço exigido pelo Senhor para receber Dele a orientação de que necessitava. Ele leu os livros sobre Cristo escritos por Frederic William Farrar, possivelmente o mais correto estudioso da Bíblia de fora da Igreja. Foi ele e seus escritos que o Élder James E. Talmage citou em *Jesus, o Cristo*. O Élder Bruce R. McConkie frequentemente fazia citações de suas obras. O Presidente Packer leu *The New Foxe's book of Martyrs*, que eu também tive a oportunidade de ler. A humilhação, o sofrimento e o horror sofridos pelos antigos cristãos e a crueldade dos adversários está além de nossa capacidade de compreensão. Os cristãos, em sua maioria, foram queimados em estacas, tiveram sua carne arrancada, foram enterrados vivos ou colocados em jaulas com leões ou tigres quase mortos de fome. Aqueles antigos cristãos sofreram as dores mais profundas e pungentes possíveis, e quase em seu último suspiro, invocaram o nome de Jesus. Foi quase como se já pudessem vê-Lo. Ao ler as histórias de centenas que sofreram essas coisas horríveis, fiquei me perguntando e esperando que, caso viesse a ser colocado numa situação semelhante, eu sofresse da forma maravilhosamente digna com que eles sofreram. Espero que eu tivesse sido forte o suficiente para isso.

O Presidente Packer leu *Jesus, o Cristo* novamente. Ele leu todas as escrituras sobre o Espírito Santo e o Espírito de Deus nas obras-padrão. Ponderou e orou, então recebeu a revelação. Estou convencido de que não foi apenas para ser colocada no coração das Autoridades Gerais, mas foi uma revelação para toda a Igreja. Creio que as Autoridades Gerais têm a sagrada e santa obrigação de levar essa mensagem para a Igreja. Creio que vocês ouvirão mais a respeito desse assunto inspirado nos dias, meses e anos vindouros, e isso irá ajudar e abençoar a Igreja mais do que qualquer outra coisa.

A mensagem do Presidente Packer foi a de que precisamos viver de modo a sermos dignos de ter a companhia do Espírito Santo 24 horas por dia, sete dias por semana, pelo restante de nossa vida. Essa não é uma mensagem exclusiva para nós, é uma mensagem para todos os membros da Igreja. Podem imaginar o que aconteceria se todo homem, mulher, jovem e criança vivesse dessa forma de modo a qualificar-se para isso? Surpreenderíamos o mundo. Imaginem 11 milhões de membros da Igreja, hoje

em dia, e então 20, 50, 80 e 100 milhões no futuro, tendo a companhia constante do Espírito Santo.

Acredito que o Presidente Howard W. Hunter, ao citar aquela maravilhosa escritura de Jeremias, sabia que num dia futuro, não muitos anos depois, o Presidente Packer nos ajudaria a qualificar-nos para o cumprimento dessa bênção maravilhosa.

A segunda revelação absoluta e profundamente importante foi recebida quando ele e os Doze nos encorajaram a testificar sobre o Cristo Vivo. Vocês leram a declaração sobre o Cristo Vivo do Presidente Hinckley, seus conselheiros e o Quórum dos Doze. Com que frequência testificamos a respeito das coisas que consideramos mais preciosas e valiosas nesta vida? Para alguns pode ser que seja ocasionalmente, ou seja, uma vez por ano, ou quando somos chamados para fazer um discurso, ou numa reunião de testemunhos. Somos verdadeiros discípulos de Cristo; precisamos testificar todos os dias em todo lar santo dos últimos dias para nossa esposa ou marido, irmãos e filhos. Há pessoas que devemos amar mais do que tudo neste mundo. São esses que desejamos que conheçam a veracidade desta grandiosa obra. Haverá oportunidades na escola, no trabalho e na comunidade para testificarmos a nossos amigos e vizinhos que não são de nossa religião, de modo humilde e bondoso, bem como para testificarmos uns para os outros e edificarmos maior fé.

Por exemplo: Um filho pode dizer-nos: “Acho que o Presidente Hinckley é mesmo um homem muito bom”.

Podemos dizer: “Realmente, ele é maravilhoso”.

E se em vez disso disséssemos: “Filho, eu sei que ele é um profeta de Deus, um vidente e revelador. Ele pode ser um dos maiores profetas que já existiu”.

Percebem a diferença? Sentem a diferença?

Uma filha pode dizer: “Temos um ótimo bispo”.

Poderíamos responder: “Sim, querida, é mesmo”.

E se aproveitássemos essa oportunidade para dizer: “Querida, ele foi chamado por revelação de Deus. Ele veste o manto e é guiado por inspiração em seu chamado”.

Os filhos precisam ouvir seus pais testificarem. Os irmãos podem fortalecer-se mutuamente, e seus amigos podem ser elevados espiritualmente.

Podem imaginar algo nesta geração que afetaria mais os membros da Igreja do que vivermos de modo a sermos dignos da companhia constante do Espírito Santo e testificarmos conforme orientados e dirigidos pelo Espírito Santo, a respeito da veracidade desta obra grandiosa, majestosa e divina, e mais especialmente Dele a quem esta obra pertence?

É assim que colocamos Sua lei em nosso interior, e ela será escrita em nosso coração. É assim que nossa iniquidade será

perdoada. Evidentemente, quando vivemos de modo a sermos dignos da companhia do Espírito Santo, deve haver o exigido arrependimento, submissão e mansidão. Então nos qualificaremos, e o Espírito Santo nos inspirará a testificarmos, e o perdão será concedido.

A seção 93 de Doutrina e Convênios nos ensina que todo membro digno da Igreja tem realmente esta possibilidade:

Em verdade assim diz o Senhor: Acontecerá que toda alma que abandonar seus pecados e vier a mim e invocar meu nome e obedecer a minha voz e guardar meus mandamentos verá minha face e saberá que eu sou [D&C 93:1].

O Salvador disse “toda alma”, não apenas as Autoridades Gerais ou algumas almas especialmente privilegiadas. Ele disse toda alma. Percebem o poder que irromperia na Igreja se toda alma procurasse buscar a face de Cristo e saber que Ele é? Lembrem-se de que as promessas do Senhor sempre se cumprem.

Na primeira seção de Doutrina e Convênios, o Senhor nos aconselha com esta vigorosa declaração:

O que eu, o Senhor, disse está dito e não me desculpo; e ainda que passem os céus e a Terra, minha palavra será toda cumprida, seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo [D&C 1:38].

Em D&C 18:36, o Senhor ensinou: “Portanto podeis testificar que ouvistes minha voz”. Se eu já ouvi alguma vez a voz do Senhor, foi na declaração contida em D&C 1. Há um testemunho que penetra meu coração e minha alma de que o Senhor declarou a verdade. Tal como Jeremias, emocionou-me com sua palavra “foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos” (Jeremias 20:9).

Este é o momento de tomarmos a sagrada resolução de seguir os apóstolos e profetas, de buscarmos o Espírito Santo, e de testificarmos e qualificarmo-nos para ver o rosto do Mestre.

Aprendi por experiência própria que o jejum, a oração, o estudo e a ponderação são essenciais. Igualmente importante é o serviço. Precisamos seguir o padrão que Cristo deixou para nós. (...)

É meu testemunho que o Espírito Santo e o ato de testificar devem ser os pilares sobre os quais estão alicerçados nosso rumo, ao entrarmos no novo milênio. Juntamente com o profeta Jó, eu digo: “Essas coisas são maravilhosas demais para mim”.

Pertencemos a uma Igreja maravilhosa e magnífica. Presto solene e absoluto testemunho de que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Cristo é o Salvador do mundo, que esta é a Sua Igreja verdadeira e viva, que Deus, nosso Pai, é o Senhor Onipotente, que somos Seus filhos, que Ele nos ama e responde nossas orações, por mais humildes que sejam. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

ÉLDER ROBERT D. HALES DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de An Evening with Elder Robert D. Hales, 1º de fevereiro de 2002, pp. 2–5, 7

SER COMO UMA CRIANCINHA

Há alguns meses tive a oportunidade de assistir às reuniões em uma ala de Palm Springs, Califórnia. A presidente da Primária estava com um problema; uma das professoras tinha faltado. Quando eu estava prestes a sair do prédio, vi que havia duas classes reunidas sem professor. Fui até a Primária cumprimentar as crianças. Uma jovem missionária que retornara do campo foi convidada a dar a aula para a classe, mas fiquei tocado quando as crianças me perguntaram, quando eu estava prestes a sair: “Não vai ficar? Não vai ficar para nos ensinar?” Percebi quase uma súplica nos olhos deles e concordei, emocionado.

Senti um pouco o que o Salvador deve ter sentido quando os pais “traziam-lhe meninos para que lhes tocasse” e orasse por eles, “mas os discípulos repreendiam aos que lhes traziam.

Jesus, porém, vendo isto, indignou-se, e disse-lhes: Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus” (Marcos 10:13–14; ver também Mateus 19:13–14).

Eu disse: “Por terem-me pedido, por me quererem, ficarei e serei seu professor”. A jovem professora estava de acordo com a classe. Eram oito crianças de oito a onze anos, mas fizeram algumas perguntas notavelmente perspicazes. Uma bela menina, por exemplo, perguntou: “O que está fazendo para ser um bom Apóstolo?” Sua pergunta trouxe-me lágrimas aos olhos.

Respondi: “Estou tentando ser como você, uma criança. Nunca mude. Passei toda a vida esforçando-me para ser como Jesus disse, ‘como uma criança’”. Ensinei-lhes usando 3 Néfi: “Eis que vim ao mundo para trazer redenção ao mundo e salvar o mundo do pecado.

Portanto, todos aqueles que se arrependem e vierem a mim como crianças, eu os receberei, pois deles é o reino de Deus” (3 Néfi 9:21–22; ver também 3 Néfi 11:37; D&C 99:3).

A maioria das crianças é crente, bondosa, sem preconceitos ou defeitos; elas são puras, ternas, humildes e dispostas a receber orientação.



O Espírito estava tocando o coração delas e o meu. Eu disse: “À medida que ficamos mais velhos, às vezes nos esquecemos da ternura de ser criança e acreditar, como vocês fazem hoje. Vamos nos lembrar sempre destes momentos que passamos juntos e de termos sentido o Espírito conosco. Vamos nos lembrar deste momento, apegar-nos a ele, e nunca perdê-lo”.

As crianças fizeram comentários pungentes e perguntas fascinantes. Percebi o compromisso que estavam fazendo, especialmente no rosto de uma das meninas e dois dos meninos — seu testemunho e sinceridade eram muito evidentes.

Ensinei-lhes a respeito da visita de Jesus às Américas. Elas perguntaram como era Jesus no mundo espiritual e como Ele Se parecerá quando voltar novamente. Li para eles:

“E pegou as criancinhas, uma a uma, e abençoou-as e orou por elas ao Pai.

E depois de haver feito isso, chorou de novo;

E dirigindo-se à multidão, disse-lhes: Olhai para vossas criancinhas.

E ao olharem, lançaram o olhar ao céu e viram os céus abertos e anjos descendo dos céus, como se estivessem no meio de fogo; e eles desceram e cercaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo; e os anjos ministraram entre eles” (3 Néfi 17:21–24).

Os jovens de nossas classes são filhos preciosos de nosso Pai Celestial.

O Élder David B. Haight estava por acaso em Palm Springs na mesma ocasião, e assistiu à reunião que foi realizada logo após aquela da qual eu estava saindo. Quando ele entrou no estacionamento, encontrou-se com uma família: os pais e um menino da Primária. Os pais disseram: “O Élder Hales acabou de dar uma aula para nosso filho”. O Élder Haight me disse: “Aquele menino estava radiante”.

Quando ensinamos pelo Espírito, o coração aberto recebe o Espírito. “Porque o pregador não era melhor que o ouvinte nem o mestre melhor que o discípulo; e assim eram todos iguais” (Alma 1:26).

Tanto as crianças quanto eu aprendemos pelo Espírito. Não é diferente em nossas classes do seminário e instituto.

Não podemos nos esquecer da importância da fé. Ensinar pelo Espírito é realmente um exercício de fé. Para cada conceito que ensinamos e em tudo que testificamos precisamos confiar no Espírito Santo, para que Ele toque o coração daqueles que estão sob nossa responsabilidade. Ensina-mos pela fé; ensinamos pelo Espírito; declaramos ousadamente o nosso testemunho.

Uma das maiores preocupações que temos com nossos jovens é o fato de que muitos freqüentam o seminário e o instituto, mas não aplicam os ensinamentos que receberam em sua própria vida: ir ao templo para receberem sua investidura e serem selados quando tiverem a oportunidade de casarem-se no templo.

Precisamos de sua ajuda para incentivar seus alunos a aplicarem os princípios do evangelho ao dia-a-dia. Ao incentivarmos os jovens a aplicarem os ensinamentos do seminário e instituto em suas atividades diárias, estaremos fortalecendo o testemunho deles e seu desenvolvimento espiritual. (...)

APLICAR OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO

Minha preocupação é que existe uma diferença entre o que nossos jovens *conhecem* a respeito do evangelho, em contraste com o que eles *fazem* para aplicar os princípios do evangelho na sua conduta diária.

É nesse ponto que nós, como professores, somos muito importantes na vida de nossos alunos. Em muitos casos, temos que ensinar a nossos alunos a melhor maneira de eles aprenderem os fatos que precisam conhecer para progredirem em seu aprendizado e adquirirem conhecimento.

Como professores, precisamos exigir que nossos alunos pensem. Nunca me esquecerei das lições que aprendi de um professor da Escola Dominical, quando tinha aproximadamente dez anos de idade. Recebemos um grande cartão de Natal que tinha vários pequenos livretos dentro dele, cada qual com uma história da Bíblia: Davi e Golias, a Criação, Daniel na cova dos leões. Havia uma longa série de maravilhosas histórias da Bíblia. Lemos cada uma delas em casa e fomos para a sala de aula preparados para discuti-las. Lembro-me vividamente daqueles momentos de aprendizado como se fosse hoje.

Depois de discutir cada história, fizeram-nos perguntas como: “O que isso significa para você?” “Como essa escritura — ou história ou princípio — se relaciona com sua vida?” “Como você pode aplicar esse ensinamento em sua casa?” “Como você se sente em relação a essa história?” Descobri em minha própria casa com meus filhos que quando você faz essas perguntas, eles começam a viver e sentir as coisas que lhes foram ensinadas.

Fizeram-nos pensar. Não estávamos apenas aprendendo as histórias. Estávamos descobrindo como podíamos aplicá-las em nossa vida. Meu professor estava plantando a semente da fé e ajudando cada um de nós a crescer interiormente.

Podemos ensinar as escrituras na forma de histórias, mas precisamos aplicá-las à vida dos jovens, de modo que sejam mais eficazes. Nossos jovens poderão lembrar as histórias e verdades dos princípios do evangelho em sua própria vida, quando mais precisarem delas.

John Greenleaf Whittier escreveu com muita propriedade: “De todas as palavras tristes proferidas ou escritas, / As mais tristes são estas: ‘Poderia ter sido diferente!’” (“Maud Muller”, *The Complete Poetical Works of Whittier*, 1894, p. 48).

Não há nada mais trágico do que a pessoa olhar para trás e pensar em como as coisas poderiam ter sido. Tampouco desejamos que nossos alunos passem a vida inteira sem saber que são filhos de Deus, conhecendo o plano de salvação e sabendo por que estão aqui na Terra, quem são eles e como devem conduzir sua vida. Se conhecerem esse grande plano, conseguirão suportar todos os testes da vida, desviar os ardentes dardos do adversário, perseverar até o fim e alcançar a recompensa final do plano de felicidade.

Ensinem a importância e o poder de ponderar; reservem um tempo em classe para os alunos ponderarem, pensarem e trocarem idéias. Usem aplicações práticas: “O que isso significa para você?” Ponderem e orem. Peçam aos alunos que escrevam os pensamentos e impressões que tiverem e também seus sentimentos. Situações que promovem a fé ocorrem no ensino quando os alunos assumem o papel de ensinar e testificar para seus colegas. É muito importante ter discussões francas sobre a importância da oração e do estudo das escrituras para que os jovens possam ajudar-se e apoiar-se mutuamente.

É um processo. Permitam que isso aconteça durante a aula. Precisamos dar-lhes a capacidade de aprender com os erros dos outros, talvez de um irmão mais velho ou um amigo, e dar-lhes exemplos das escrituras, para que eles mesmos não tenham que cometer cada erro. As escrituras relatam todas as coisas que acontecem quando não somos obedientes. Nossos alunos não precisam repetir os erros e suportar a dor.

Algumas pessoas têm mais dificuldade para aprender do que outras. Esse aspecto do aprendizado exige professores que conheçam os alunos e a capacidade de aprendizado deles. Os bons professores conhecem não apenas o assunto que estão ensinando, mas também as necessidades dos alunos, que são igualmente importantes. Os bons alunos aprendem com seus professores, estão dispostos a ser corrigidos e expressam gratidão pelo conselho carinhoso do professor. Vocês, como bons professores, ensinem a seus alunos quem eles são e motivem-nos a atingir seu potencial para a salvação eterna.

Procurem saber o que está acontecendo na vida dos alunos. Temos que conhecer suas preocupações e o que eles estão enfrentando — por que eles agem da maneira que agem e por que dizem o que dizem.

Reconheçam quando um aluno estiver pronto para usar seu arbítrio e a ter forças para tomar decisões. Parte do processo de ensino é dar aos alunos uma idéia do que irão

enfrentar para ajudá-los a prepararem-se para os desafios que terão no futuro.

Todos gostaríamos de poder evitar os testes e provações da vida mortal, não é?

Aquiles, um dos grandes heróis da mitologia grega, foi o herói da *Iliada* de Homero.

Além do relato que Homero fez de Aquiles, outros autores posteriormente criaram fábulas e folclores a respeito de Aquiles e sua mãe, Tétis.

De acordo com alguns relatos, Tétis tornou Aquiles imortal mergulhando-o no rio Estige. Ela conseguiu tornar Aquiles invulnerável, exceto no calcanhar, por onde ela o segurou.

Aquiles cresceu e se tornou invencível, um guerreiro muito forte, que liderou o exército grego contra Tróia.

A morte de Aquiles é mencionada na *Odisseia*. Outros autores escreveram posteriormente que ele foi morto por uma flecha atirada por Páris e guiada por Apolo até sua única vulnerabilidade: o calcanhar.

Todo pai ou mãe e todo professor do SEI gostaria de encontrar o segredo de proteger seus filhos, tornando-os invulneráveis aos ardentes dardos do adversário, não é mesmo?

Infelizmente não podemos proteger nossos filhos das pedras e flechas da mortalidade. Nossos desafios, experiências de aprendizado e oposição existem para fortalecer-nos, e não para derrotar-nos ou destruir-nos.

DESENVOLVER FÉ EM PREPARAÇÃO PARA AS TORMENTAS DA VIDA

Quão importante é nos momentos de tribulações, ao sermos testados, não fazermos nada para perder a delicada inspiração, consolo, paz e orientação do Espírito Santo. Essa paz nos dá segurança para tomar as decisões corretas na vida para enfrentar as tormentas e aproximar-nos dos caminhos de Deus.

Temos a tarefa de ajudar nossos alunos a prepararem-se para as importantes decisões da vida para que nos momentos de desafio eles escolham com sabedoria o que fazer. Sabendo que eles têm o arbítrio e que há “oposição em todas as coisas” (ver 2 Néfi 2:11), nosso objetivo é ajudá-los a vestir “toda a armadura de Deus” (Efésios 6:11, 13; ver também D&C 27:15) para que eles possam vencer os “ardentes dardos do adversário (1 Néfi 15:24; D&C 3:8; ver também Efésios 6:16) com a “espada do Espírito” (Efésios 6:17; ver também D&C 27:18) e o “escudo da fé” (Efésios 6:16; D&C 27:17) para perseverarem até o fim e serem dignos de entrarem e viverem na presença de Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo por toda a eternidade.

Há muitos exemplos nas escrituras de pessoas que aprenderam muito bem essas lições e deram ouvidos à voz mansa e delicada de advertência. José fugiu da mulher de Potifar. O Salvador e sua família foram instruídos a fugir. Leí e sua família também receberam o mandamento de fugir. Nossos alunos precisam aprender que não podem permanecer onde estão quando a situação é maligna. Muito freqüentemente vemos jovens que pensam que podem vencer, mantendo um pé na Babilônia.

Como professores do SEI, nada queremos além do sucesso de nossos alunos. Às vezes queremos isso tanto que tentamos *fazer* com que isso aconteça. Todos conhecemos o hino que diz:

*A alma é livre para agir
E seu destino decidir;
Suprema lei deixou-nos Deus
Não forçará os filhos seus.*

*Apenas faz-nos escolher
O bem ou o mal neste viver;
Conselhos dá-nos, com amor,
Cuidado, graças e favor.*

(“A Alma É Livre”, *Hinos*, nº 149).

Não podemos forçar nossos filhos a terem fé. A fé vem de dentro de acordo com nosso desejo de recebê-la e exercê-la em nossa vida, para que por meio do Espírito tenhamos uma fé duradoura e a demonstremos em nossas ações.

Muito freqüentemente tentamos trazer alguém para o evangelho por nossa vontade. Isso pode ser muito importante nas fases iniciais. Mas o verdadeiro professor, depois que tiver ensinado os fatos e os alunos tiverem adquirido conhecimento, leva-os um passo adiante para que adquiram um testemunho espiritual e o entendimento no coração que os leve a agir e fazer.

É isso que temos que fazer ao avaliarmos cada dia na sala de aula com nossas perguntas e debates. Precisamos fazer o melhor possível para avaliar onde os alunos se encontram nessa estrada para a fé. (...)

A fé é um dom de Deus. Se buscarmos a fé, ela nos será concedida. Poderemos então ensinar outras pessoas a obterem fé e a terem essa fé sempre consigo. A fé é adquirida por meio da obediência às leis e ordenanças vivas. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá” (João 7:17).

Que as maiores bênçãos do Senhor estejam com vocês, ao ensinarem e testificarem a respeito desta grande obra para influenciar a nova geração de santos e pais. Que tenham o Espírito com vocês para discernirem as necessidades espirituais de seus alunos que estão se preparando para estarem no mundo sem serem do mundo. Ouçam as súplicas

deles para que sejam orientados e sejam para eles um exemplo de conduta na vida.

Oro por vocês em seu trabalho de ensino para que façam com que os jovens saibam que são realmente filhos de Deus. Que vocês sejam abençoados em sua família de

modo a amarem-nos, cuidarem deles e liderarem-nos em retidão.

Temos muita gratidão por seu trabalho dedicado e devotado. Porque da mesma forma que vocês vivem o evangelho em sua casa e em seu dia-a-dia, assim irão ensiná-lo pelo Espírito de Deus. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

UMA ATITUDE: OS ASSUNTOS MAIS IMPORTANTES

ÉLDER MARION D. HANKS DOS SETENTA

*Trecho de Ensign, julho de 1981,
p. 70*

Não tenham receio de dizer “*Eu não sei*”, porque na verdade há muitas coisas que não sabemos. Ensinem princípios que tenham importância para a salvação. Evitem julgar a fé das pessoas com base em nossa própria opinião pessoal



obstinada em assuntos que, na verdade, talvez não sejam tão significativamente relacionados à salvação.

É muito importante sabermos que Deus criou o homem e a Terra. Será que é igualmente importante conhecer os métodos ou o tempo envolvido nisso? Creio que não. Sei que Deus criou a Terra e sei por que o fez.

PELO ESPÍRITO DA VERDADE

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

*Trecho de um seminário de preside-
ntes de missão, 3 de abril de
1985, pp. 2, 4*

Nosso tema foi tirado de Doutrina e Convênios, seção 50, versículo 21. A breve frase que ali encontramos é como uma janela que se abre para todo o universo e deixa entrar um mundo de luz: “Aquele que recebe a palavra pelo Espírito da verdade recebe-a como é pregada pelo Espírito da verdade”.

Oçam cuidadosamente o contexto destas palavras:

“Portanto eu, o Senhor, faço-vos esta pergunta: Para quê fostes ordenados?”



Para pregar meu evangelho pelo Espírito, sim, o Consolador que foi enviado para ensinar a verdade.”

Todas as instruções que vocês receberão reconhecem o fato de que, quando ocorre a conversão, ela se dá pelo poder do Espírito. Para termos sucesso no trabalho missionário, precisam acontecer estas três coisas:

Precisamos compreender o que o pesquisador precisa sentir para receber a conversão.

Precisamos compreender como o missionário precisa sentir para ensinar com o poder de conversão do Espírito.

E depois precisamos compreender como o membro precisa se sentir para conseguir participar do processo de conversão.

Depois que compreendermos isso, cada detalhe de nossa administração e ensino deve ser direcionado no sentido de preparar um ambiente para que esses sentimentos possam ser plantados de modo suficientemente profundo para que os pesquisadores aceitem o batismo por imersão para a remissão de pecados.

O SENHOR MULTIPLICARÁ A COLHEITA

ÉLDER HENRY B. EYRING
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

An Evening with Elder Henry B. Eyring, 6 de fevereiro de 1998

Sinto-me grato por estar com vocês esta noite. Este programa se chama “Uma Noite com uma Autoridade Geral”. Para mim, é uma noite com amigos. Muitos estão reunidos neste histórico Tabernáculo, em Salt Lake City. Muitos outros se uniram a esta grande congregação em vários lugares espalhados pelo país, algo que se tornou possível graças ao milagroso avanço da eletrônica, um milagre que está acontecendo cada vez mais rápido. Esse avanço extraordinário é uma evidência da intenção que o Senhor tem de acelerar Seu trabalho na Terra. Em Sua amorosa bondade, Ele está multiplicando a capacidade que dispomos para realizar o trabalho ao qual fomos chamados, que é o de oferecer aos filhos de nosso Pai Celestial a oportunidade de escolher a vida eterna.

Em uma noite de fevereiro, vocês podem sentir-se um pouco desencorajados em relação à dificuldade que parece haver em conduzir os jovens para que escolham a vida eterna. Em suas salas de aula de hoje e ontem, vocês analisaram a expressão do rosto e a linguagem do corpo de seus alunos, procurando algum sinal de que o evangelho estava entrando no coração e na vida deles. Esta é a época do ano letivo, a metade do curso, quando as manhãs são escuras, pelo menos neste hemisfério, em que vocês ficam relendo uma velha carta de agradecimento de um aluno ou lembrando de uma conversa que tiveram depois da aula que os fizeram saber que uma vida tinha mudado para melhor. Todos ansiamos ver — às vezes dolorosamente — uma prova de que nosso esforço e sacrifício de alguma forma contribuiu para o trabalho do Senhor para a salvação das almas.

Há motivos para termos não apenas esperança mas também uma imensa gratidão. Muito mais do que os milagres modernos da tecnologia que o Senhor está nos concedendo, desde o princípio, Ele tem colocado ferramentas poderosas em nosso caminho para multiplicar os resultados de nosso esforço para a edificação do reino de Deus. Nesta noite, falarei sobre algumas delas. A partir do que eu mencionar, vocês poderão pensar em outras coisas. As que mencionarei são tão simples e comuns que podem ser ignoradas, e seu poder, menosprezado.

Meu propósito é dar-nos a confiança de que fazendo coisas pequenas podemos esperar uma grande colheita, por



causa dos preparativos que o Senhor fez para magnificar os resultados de nosso trabalho. Ao falarmos desses preparativos, é mais provável que façamos as pequenas coisas que multiplicarão a colheita, assim como o Senhor prometeu a alguns de Seus servos, conforme lemos na seção 104 de Doutrina e Convênios: “E, se forem fiéis, multiplicarei suas bênçãos e as de sua semente depois deles, sim, uma multiplicidade de bênçãos” (versículo 33).

As palavras dessa promessa nos lembram de um caminho que Ele preparou para a grande colheita de nossos esforços. É um princípio estabelecido antes da criação do mundo e que deve perdurar pelas eternidades. É o seguinte: o Senhor opera por meio das famílias. Quando uma bênção é proferida não apenas sobre uma pessoa mas sobre as gerações que se seguirão, há um aumento infinito de bênçãos. Essa simples idéia mudou a maneira como vejo meus alunos e até a maneira como vejo vocês esta noite. Ensinao alunos que serão pais e mães de gerações. Eles não apenas *podem* ser professores de seus filhos, mas eles receberam esse mandamento. Temos a bênção de ensinar nossos alunos por algumas horas por semana. Os pais podem, se assim decidirem, ensinar seus filhos muitas horas a cada dia durante a infância deles, muito antes de chegarem à idade em que teremos a bênção de ensiná-los, numa época em que o coração e a alma podem ser tocados mais facilmente e encaminhados para a vida eterna.

Podemos nos perguntar se eles poderão ter a segurança de copiar a maneira como os ensinamos quando se tornarem pais e forem ensinar no sagrado recinto de seu futuro lar. Nós, como professores, temos responsabilidades e limitações diferentes das que eles terão como pais. Mas aprendi que eles não apenas usarão nosso ensino como modelo, mas poderão fazê-lo com confiança. Os princípios pelos quais devemos ensinar também se aplicam com igual eficácia no lar. Nosso cuidadoso estudo e aplicação prática desses princípios abençoarão a vida de gerações de famílias.

SIGAM O CURSO TRAÇADO

Meu ponto de partida sempre é certificar-me de saber quais são esses princípios, lendo o discurso do Presidente J. Reuben Clark Jr.: “O Curso Traçado da Igreja na Educação”. Ele proferiu esse discurso há sessenta anos para alguns professores em Aspen Grove, que faz parte da Universidade Brigham Young. Ele viu os nossos dias e mais além, com visão profética. Os princípios que ele ensinou, sobre como devemos ver nossos alunos e como devemos ensiná-los, sempre irão se aplicar a nossas salas de aula e nos lares e famílias de nossos alunos e até dos filhos de nossos alunos. Estes são os princípios, as declarações de verdades, daquele discurso feito pelo Presidente J. Reuben Clark:

“Os jovens da Igreja, seus alunos, são em sua grande maioria fortes em pensamento e em espírito. O problema principal é mantê-los firmes, e não convertê-los.

E estão famintos pelas coisas do Espírito; estão ansiosos para aprender o evangelho e desejam-no na íntegra, sem rodeios” (*The Charted Course of the Church in Education*, edição revisada, 1994, p. 3).

Posteriormente em seu discurso, ele deixou bem claro quais eram os princípios de ensino que decorreriam obrigatoriamente dessa descrição de nossos alunos. Ele disse:

“Já deixei claro que nossos jovens não são crianças em sua espiritualidade; estão bastante desenvolvidos em relação à maturidade espiritual normal deste mundo. Tratá-los como crianças em espiritualidade, como o mundo trataria esse grupo etário, é portanto e igualmente um anacronismo. Digo novamente, raramente encontramos um jovem que tenha passado pelo seu seminário ou instituto sem que tenha sido conscientemente um beneficiário de bênçãos espirituais ou que não tenha visto a eficácia da oração, ou que não tenha testemunhado o poder da fé para curar os doentes, ou que não tenha vislumbrado manifestações espirituais sobre as quais a maior parte do mundo de hoje é completamente ignorante. Vocês não precisam esgueirar-se por trás desses jovens espiritualmente experientes e sussurrar-lhes religião nos ouvidos; podem chegar diretamente diante deles e conversar com eles face a face. Não precisam disfarçar as verdades religiosas com um manto de coisas mundanas; podem apresentar essas coisas abertamente, em seu estado natural. Vocês poderão descobrir que os jovens não têm medo dessas coisas tanto quanto vocês. Não há necessidade de uma abordagem gradual, de historinhas dissimuladas, de mimos, de condescendência ou de qualquer outro artifício infantil usado para inspirar os que são espiritualmente inexperientes e quase espiritualmente mortos” (*Charted Course*, p. 9).

Ao ouvirmos essa descrição otimista dos jovens, poderíamos perguntar-nos se o grande crescimento da Igreja desde 1938 teria mudado o princípio de que devemos ensinar claramente as coisas espirituais porque os jovens estão ávidos delas. Os jovens das classes de seminário e instituto de religião da época do Presidente Clark eram basicamente santos dos últimos dias de segunda ou terceira geração, nascidos sob convênio. Hoje, 67% por cento da Igreja são conversos. Desses conversos, 60% por cento têm entre quatorze e vinte e um anos de idade, justamente a faixa etária daqueles que são convidados a frequentar nossas salas de aula. Cada vez mais teremos conversos como nossos alunos.

A grande mudança em nossas salas de aula, à medida que o evangelho é levado para toda nação, tribo, língua e povo, apenas confirmará a visão profética do Presidente Clark.

Cada vez mais, teremos alunos que decidiram há poucos anos ou até há poucas semanas fazer os sagrados convênios nas águas do batismo. Eles terão recebido o direito à companhia do Espírito Santo pela imposição das mãos de pessoas com autoridade de Deus. Eles se lembrarão daquele momento. Estarão famintos pelas coisas do Espírito. Reconhecerão a verdade quando ela lhes for confirmada pelo Espírito. Estarão ávidos de tornar seu testemunho mais profundo sentindo a força de nosso testemunho das verdades fundamentais do evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Assim como nossos alunos serão cada vez mais o tipo de jovens descritos pelo Presidente Clark, da mesma forma serão os filhos que nascerão nas famílias de nossos alunos. Na última vez que vocês se sentaram com uma criança e leram uma escritura com ela ou ensinaram em uma reunião de noite familiar, vocês viram e sentiram nelas o que o Presidente Clark descreveu. Elas estão famintas das coisas do Espírito. E reconhecem a verdade espiritual, às vezes como se soubessem mais do que vocês estão ensinando para elas. Os princípios descritos há tantos anos serão um guia seguro nos anos vindouros, tanto em nossas salas de aula quanto no lar de nossos alunos e da posteridade deles.

Tudo isso torna ainda mais vital que estudemos e sigamos com fé os princípios que devem guiar-nos. Eis alguns deles, nas palavras muito claras do Presidente Clark:

“Vocês têm interesse em questões puramente culturais ou no conhecimento puramente secular, mas repito para dar ênfase, seu principal interesse, seu essencial e quase único dever é o de ensinar o evangelho do Senhor Jesus Cristo conforme foi revelado nestes últimos dias. (...) Quer estejam numa posição elevada ou não, vocês não podem deixar que sua filosofia pessoal seja introduzida em seu trabalho, não importa qual seja a fonte disso ou quão agradável ou racional lhes pareça. Fazer isso seria ter uma igreja diferente em cada seminário, e isso seria o caos.

Quer estejam em posição elevada ou não, vocês não podem mudar as doutrinas da Igreja nem torná-las diferentes de como estão declaradas nas obras-padrão da Igreja e por aqueles que têm autoridade para proclamar a mente e a vontade do Senhor para a Igreja. O Senhor declarou que Ele é ‘o mesmo ontem, hoje e para sempre’” (*Charted Course*, p. 10).

Segundo essa instrução, devemos ensinar a alunos espiritualmente famintos o evangelho de Jesus Cristo, da forma mais direta que pudermos, como está declarado nas obras-padrão e pelos profetas vivos. Na maior parte, estamos nos saindo bem — muito bem. Mas a enormidade de nossa responsabilidade e privilégio exige que nos perguntemos se podemos melhorar. O bom senso e a doutrina nos dão a resposta. *Podemos* melhorar. Como vocês esperariam, o

Presidente Brigham Young falou sobre isso. Conseguem ouvir a voz dele?

“O desenvolvimento pertence ao espírito e ao plano dos céus. Desenvolver nossa mente, ampliar nossa sabedoria, conhecimento e compreensão, coletar todo item de conhecimento que pudermos em todo tipo de mecânica e ciência, referente à Terra e ao propósito da organização da Terra, dos céus, dos corpos celestes — tudo isso é do Céu, é de Deus; mas quando uma pessoa ou um povo começa a se afastar do caminho, perder o vigor e tornar-se indolente, está se afastando do céu e das coisas celestes” (*Discourses of Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe, 1941, p. 78).

PEQUENAS COISAS QUE PODEMOS FAZER FREQUENTEMENTE

A maioria de nós já se esforçou para aprimorar-se pessoalmente. A experiência de vida me ensinou como as pessoas e as organizações melhoram: o melhor lugar para começar são as pequenas mudanças que podemos fazer nas coisas que fazemos frequentemente. Há muita força e poder na constância e na repetição. E se pudermos ser guiados por inspiração a escolher as pequenas coisas a serem mudadas, a obediência constante produzirá grande desenvolvimento.

Por esse motivo, quero sugerir três ferramentas que a maioria de nós usa, ou decide não usar, toda vez que ensinamos. Um pequeno melhoramento em qualquer delas ou em todas pode multiplicar nossa colheita, que é o grande desejo de nosso coração. A primeira é o devocional. A segunda é o currículo. E a terceira é fazer e responder perguntas.

Preciso antes lhes contar como procuro as pequenas mudanças, os pequenos melhoramentos que poderia fazer. Sigo os princípios ensinados pelo Presidente Clark. Ele nos disse que nossos alunos estão espiritualmente famintos e que devemos ajudá-los a serem nutridos. A única maneira pela qual eles podem ser nutridos é quando o Santo Espírito confirma e amplia as verdades do evangelho que ensinamos. E o Senhor nos disse como termos certeza de que isso acontecerá. Um lugar das escrituras que deixa isso bem claro para mim é a sexta seção de Doutrina e Convênios, nos versículos quatorze e quinze. O Senhor descreveu um processo que nossos alunos saberão que foi verdadeiro para Oliver Cowdery, será verdadeiro para eles e também para os filhos deles:

“Em verdade, em verdade te digo: Bem-aventurado és pelo que fizeste; porque me procuraste e eis que, tantas vezes quantas inquiriste, recebeste instruções de meu Espírito. Se assim não fora, não terias chegado ao lugar onde agora estás.

Eis que tu sabes que me inquiriste e que te iluminei a mente; e agora te digo estas coisas para que saibas que foste iluminado pelo Espírito da verdade.”

Considero essa declaração como doutrina verdadeira e uma instrução bem simples. As pequenas mudanças que eu procuraria são as que aumentariam a possibilidade de a pessoa que estou ensinando perguntar a Deus com fé. Isso sem dúvida sempre fará com que o Espírito a ilumine. Esse é o alimento que buscamos para os nossos alunos. Isso nos ajudará a descobrir melhorias específicas que poderíamos ponderar e que se referem a todos os aspectos do que fazemos regularmente ao ensinar.

O DEVOCIONAL

O devocional, como exemplo, oferece uma oportunidade de aplicar o princípio. Para a maioria de nós, o devocional pode incluir música, oração e um pensamento espiritual — geralmente nessa ordem.

Os hinos de Sião convidam o Espírito Santo para a sala. Portanto, sempre que pudermos, devemos cantar. Há uma maneira desleixada de fazer isso e uma maneira cuidadosa. A maneira cuidadosa é pensar em qual será a lição daquele dia, descobrir o conceito principal que queremos que os alunos saibam que é verdadeiro, e então pedir a um aluno que escolha um hino que ajude a fazer com que isso aconteça. Não parecerá uma coisa sem importância para o jovem que receber esse pedido, quando sentir que realmente precisamos de sua ajuda. Se isso for feito com o devido cuidado, nosso convite pode fazer com que busquem ajuda. Se eles orarem, terão inspiração. E então ao cantarem aquele hino, mesmo que a música seja mal executada e as vozes sejam fracas, será mais do que simples música.

Uma pequena mudança também pode ser feita na maneira como um aluno ora em um devocional. Podemos perguntar a um aluno, pouco antes da aula, se ele está disposto a oferecer a oração inicial. Se ele não souber o que estaremos ensinando naquele dia e de como precisamos de sua ajuda, ele pode pedir a Deus que o ajude. Quando isso acontecer, a oração proferida na sala de aula terá mais súplica e mais agradecimento. E o aluno que orar e os alunos que ouvirem a súplica se sentirão inspirados.

O Senhor também preparou um meio para multiplicarmos os esforços do aluno ao qual pedirmos que apresente um pensamento espiritual. A maioria de nossos alunos lê todos os dias as escrituras que estamos estudando. Muitos também leram O Livro de Mórmon. Quer tenham reconhecido ou não, eles estão recebendo confirmação espiritual da veracidade daquelas palavras, à medida que as lerem. Cada professor fará à sua própria maneira, mas podemos convidar o aluno a deixar um pensamento espiritual mais ou menos assim: “Sei que você se sentiu tocado por algo que leu nas escrituras. Poderia ler aquela escritura para nós e contar-nos o que sentiu?”

Se o convite for feito com suficiente antecedência, terá início uma vigorosa seqüência de acontecimentos. O

aluno ouvirá mais atentamente os serenos sussurros do Espírito enquanto estiver lendo. Essa atenção maior aumentará a frequência e a clareza com que os sentimentos virão. Com isso, virá a inspiração de qual escritura escolher. Então, os alunos ouvirão na sala de aula mais do que apenas as palavras das escrituras e sentirão mais do que a emoção do aluno apresentando o pensamento do dia sobre as escrituras. Eles começarão a ser ensinados pelo Espírito antes de começarmos a ensinar o material curricular.

O CURRÍCULO

Passemos agora para o currículo — outra ferramenta. Podemos descobrir maneiras de melhorar nossa utilização do currículo simplesmente aceitando o conselho do Presidente Clark. Ele deixou claro que precisamos ensinar as doutrinas fundamentais da Igreja conforme estão contidas nas obras-padrão e nos ensinamentos dos profetas, cuja responsabilidade é declarar a doutrina. Aqueles que elaboram o currículo seguiram esse conselho cuidadosamente. Todo plano de lição e toda sugestão do que ensinar e como ensinar são preparados de acordo com esse princípio. Aqueles que foram chamados pelo profeta para garantir que a doutrina ensinada na Igreja esteja correta revisam cada palavra, cada gravura, cada desenho do material que vocês recebem. Podemos deslançar o poder do currículo simplesmente exercendo nossa fé, sabendo que foi inspirado por Deus.

Primeiro, podemos seguir a seqüência das aulas. Isso exige um pouco de fé. Por exemplo, nas últimas semanas fiquei impressionado de ver como o pessoal da mídia poderia ter interpretado muito melhor as notícias que foram divulgadas se tivessem lido o livro de Helamã. (Todos que conhecem o livro de Helamã e assistiram à televisão nas últimas semanas devem estar sorrindo ao ouvir isso). Esse reconhecimento fez-me estudar cuidadosamente o material curricular do seminário e do instituto de religião referente aos capítulos sete a dezesseis daquele livro, que descreve o terrível ciclo de prosperidade, orgulho, iniquidade, desastre e então arrependimento entre o povo da promessa. Agora, se eu descobrisse que pela programação eu deveria ensinar esse material em março, poderia ficar tentado a fazê-lo agora mesmo. Isso tornaria os debates em classe mais animados, talvez animados demais. Os profetas daquele dia viram nossa época com terrível clareza. Os alunos poderiam ficar tocados ao reconhecerem que os profetas advertem com autoridade de Deus. Sem dúvida veriam que essa escritura se aplica aos perigos de nossa época.

Mas meu conselho é o seguinte: bem faríamos em manter a seqüência programada pelo currículo inspirado. Nossa disposição de fazê-lo pode ensinar uma lição ainda mais vigorosa de fé. Nossos alunos verão que temos a firme

convicção de que as escrituras se aplicam a todas as ocasiões. Haverá suficiente motivo em março ou daqui a um ano ou daqui a quatro anos, por mais triste que isso seja, para comparar as palavras de Helamã com nossa vida. Iremos também, com nosso exemplo, mostrar que temos perfeita fé que se o Senhor quiser que reajamos hoje aos eventos do dia, podemos depender do que o profeta atual nos diz, em vez de nos arriscarmos a cometer o erro do qual o Presidente Clark nos advertiu ao dizer: “Vocês não podem deixar que sua filosofia pessoal seja introduzida em seu trabalho, não importa qual seja a fonte disso ou quão agradável ou racional lhes pareça (*Chartered Course*, p. 10). Sejam humildes, esperando a palavra do profeta, ao aplicar as escrituras para explicar as notícias, às vezes terríveis, que estão bombardeando a mente e o coração de nossos alunos.

Ao manter-nos dentro do conteúdo do currículo, e seguir a sua seqüência, iremos desenvolver nossos dons especiais de ensino, e não limitá-los. Existem mais sugestões de coisas para ensinar, maneiras de ensiná-las e referências remissivas do que conseguiremos usar. Embora o tenhamos reduzido e simplificado, seguindo a orientação dos profetas, há mais no currículo do que podemos abordar, portanto, podemos escolher as partes que se adaptam ao nosso estilo próprio de ensino; mas como queremos que nossos alunos busquem o Senhor para serem iluminados, precisamos dar o exemplo. Para isso podemos ler cada palavra do currículo. Talvez não tenhamos tempo de procurar e estudar todas as referências, mas Deus conhece nossos alunos e conhece as referências remissivas e o material de auxílio didático. Ele conhece e valoriza nossa programação apertada e o desejo de nosso coração. Ele saberá quando tivermos lido e preparado tudo o que pudermos. Ele saberá o quanto queremos que nossos alunos sejam iluminados e o quanto queremos ajudar. Se pedirmos, Ele nos guiará para sabermos que partes do currículo utilizar e em que ordem, e quais referências devemos explorar.

Se fizermos isso, um velho enigma será solucionado. Pelo menos era um enigma para mim. No curso de aperfeiçoamento didático que dei há muitos anos, um dos passos era “avaliar previamente”. Lembram-se disso? Isso sempre me deixou preocupado. O professor tinha que preparar uma lição procurando primeiro saber o que os alunos conheciam e do que precisavam. Nunca soube claramente como fazer isso. Mesmo ao ensinar as miniaulas daquele curso, parecia quase impossível avaliar previamente cada aluno. Alguns professores têm um número suficientemente pequeno de alunos e os conhecem bem de modo a poderem adivinhar com certa segurança o que eles sabem e do que precisam. Mas há um consolo para o restante de nós, que temos um número grande de alunos, tornando esse trabalho muito difícil. O Senhor sabe perfeitamente o que eles sabem e do que precisam. Ele os ama e nos

ama. E com Sua ajuda, poderemos avaliar previamente e escolher não apenas as partes do currículo que nos permitirão usar plenamente nossa capacidade de ensinar, mas aquelas que invocarão os poderes do céu sobre nossos alunos em nossa sala de aula naquele dia.

Pode haver ocasiões em que sintamos que precisamos acrescentar algumas coisas para enriquecer o material curricular. Fevereiro é uma época em que isso costuma acontecer. Os alunos podem perder o interesse quando vão para as aulas ou podem começar a faltar muito. A primeira coisa que pensamos em acrescentar geralmente é algo que sabemos que atraiu o interesse deles em outra ocasião. Nossos alunos estão cada vez mais expostos a várias formas de entretenimento mundano e estão cada vez mais atraídos por essas coisas. A mensagem do Presidente Clark sugere como devemos escolher o que acrescentar, que tipo de material adicional apresentar, como fazer essa escolha com sabedoria. Ele parecia estar antecipando o mundo saturado pela mídia no qual nós e as futuras gerações estaríamos vivendo. Ele prometeu que saberíamos, se perguntássemos, que experiências irão convidar o Espírito e quais delas irão afastar essa influência do Espírito que buscamos. Eis aqui sua oração por nós em seu discurso, e faço dela a minha promessa a vocês:

“Que Deus sempre os abençoe em tudo o que fizerem de justo. Que Ele vivifique seu entendimento, aumente sua sabedoria, ilumine-os com experiência, conceda-lhes paciência, caridade e, uma de suas dádivas mais preciosas, o discernimento de espíritos para que reconheçam indubitavelmente o espírito da retidão e seu oposto. Que Ele lhes permita ter acesso ao coração de seus alunos e os faça saber que ao entrarem ali estão em lugar sagrado que não deve ser profanado nem poluído, seja por doutrina falsa ou corrupta, seja por ações pecaminosas. Que Ele enriqueça seu conhecimento com a capacidade e o poder de ensinar com retidão. Que sua fé e seu testemunho aumentem, e sua capacidade de incentivar e desenvolvê-los em outros cresça a cada dia — tudo isso para que os jovens de Sião sejam ensinados, edificados, encorajados, estimulados, para que não desistam no meio do caminho, mas prossigam rumo à vida eterna, para que ao serem eles assim abençoados, vocês também o sejam (*Charted Course*, p. 12).

Com essa bênção do Presidente Clark, jamais escolheremos enriquecer nosso seminário e instituto com música, ou apresentações, ou oradores, ou humor que possam ofender o Espírito.

PERGUNTAS CONVIDAM A INSPIRAÇÃO

Quero sugerir outra ferramenta comum que poderíamos usar com mais eficácia: fazer e responder perguntas é uma parte central de todo aprendizado e todo ensino. O Mestre perguntou, respondeu e às vezes deixou de responder perguntas em Seu ministério. O material curricular

sugere muitas perguntas para fazer e ponderar. Algumas dessas perguntas exigem apenas uma resposta de um fato a ser tirado da memória: “Quem era o pai de Helamã?” ou “Para quem esta terra foi consagrada?”

Mas algumas perguntas convidam a inspiração. Os bons professores fazem essas perguntas. Isso pode exigir apenas algumas palavras, uma inflexão de voz. Eis uma pergunta que talvez não convide a inspiração: “Como reconhecer um verdadeiro profeta?” Essa pergunta pede como resposta uma lista, tirada da memória, de escrituras e palavras de profetas vivos. Muitos alunos poderiam participar da resposta. A maioria poderia pelo menos citar uma passagem. E os alunos teriam sua mente estimulada.

Mas poderíamos também fazer a pergunta desta forma, com apenas uma pequena diferença: “Quando você sentiu que estava na presença de um profeta?” Isso convidará os alunos a buscarem sua lembrança de sentimentos. Depois de perguntar, podemos sabiamente esperar um momento antes de pedir que alguém responda. Mesmo aqueles que não falarem estarão pensando em experiências espirituais. Isso convidará o Espírito Santo. Então, mesmo que ninguém diga nada, eles estarão prontos para ouvir você prestar um sereno testemunho de que somos abençoados por viver numa época em que Deus chamou profetas para guiar-nos e ensinar-nos.

Ao fazermos perguntas a nossos alunos, estaremos sem dúvida estimulando perguntas na mente deles. Às vezes eles nos perguntarão coisas que são novas para nós, para as quais não sabemos a resposta que os profetas deram. Nesses momentos, seria melhor lembrarmos nosso propósito, que é permitir que os alunos sejam nutridos ouvindo a verdade que é confirmada pelo Espírito Santo. Se houver alguma dúvida de que podemos responder com uma verdade fundamental e bem estabelecida do evangelho de Jesus Cristo, faremos melhor por nossos alunos se dissermos simplesmente: “Não sei”. Isso irá colocá-los em excelente companhia, por exemplo, quando disserem que não sabem o dia da Segunda Vinda do Salvador. Nem mesmo os anjos do céu poderiam dar essa resposta. Podemos mostrar a nossos alunos a fé que temos de que Deus responde a todas as perguntas para as quais precisamos de uma resposta e nossa paciência de prosseguir sem resposta para todas as outras.

Talvez nenhuma dessas sugestões pareça nova ou particularmente importante. Mas imaginem comigo como seria um de nossos alunos daqui a alguns anos. Tentem visualizar uma pequena sala de estar, algumas criancinhas reunidas, algumas delas sentadas no chão, e nosso aluno, que então é um pai ou mãe, sentado numa poltrona, sorrindo para elas. É hora de iniciar a reunião de noite familiar. Um dos pais tranquilamente anuncia o programa. Os filhos começam a fazer as coisas costumeiras. Um filho rege o hino. Outro faz a oração. Um deles apresenta um pensamento espiritual. E então

nosso aluno dá uma aula simples, com algumas escrituras lidas pelo filho mais velho, em um livro de escrituras bem gasto que ele pegou na cabeceira da cama. Nosso aluno menciona algo da lição anterior e algo da lição que será dada na semana seguinte. E então são realizados alguns jogos, com o mesmo sentimento que havia na sala no princípio e que continuará na hora de irem dormir.

Para alguém que esteja assistindo, isso pode parecer rotineiro e comum. Mas há algumas coisas que o observador não pode ver, porque aconteceram antes. Aconteceram por causa do exemplo de bons professores — o bom exemplo de vocês — anos antes. Os pais daquele futuro lar ponderaram sobre qual material das escrituras deveriam seguir. Passaram horas preparando a lição. Suplicaram em oração para saber que conceitos ensinar e que escrituras usar. Fizeram convites individuais para que uma criança escolhesse o hino, orasse e apresentasse um pensamento espiritual. Tampouco o observador veria a menina lendo as escrituras todas as noites, nem talvez os olhos brilhantes de um filho que respondeu uma pergunta escolhida para convidar o Espírito.

Haverá dias em que será difícil ver o fruto de seu trabalho como professores do Sistema Educacional da Igreja. Mas fazemos parte de uma obra vigorosa, que conta com poderes que estão bem além dos seus. O Senhor da colheita, Jesus Cristo, é nosso Mestre e nosso Líder. Ele nos chamou para desempenhar um papel especial em Seu trabalho, dispondo-nos de ferramentas para magnificar os resultados de nossos labores. Seremos fiéis à confiança que nos foi depositada e Ele será fiel à Sua promessa. Os jovens de Sião serão edificados, serão nutridos com o pão da vida, e edificarão famílias eternas, que são o alicerce do reino de Deus na Terra e a promessa do reino do céu.

Nós, do Sistema Educacional da Igreja, seguiremos nosso curso traçado. Nossos alunos navegarão conosco somente por alguns anos, mas iremos encontrá-los no final da jornada com milhares de seus descendentes que foram abençoados por eles terem seguido o exemplo de vocês. Invoco uma bênção sobre vocês para que saibam que o Senhor os ama por seu trabalho fiel e que Ele multiplicará a colheita.

No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

“SEGUNDO OS SEUS DESEJOS”

ÉLDER DEAN L. LARSEN
DA PRESIDÊNCIA DO
PRIMEIRO QUÓRUM DOS
SETENTA

Trecho de New Era, outubro de 1984, pp. 4–6

Há muitos anos venho sendo perseguido pela lembrança pungente de uma experiência pessoal. Na época, eu trabalhava numa comunidade em que funcionava um seminário de tempo integral ao lado de uma escola do curso médio. No meio do ano letivo, um dos professores precisou tirar licença por motivo de saúde, e fui convidado a assumir várias de suas classes diárias, até que fosse possível encontrar um substituto. Foi uma experiência excelente em muitos aspectos e que recorro com prazer. Numa das classes, porém, havia um rapaz que era um verdadeiro problema. Ele cursava o último ano do curso médio. Era inteligente e talentoso. Era evidente que ele era muito popular junto a seus colegas, sobre os quais exercia considerável influência. Mas seu comportamento nas aulas do seminário era em geral irreverente. Procurava chamar a atenção e geralmente o conseguia com seu mau comportamento.



As palhaçadas daquele jovem seguidamente frustravam minhas tentativas de criar um ambiente adequado na sala de aula para discutirmos e aprendermos coisas de natureza espiritual. Ele ansiava pela atenção dos colegas. Várias entrevistas particulares com ele não deram nenhum resultado. Nas entrevistas, mostrava-se bastante acessível e cordial, mas recaía no comportamento irreverente assim que voltava para a sala de aula.

Conversei com a equipe de consultores da escola e soube por um deles que o rapaz vivia só com a mãe e que era um constante problema nas aulas da escola, embora tivesse uma capacidade intelectual acima do comum.

Finalmente chegou um dia em que achei que devia tomar uma atitude decisiva, se quisesse manter algum senso de ordem e disciplina na classe. Depois de uma de suas palhaçadas de costume, convidei o jovem a sair comigo da sala. Lá fora, expliquei por que eu não poderia mais sacrificar as oportunidades dos outros alunos por causa de seu comportamento irreverente. Disse-lhe que não era mais bem-vindo na classe, até que conseguisse controlar seus modos e contribuir para a necessária atmosfera espiritual numa classe do seminário. Ele virou-se, sem comentários, e saiu do prédio. Nunca mais voltei a vê-lo.

Na mesma tarde, a mãe telefonou-me expressando seu desagrado e tristeza pelo que eu fizera. Avisou-me de que a lembrança de eu ter expulsado o filho dela da classe do seminário me perseguiria sempre.

A mãe estava correta em sua previsão. Nunca consegui me libertar completamente da lembrança daquela experiência. Duas semanas depois desse acontecimento, meu trabalho mudou e fui transferido para outra parte do país. Não faço idéia se o jovem algum dia voltou ao seminário. Nem mesmo me recordo do seu nome, pois já se passaram mais de vinte anos. Às vezes fico imaginando se em algum lugar haverá um pai de uma grande família que atribua o seu afastamento da Igreja à atitude de um professor anti-pático do seminário, muitos anos atrás.

Nos anos que se passaram, sem dúvida aprendi muita coisa que me ajudaria a enfrentar o problema com mais competência. Talvez pudesse ter feito algumas coisas que

não fiz para ajudar o rapaz a mudar sua atitude e comportamento. Estou certo que sim. No entanto, recordando aqueles dias, lembro-me vividamente de minha preocupação com os outros alunos da classe e de meu intenso desejo de abençoar a vida deles de alguma forma. Revivendo mentalmente o ocorrido, chego inevitavelmente ao mesmo problema que enfrentei no dia em que convidei o jovem a sair da sala de aula. Além da minha responsabilidade pelas oportunidades espirituais daquele jovem, qual era minha responsabilidade para com os outros alunos, cujas oportunidades estavam sendo ameaçadas pela conduta inaceitável dele? Quais eram as responsabilidades dele?

ORIENTAÇÃO DE UMA ALMA HUMANA — A MAIOR RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

PRESIDENTE DA IGREJA

Trecho de Instructor, setembro de 1965, pp. 341–343

Creio que a disciplina na sala de aula, que implica *autocontrole* e demonstra *consideração pelos outros*, é a parte mais importante do ensino. (...)

A melhor lição que uma criança pode aprender é desenvolver o autocontrole e encarar sua relação com os demais à luz do respeito que deve ter pelos sentimentos alheios. (...)



(...) Não se deve permitir uma conduta desordeira em nenhuma sala de aula da Igreja ou em qualquer classe das escolas públicas.

Um ambiente sem ordem, no qual reina o desrespeito ao professor e aos alunos, é uma atmosfera que embotará as mais importantes qualidades do caráter. (...)

(...) Qualquer professor pode expulsar um aluno; vocês devem exaurir todas as suas outras fontes antes de chegar a isso. Mas *é preciso* haver ordem! Ela é necessária para o desenvolvimento espiritual, e se o aluno ou os alunos se recusam a comportar-se, então precisam sair. É melhor que um menino fique sem ser nutrido do que uma classe inteira ser envenenada aos poucos.

RESPONSABILIDADE PESSOAL E PROGRESSO HUMANO

ÉLDER DEAN L. LARSEN
DA PRESIDÊNCIA DO
PRIMEIRO QUÓRUM DOS
SETENTA

Trecho de Conference Report, abril de 1980, pp. 104–106; ou Ensign, maio de 1980, pp. 76–77

Os santos dos últimos dias compreendem que a vida mortal foi propositalmente designada a colocar-nos em situações nas quais pudéssemos ser individualmente testados e, pelo exercício do



arbítrio que Deus nos concedeu, determinar assim quais seriam nossas possibilidades futuras. O antigo profeta Leí compreendia isso e disse a seu filho Jacó: “Portanto os homens são livres segundo a carne; e todas as coisas de que necessitam lhes são dadas. E são livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para escolherem o cativo e a morte” (2 Néfi 2:27).

Ele explicou também que os homens “tornaram-se livres para sempre, distinguindo o bem do mal; para agirem por si mesmos e não para receberem a ação, salvo se for pelo castigo da lei no grande e último dia, segundo os mandamentos dados por Deus” (2 Néfi 2:26).

Em certa ocasião, o Senhor explicou que era Seu desejo “que todo homem aja, em doutrina e princípio relativos ao futuro, de acordo com o arbítrio moral que lhe dei, para que todo homem seja responsável” (D&C 101:78).

Quando compreendemos o que é certo e o que é errado, estamos em posição de exercer nossa liberdade de opção. Assim fazendo, precisamos assumir a responsabilidade por nossas decisões, sem podermos escapar das inevitáveis conseqüências dessas escolhas. Essa liberdade de exercer o arbítrio moral é essencial para um ambiente no qual as pessoas tenham a maior perspectiva de progresso e desenvolvimento.

Dotados como filhos de um Pai Eterno, temos implantada em nossa alma a necessidade de sermos livres. É natural querermos ser responsáveis por nosso próprio destino, por

acharmos ser essa responsabilidade absolutamente essencial para alcançarmos nosso destino eterno.

A existência de leis, regras e procedimentos jamais foi suficiente para compelir o homem à obediência. A obediência produtiva é fruto do exercício do livre-arbítrio. (...)

O comportamento condicionado não produz o nível de progresso espiritual exigido para qualificar-nos para a vida eterna. É essencial haver a necessária liberdade de ação e autodeterminação para nosso desenvolvimento espiritual. Com a compreensão dos princípios corretos e o desejo intrínseco de aplicá-los, precisamos ter motivação interior para fazer muitas coisas boas de nossa própria e livre vontade; pois, como diz a revelação, em nós está o poder para sermos nossos próprios árbitros (ver D&C 58:27–28).

NO ESPÍRITO DO TESTEMUNHO

ÉLDER BOYD K. PACKER
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Let Not Your Heart Be
Troubled, 1991, pp. 15–19

O TESTEMUNHO É A FORÇA
MOTRIZ

O testemunho, portanto, é a força motriz. O testemunho é a força redentora.

Os programas da Igreja somente redimem na proporção em que produzem um testemunho. Uma programação elaborada não irá prejudicar-nos se o Espírito estiver presente, tampouco irá ajudar-nos, se Ele não estiver. (...)

Há duas dimensões do testemunho. A primeira, *um testemunho que prestamos às pessoas*, tem o poder de elevar e abençoar. A outra, infinitamente mais importante, *o testemunho que elas prestam a si mesmas*, tem o poder de redimir e exaltar as pessoas. Pode-se dizer que as pessoas adquirem um testemunho com base no que dizemos. O testemunho surge quando as pessoas prestam testemunho da verdade e o Espírito Santo confirma essa verdade a elas. Tiago disse: “Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes” (Tiago 1:22). E o Senhor disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá” (João 7:17).

DAR OPORTUNIDADES AOS FRACOS

Se vocês que ocupam cargos na Igreja quiserem redimir as ovelhas perdidas, cuidem para que aqueles que têm dificuldades recebam alimento espiritual, e não apenas



os que já estão sendo espiritualmente nutridos de modo regular.

A atividade — a oportunidade de servir e de prestar testemunho — é como um medicamento. Ela cura os que estão espiritualmente doentes. Fortalece os que estão espiritualmente fracos. É um ingrediente extremamente necessário para a redenção das ovelhas perdidas. Mas há uma tendência, quase uma tendência programada, de dar oportunidades de crescimento para aqueles que já estão sobrecarregados de atividades. Esse tipo de padrão, muito evidente em nossas estacas e alas, pode manter de fora a ovelha perdida. (...)

Há vários anos visitei uma estaca presidida por um homem extraordinariamente eficaz e hábil. Cada detalhe da conferência da estaca tinha sido programado. Ele tinha feito a coisa costumeira ao designar para as orações pessoas do círculo selecionado da presidência da estaca, sumo conselho, bispo e patriarca da estaca. Esses irmãos não tinham sido notificados, por isso mudamos a designação daqueles que mereciam essa honra para aqueles que precisavam — precisavam desesperadamente — dessa experiência.

O presidente tinha uma agenda detalhada para as sessões gerais e mencionou que havia vinte minutos em uma sessão que não estavam programados. Eu lhe disse que poderíamos chamar algumas pessoas que de outra forma não teriam a oportunidade e necessitavam da experiência fortalecedora. Ele replicou com a sugestão de que havia avisado vários líderes capazes e preeminentes que se preparassem para uma possível designação como orador. “Haverá muitos não-membros presentes”, disse ele. “Costumamos realizar conferências muito bem organizadas e bem feitas. Temos pessoas muito capazes na estaca. Elas deixarão uma excelente impressão.”

Duas vezes durante nossa reunião, ele mencionou a programação e insistiu que chamássemos os “melhores” da estaca. “Por que não reservamos esse tempo para os que precisam mais dele?” disse eu. Sua reação foi dizer, desapontado: “Bem, você é a Autoridade Geral”.

No domingo pela manhã, ele me lembrou que ainda havia tempo de avisar alguém e assim deixar a melhor impressão.

A sessão da manhã foi iniciada pelo presidente com um discurso muito bem feito. Em seguida, chamamos seu segundo conselheiro. Era evidente que ele estava atrapalhado, e começou dizendo: “Não se pode acreditar em nada que o irmão Packer diz”. (Tínhamos avisado anteriormente que os dois conselheiros provavelmente falariam na sessão da tarde.) Iríamos almoçar na casa dele. Ele sabia que haveria tempo para rever suas anotações, por isso ele as tinha deixado em casa.

Como estava sem suas anotações, ele passou a prestar seu testemunho, fazendo um relato muito inspirado de uma bênção que tinha ministrado durante a semana. Um irmão desenganado pelos médicos tinha sido chamado de volta das próprias sombras da morte pelo poder do sacerdócio. Não sei o que estava em suas anotações, mas sem dúvida não poderia se comparar em inspiração com o testemunho que ele prestou.

Uma mulher idosa estava sentada na primeira fileira de mãos dadas com um homem de aparência bem mirrada. Ela parecia um pouco deslocada em meio à congregação muito bem vestida — estava vestindo roupas feitas em casa e um pouco fora de moda. Pareceu-me que ela deveria falar na conferência, e ao ser-lhe concedido esse privilégio, ela contou sobre sua missão. Ela havia retornado do campo missionário havia cinquenta e dois anos, e desde aquela época nunca tinha sido convidada a falar na Igreja. Seu testemunho foi muito tocante e emocionante.

Outros foram chamados para falar, e quase no final da reunião, o presidente sugeriu que eu usasse o restante do tempo. “Você teve alguma inspiração?” perguntei. Ele disse que ficara pensando no prefeito. (Os eleitores daquela grande cidade tinham eleito um membro da Igreja como prefeito, e ele estava na congregação.)

Quando eu lhe disse que poderíamos ouvir algumas palavras do prefeito, ele me sussurrou que aquele homem não era ativo na Igreja. Quando sugeri que ele o chamasse mesmo assim, ele resistiu, dizendo francamente que ele não era digno de falar naquela reunião. Dada a minha insistência, porém, ele chamou aquele homem ao púlpito.

O pai do prefeito tinha sido pioneiro da Igreja naquela região. Tinha servido como bispo de uma das alas, sendo sucedido por um de seus filhos, que se me recordo bem era irmão gêmeo do prefeito. O prefeito era a ovelha perdida. Ele subiu ao púlpito e falou, para minha surpresa, com muita amargura e hostilidade. Começou seu discurso

assim: “Não sei por que me chamaram. Nem sei por que estou aqui na Igreja hoje. Não sinto que faço parte desta Igreja. Nunca me adaptei a ela. Não concordo com a maneira que a Igreja faz as coisas”.

Confesso que comecei a me preocupar, mas então ele fez uma pausa e baixou os olhos para o púlpito. Depois disso, até o final de seu discurso, ele não ergueu mais o rosto. Depois de hesitar um pouco, ele prosseguiu: “Acho que devo dizer para vocês. Parei de fumar há seis semanas”. Então, agitando o punho acima da cabeça para a congregação, ele disse: “Se algum de vocês acha que isso é fácil, é porque nunca sofreram o inferno que tive de passar nas últimas semanas”.

Então, ele foi tomado pela emoção. “Sei que o evangelho é verdadeiro”, disse ele. “Sempre soube que ele era verdadeiro. Aprendi o evangelho de minha mãe quando era menino.

“Sei que não é a Igreja que está errada”, confessou ele, “sou eu que estou errado, e sempre soube disso também.”

Então, ele falou em nome de todas as ovelhas perdidas ao implorar: “Sei que sou eu que estou errado e quero voltar. Venho tentando voltar, mas vocês não me deixam!”

Evidentemente queríamos que ele voltasse, mas de certa forma não deixamos que ele soubesse disso. Depois da reunião um grande número de pessoas da congregação achegou-se ao púlpito, não para nos cumprimentar mas para dizer àquele irmão: “Bem-vindo ao lar!”

No caminho para o aeroporto, depois da conferência, o presidente da estaca me disse: “Aprendi uma lição hoje”.

Esperando confirmá-la, eu disse: “Se tivéssemos feito da maneira que você queria, você teria chamado o pai daquele homem, não é, ou talvez o irmão dele, o bispo?”

Ele assentiu com a cabeça e disse: “Qualquer um deles, se lhes fosse dado cinco minutos, teriam apresentado um memorável sermão de quinze ou vinte minutos, que teria sido muito apreciado por todos os presentes. Mas não teríamos recuperado nenhuma ovelha perdida”.

Todos que lideramos nas alas e estacas precisamos manter a porta aberta para a ovelha perdida; saiam do caminho e deixem que elas entrem. Precisamos aprender a não bloquear a entrada. O caminho é apertado. Às vezes assumimos a desastrada postura de tentar empurrá-los para dentro do portão que nós mesmos estamos bloqueando. Somente quando tivermos o espírito de elevá-los, empurrando-os para a frente, cuidando para que sejam elevados acima de nós, é que teremos o espírito que produzirá um testemunho.

Imagino que seja isso que o Senhor queria dizer ao declarar: “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes” (Mateus 9:12).

Não estou pedindo que abaixem os padrões. Justamente o contrário. Mais ovelhas perdidas responderão mais rapidamente a padrões elevados do que a padrões baixos. Há um valor terapêutico na disciplina espiritual.

A disciplina é uma forma de amor, uma expressão de amor. Ela é necessária e poderosa na vida das pessoas.

Quando uma criança está brincando perto da rua, nós cuidadosamente nos desviamos dela. Poucos irão parar

e conduzi-la para um lugar seguro. Ou discipliná-la, se necessário. Isto é, a menos que seja nosso próprio filho ou neto. Se os amarmos suficientemente, nós o faremos. Deixar de disciplinar quando isso contribuiria para o crescimento espiritual da pessoa é uma evidência de falta de amor e preocupação.

A disciplina espiritual acompanhada de amor e confirmada pelo testemunho ajudará a redimir almas.

PRECAVEI-VOS CONTRA O ORGULHO

**PRESIDENTE EZRA TAFT
BENSON**

PRESIDENTE DA IGREJA

Conference Report, abril de 1989, p. 3; ou Ensign, maio de 1989, pp. 4-7

Meus amados irmãos, alegrome por estar com vocês em mais uma gloriosa conferência geral da Igreja. Sinto-me grato pelo amor, orações e serviço dos devotados membros da Igreja no mundo inteiro.



Gostaria de elogiar os santos fiéis que se esforçam para inundar o mundo e sua própria vida com o Livro de Mórmon. Precisamos não apenas distribuir de forma monumental mais exemplares do Livro de Mórmon, mas temos também que promover corajosamente mais de suas maravilhosas mensagens em nossa própria vida e por toda a Terra.

Esse livro sagrado foi escrito para nós — para os nossos dias. Suas escrituras devem ser aplicadas em nossa vida (ver 1 Néfi 19:23).

O PECADO DO ORGULHO

Lemos em Doutrina e Convênios que o Livro de Mórmon é o “registro de um povo decaído” (D&C 20:9). Por que eles caíram? Essa é uma das principais mensagens do Livro de Mórmon. Mórmon dá a resposta nos últimos capítulos do livro, dizendo: “Eis que o orgulho desta nação, ou seja, do povo nefita, mostrou ser a sua destruição” (Morôni 8:27). E então, para que não ignoremos essa importantíssima mensagem do Livro de Mórmon a respeito daquele povo decaído, o Senhor nos adverte em Doutrina e Convênios: “Precavei-vos contra o orgulho, para que não vos torneis como os nefitas de outrora” (D&C 38:39).

Peço sinceramente que me ajudem com sua fé e orações ao buscar lançar luz sobre essa mensagem do Livro de Mórmon — o pecado do orgulho. Essa mensagem vem-me acabrunhando a alma já há muito tempo. Sei que o Senhor deseja que essa mensagem seja transmitida agora.

“PRECAVEI-VOS CONTRA O ORGULHO”

No conselho pré-mortal, foi o orgulho que derrubou Lúcifer, o “filho da manhã” (2 Néfi 24:12-15; ver também D&C 76:25-27; Moisés 4:3). No fim deste mundo, quando Deus purificar a Terra pelo fogo, os orgulhosos serão queimados qual restolho, e os mansos herdarão a Terra (ver 3 Néfi 12:5; 25:1; D&C 29:9; Joseph Smith — História 1:37; Malaquias 4:1).

Em Doutrina e Convênios, por três vezes o Senhor usa a frase “precavei-vos contra o orgulho”, inclusive dirigindo-se ao segundo élder da Igreja, Oliver Cowdery, e a Emma Smith, esposa do Profeta (D&C 23:1; ver também D&C 25:14; 38:39).

A DEFINIÇÃO DIVINA DE ORGULHO

O orgulho é um pecado muito mal compreendido, e muitos pecam por ignorância (ver Mosias 3:11; 3 Néfi 6:18). Nas escrituras, o orgulho nunca é considerado justo — sempre é pecado. Portanto, não importa como o mundo empregue o termo, temos de compreender o sentido que Deus lhe dá para entendermos a linguagem dos escritos sagrados e deles tirar proveito (ver 2 Néfi 4:15; Mosias 1:3-7; Alma 5:61).

A maioria de nós considera o orgulho como egocentrismo, convencimento, jactância, arrogância ou soberba. Tudo isso faz parte do pecado, mas continua faltando a essência, o cerne.

O elemento central do orgulho é a inimizade — inimizade para com Deus e inimizade para com o próximo. *Inimizade* significa “ódio, hostilidade ou oposição”. É o poder pelo qual Satanás quer reinar sobre todos nós.

INIMIZADE PARA COM DEUS

O orgulho é essencialmente competitivo por natureza. Colocamo-nos em oposição à vontade de Deus. Quando lançamos nosso orgulho contra Deus, é no sentido de “seja feita a minha vontade e não a tua”. Conforme dizia Paulo, eles “buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus” (Filipenses 2:21).

Nosso desejo de competir com a vontade de Deus dá vazão desenfreada aos desejos, apetites e paixões (ver Alma 38:12; 3 Néfi 12:30).

O orgulhoso não consegue aceitar que sua vida seja dirigida pela autoridade de Deus (ver Helamã 12:6). Ele opõe sua percepção da verdade ao conhecimento maior de Deus, sua capacidade ao poder do sacerdócio de Deus, suas realizações às poderosas obras Dele.

Nossa inimizade para com Deus assume muitos rótulos, como rebeldia, coração endurecido, obstinação, impenitência, soberba, suscetibilidade e incredulidade. O orgulhoso quer que Deus concorde com ele. Não está interessado em mudar de opinião para concordar com Deus.

INIMIZADE PARA COM O PRÓXIMO

Outro componente importante desse pecado predominante é a inimizade para com nossos semelhantes. Somos diariamente tentados a considerar-nos melhores que os outros e a diminuí-los (ver Helamã 6:17; D&C 58:41).

Os orgulhosos fazem de todos os homens seus adversários, lançando seu intelecto, opiniões, obras, posses, talentos ou qualquer outro meio de avaliação contra seus semelhantes. Nas palavras de C. S. Lewis: “O orgulho não se compraz em ter alguma coisa, apenas em ter dela mais do que o próximo”. (...) É a comparação que nos torna orgulhosos: o prazer de sentir-nos acima dos outros. Eliminando-se o elemento competitivo, desaparece o orgulho” (*Mere Christianity*, New York: Macmillan, 1952, pp. 109–110).

No conselho pré-terreno, Lúcifer apresentou sua proposta contra o plano do Pai que Jesus Cristo defendia (ver Moisés 4:1–3). Ele queria ser mais honrado que todos os outros (ver 2 Néfi 24:13). Em resumo, desejava em sua soberba destronar Deus (ver D&C 29:36; 76:28).

CONSEQÜÊNCIAS DO ORGULHO

As escrituras estão repletas de evidências das graves conseqüências causadas pelo pecado do orgulho a pessoas, grupos, cidades e nações. “A soberba precede a ruína” (Provérbios 16:18). Ele causou a destruição do povo nefita e da cidade de Sodoma (ver Morôni 8:27; Ezequiel 16:49–50).

Foi o orgulho que fez com que Cristo fosse crucificado. Os fariseus se enfureceram por Jesus declarar-Se o Filho de

Deus, ameaçando assim a posição deles, e foi por isso que tramaram Sua morte (ver João 11:53).

Saul tornou-se inimigo de Davi por orgulho. Ficou enciumado porque as mulheres israelitas saíram ao encontro dele cantando: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares” (I Samuel 18:7; ver também 18:6, 8).

Os orgulhosos temem mais o julgamento humano do que o julgamento de Deus (ver D&C 3:6–7; 30:1–2; 60:2). “O que os homens pensarão de mim?” pesa mais do que “O que Deus pensará de mim?”

O rei Noé estava disposto a libertar o profeta Abinádi, mas o apelo ao seu orgulho da parte dos sacerdotes iníquos mandou Abinádi para a fogueira (ver Mosias 17:11–12). Herodes afligiu-se quando a esposa pediu que João Batista fosse decapitado, mas seu desejo orgulhoso de sobressair-se aos olhos “dos que estavam à mesa com ele” causou a morte de João (Mateus 14:9; ver também Marcos 6:26).

O temor do julgamento dos homens se manifesta na luta pela aprovação deles. Os orgulhosos amam “a glória dos homens, [mais] do que a glória de Deus” (João 12:42–43). O pecado se manifesta nos motivos pelos quais agimos. Jesus disse que fazia “sempre” o que agradava a Deus (João 8:29). Não seria melhor termos o agrado de Deus por estímulo, em vez de procurar sobressair-nos e fazer melhor do que nosso irmão ou do que os outros?

Certas pessoas orgulhosas estão mais preocupadas com o fato de seu salário ser superior ao de outra pessoa do que se o mesmo atende a suas necessidades. Sua recompensa é estar um grau acima dos outros. Essa é a inimizade do orgulho.

Quando o orgulho toma conta de nosso coração, deixamos de ser independentes do mundo e escravizamos nossa liberdade ao julgamento humano. O mundo brada mais alto do que os sussurros do Espírito Santo. A razão humana prevalece sobre as revelações de Deus, e o orgulhoso larga a barra de ferro (ver 1 Néfi 8:19–28; 11:25; 15:23–24).

MANIFESTAÇÕES DO ORGULHO

O orgulho é um pecado que pode ser facilmente identificado nos outros, mas raramente admitido em nós mesmos. A maioria de nós considera o orgulho como um pecado dos que estão por cima, como os ricos e os instruídos, que olham para o restante de nós com desdém (ver 2 Néfi 9:42). Existe, porém, um mal muito mais comum entre nós: o orgulho dos que de baixo olham para cima, que se manifesta de inúmeras maneiras, como criticar, falar mal, difamar, resmungar, viver acima das posses, invejar, cobiçar, recusar gratidão e louvor que seriam capazes de edificar outras pessoas, recusar-se a perdoar e ser invejoso.

A desobediência é basicamente o desafio orgulhoso a uma autoridade superior. Pode ser a de um pai ou mãe, um líder do sacerdócio, um professor ou, sobretudo, Deus. A pessoa orgulhosa detesta o fato de que alguém esteja acima dela, achando que isso a rebaixa.

O egoísmo é um dos aspectos mais comuns do orgulho. “Como isso me afeta” é o centro de tudo que importa — presunção, pena de si mesmo, satisfação de anseios mundanos, gratificação da vontade própria e egoísmo.

O orgulho resulta em combinações secretas destinadas a obter poder, lucro e a glória do mundo (ver Helamã 7:5; Éter 8:9, 16, 22–23; Moisés 5:31). Esse fruto do pecado do orgulho isto é, as combinações secretas, derrubou a civilização Jaredita e a nefita, e tem sido e ainda será a causa da ruína de muitas nações (ver Éter 8:18–25).

Outro aspecto do orgulho é a contenda. Discussões, brigas, domínio injusto, barreira entre gerações, divórcios, maus-tratos conjugais, motins e tumultos enquadram-se todos nessa categoria de orgulho.

Contendas na família afastam o Espírito do Senhor, como também muitos membros da nossa família. A contenda varia de uma palavra ofensiva a guerras mundiais. As escrituras nos dizem que “da soberba só provém a contenda” (Provérbios 13:10; ver também Provérbios 28:25).

As escrituras testificam que os orgulhosos se ofendem facilmente e guardam ressentimento (ver 1 Néfi 16:1–3). Eles se negam a perdoar a fim de manterem o outro em débito e justificarem sua mágoa.

Os orgulhosos não aceitam facilmente conselho ou repreensão (ver Provérbios 15:10; Amós 5:10). Usam a atitude defensiva para justificar e racionalizar suas fraquezas e falhas (ver Mateus 3:9; João 6:30–59).

Os orgulhosos dependem do mundo para dizer-lhes se têm valor ou não. Sua auto-estima depende de onde se encontram, supostamente, na escada do sucesso mundano. Sentem-se dignos de mérito como pessoa se houver um número suficiente de indivíduos abaixo deles em termos de realizações, talento, beleza ou inteligência. O orgulho é feio e diz: “Se você tem sucesso, sou um fracasso”.

Se amarmos a Deus, fizermos Sua vontade e temermos Seu julgamento, mais do que o dos homens, teremos auto-estima.

“UM PECADO AMALDIÇADOR”

O orgulho é um pecado amaldiçador no verdadeiro sentido da palavra. Ele limita ou impede o progresso (ver Alma 12:10–11). Os orgulhosos não se deixam ensinar (ver 1 Néfi 15:3, 7–11). Não mudam de idéia para aceitar verdades porque fazê-lo implicaria admitir seu erro.

O orgulho afeta negativamente todas as nossas relações — nossas relações com Deus e Seus servos, entre marido e mulher, pais e filhos, empregado e patrão, professor e aluno, e toda a humanidade. Nosso grau de orgulho determina como tratamos nosso Deus e nossos irmãos. Cristo deseja elevar-nos até onde Ele Se encontra. Será que desejamos fazer o mesmo com os outros?

O orgulho debilita nosso sentimento de filiação para com Deus e de fraternidade para com o homem. Ele nos separa e divide em “classes”, de acordo com nossas “riquezas” e “oportunidades de instrução” (3 Néfi 6:12). É impossível haver unidade num povo orgulhoso, e se não formos um, não somos do Senhor (ver Mosias 18:21; D&C 38:27; 105:2–4; Moisés 7:18).

O CUSTO DO ORGULHO

Pensem no que o orgulho nos custou no passado e quanto nos está custando hoje em nossa vida, nossa família e na Igreja.

Pensem no arrependimento que poderia acontecer em termos de vidas transformadas, casamentos preservados e lares fortalecidos, se o orgulho não nos impedisse de confessar os pecados e abandoná-los (ver D&C 58:43).

Pensem nos muitos membros que se tornaram menos ativos na Igreja porque foram ofendidos, e o orgulho não lhes permitiu perdoar ou fartar-se plenamente à mesa do Senhor.

Pensem nas dezenas de milhares de jovens e casais a mais que poderiam estar cumprindo missão, se o orgulho não os impedisse de entregar seu coração a Deus (ver Alma 10:6; Helamã 3:34–35).

Pensem no crescimento do trabalho no templo, se o tempo dedicado a esse trabalho sublime fosse mais importante do que muitos interesses orgulhosos que reclamam nosso tempo.

O PECADO UNIVERSAL

O orgulho afeta todos nós em diversas ocasiões e em vários níveis. Podemos ver agora por que o edifício que representava o orgulho do mundo no sonho de Leí era grande e espaçoso, e enorme a multidão que nele entrava (ver 1 Néfi 8:26, 33; 11:35–36).

O orgulho é o pecado universal, o grande vício. Sim, o orgulho é o pecado universal, o grande vício.

HUMILDADE: O ANTÍDOTO PARA O ORGULHO

O antídoto para o orgulho é a humildade — mansidão, submissão (ver Alma 7:23). É o coração quebrantado e o espírito contrito (ver 3 Néfi 9:20; 12:19; D&C 20:37; 59:8; Salmos 34:18; Isaías 57:15; 66:2). Conforme Rudyard Kipling expressou tão bem:

*Morrem os gritos e o clamor,
Passa dos reis o vão poder,
Mas teu divino esplendor,
Há de viver, há de viver.
Teus mandamentos, ó Senhor,
Não nos permita esquecer!*

(“God of Our Fathers, Known of Old”, *Hymns*, n.º 80).

DECIDAM SER HUMILDES

Deus deseja um povo humilde. Podemos escolher ser humildes ou podemos ser compelidos à humildade. Alma disse: “Benditos são os que se humilham sem serem compelidos a serem humildes” (Alma 32:16).

Sejamos humildes por opção.

Podemos ser humildes voluntariamente vencendo a inimizade para com nossos irmãos, estimando-os como a nós próprios e alçando-os até onde estamos, ou mais alto ainda (ver D&C 38:24; 81:5; 84:106).

Podemos ser humildes voluntariamente aceitando conselhos e punição (ver Jacó 4:10; Helamã 15:3; D&C 63:55; 101:4–5; 108:1; 124:61, 84; 136:31; Provérbios 9:8).

Podemos ser humildes voluntariamente perdando aos que nos ofenderam (ver 3 Néfi 13:11, 14; D&C 64:10).

Podemos ser humildes voluntariamente prestando serviço abnegado (ver Mosias 2:16–17).

Podemos ser humildes voluntariamente saindo em missão e pregando a palavra capaz de tornar outros humildes (ver Alma 4:19; 31:5; 48:20).

Podemos ser humildes voluntariamente indo mais frequentemente ao templo.

Podemos ser humildes voluntariamente confessando e abandonando o pecado, e nascendo de Deus (ver D&C 58:43; Mosias 27:25–26; Alma 5:7–14, 49).

Podemos ser humildes voluntariamente amando a Deus, fazendo Sua vontade e dando-Lhe prioridade em nossa vida (ver 3 Néfi 11:11; 13:33; Morôni 10:32).

Sejamos humildes por opção. Podemos fazê-lo. Sei que podemos.

A GRANDE PEDRA DE TROPEÇO PARA SIÃO

Meus queridos irmãos, temos de nos preparar para redimir Sião. Foi essencialmente o pecado do orgulho que nos impediu de estabelecer Sião nos dias do Profeta Joseph Smith. Foi o mesmo pecado que decretou o fim da consagração entre os nefitas (ver 4 Néfi 1:24–25).

O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião. Repito: O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião.

Precisamos limpar o vaso interior, vencendo o orgulho (ver Alma 6:2–4; Mateus 23:25–26).

Temos de ceder aos “sussurros do Santo Espírito”, despojar-nos do “homem natural”, santificando-nos “pela expiação de Cristo, o Senhor”, e tornando-nos como “uma criança, submisso, manso, humilde” (Mosias 3:19; ver também Alma 13:28).

Que assim o façamos e sigamos adiante para cumprir nosso divino destino, é minha fervorosa oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

OS PERIGOS DAS ARTIMANHAS SACERDOTAIS

PAUL V. JOHNSON

ADMINISTRADOR DO SEI —
EDUCAÇÃO RELIGIOSA E
EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL E
MÉDIA

*Conferência do SEI sobre
Doutrina e Convênios e História
da Igreja, 2002, 12 de agosto de
2002*

Quero focar hoje alguns aspectos de treinamento de segurança.

Antes de ir para o campo missionário, trabalhei numa fábrica de equipamento agrícola. Na fábrica nos foram ensinadas normas de segurança a serem usadas junto ao



maquinário. Havia certos padrões e normas de segurança que deviam ser observados, inclusive sobre o tipo de sapatos que devíamos usar.

Estive em algumas minas, como visitante. É interessante notar que até os visitantes recebem treinamento de segurança e são dotados com equipamento de segurança antes de entrarem na mina. As minas modernas possuem dispositivos que monitoram a qualidade do ar de modo que, se houver um problema, os mineiros sejam avisados e possam sair rapidamente da mina. Antes dos sistemas modernos de monitoramento serem desenvolvidos, os mineiros costumavam levar canários para dentro da mina com eles. Os canários são mais suscetíveis aos gases venenosos e morrem asfixiados antes que os mineiros sejam afetados. Se o canário morresse, os mineiros sabiam que tinham de sair dali. Era um tipo antiquado de sistema de alerta.

A meta de treinamento de segurança nas fábricas, minas e outras indústrias é eliminar situações perigosas, diminuir os acidentes e salvar vidas. Nunca pensei realmente no ensino religioso na Igreja como uma profissão perigosa, ao menos no tocante a acidentes físicos. Enfrentamos, porém, perigos espirituais.

Quando Jeffrey R. Holland era Comissário de Educação, ele deixou-nos uma mensagem na qual mencionou o cuidado que tinham os empregadores em relação à segurança dos empregados:

“Nosso próprio emprego tem seus próprios perigos, se pudermos chamá-los assim; e nossos empregadores têm esse mesmo cuidado amoroso por nós. Espero que esses lembretes constantes que lhes damos não sejam percebidos como falta de fé ou confiança, pois sem dúvida não o são. Eles são, tal como os sinais colocados num depósito de pólvora, um lembrete. Sempre estiveram ali — para o nosso bem — e suponho que sempre estarão” (“Pitfalls and Powder Sheds”, *The Growing Edge*, novembro de 1978, p. 1).

Há vários perigos no trabalho que realizamos. Alguns não são específicos de nosso emprego, mas podem afetá-lo. Se, por exemplo, deixarmos de manter nossas obrigações financeiras atualizadas podemos perder nosso emprego no SEI.

Há muitos divórcios e problemas conjugais no mundo atual. Na maioria dos empregos, o casamento e a vida familiar do empregado não fazem muita diferença na sua manutenção do emprego. Mas devido à importância dada pela Junta Educacional no bom exemplo dado em sala de aula, isso faz muita diferença no SEI.

Outro perigo pode ser o de deixarmos de manter um relacionamento adequado com os alunos. Todos os anos, perdemos pessoas por elas não serem cuidadosas e não seguirem os conselhos. Já se falou sobre isso muitas vezes, portanto não despenderei muito tempo hoje a esse respeito. Apenas uma vez mais, tomem cuidado com sua conduta em relação a seus alunos.

Outro desafio que temos é manter a pureza da doutrina. Comentando sobre esse perigo, Jeffrey R. Holland disse:

“Irmãos e irmãs, sejam cuidadosos, comedidos e totalmente ortodoxos em todos os assuntos referentes à doutrina da Igreja. Essa é, como vocês devem imaginar, uma grande preocupação das Autoridades Gerais, que são nossos empregadores neste grande trabalho. E embora eles nos amem, nos ajudem e confiem em nós individual e coletivamente — e eles realmente o fazem — não podem deixar de atender a certas ansiedades expressas por um membro da Igreja que sente que certas doutrinas ou posturas históricas impróprias foram abordadas em sala de aula. É à luz desse perigo quase constante que temos sempre diante de nós (...) que deixo estas advertências e lembretes. (...)

Com esse devido comedimento, tudo que ensinarmos precisa estar em harmonia com os profetas e as escrituras sagradas. Não fomos chamados para ensinar doutrinas exóticas, excitantes e de nosso interesse. Sem dúvida temos muito para fazer em nosso ensino para comunicar eficazmente os princípios mais básicos e fundamentais da salvação. (...) Continuem a estudar pelo restante de sua vida, mas tenham cuidado e limitem a sua instrução em sala de aula ao que as Autoridades Gerais determinaram. Ouçam cuidadosamente e vejam o que eles escolhem ensinar na conferência geral — e eles *foram* ordenados a pregar a doutrina” (“Pitfalls”, p. 1).

Há outro problema que enfrentamos. Estamos disponibilizando o acesso à Internet em nossos computadores em nossos seminários, institutos de religião e locais administrativos. Irmãos, ao abrirmos essa porta, precisamos ser muito cuidadosos. A Igreja, e não apenas o SEI, tem uma política de tolerância zero em relação à pornografia e à utilização da Internet no equipamento da Igreja. Vocês podem perder o emprego de um dia para o outro. Detestaríamos ver isso acontecer e esperamos que vocês compreendam a gravidade disso. Na verdade, o sistema de filtros que é usado atualmente pode gerar relatórios que incluem todos os sites da Internet visitados em cada computador do SEI. Esperamos que vocês tomem muito cuidado. No futuro, se for percebido em vocês um vício pessoal ou o hábito de verem pornografia, quer isso envolva o equipamento do SEI ou não, a consequência será a perda de seu emprego. Essa grande praga está muito difundida no mundo, mas não podemos admiti-la entre nossos empregados. Precisamos ter o Espírito quando ensinamos esses preciosos jovens. Os profetas nos alertaram contra esse mal, e precisamos ser um exemplo de pureza nessa área.

OS PERIGOS DAS ARTIMANHAS SACERDOTAIS

Há outros perigos que talvez sejam exclusivos de nosso tipo de emprego, mas gostaria de focar apenas um deles hoje. Trata-se do perigo das artimanhas sacerdotais. Não sei quanto tempo utilizei no passado para treinamento sobre essa questão — não muito sobre esse tema. Há alguns perigos específicos em relação às artimanhas sacerdotais aos quais nós, como profissionais remunerados, estamos mais suscetíveis. Se estivermos cientes dos perigos, poderemos evitá-los mais facilmente.

O que são artimanhas sacerdotais? Néfi deu-nos uma definição muito sucinta e útil:

“Ele ordena que não haja artimanhas sacerdotais; pois eis que artimanha sacerdotal é o homem pregar e estabelecer-se como uma luz para o mundo, a fim de obter lucros e louvor do mundo; não procura, porém, o bem-estar de Sião” (2 Néfi 26:29).

Néfi explicou que a pessoa procura “estabelecer-se como uma luz para o mundo” a fim de “obter lucros” ou receber “louvor”, e não “procura (...) o bem-estar de Sião”. Há várias manifestações de artimanhas sacerdotais, inclusive criar igrejas ou até tornar-se um anticristo, como vemos no Livro de Mórmon. Enfoquemos, porém, as manifestações mais prováveis de encontrarmos em nossa profissão como educadores do SEI. São provavelmente muito mais sutis do que casos como os de Neor ou Corior, mas ainda assim se enquadram na definição de artimanhas sacerdotais dada por Néfi e prejudicarão o trabalho e nossos alunos. Prejudicarão nossa própria vida.

OBTER LUCRO

Pela definição de Néfi, vemos que se estabelecer como uma luz parece estar no cerne do problema das artimanhas sacerdotais. Os motivos de alguém se estabelecer como uma luz incluem obter lucro e louvor. Vamos analisar um pouco mais profundamente essas áreas. Há poucas semanas, conversei com um homem que tinha um irmão que ensinou no SEI por alguns anos e depois deixou o emprego. Ele não conseguia reconciliar em sua mente o fato de estar ensinando o evangelho por dinheiro. Aquele homem perguntou como eu consegui reconciliar isso em minha mente. Essa é uma boa pergunta. Como reconciliamos isso? A maioria de nós provavelmente já pensou nisso, talvez antes de sermos contratados e suspeito que muitas vezes depois disso.

O Élder Spencer W. Kimball, quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, deu a melhor explicação que já ouvi sobre o assunto:

“Quero que nossos jovens nunca sejam ensinados por mercenários. Se algum de vocês estiver ensinando neste programa simplesmente para ter um emprego, quase que exclusivamente pelo salário, então espero que sejam designados para uma das outras áreas. Mas se seu salário não for seu principal interesse, mas sua maior e mais importante obsessão seja nossos filhos e seu crescimento e desenvolvimento, espero que ensinem em Nova York, Michigan, Wisconsin e Utah, onde estão meus filhos amados” (“What I Hope You Will Teach My Grandchildren and All Others of the Youth of Zion”, discurso para educadores religiosos, Universidade Brigham Young, 11 de julho de 1966, p. 8).

Esse é o grande ponto-chave para nós. Onde está nosso coração? Se estiver voltado ao bem-estar de Sião e seus jovens, creio que estamos nos saindo bem.

O desejo de obter lucro pode se manifestar em nossos deveres regulares e em nosso salário. Também pode manifestar-se em interesses paralelos relacionados como publicação de livros ou cursos de educação continuada. Pergunto: Uma pessoa pode receber salário no SEI e não

estar envolvido em artimanhas sacerdotais? Sem dúvida que sim. Uma pessoa pode publicar livros, ser remunerada por cursos de educação continuada ou tirar proveito de outras oportunidades sem estar envolvida em artimanhas sacerdotais? Sim, pode. É uma questão de coração. Qual é a motivação? O que o Presidente Kimball disse é um ponto-chave nessa área. Quando nosso coração está voltado para o dinheiro, nossa visão fica anuviada e isso nos leva a más escolhas.

LOUVOR DO MUNDO

Além de obter lucro, Néfi disse que as pessoas se estabelecem como uma luz para obter o louvor do mundo. Alguns professores têm grande desejo de ser elogiados. Para obter esse louvor, pode ser que comecem a estabelecer-se como uma luz. Quando as pessoas olham para eles como se fossem uma luz, ficam dispostas a lhes dar o louvor que eles desejam. Isso pode aumentar seu desejo por mais louvor, e o ciclo continua. Isso se torna perigoso porque pode levar os professores a alterarem a doutrina ou ensinarem coisas que não deviam ser ensinadas ou usarem métodos didáticos que não deviam ser usados para exibirem-se como uma luz.

Em 1987, o Élder Marvin J. Ashton, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse:

“Tomem cuidado, fiquem atentos e sejam sábios quando as pessoas falarem bem de vocês. Quando as pessoas os tratarem com muito respeito e amor, tomem cuidado, estejam atentos e sejam sábios. Se vocês forem honrados e reconhecidos e se tornarem famosos, isso pode ser um fardo e uma cruz, especialmente se vocês acreditarem no que for dito a seu respeito. (...)

O louvor do mundo pode ser uma cruz pesada de carregar. Ao longo dos anos, muito freqüentemente ouvi dizer: ‘Ele era grande até se tornar um sucesso, daí não conseguiu lidar com isso’. Não estou falando de dinheiro e posição. Estou falando de reconhecimento, até em responsabilidades na Igreja. (...)

Oro para que não nos deixemos ser levados pelo louvor, sucesso ou mesmo pelo cumprimento de metas que estabelecemos para nós mesmos” (“Carry Your Cross”, *Brigham Young University 1986–1987 Devotional and Fireside Speeches*, 1987, p. 141).

Temos um emprego que muitas vezes nos proporciona louvor e adulação, que podem vir de alunos, pais, líderes do sacerdócio, outros professores e até das Autoridades Gerais. Mas, como o Élder Ashton disse, precisamos ter cuidado, ficar atentos e ser sábios.

A Primeira Presidência, numa carta para os presidentes de estaca e bispos de 1952, mencionou o efeito prejudicial que a notoriedade pode ter sobre os recém-conversos: “Atenção

e elogios exagerados freqüentemente têm a tendência de embotar a fé e as obras que nos levam para a exaltação que todos buscamos” (30 de junho de 1952, p. 4).

Creio que esse princípio se aplica a todos que recebem muita atenção e elogios. Em nosso trabalho, podemos receber muitos elogios e louvores. Se essa se tornar a nossa meta ou se ficarmos inebriados com isso, começaremos a nos estabelecer como uma luz.

PALAVRAS DAS AUTORIDADES GERAIS

As Autoridades Gerais, ao longo dos anos, abordaram o perigo de estabelecer-nos como uma luz. Vejamos algumas das coisas que eles nos disseram. Em 1992, o Élder Dallin H. Oaks disse:

“Outro exemplo de um ponto forte que pode tornar-se nossa pedra de tropeço está relacionado ao professor carismático. Tendo uma mente instruída e uma forma muito hábil de expressar-se, o professor pode tornar-se extraordinariamente popular e eficaz no ensino. Mas Satanás procurará usar esse ponto forte para corromper o professor, encorajando-o a reunir discípulos. Um professor da Igreja, do Sistema Educacional da Igreja ou de uma universidade SUD que reúna discípulos e faça isso ‘por causa de riquezas e honrarias’ (Alma 1:16) é culpado de artimanha sacerdotal.

‘Artimanha sacerdotal é o homem pregar e estabelecer-se como uma luz para o mundo, a fim de obter lucros e louvor do mundo; não procura, porém, o bem-estar de Sião’ (2 Néfi 26:29).

Os professores que são mais populares — e portanto mais eficazes — têm uma susceptibilidade particular a esse tipo de artimanha sacerdotal. Se não tomarem cuidado, seu ponto forte pode se tornar sua pedra de tropeço espiritual. Eles se tornam como Almon Babbitt, com quem o Senhor não estava satisfeito porque, como declara a revelação:

‘Ele aspira a estabelecer seu próprio conselho, em vez do conselho que decretei, sim, o da Presidência de minha Igreja; e estabelece um bezerro de ouro para meu povo adorar’. (D&C 124:84)” (“Our Strengths Can Become Our Downfall,” *Brigham Young University 1991–1992 Devotional and Fireside Speeches*, [1992], p. 111).

Em 1989, no Assembly Hall, o Presidente Howard W. Hunter, que na época era Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, fez um discurso no programa anual Uma Noite com uma Autoridade Geral. Ele disse:

“Gostaria de deixar-lhes uma palavra de advertência. Tenho certeza de que reconhecem o perigo em potencial de terem tamanha influência e serem tão persuasivos a ponto de que seus alunos desenvolvam uma lealdade a vocês em lugar do evangelho. Esse é um problema maravilhoso com o qual devemos lutar, e esperamos que todos

vocês sejam professores tão carismáticos assim. Mas há um perigo real envolvido. É por isso que vocês precisam convidar seus alunos a lerem as escrituras propriamente ditas, não apenas lhes dar sua interpretação e apresentação delas. É por isso que vocês precisam convidar seus alunos a sentir o Espírito do Senhor, e não apenas lhes dar sua impressão pessoal a esse respeito. É por isso, no final das contas, que vocês precisam convidar seus alunos a achegarem-se diretamente a Cristo, e não apenas lhes ensinar Suas doutrinas, por melhor que o saibam fazer. Nem sempre vocês estarão à disposição desses alunos. Vocês não poderão conduzi-los pela mão depois que tiverem saído do curso médio ou da faculdade. E vocês não precisam de discípulos pessoais. (...)

Certifiquem-se de que a lealdade desses alunos seja para com as escrituras e o Senhor e as doutrinas restauradas da Igreja. Indiquem-lhes o caminho para Deus, o Pai, e Seu Filho Unigênito Jesus Cristo, e para a liderança da Igreja verdadeira. Certifiquem-se de que, quando o glamour e o carisma de sua personalidade e discursos e o ambiente da sala de aula se forem, eles não fiquem de mãos vazias para enfrentar o mundo. Dêem-lhes dádivas que eles levarão consigo quando tiverem que ficar sozinhos. Se fizerem isso, toda a Igreja será abençoada pelas gerações futuras. (...)

Gostaria de deixar-lhes uma palavra de advertência [sobre o assunto de ensinar pelo Espírito]. Creio que se não formos cuidadosos como educadores profissionais que trabalham todos os dias, podemos começar a tentar simular a verdadeira influência do Espírito do Senhor por meios indignos e manipulativos. Fico preocupado quando aparentemente as emoções fortes ou as lágrimas copiosas são igualladas à presença do Espírito. Sem dúvida o Espírito do Senhor pode produzir fortes sentimentos emocionais, inclusive lágrimas, mas a manifestação externa não deve ser confundida com a presença do Espírito propriamente dita” (*Eternal Investments*, discurso para educadores religiosos, 10 de fevereiro de 1989, pp. 2–3)

Em nossa Uma Noite com uma Autoridade Geral, de fevereiro passado, ouvimos o Élder Robert D. Hales. Vocês devem lembrar-se de suas palavras:

“Todos vocês que ensinam no seminário e instituto têm no coração o desejo de ser um anjo. Isso é bom, mas vocês estão sujeitos à grande tentação de desempenhar o papel do flautista da flauta mágica e imaginar que irão reunir todos os seus alunos a seu redor e induzi-los com seu amor a que desenvolvam um testemunho; ou de sentir que se conseguirem tornar-se muito populares, poderão liderá-los, ser um exemplo para eles e fazer uma grande diferença na vida de seus alunos. (...)

Não existe nada mais perigoso do que quando um aluno dirige sua admiração e atenção ao professor em lugar do Senhor, da mesma forma que um converso faz com um

missionário. E então, se o professor ou o missionário for embora ou comportar-se de modo contrário aos ensinamentos do evangelho, o aluno ficará extremamente desapontado. Seu testemunho enfraquecerá. Sua fé será destruída. O professor realmente bom toma cuidado para que os alunos se voltem ao Senhor.

Depois que tivermos tocado a vida dos jovens, temos que voltá-los para Deus, o Pai, e Seu Filho, nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo, por meio da oração, estudo e a aplicação prática dos princípios do evangelho na vida deles” (*Teaching by Faith*, discurso para educadores religiosos, 1º de fevereiro de 2002, p. 7).

Na conferência de abril de 1997, o Élder Henry B. Eyring disse: “Uma das maneiras pelas quais podemos saber que o conselho provém do Senhor é observar se foi evocada a lei das testemunhas, testemunhas autorizadas. Quando as palavras dos profetas parecerem repetitivas, devemos estar atentos e encher nosso coração de gratidão por viver nesta época abençoada” (*A Liahona*, julho de 1997, p. 27). Acabamos de ver um desses conselhos repetitivos que as Autoridades Gerais deram especificamente para nós.

RECONHECER OS SINAIS

Um dos desafios para reconhecer e evitar as artimanhas sacerdotais é que essa é uma questão que envolve as motivações e desejos. É como o orgulho. Na verdade, o orgulho é a origem do problema. Quando há um acidente numa fábrica, geralmente há sinais visíveis, como sangue ou histeria. A maioria das pessoas reconhece imediatamente que houve um acidente. Mas isso não acontece com os danos causados ao coração. Precisamos ser mais sensíveis para reconhecer os primeiros sinais de problemas espirituais.

Esses sinais podem ser como os canários que se costumavam levar para as minas. Se vocês estivessem trabalhando na mina e vissem o canário meio tonto, creio que poderiam ter duas atitudes. Uma delas seria sair dali imediatamente. A outra seria imaginar que o canário estava gripado. A segunda atitude poderia ser fatal para o mineiro. O mesmo tipo de atitude em seu emprego também pode ser perigoso.

Talvez seja útil pensar nos seguintes sintomas e analisar nosso próprio comportamento e o que acontece em nossas salas de aula. Esses sintomas não são provas conclusivas, mas apenas sintomas. No entanto, pode ser que o canário esteja mais do que apenas gripado.

Em relação a reunir seguidores, um dos sintomas é basearmos nossa auto-estima nos elogios que ouvimos a respeito de nossas aulas ou discursos. Como mencionei, essa é uma situação perigosa porque os elogios se tornam o termômetro de avaliação do nosso desempenho, e daí podemos

rebaixar-nos no que ensinamos ou na maneira como ensinamos para conseguir mais elogios.

Outro sintoma é sentirmos que seria extremamente prejudicial para o SEI se nossa designação fosse mudada. Sentimos que somos insubstituíveis. Mesmo que isso fosse verdade, seria melhor deixar que as pessoas que fazem essas mudanças se preocupassem com isso. Se vocês forem realmente insubstituíveis, aposto que elas já sabem disso.

Às vezes nossos alunos chegam a ponto de se recusarem a fazer seminário a menos que determinada pessoa seja o professor.

Às vezes o número de alunos das classes de certos professores é desproporcional ao das outras classes. Podemos até chegar a competir para termos mais alunos do que os outros professores.

Às vezes um professor pode realmente chegar a ter um séquito formado por outros professores de uma região do SEI, que pode até chegar a ter mais lealdade para com aquele professor do que para com seus líderes designados.

Pode haver um número incomum de pedidos para que um determinado professor fale ou ensine diversos grupos de pessoas.

Tenho certeza de que existem outros sintomas de um professor que esteja reunindo seguidores, se vocês quiserem ponderar a respeito.

Vamos analisar alguns sintomas de que estamos nos estabelecendo como uma luz na área acadêmica ou de conhecimento.

Talvez alguns sintam que ensinam uma doutrina mais profunda — uma forma mais pura e clara do que se encontra em qualquer material curricular ou do que qualquer dos outros professores.

Talvez haja fontes especiais às quais os outros geralmente não têm acesso ou tenhamos algum método especial de estudo que nos coloque acima dos outros.

Talvez estejamos sentindo que o SEI ou a Igreja não está enfatizando suficientemente certa doutrina, ou talvez até interpretando essa doutrina erroneamente. Na verdade, há uns poucos que acham que as Autoridades Gerais não compreendem claramente determinada doutrina. Quando chegamos a esse ponto, o canário já tombou e não está mais respirando.

Alguns têm tópicos favoritos do evangelho que são ensinados em todas as suas aulas, não importa qual o curso que estejam ensinando.

Talvez sintamos que temos que saber a resposta de todas as perguntas. Ficamos embaraçados quando um aluno nos faz uma pergunta cuja resposta não sabemos.

Podemos olhar para certas Autoridades Gerais ou professores do SEI como aqueles que têm o evangelho e menosprezar ou dar pouca atenção a outras Autoridades Gerais ou professores.

Podemos ensinar nossas próprias filosofias a respeito das doutrinas.

Pode ser que tenham surgido dúvidas levantadas por pais, líderes do sacerdócio ou do SEI sobre algumas das coisas que estamos ensinando em nossas aulas.

Podemos estar ensinando nossa própria opinião com muita força, tentando conquistar os alunos para o nosso ponto de vista.

Outro sintoma, não diretamente relacionado às salas de aula do SEI, é estabelecer-nos como um especialista em assuntos do evangelho em nossa própria ala e estaca. Se houver uma pergunta difícil na sala de doutrina do evangelho, a maioria das pessoas olha para nós procurando a resposta? Podemos estar sutilmente nos estabelecendo como uma luz.

Será que nos sentimos frustrados com as pessoas porque elas não parecem compreender o evangelho tão bem quanto nós? No Livro de Mórmon, houve uma época em que “começou o povo a ser distinguido por classes, segundo suas riquezas e oportunidades de instrução” (3 Néfi 6:12). Nós, como educadores religiosos, provavelmente temos mais oportunidades de aprender o evangelho do que qualquer pessoa do mundo. Nosso emprego inclui o estudo e o ensino do evangelho. Precisamos tomar cuidado para não desprezar as pessoas que não têm as mesmas oportunidades.

Às vezes as apresentações de treinamento se tornam uma competição não declarada sobre quem fez a pesquisa mais profunda e encontrou pontos dos quais ninguém tinha ouvido falar antes.

Às vezes promovemos uma “síndrome de dependência de discernimento”, na qual os alunos vêm para nossa classe porque só nós temos o verdadeiro discernimento do evangelho. Um dos perigos disso, sejam esses discernimentos emocionais ou acadêmicos, é que isso se torna um fim em si mesmo. Não se traduz necessariamente em aplicação prática do evangelho.

Pode ser que supostamente nos tornemos especialistas em determinada área do evangelho a ponto de irritar-nos com a norma de serem ensinados outros cursos no instituto.

Podemos focar tanto a publicação de livros ou outras distinções acadêmicas que nossa própria busca de conhecimento tenha prioridade sobre os alunos e sobre nosso ensino.

Vejamos agora alguns sintomas de que talvez estejamos nos estabelecendo como uma luz, em termos emocionais ou espirituais.

Podemos tornar-nos dependentes da busca de histórias fortemente emocionais para usar em nossas salas de aula, ou talvez estejamos usando histórias que enfoquem indevidamente nossa própria vida pessoal.

Podemos adaptar as histórias de modo que não sejam totalmente verdadeiras.

Pode ser que estejamos exagerando na frequência com que dizemos aos alunos que o Espírito “me disse que fizesse” algo. Ou, como mencionou o Presidente Hunter, podemos manipular as emoções dos alunos e rotular esse tipo de abordagem como sendo o Espírito.

Podemos nos envolver demais no aconselhamento de alunos.

OS RESULTADOS

Se houver artimanhas sacerdotais em nosso sistema, quais serão os resultados disso? Creio que o perigo está em não termos poder em nosso ensino. Ou nosso ensino pode ser poderoso, mas não ser o poder de Deus (ver D&C 50:13–23). Talvez seja emocionalmente poderoso, ou academicamente poderoso, mas não ajudará a fazer as mudanças duradouras que precisam acontecer na vida do aluno. Como vocês sabem, as Autoridades Gerais nos pediram que analisássemos cuidadosamente como passar as escrituras e o conhecimento do evangelho da mente para o coração, de modo que nossos alunos façam as coisas certas na vida.

Também podemos passar a mensagem errada se nos envolvermos em artimanhas sacerdotais. Os alunos podem adorar os professores mas não estabelecerem uma verdadeira conexão com a doutrina do evangelho. É como um pai que ensina enfaticamente os filhos a respeito de honestidade, mas sonega seus impostos. As palavras estão ali, mas o poder, não. O aluno pode não perceber exatamente o que está acontecendo, mas sente que algo está errado. Isso acontece por que o Espírito não está ali como poderia estar.

E se os professores conseguirem manter-se livres das artimanhas sacerdotais? Bem, teremos então uma situação poderosa. Eles poderão ensinar a doutrina e o evangelho de modo simples e sem adornos, e poderão ensiná-lo com o Espírito. Na verdade, se não pudermos ensinar com o Espírito, não estaremos realizando o que nos foi pedido. A única maneira de aprender coisas espirituais é pelo Espírito. Essa é a única maneira pela qual nossos alunos terão a capacidade de viver o evangelho nestes últimos dias.

Se nossos professores se mantiverem livres de artimanhas sacerdotais, os alunos os amarão, mas não serão

dependentes deles. Eles os amarão e serão gratos pelo que lhes foi ensinado, mas se voltarão para o Senhor. Eles se voltarão para os pais e para seus líderes do sacerdócio. Haverá milagres na vida dos alunos, e poderemos testemunhá-los. Podemos fazê-lo.

As artimanhas sacerdotais são um risco em nosso emprego. Podem afetar-nos, mas isso não precisa acontecer, se formos cuidadosos e humildes. Podemos fazer as coisas certas. Podemos ter salas de aula vigorosas porque contamos com pessoas excelentes: vocês. Vocês têm um ótimo espírito. Trabalham arduamente. Permitiram que o Senhor tenha uma vigorosa influência na vida de tantas pessoas. Tenho muita gratidão pelos professores que tive no sistema educacional da Igreja.

Recentemente participei de uma sessão de perguntas e respostas com alguns funcionários. Uma pessoa fez um comentário dizendo que às vezes parece que a administração dispara rajadas quando deveria dar um tiro certo. Em outras palavras, quando temos uma preocupação com algumas pessoas, em vez de conversarmos diretamente com elas, envolvemos todas as pessoas do sistema educacional. Quero que saibam que tive a intenção de falar com todos os funcionários de tempo integral sobre esse assunto. Ele se aplica a todos nós. Esse assunto tem a ver comigo, com os administradores de zona e com todos os professores do sistema. Seria um erro fazer uma pequena lista em sua mente das pessoas que vocês esperam que estejam ouvindo muito atentamente esta mensagem. Todos nós enfrentamos esse risco em nosso emprego.

Uma vez que as artimanhas sacerdotais envolvem motivações e desejos, a melhor maneira de combatê-las é em nível pessoal. É muito melhor procurar policiar-nos nesses assuntos antes que se tornem motivo de preocupação para os líderes e supervisores do sacerdócio. Trata-se de um assunto a respeito do qual precisamos estar muito atentos em nossa vida. Ele tem a tendência de imiscuir-se em nossa vida, se não formos diligentes.

Ao ponderarmos sobre os perigos associados à nossa profissão, precisamos pensar continuamente em nossos alunos. Citando novamente o Élder Holland:

“Pelo bem deles e de vocês, caminhem com cuidado, recato e cautela em meio aos perigos. Agradecemos por permitirem que novamente os alertemos sobre os perigos de seu emprego. Sem dúvida o faremos de novo para sua segurança e a nossa” (“Pitfalls”, p. 1).

CONCLUSÃO

Quero concluir com uma escritura do Novo Testamento. O Apóstolo Paulo estava lembrando aos tessalonicenses como ele lhes havia ensinado o evangelho. Creio que é um belo exemplo de um professor não contaminado pelas artimanhas sacerdotais. Ao lermos suas palavras, gostaria

que vocês percebessem o que Paulo fez, o que ele não fez (especialmente à luz do conceito das artimanhas sacerdotais), por que ele o fez, e quais foram os resultados.

“Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência:

Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações.

Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha;

E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados;

Antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos.

Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto nos éreis muito queridos.

Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus.

Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houvermos para convosco, os que crestes.

Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós; como o pai a seus filhos;

Para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória.

Por isso também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes” (I Tessalonicenses 2:3–13).

Sei que o evangelho é verdadeiro. Sei que estamos participando de um trabalho muito importante. Sei que é essencial que mantenhamos nossa vida pura, para que possamos ensinar os jovens da Igreja, e para que as verdades do evangelho sejam testificadas à alma deles pelo poder do Espírito.

Sei que o Presidente [Gordon B.] Hinckley é um profeta e que as escrituras são a palavra de Deus. Temos o grande privilégio de ensinar usando as escrituras e as palavras dos profetas. Oro por vocês, bons professores. Expresso minha gratidão por tudo que fazem. Também expresso minha gratidão a seu cônjuge. Sou grato por minha esposa, Jill, e estou feliz por tê-la aqui comigo. Digo isso em nome de Jesus Cristo. Amém.

QUATRO COISAS OBRIGATÓRIAS PARA OS EDUCADORES RELIGIOSOS

ÉLDER GORDON B. HINCKLEY

DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de An Evening with Elder Gordon B. Hinckley, 15 de setembro de 1978, p. 3



Nós, professores do programa de seminário e instituto de religião da Igreja, temos a obrigação de ler constantemente as escrituras e outros livros diretamente relacionados com a história, a doutrina e as práticas da Igreja. Devemos, porém, ler também a história secular, a grande literatura que nos foi preservada e os escritos de pensadores e empreendedores contemporâneos. Ao fazê-lo, encontraremos inspiração para transmitir aos alunos, que precisam obter forças do maior número de fontes possível, ao enfrentarem o mundo para o qual estão caminhando.

Irmãos e irmãs, desenvolvam seu conhecimento das verdades eternas que foram designados a ensinar e no conhecimento dos grandes homens e mulheres que viveram nesta Terra e dos maravilhosos fenômenos que nos cercam no mundo em que vivemos. Ocasionalmente, quando vejo um homem se tornar obcecado por uma pequena porção do conhecimento humano, preocupo-me com ele. Já vi alguns homens assim. Eles procuram incessantemente uma pequena fatia de conhecimento, até perderem todo o senso de equilíbrio. Neste momento, penso em dois que se aprofundaram tanto e se desviaram tanto do rumo em sua pesquisa minuciosa que, embora tenham sido professores eficazes dos jovens, caíram em apostasia e foram excomungados da Igreja. Mantenham o equilíbrio na vida. Tomem cuidado com as obsessões. Cuidem para não enfiar uma porção demasiadamente pequena do conhecimento disponível. Ampliem seu interesse para que envolva muitos campos, enquanto se esforçam para fortalecerem-se no campo de sua própria profissão.

A MISSÃO A QUE NOS DEDICAMOS COM ARDOR

ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND

DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Trecho de An Evening with Elder Jeffrey R. Holland, 5 de fevereiro de 1999, pp. 1-4



OS PRIMEIROS ANOS

Há muito tempo, quando éramos recém-casados, Pat e eu tomamos a decisão de fazer o que vocês fazem. Naquela época, achávamos que passaríamos a vida inteira no ensino religioso. (No final das contas, é o que estamos fazendo, mas de uma maneira e em um chamado que jamais teríamos previsto). De modo muito real, devo essa oportunidade a Pat, pelo papel que ela teve na decisão que tomamos juntos de dedicar nossa vida ao trabalho no Sistema Educacional da Igreja.

Lembro-me claramente do que aconteceu (de modo bem semelhante à lembrança que o Élder Eyring tem da mãe). Quase posso descrever como estava nosso apartamento na primavera de 1965 quando, sem termos pensado nisso e sem planejarmos, nos pareceu que a educação religiosa seria a carreira que eu iria seguir. Lembro-me de ter dito:

“Querida, isso significa, entre outras coisas, que nunca teremos muito dinheiro”. Ela respondeu sem hesitar: “Teremos o suficiente. Recuso-me a permitir que o dinheiro determine a qualidade ou o significado de nossa vida”.

Foi um de seus momentos mais grandiosos. Creio que eu realmente não teria sido capaz de assinar aquele primeiro contrato se a declaração inflamada que ela fez não estivesse soando em meus ouvidos. Uma coisa seria reduzir minha própria lista de desejos e necessidades materiais, mas eu não sabia se seria justo esperar, ou em certo sentido impor, essa redução à minha esposa e a meus filhos ainda por nascer. Ela me deu coragem na época, e continua a fazê-lo desde aquele tempo. Ao longo dos anos, saímos para conseguir um doutorado numa ótima universidade, vivemos como mendigos em meio do esplendor dos carros importados de nossos vizinhos ricos, voltamos para o SEI com um título acadêmico em mãos, dois filhos e sem um centavo no bolso para assinar o nosso próximo contrato, no valor de onze mil dólares anuais. Meus colegas da universidade Yale estavam assinando contratos bem maiores que esse, posso garantir.

Mas o que desejo salientar é que aquela foi a melhor decisão profissional que eu poderia ter tomado. Posso descrever para vocês onde eu estava e sobre o que especificamente estava orando quando recebi a resposta inconfundível de

que devíamos voltar para o SEI. Meus professores da Yale acharam que eu estava sendo insensato; sentiram que fracassaram em tentar influenciar-me. O que me influenciou foi a mão do Senhor. Ele respondeu, e nossa vida foi abençoada bem mais do que jamais sonháramos. Pudemos fazer a coisa que mais adorávamos fazer em meio às melhores pessoas do mundo inteiro.

E nossos filhos, a alegria de seus pais, como vocês são para os seus pais, sentem-se muito gratos por terem crescido sob a influência do Sistema Educacional da Igreja, com todos os amigos, conhecidos e boas influências que compartilhamos aqui. Eu estava certo no tocante ao dinheiro que teríamos ao longo do caminho. Mas o que isso importa? Porque Pat também estava certa; sempre tivemos o suficiente.

Essa pequena introdução é um tributo à minha esposa e à esposa de todos os nossos funcionários de tempo integral, que se sacrificaram, que apoiaram e se dedicaram tão plenamente ao trabalho que o marido decidiu fazer. (Apresso-me em dizer que sei que temos algumas irmãs que trabalham em tempo integral, cujos maridos lhes dão o apoio. E alguns que ensinam, por assim dizer, sozinhos. Reconheço isso. Incluo todos vocês neste tributo.) Mas a maioria dos funcionários de tempo integral que temos são homens, e quero que vocês, esposas, saibam que reconhecemos sua dedicação e amamos vocês. Graças aos céus por sua fé e devoção ao ensino religioso e ao Senhor Jesus Cristo.

Depois de escrever sobre a história dos santos dos últimos dias, Wallace Stegner disse o seguinte sobre nossos antepassados pioneiros: Os homens mórmons eram fortes, mas as “mulheres mórmons eram incríveis” (*The Gathering of Zion: The Story of the Mormon Trail*, 1964, p. 13). Em meu ponto de vista, que inclui o da minha esposa, isso ainda é verdade hoje em dia. Obrigado, irmãs. Sabemos de seu sacrifício. Sentimos seu apoio. Sabemos que vocês conseguem fazer tudo que precisam em casa, às vezes com um orçamento muito pequeno. Se isso lhes servir de consolo, nós também conhecemos essa vida e não a trocaríamos por nada deste mundo.

Depois que saímos da BYU para juntar-nos a nossos colegas no campo, como novos funcionários do SEI, tivemos o mesmo tipo de início que vocês tiveram. No meu primeiro ano, ensinei praticamente sozinho na região da baía de San Francisco, fortalecendo dois pequenos programas de instituto, iniciando três outros e ajudando o seminário matutino. Ao relembrar aquela época, parece-me que havia dezenas de preparativos por semana e literalmente centenas de quilômetros rodados.

No ano seguinte, em Seattle, assumimos um instituto maior no qual tivemos desafios maiores, para então ser chamado como bispo noventa dias depois de chegar à cidade. O aluguel era mais caro, o custo de vida mais alto,

e outro filho estava chegando. Em certa ocasião, candidatei-me a um segundo emprego como vigia noturno, mas literalmente não tinha dinheiro para comprar o uniforme.

Então, veio a mudança para New Haven, com despesas ainda maiores, voltando a trabalhar em tempo integral nas escolas. Oito meses e pouco depois de chegarmos a New Haven, Pat foi chamada para ser presidente da Sociedade de Socorro, e eu fui chamado para ser conselheiro na presidência da estaca. A sede da estaca ficava a oitenta e seis quilômetros de casa. A estaca cobria todo o Estado de Connecticut, metade do Estado de Massachusetts, o sul de Rhode Island, a ponta norte de Nova York e parte do Estado de Vermont. Era imensa. Ficamos extremamente estressados. Tínhamos decidido que com dois bebês em casa, Pat não iria mais trabalhar. Portanto, aproveitei todas as oportunidades que consegui encontrar no SEI em nossa parte da região de New England, e qualquer outro emprego que pude encontrar. O querido irmão William E. Berrett, com sua imensa consideração ao dar-nos designações naquela situação, salvou-nos a vida em termos financeiros. Serei eternamente grato a ele.

NOITES DE SEXTA-FEIRA

Em algum momento daquela época, chegamos à conclusão de que não sobreviveríamos física nem emocionalmente se não impuséssemos alguma estrutura àquele caos. Uma das coisas que nos comprometemos a fazer era sair juntos toda noite de sexta-feira, não importando o que estivesse acontecendo. Nenhum dos dois aceitaria responsabilidade alguma naquela noite. (Exceto, é claro, para passar a noite com os irmãos do Sistema Educacional da Igreja. Estou ciente de que hoje é noite de sexta-feira. Bem-vinda ao nosso programa desta noite, querida.) Não foi fácil naquela época, e não sei se conseguimos manter sempre essa programação, mas tentamos.

Tudo que eu tivesse que estudar, escrever, trabalhar, ensinar e servir na presidência da estaca, eu fazia de sábado até sexta-feira, às cinco da tarde. Tudo que a Pat tivesse que fazer na Sociedade de Socorro ou cuidando de bebês (os nossos próprios e outras crianças) ou lavando roupas e tudo o mais que uma jovem mãe tem que fazer, ela fazia de sábado a sexta-feira, até às cinco da tarde. Mas naquela noite, passávamos algumas horas juntos. Tirávamos uma folga de nossa rotina cansativa. Fazíamos uma pausa para respirar e lembrávamo-nos de o quanto nos amávamos, por que estávamos fazendo tudo aquilo, em primeiro lugar, e que sem dúvida chegaríamos a ver uma luz no fim do túnel um dia.

Lembro-me de que nunca gastávamos muito naquelas ocasiões. Realmente não me lembro de termos saído para jantar fora, mas devemos ter ido. Sem dúvida devemos ter ao menos comido uma pizza de vez em quando. Simplesmente não me lembro. Lembro-me de ter caminhado no bosque

entre Yale e New Haven, que fica logo do outro lado da rua, em frente de nosso alojamento de estudantes. Lembro-me de longas caminhadas de mãos dadas, sonhando acordado sobre como seria a nossa vida quando as coisas ficassem mais fáceis. No fim da rua havia uma sorveteria, onde geralmente parávamos para comprar uma casquinha ou, nas noites especiais, um milk-shake.

Por mais modestos que tenham sido nossos gastos, Pat já me disse mais de cem vezes que foram aquelas noites de sexta-feira que a ajudaram a suportar aqueles anos. Ela disse: “Eu esperava ansiosa por aquelas noites e contava com elas. Sabia que, embora você passasse muitas noites estudando, trabalhando ou servindo em designações da Igreja, eu ainda podia contar com a noite da sexta-feira. [E evidentemente, sempre tínhamos a segunda-feira.] Ela disse: “Aqueles noites não eram um grande acontecimento social [ela está sendo gentil], mas eram minhas, e eu me sentia no controle da minha própria vida e na de meu marido por pelo menos algumas horas a cada semana. Elas me ajudaram a suportar um período muito difícil de nossa vida”.

Um psicólogo amador disse certa vez que as pessoas precisam de três coisas para serem emocionalmente saudáveis: alguém para amar, coisas significativas para fazer e algo agradável para esperar. Irmãos, certifiquem-se de que sua esposa tenha algo agradável, algo que seja genuinamente divertido, para esperar regularmente.

Eu também me lembro delas como algumas das noites mais maravilhosas de nossa vida. Na verdade (e eis um fenômeno admirável que observei e que vocês também observaram ao longo dos anos), só consigo lembrar-me das coisas boas daqueles dias. O estresse e a angústia e a falta de tempo ou de dinheiro para fazer as coisas, tudo isso parece ter desaparecido de minha memória. Tudo de que me recordo com uma lembrança vívida são as caminhadas com minha esposa num belo bosque da universidade e as casquinhas de sorvete muito gostosas da sorveteria Dairy Queen. E o outono em New England, quando as cores das folhas das árvores da região de nossa estaca se tornavam indescritivelmente belas. E as visitas a locais históricos do país e a leitura das obras dos que fundaram para nós o que um escritor chamou de *A Primeira Nova Nação* (de Seymour Martin Lipset). E assim por diante. Perdoem-me por falar de nossa vida, mas lembrem-se de que devo ser pessoal.

Talvez relembrar os primeiros anos de nosso casamento não se aplique à maioria de nós, já tão idosos, aqui nesta congregação. Mas os princípios talvez ainda se apliquem. O que desejo salientar ao dizer isso é que Deus foi bom para nós naquela época, Ele é bom para nós hoje e sempre será bom para nós, inclusive nas lembranças que permite

que guardemos para sempre. As dores e o sofrimento de alguma forma são dissipados e a felicidade parece ainda mais doce depois de algum tempo. Amem sua vida, saibam cada estágio dela, aceitem os momentos árduos e os anos de dificuldades financeiras juntamente com os bons, e não deixem de reservar um tempo para vocês mesmos, para estarem juntos, para seu casamento. Esse tipo de bom senso irá abençoá-los sempre em seu lar, em seu emprego e na própria Igreja.

Perdoem-me por ficar recordando o passado. Passemos a um assunto totalmente diferente. E trata-se de uma coisa que desejo muito *não* ser compreendido erroneamente.

MANTENHAM O EQUILÍBRIO

Para o bem da Igreja e de seus alunos e do evangelho que amamos e ensinamos, irmãos e irmãs, trabalhem arduamente para manterem-se firmes e equilibrados, não dados a extremismos ou rumores, sensacionalismo ou os vários tipos de manias que freqüentemente se espalham por toda parte (e muitas vezes aparecem entre os membros da Igreja). No tocante a essas coisas vocês podem ser para nós, e esperamos que juntamente conosco, parte da solução, e nunca parte do problema.

Sei como é difícil tentar manter a atenção da classe. Todo professor gostaria de ter uma turma atenta, no melhor sentido do termo, sendo admirado pelos alunos pelos motivos certos e cativando-os com nosso conhecimento das verdades do evangelho. Nesta congregação, todos sabemos como é difícil fazer isso, hora após hora, dia após dia, semana após semana. Ensinar de modo eficaz, ensinar com vigor, ensinar com entusiasmo, uma preparação bem feita e materiais de apoio interessantes, tudo isso significa trabalho árduo — esse é um dos trabalhos mais árdusos que conheço e sem dúvida um dos mais árdusos que já realizei. Mas peço-lhes que resistam à tentação de utilizar coisas sensacionais ou extremas para ensinar uma doutrina ou dar um conselho.

A rede do evangelho apanha todo tipo de peixe; sabemos disso. Alguns deles estarão sentados diante de vocês em sua sala de aula. Toda alma é preciosa. Mas jamais devemos de modo algum avivar a chama de qualquer tipo de comportamento bizarro. Já temos o bastante disso no curso normal das coisas. Vocês, professores dos jovens, podem fazer muito para manter seus alunos, “a nova geração”, como são chamados no Livro de Mórmon (Alma 5:49), firmemente alicerçados e seguramente enraizados no evangelho. Em seus ensinamentos e exemplos, seus comentários e conselhos, mantenham o equilíbrio, sejam moderados, tenham tato e edifiquem a fé.

O MANTO É MUITÍSSIMO MAIOR QUE O INTELECTO

ÉLDER BOYD K. PACKER
DO QUÓRUM DOS DOZE
APÓSTOLOS

Discurso para educadores religiosos proferido em simpósio sobre Doutrina e Convênios e História da Igreja, Universidade Brigham Young, 22 de agosto de 1981

O fato de eu estar falando diretamente sobre um assunto extremamente importante será, espero, um tipo de tributo para vocês que são colegas leais, dedicados e inspirados.

Cheguei à conclusão de que existe a tendência em muitos membros da Igreja que dedicam grande parte de seu tempo à pesquisa acadêmica de começarem a julgar a Igreja, sua doutrina, organização e liderança, atual e passada, pelos princípios de sua própria profissão. Frequentemente isso acontece de modo não intencional e, em alguns casos, não é prejudicial.

É fácil para um homem muito instruído começar a avaliar a Igreja usando os princípios que lhe foram transmitidos como padrão em sua formação acadêmica. Em minha mente, o que devia acontecer era o contrário. Um membro da Igreja sempre deve julgar as profissões dos homens comparando-as com a palavra revelada do Senhor, especialmente se ele estiver buscando adquirir grande conhecimento acadêmico.

Muitas disciplinas estão sujeitas a risco. Ao longo dos anos, vi muitos membros da Igreja perderem seu testemunho e abandonarem sua fé como preço pela realização acadêmica. Muitos outros foram severamente provados. Deixem-me ilustrar.

No meu último ano como um dos supervisores dos seminários e institutos de religião, um professor do seminário foi a uma grande universidade da costa leste dos Estados Unidos para terminar o doutorado em psicologia. Os maiores especialistas da área ensinavam ali e logo ficaram interessados naquele atraente, educado, inteligente e jovem santo dos últimos dias.

Nosso professor atraiu a atenção por seu desempenho durante o curso, e seu futuro parecia realmente brilhante, isto é, até que ele chegou ao momento da dissertação. Ele escolheu estudar o bispo da ala em seu papel de aconselhar psicologicamente as pessoas.

Naquela época, eu tinha sido chamado como Autoridade Geral e o ajudei a obter autorização para entrevistar e enviar questionários a vários bispos.



Na dissertação, ele descreveu o chamado e a ordenação de um bispo, descreveu o poder de discernimento, o direito de um bispo receber revelação e seu direito de obter orientação espiritual. O comitê de doutorado não compreendeu essas coisas. Acharam que essas coisas não podiam ser incluídas numa dissertação acadêmica e insistiram para que ele as eliminasse do trabalho.

Ele foi me procurar. Li sua dissertação e sugeri que ele satisfizesse a objeção deles iniciando a explicação dos assuntos espirituais com declarações como “os santos dos últimos dias *acreditam* que o bispo tenha poder espiritual” ou “eles *alegam* que o bispo conta com a inspiração de Deus em seu chamado”.

Mas o comitê recusou-se a aceitar até esses termos. Era óbvio que eles ficariam muito embaraçados se aquelas coisas fossem incluídas em uma dissertação acadêmica.

É como Paulo disse: “O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Coríntios 2:14).

Lembraram-lhe o grande potencial que ele tinha e disseram-lhe que com algumas modificações — especificamente a eliminação de todas as referências espirituais — sua dissertação seria publicada e sua reputação estaria garantida. Predisseram que ele se tornaria uma autoridade nessa área.

Ele ficou tentado. Talvez, depois de garantida a sua reputação, ele poderia reinserir os elementos espirituais em sua obra. Então, como autoridade reconhecida, ele poderia *realmente* ajudar a Igreja.

Mas havia algo lhe barrando o caminho: sua fé, sua integridade. Portanto, ele fez o melhor que pôde com sua dissertação. Ela não continha o suficiente do Espírito para satisfazê-lo, mas tinha demais para ser plenamente aceito por seus professores do mundo. Mas ele concluiu o doutorado.

Sua dissertação não foi realmente o documento acadêmico que poderia ter sido, porque a maior parte dos elementos essenciais estavam faltando. A revelação é algo tão essencial no trabalho de um bispo ao aconselhar as pessoas que todo estudo que ignore esse fato não pode ser considerado como uma obra acadêmica.

Ele voltou para seu salário modesto e seu cargo relativamente pouco reconhecido pelo mundo, no Sistema Educacional da Igreja.

Conversei com aquele professor há poucos dias. Falamos sobre sua dissertação e o fato de ela nunca ter sido publicada. Ele tem exercido *imensa* influência entre os jovens da Igreja. Ele fez a coisa certa. Resumiu o que lhe aconteceu da seguinte forma: “O manto é muitíssimo maior que

o intelecto; o sacerdócio é o poder orientador”. Sua declaração tornou-se o título deste discurso e expressa o que espero transmitir-lhes.

Não devo julgar muito severamente aqueles professores. Eles não conhecem as coisas do Espírito. Podemos compreender a postura deles. No entanto, seria algo totalmente diferente se fossem membros da Igreja, especialmente aqueles que possuem o sacerdócio e fizeram convênios no templo. Muitos não fazem o que meu colega fez. Em vez disso, cedem, cruzam a linha e renegam as coisas do Espírito. Depois disso, passam a julgar a Igreja, a doutrina e a liderança pelos padrões de sua profissão acadêmica.

Esse problema afetou alguns daqueles que me ensinaram e escreveram a respeito da história da Igreja. Esses professores dizem a seu próprio respeito que a fé religiosa tem pouca influência sobre os estudiosos mórmons. Dizem isso, obviamente, porque não são simplesmente santos dos últimos dias, mas também intelectuais instruídos, na maior parte, em instituições seculares. Eles desejam que alguns historiadores santos dos últimos dias escrevam a história como lhes foi ensinada na universidade, e não como mórmons.

Se não tomarmos muito cuidado, se não formos muito sábios, a primeira coisa que acontece é deixarmos as coisas do Espírito de lado em nossa formação acadêmica. O passo seguinte vem logo depois: deixamos as coisas espirituais de lado em nossa vida.

Quero ler para vocês uma declaração muito importante feita pelo Presidente Joseph F. Smith, uma declaração que seria bom que vocês tivessem sempre na mente ao ensinarem e pesquisarem, e que servirá de base para este meu discurso:

“Não foi pela sabedoria do homem que este povo foi guiado em seu curso até o presente; foi pela sabedoria Daquele que está acima do homem e cujo conhecimento é maior do que o do homem, e cujo poder está acima do poder do homem. (...) A mão do Senhor talvez não seja visível para todos. Pode ser que haja pessoas que não consigam discernir a manifestação da vontade de Deus no progresso e desenvolvimento desta grande obra dos últimos dias, *mas há aqueles que vêem em cada hora e cada momento da existência da Igreja, desde seu princípio até este momento, a mão todo-poderosa Daquele que enviou Seu Filho Unigênito ao mundo para sacrificar-Se pelos pecados do mundo*” (Conference Report, abril de 1904, p. 2; grifo do autor).

Se não tivermos isso sempre em mente — que o Senhor dirige esta Igreja — poderemos perder o rumo no mundo da pesquisa intelectual e acadêmica.

Vocês, professores do seminário, e alguns de vocês do instituto e da BYU ensinarão a história da Igreja neste ano letivo. É uma oportunidade ímpar na vida de seus alunos para que aumentem sua fé e testemunho da divindade

desta obra. Seu objetivo deve ser o de fazer com que eles vejam a mão do Senhor em cada hora e cada momento da Igreja, desde seu princípio até agora.

Como alguém que já fez isso várias vezes, deixo-lhes quatro advertências antes de vocês iniciarem esse trabalho.

PRIMEIRA ADVERTÊNCIA

Não existe uma história precisa e objetiva da Igreja sem que sejam levados em consideração os poderes espirituais que acompanharam esta obra.

Não existe um estudo acadêmico e objetivo do ofício de bispo sem levarmos em consideração a orientação espiritual, o discernimento e a revelação. Isso não é estudo acadêmico. Conseqüentemente, repito, não existe uma história precisa ou objetiva da Igreja que ignore o Espírito.

Vocês podem tentar escrever a biografia de Mendelssohn sem ouvir ou mencionar sua música, ou escrever a vida de Rembrandt sem mencionar a luz, a tela ou a cor.

Se alguém que conhecesse bem pouco sobre música quisesse escrever a biografia de Mendelssohn, qualquer pessoa com instrução suficiente sobre música reconheceria esse fato rapidamente. Esse leitor não deixaria passar muitas páginas do manuscrito sem perceber que um elemento extremamente importante tinha sido deixado de lado.

Mendelssohn, sem dúvida alguma, pareceria um homem comum, talvez sem nenhum atributo que o tornasse digno de nota. Aquilo que o torna mais digno de ser lembrado estaria faltando. Sem isso, ele pareceria uma pessoa, no máximo, excêntrica. Sem dúvida, surgiriam controvérsias sobre por que escrever uma biografia de tal pessoa. Todos os que lessem a biografia não conheceriam realmente quem foi Mendelssohn — mesmo que o biógrafo tivesse se dedicado a árduas pesquisas em seu projeto e tivesse sido muito preciso em todos os outros detalhes.

E se vocês vissem Rembrandt apenas em preto e branco, estariam deixando de conhecer a maior parte de sua inspiração.

Aqueles que estão profundamente envolvidos na pesquisa do conhecimento humano, inclusive aqueles que escrevem e ensinam a respeito da história da Igreja, não estão imunes a esses perigos. Também já fiz pesquisas e estudos acadêmicos e conheço quais são esses perigos. Somos mais vulneráveis do que as pessoas que estudam outras disciplinas. A história da Igreja pode ser tão interessante e inspiradora a ponto de ser uma ferramenta muito poderosa para edificar a fé. Se não for devidamente escrita e adequadamente ensinada, pode destruir a fé.

O Presidente Brigham Young advertiu Karl G. Maeser para que não ensinasse nem mesmo a tabuada sem o Espírito do Senhor. Quão mais essencial é esse Espírito ao se pesquisar, escrever e ensinar a história da Igreja.

Se nós que pesquisamos, escrevemos e ensinamos a história da Igreja ignorarmos as coisas espirituais sob o pretexto de que o mundo não irá compreendê-las, nosso trabalho não será objetivo. E se, pelo mesmo motivo, nós a tornarmos muito secular, produziremos uma história que não será nem precisa nem acadêmica — a despeito de toda a pesquisa ou da natureza das declarações individuais ou incidentes que forem incluídos como parte dela, e não obstante toda a instrução e reputação acadêmica daquele que se propuser a escrevê-la ou ensiná-la. Acabariamos com uma história sem um de seus elementos mais essenciais.

Aqueles que têm o Espírito podem reconhecer rapidamente se algo estiver faltando em uma história da Igreja — a despeito de o autor ser um historiador muito instruído, e o leitor, não. E posso acrescentar que tivemos muitas experiências nesse sentido nos últimos anos.

O Presidente Wilford Woodruff advertiu: “Quero declarar que Deus me inspirou a manter uma História desta Igreja, e *advirto os futuros historiadores a darem crédito à minha História desta Igreja e Reino*; porque meu testemunho é verdadeiro, e a veracidade de seus registros serão manifestados no mundo vindouro” (Diário de Wilford Woodruff, 6 de julho de 1877, Departamento Histórico, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; grifo do autor. Ortografia e pontuação padronizadas).

SEGUNDA ADVERTÊNCIA

O autor ou professor de história da Igreja pode ficar tentado a contar todas as coisas, quer elas sejam dignas e edifiquem a fé, ou não.

Algumas coisas que são verdadeiras não são muito úteis.

Os historiadores parecem ter muito orgulho de publicar algo novo, particularmente se aquilo expuser uma fraqueza ou erro de uma figura histórica famosa. Por algum motivo, os historiadores e romancistas parecem saborear essas coisas. Se fosse relacionado a uma pessoa viva, seria chamado de fofoca. A história pode ser tão enganosa quanto uma fofoca e muito mais difícil — frequentemente impossível — de ser verificada.

O autor ou professor que tem uma lealdade exagerada à teoria de que tudo deve ser contado está estabelecendo o alicerce para seu próprio julgamento. Ele não deve reclamar se um dia receber o mesmo que fez para com outras pessoas. Talvez seja isso que devemos esperar quando os pecados das pessoas forem proclamados em cima dos telhados.

Há algum tempo, um historiador fez uma palestra para um grupo de universitários sobre um dos antigos Presidentes da Igreja. Parecia ser seu propósito mostrar que aquele Presidente era um homem sujeito às fraquezas humanas. Ele apresentou muitos supostos fatos que deixavam o Presidente numa situação muito desfavorável, especialmente quando tirados do contexto do período histórico em que ele viveu.

Alguém que não estivesse muito familiarizado com aquela figura histórica (especialmente alguém não muito amadurecido) deve ter saído dali com um sentimento muito negativo. Aqueles que são pouco firmes em suas convicções sem dúvida devem ter ficado com a fé enfraquecida ou destruída.

Comecei a dar aulas no seminário sob a liderança do reitor Abel S. Rich. Ele foi o segundo professor do seminário empregado pela Igreja e era um homem de grande maturidade, sabedoria e experiência. Uma das lições que aprendi com ele foi: Quando quiser conhecer um homem, procure aqueles que o conhecem melhor. Não procurarei seus inimigos, mas seus amigos. Ele não confiaria em seus inimigos. Não seria possível conhecer os pensamentos mais íntimos de seu coração consultando aqueles que desejassem prejudicá-lo.

Somos professores e devemos saber a importância do princípio dos pré-requisitos. Ele é facilmente ilustrado no campo da química. Nenhum químico responsável aconselharia, e nenhuma escola de boa reputação permitiria, um aluno iniciante matricular-se em química avançada sem o conhecimento dos princípios fundamentais da química. O curso avançado seria um erro destrutivo, até para um aluno iniciante muito inteligente. Até o aluno brilhante precisaria de algum conhecimento dos elementos, dos átomos e moléculas, dos elétrons, das valências, dos compostos e propriedades. Permitir que um aluno prossiga sem conhecimento dos fundamentos sem dúvida destruiria seu interesse pelo campo da química e seu futuro nesse assunto.

O mesmo pode ser dito em relação à assim chamada educação sexual. Há muitas coisas que são informativas e até inspiradoras nesse assunto. Há aspectos desse assunto que são tão pervertidos e feios que nenhuma coisa boa resultaria de se falar a respeito deles. Eles não podem ser ensinados a criancinhas ou a pessoas que não estejam qualificadas em virtude de sua idade, maturidade ou ordenança de autoridade para compreendê-las.

Ensinar certas coisas verdadeiras de modo prematuro ou no momento errado pode causar sofrimento e decepção em vez da alegria que deveria acompanhar o aprendizado.

O que é verdade nesses dois campos é no mínimo duas vezes mais verdadeiro no campo da religião. As escrituras ensinam enfaticamente que precisamos oferecer leite antes de carne. O Senhor deixou bem claro que algumas coisas devem ser ensinadas de modo bem seletivo, e outras somente para os que são dignos.

Não importa tanto apenas *o que* aprendemos, mas *quando* o aprendemos. Tomem cuidado para edificar a fé, e não destruí-la.

O Presidente William E. Berrett expressou sua gratidão por um testemunho de que os líderes anteriores da Igreja eram profetas de Deus estar firmemente enraizado em sua mente

antes de ele ser exposto a alguns dos supostos fatos que os historiadores colocaram em suas obras publicadas.

Esse princípio dos pré-requisitos é tão fundamental em todo campo de instrução que nunca consegui entender muito bem por que os historiadores estão tão determinados a ignorá-lo. E, se fora da Igreja pouco existe para guiá-los além dos princípios de sua profissão, os membros da Igreja deveriam agir de modo melhor.

Alguns historiadores escrevem e falam como se os únicos que irão lê-los são historiadores experientes e maduros. Eles escrevem para um público muito restrito. Infelizmente, muitas das coisas que dizem uns para os outros não são inspiradoras, vão muito além do público visado e destroem a fé.

O que aquele historiador fez com a reputação do Presidente da Igreja não foi algo digno de ser feito. Ele parecia decidido a convencer a todos que o *profeta* era um *homem*. Já sabíamos disso. Todos os profetas e todos os Apóstolos foram homens. Teria sido muito mais válido convencer-nos de que o *homem* era um *profeta*, um fato tão verdadeiro quanto o que ele era um homem.

Ele tirou algo da imagem de um profeta. Destruí a fé. Lembro a verdade ensinada por Shakespeare, ironicamente proferida por Iago: “Aquele que rouba minha bolsa rouba lixo; uma coisa sem valor, nada; / foi meu, é dele e já pertenceu a milhares de outros — / Mas aquele que me rouba o bom nome / rouba-me uma coisa que não o enriquece / mas que sem dúvida me deixa muito pobre” (*Otelo*, ato III, cena III, linhas 157–161).

O triste é que no passado ele deve ter tido muito interesse por aqueles que lideraram a Igreja e o desejo de aproximar-se deles. Mas em vez de seguir aquele caminho longo, íngreme, desanimador e às vezes perigoso da realização espiritual, em vez de subir para onde eles estiveram, ele elaborou um meio de compilar erros, fraquezas e limitações semelhantes às que ele mesmo possuía. Nesse sentido, ele tentou derrubar uma figura histórica a seu próprio nível e, desse modo, sentir-se mais perto dela e talvez justificar suas próprias fraquezas.

Concordo com o Presidente Stephen L. Richards, que declarou:

“Se um homem da história tiver conquistado ao longo dos anos um lugar de destaque na admiração de seus concidadãos e semelhantes e se tornado alvo da afeição de todos, parece ser um passatempo prazenteiro para os pesquisadores e estudiosos procurar descobrir no passado daquele homem as suas fraquezas e depois escrever um livro para expor fatos não publicados e supostamente verdadeiros, os quais tendem a destituir o personagem histórico da estima e veneração idealista que lhe foram dedicadas ao longo dos anos.

Esse ‘desmascaramento’, segundo eles, é realizado no interesse do realismo, para que os fatos reais sejam conhecidos. Se um personagem histórico fez uma grande contribuição para seu país e sua sociedade, e se seu nome e suas obras foram usados ao longo das gerações para promover elevados ideais de caráter e serviço, que bem faria explorar seu passado e suas fraquezas, que talvez tenham sido perdoadas e esquecidas pelo público moderno?” (*Where Is Wisdom?* Salt Lake City: Deseret Book Co., 1955, p. 155).

O historiador ou estudioso que se deleita em apontar fraquezas e defeitos nos líderes atuais ou passados destrói a fé. Um destruidor da fé — particularmente dentro da Igreja e ainda mais se tiver sido especificamente contratado para edificar a fé — coloca-se em grande perigo espiritual. Está servindo o mestre errado, e a menos que se arrependa, não estará entre os fiéis na eternidade.

Aqueles que decidem seguir os dogmas de sua profissão, independentemente de como possam prejudicar a Igreja ou destruir a fé daqueles que ainda não estão preparados para estudar “história avançada” estão em perigo espiritual. Se essa pessoa for membro da Igreja, violou seus convênios e será considerado responsável por isso. Depois que a mortalidade tiver terminado, não estará onde poderia estar.

Lembro-me de uma conversa que tive com o Presidente Henry D. Moyle. Estávamos voltando de carro do Arizona e conversando sobre um homem que destruiu a fé que os jovens tinham por causa de sua posição como professor. Alguém perguntou ao Presidente Moyle por que aquele homem ainda era membro da Igreja, uma vez que tinha feito algo assim. “Ele não é membro da Igreja”, respondeu o Presidente Moyle, com firmeza. Outro replicou que não tinha ouvido falar de sua excomunhão. “Ele mesmo se excomungou”, respondeu o Presidente Moyle. “Privou-se do Espírito de Deus. Não importa muito se realizamos um tribunal ou não; ele mesmo se afastou do Espírito do Senhor.”

TERCEIRA ADVERTÊNCIA

No empenho de ser objetivo, imparcial e acadêmico, o escritor ou professor pode estar inadvertidamente concedendo um tempo igual ao adversário.

Alguém me contou sobre um homem que deu a seu livro o título de *História Imparcial da Guerra Civil do Ponto de Vista dos Sulistas*. Enquanto rimos disso, há algo a ser dito a respeito de interpretar a história da Igreja do ponto de vista daqueles que a vivenciaram dignamente. A idéia de que precisamos ser neutros e debater tanto a favor do adversário quanto a favor da retidão não é razoável nem segura.

Não somos neutros na Igreja. Temos uma posição a defender. Há uma guerra sendo travada e estamos participando dela. É a guerra entre o bem e o mal, e estamos defendendo

vigorosamente o bem. Somos, portanto, obrigados a dar preferência e a proteger tudo o que fizer parte do evangelho de Jesus Cristo e fizemos convênio de assim agirmos.

Alguns de nossos estudiosos assumiram uma posição de neutralidade. Consideram-se “neutros favoráveis”. Os historiadores têm a tendência de fazer isso. Quando fazem uma declaração positiva em relação à Igreja, parecem obrigados a contradizê-la com algo negativo.

Alguns deles, uma vez que são membros da Igreja, ficam muito embaraçados com a idéia de serem acusados de serem parciais. Tomam muito cuidado com o que o mundo pensa deles e se empenham cuidadosamente em incluir em seus escritos algumas críticas aos líderes da Igreja do passado.

Esforçam-se particularmente para serem aclamados como historiadores, segundo os padrões do mundo. Bem fariam em ler a visão da barra de ferro de Néfi e ponderar os versículos 24–28.

“E aconteceu que vi outros avançando com esforço; e chegaram e conseguiram segurar a extremidade da barra de ferro; e empurraram-se através da névoa de escuridão, apegados à barra de ferro, até que chegaram e comeram do fruto da árvore.

E depois de haverem comido do fruto da árvore, olharam em redor como se estivessem envergonhados. [Observem a palavra *depois*. Ele está falando dos que partilharam da bondade de Deus — dos membros da Igreja.]

E eu também olhei em redor e vi, na outra margem do rio de água, um grande e espaçoso edifício; e ele parecia estar no ar, bem acima da terra.

E estava cheio de gente, tanto velhos como jovens, tanto homens como mulheres; e suas vestimentas eram muito finas; e sua atitude era de escárnio e apontavam o dedo para aqueles que haviam chegado e comiam do fruto.

E os que *havi*am experimentado do fruto ficaram envergonhados, por causa dos que zombavam deles, e desviaram-se por caminhos proibidos e perderam-se” (1 Néfi 8:24–28; grifo do autor).

Quero dizer com toda a seriedade que há um limite para a paciência do Senhor em relação aos que estão sob convênio de abençoar e proteger Sua Igreja e reino nesta Terra mas não o fazem.

Estamos particularmente em perigo se estivermos interessados em exaltar o nosso próprio nome, se nosso “coração está tão fixo nas coisas deste mundo e [aspiramos] tanto às honras dos homens, que [não aprendemos] esta lição:

Que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados com os poderes do céu e que os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão.

Que eles nos podem ser conferidos, é verdade; mas quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem.

Eis que, antes de o perceber, é abandonado a si mesmo, para recalcitrar contra os agulhões, perseguir os santos e lutar contra Deus” (D&C 121:35–38).

Há muitas coisas nas escrituras e nos livros da Igreja para convencer-nos de que estamos em guerra contra o adversário. Não estamos obrigados como Igreja nem como membros a dar lugar para o inimigo nesta batalha.

O Presidente Joseph Fielding Smith salientou que seria muito tolo o general que desse ao inimigo acesso a todas as suas informações. Tampouco é esperado de nós ou necessário que sirvamos a todos os que procuram compilar referências de nossas fontes, distorcê-las e depois usá-las contra nós.

Suponham que uma empresa bem-sucedida esteja ameaçada de ser englobada por outra. Suponham que a empresa que deseja englobar a outra esteja decidida a exaurir todos os recursos da outra e depois dissolver aquela empresa. Podem estar certos de que a empresa ameaçada contrataria consultores jurídicos para proteger-se.

Podem imaginar aquele advogado, contratado para proteger a empresa, tendo na mente a idéia fixa de que não pode tomar partido, que precisa ser imparcial?

Suponham que, quando os registros da empresa que o contratou para que a protegesse estivessem à sua disposição para preparar sua súmula, ele coletasse provas e passasse algumas delas para os advogados da empresa adversária. Sua própria empresa estaria em perigo por causa dessa conduta desleal.

Percebem que houve uma violação de ética, integridade e moralidade?

Creio que percebem o que estou tentando mostrar. Vocês que foram contratados pela Igreja têm a responsabilidade especial de edificar a fé, e não de destruí-la. Se não fizerem isso, mas na verdade derem espaço ao inimigo, que é o destruidor da fé, estarão se tornando traidores da causa que fizeram convênios de proteger.

Aqueles que cuidadosamente eliminaram de sua obra toda fé religiosa em nome da liberdade acadêmica ou a assim chamada honestidade não devem esperar que a Igreja tolere suas pesquisas ou que sejam pagos para isso.

Tenham a certeza também de que pouca lealdade e menos benefícios ainda receberão daqueles que roubam documentos ou de que lidam com bens roubados. Sempre

houve entre nós, bem como temos hoje, aqueles que procuram ter acesso a bibliotecas e arquivos restritos para copiarem secretamente materiais e roubá-los, na esperança de encontrar algum detalhe que não tenha sido publicado — para que possam vendê-lo para obter dinheiro ou algum tipo de lucro por sua publicação ou inflar seu ego por serem os primeiros a publicá-lo.

Em alguns casos, o motivo é destruir a fé, e se puderem, a própria Igreja. A Igreja seguirá adiante, e os esforços dessas pessoas terão pouco impacto. Mas essa conduta não passará despercebida na visão eterna das coisas.

Não devemos ficar envergonhados de nos dedicarmos a uma causa, de sermos convertidos, de estarmos a favor do Senhor.

O Élder Joseph Fielding Smith denunciou a falsidade de tentarmos trabalhar dos dois lados: “Poder-se-ia então dizer que o Livro de Mórmon não é verdadeiro porque não dá crédito à história que os lamanitas contaram sobre os nefitas” (*Utah Genealogical and Historical Magazine*, abril de 1925, p. 55).

Há alguns anos, os professores da Universidade Harvard que eram membros da Igreja convidaram-me para um almoço no refeitório dos professores da Faculdade de Administração de Harvard. Queriam saber se eu me juntaria a eles em uma nova publicação; queriam a minha contribuição nessa publicação.

Foram muito generosos em seus cumprimentos, dizendo que, por eu ter doutorado, muitas pessoas da Igreja me dariam ouvidos, e sendo Autoridade Geral (na época eu era Assistente dos Doze), poderia usar minha influência de modo muito útil.

Ouvi atentamente o que eles disseram mas, no final da conversa, disse-lhes que não me juntaria a eles. Declinei o convite que me fizeram. Quando me perguntaram o motivo, disse-lhes: “Quando seus colegas anunciaram o projeto, descreveram quão útil ele seria para a Igreja — um nicho que precisava ser preenchido”. Então o portavoiz disse: “Somos todos membros ativos e fiéis da Igreja, *contudo*, (...)”

Disse a meus dois anfitriões que se o anúncio tivesse sido: “Somos todos membros ativos e fiéis da Igreja; *portanto*, (...)” eu teria me filiado à sua organização. Tenho sérias dúvidas em relação a uma organização do tipo “contudo”. Tenho bem pouco a me preocupar com uma organização do tipo “portanto”.

Esse *contudo* significava que eles tinham restrições em relação a sua condição de membros da Igreja e sua fé. Significava que colocavam outra coisa em primeiro lugar. Significava que desejavam julgar a Igreja, o evangelho e os líderes da Igreja comparando-os à sua própria formação e instrução. Significava que seu comprometimento era

parcial, e um comprometimento parcial não é suficiente para qualificar-nos para a plena luz espiritual.

Eu não iria contribuir para publicações, nem participar de organizações, que fossem destrutivas para a fé em espírito ou tendência. Existem muitos estudiosos no mundo determinados a encontrar toda a verdade secular. Existem bem poucos de nós, relativamente falando, que estão procurando transmitir verdades espirituais, que estejam protegendo a Igreja. Estamos nos arriscando se quisermos ser neutros.

Há muitos anos, o Élder Witsoe referiu-se a um professor insensato da Associação de Melhoramentos Mútuos que patrocinou um debate com a intenção de melhorar as capacidades dos jovens membros da Igreja. Ele escolheu como tema: “Joseph Smith foi um profeta de Deus”. Infelizmente o lado contra ganhou.

Os jovens que defendiam a proposição não foram tão inteligentes e seus argumentos não estavam tão cuidadosamente preparados quanto os de seus opositores. O fato de Joseph Smith ter continuado a ser um profeta depois do debate não protegeu alguns dos participantes de sofrerem a destruição de sua fé e passarem a conduzir sua vida como se Joseph Smith não fosse um profeta e como se a Igreja que ele fundou e o evangelho que ele restaurou não fossem verdadeiros.

QUARTA ADVERTÊNCIA

A advertência final refere-se à idéia de que assim que algo tenha sido publicado, assim que esteja disponível em qualquer outra fonte, não existe nada de errado em utilizá-lo ao escrever, falar ou ensinar.

Sem dúvida vocês percebem a falsidade que há nisso.

Já fiquei desapontado certa vez ao ler declarações que tendiam a menosprezar ou degradar a Igreja ou antigos líderes da Igreja em escritos de pessoas que supostamente eram membros dignos da Igreja. Quando comentei meu desapontamento ao ver aquelas coisas publicadas, a resposta foi: “Já tinha sido publicado antes, estava disponível, e portanto não vi por que não publicar novamente”.

Vocês não estão fazendo bem algum ao divulgarem ainda mais essas coisas. Isso pode ser lido por pessoas que não estão suficientemente amadurecidas para estudar “história avançada”, e um testemunho em seu estágio inicial pode ser destruído.

Há vários anos, o Presidente Ezra Taft Benson falou para vocês, dizendo: “Ficamos sabendo que alguns de nossos professores, em especial em nossos programas universitários, estão comprando obras de apóstatas conhecidos (...) a fim de tomarem conhecimento de certos pontos de vista ou tirar proveito das pesquisas daquelas pessoas. Vocês precisam se dar conta de que, quando compram obras ou

assinam as revistas dessas pessoas, estão ajudando a apoiar a causa delas. Esperamos que as obras dessas pessoas não estejam nas estantes de seus seminários, institutos ou suas bibliotecas pessoais. Confiamos em vocês para representarem o Senhor e a Primeira Presidência para seus alunos, e não os pontos de vista de difamadores da Igreja” (*The Gospel Teacher and His Message*, discurso proferido para os funcionários do Sistema Educacional da Igreja, 17 de setembro de 1976, p. 12).

Endosso esse conselho sensato para vocês.

Lembrem-se: Quando vemos o apóstata irado, não vemos apenas a ausência de luz, vemos também a presença das trevas.

Não espalhem os germes dessa doença!

Aprendi uma grande lição há vários anos quando entrevistei um rapaz quando estava no escritório da missão. Ele não estava qualificado para servir em uma missão. Confessou uma transgressão que vocês nunca imaginariam que passaria pela cabeça de um ser humano normal.

“De onde foi que você tirou a idéia de fazer algo assim?” perguntei.

Para minha grande surpresa, ele respondeu: “Do meu bispo”.

Ele disse que o bispo perguntara em uma entrevista: “Você já fez isso? Vocês já fizeram isso? Já fez aquilo?” e descreveu detalhadamente coisas nas quais o rapaz nunca tinha pensado. Elas permaneceram em sua mente até que, sob inspiração perversa, surgiu a oportunidade, e ele caiu.

Não perpetuem coisas indignas, desagradáveis ou sensacionais.

Algumas coisas que foram publicadas já não estão disponíveis, e a velha expressão “já foram tarde” seria muito apropriada.

O Élder G. Homer Durham, do Primeiro Quórum dos Setenta, transmitiu este conselho que lhe foi dado por um de seus professores, que era um historiador famoso: “Você não deve escrever [e gostaria de acrescentar, você não deve ensinar] história tirada do lixo”.

Morôni estabeleceu uma excelente regra para ser seguida pelos historiadores:

“Pois eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam distinguir o bem do mal; portanto vos mostro o modo de julgar; pois tudo o que impele à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte podeis saber, com um conhecimento perfeito, que é de Deus.

Mas tudo que persuade o homem a praticar o mal e a não crer em Cristo e a negá-lo e a não servir a Deus, podeis saber, com conhecimento perfeito, que é do diabo; porque

é desta forma que o diabo age, pois não persuade quem quer que seja a fazer o bem; não, ninguém; tampouco o fazem seus anjos; nem o fazem os que a ele se sujeitam” (Morôni 7:16–17).

Faz muita diferença considerarmos a mortalidade como a conclusão e o término de nossa existência ou como uma preparação para uma existência eterna.

Essas foram advertências que faço a vocês que ensinam e escrevem a história da Igreja.

Existem qualificações para se ensinar ou escrever a história desta Igreja. Se alguém não tiver alguma dessas qualificações, não poderá ensinar devidamente a história da Igreja. Pode contar fatos ou explicar um ponto de vista, mas não pode ensinar adequadamente a história da Igreja.

Citarei essas qualificações em forma de perguntas para que vocês possam avaliar suas próprias qualificações.

Você acredita que Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo apareceram pessoalmente ao menino Profeta Joseph Smith Jr., no ano de 1820?

Você tem um testemunho pessoal de que o Pai e o Filho apareceram em toda a Sua glória para aquele rapaz e o instruíram de acordo com o testemunho que ele deu ao mundo em sua história publicada?

Você sabe que o testemunho do Profeta Joseph Smith é verdadeiro porque recebeu um testemunho espiritual de sua veracidade?

Você acredita que a Igreja foi restaurada por intermédio dele, nas palavras do Senhor “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra, com a qual eu, o Senhor, me deleito” (D&C 1:30)? Você sabe pelo Espírito Santo que esta é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias restaurada por mensageiros celestes nesta era moderna; que a Igreja constitui o reino de Deus na Terra, não sendo apenas uma instituição criada pelo arbítrio humano?

Você acredita que os sucessores do Profeta Joseph Smith foram e são profetas, videntes e reveladores; que a revelação do céu dirige as decisões, normas e pronunciamentos que vêm da sede da Igreja? Você tem uma firme convicção, por intermédio do Espírito, de que esses profetas realmente representam o Senhor?

Agora, vocês obviamente devem ter notado que não falei a respeito de qualificações acadêmicas. Fatos, entendimento e títulos acadêmicos podem ser adquiridos pelo estudo pessoal e pela realização de cursos. As três qualificações que citei vêm pelo Espírito para o indivíduo. Não podemos recebê-las por meio de treinamento ou estudo, por pesquisa acadêmica ou investigação científica.

Repito: Se houver uma deficiência em qualquer dessas qualificações, independentemente de outros treinamentos

que a pessoa possua, ela não poderá compreender, escrever ou ensinar a verdadeira história desta Igreja. As coisas de Deus só podem ser compreendidas por aquele que possui o Espírito de Deus.

E quanto àquele historiador que difamou o antigo Presidente da Igreja e pode ter enfraquecido ou destruído a fé no processo? E quanto àqueles membros da Igreja que em seus escritos ou ensinamentos são culpados de coisas semelhantes?

Quero dizer algo que pode surpreendê-los. Conheço um homem que fez algumas coisas tão destrutivas quanto essas e que mais tarde se tornou o profeta da Igreja. Refiro-me a Alma, o filho. Conheci-o por meio da leitura do Livro de Mórmon, que na realidade é uma história muito confiável da Igreja nos tempos antigos.

Vocês conhecem o registro de Alma, quando jovem. Ele seguia seu pai, o profeta Alma, ridicularizando o que o pai pregava. Naquele período de sua vida, era um destruidor da fé. Então veio um ponto de transição. Por seu pai ter orado por ele, Alma reconheceu seu erro. Ele mudou. Tornou-se um dos grandes homens da história religiosa.

Quero dizer algo àquele historiador e a outros que podem ter dado mais valor ao intelecto do que ao manto.

As Autoridades Gerais daquela época e de agora são homens muito comuns que tiveram, em sua maioria, uma origem muito humilde. Precisamos de sua ajuda! Precisamos desesperadamente dessa ajuda. Não podemos pesquisar e organizar a história da Igreja. Não temos tempo para fazê-lo. E não temos o treinamento e a instrução que vocês possuem. Mas conhecemos o Espírito e sabemos quão essencial Ele é para nossa história. Temos o dever de organizar a Igreja, de colocá-la em ordem, de conferir as chaves da autoridade, de realizar ordenanças, de zelar pelo crescimento do reino e carregar fardos muito pesados por outras pessoas e por nós mesmos, a respeito dos quais vocês pouco têm conhecimento.

Sabem quão inadequados somos em relação aos chamados que recebemos? Podem sentir o peso extremamente difícil de carregar da responsabilidade que temos? Se procurarem imperfeições e defeitos, poderão encontrá-los muito facilmente. Mas talvez não sintam como nós sentimos o enorme peso da responsabilidade associado aos chamados que nos foram dados. Não temos a liberdade de fazer certas coisas que os estudiosos considerariam razoáveis, porque o Senhor não nos permite que o façamos, e esta é a Igreja Dele. Ele a preside.

Há outra parte da história contínua da Igreja com a qual vocês talvez não estejam familiarizados. Talvez eu possa ilustrá-la para vocês.

Há poucos anos, tive o triste privilégio de acompanhar o Presidente Kimball, que na época era o Presidente dos

Doze, a uma estaca distante para substituir um líder da estaca que tinha sido excomungado por transgressão. Tínhamos grande compaixão por aquele homem que fizera uma coisa tão indigna. Sua tristeza, angústia e sofrimento me fez lembrar da expressão “fel da amargura”.

Depois disso, de tempos em tempos, eu recebia um telefonema do Presidente Kimball: “Teve notícias daquele irmão? Como ele está passando? Você esteve em contato com ele?” Depois que o irmão Kimball se tornou o Presidente da Igreja, os telefonemas não cessaram. Aumentaram em frequência.

Certo dia, recebi um telefonema do Presidente. “Estive pensando naquele irmão. Acha que é muito cedo para batizá-lo?” (Sempre uma pergunta, nunca uma ordem.) Respondi expressando meus sentimentos, e ele disse: “Por que você não procura saber se ele poderia vir até aqui falar com você? Caso se sinta bem depois de entrevistá-lo, pode realizar o batismo”.

Pouco tempo depois, cheguei bem cedo ao escritório. Quando descia do carro, vi o Presidente Kimball entrar no dele. Estava indo para o aeroporto, a caminho da Europa. Ele abaixou o vidro da janela para cumprimentar-me, e eu disse que tinha boas notícias a respeito daquele nosso irmão. “Ele foi batizado ontem à noite”, disse eu.

Ele fez sinal para que eu entrasse no carro, me sentasse ao lado dele e lhe contasse o que acontecera. Contei-lhe sobre a entrevista e que no final eu dissera a nosso irmão bem claramente que seu batismo não seria uma evidência de que suas bênçãos do sacerdócio seriam restauradas num futuro próximo. Disse-lhe que levaria muito e muito tempo para que isso acontecesse.

O Presidente Kimball deu-me um tapinha no joelho, para corrigir-me, e disse: “Ora, talvez não leve tanto tempo assim. (...)” Pouco depois, os telefonemas começaram de novo.

Quero contar-lhes outra lição que aprendi. Há muitos anos, quando eu era novo como Autoridade Geral e não tinha muita experiência, fui chamado para o escritório do Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência. “Decidimos que você irá para a costa oeste dos Estados Unidos para uma conferência, neste fim de semana. Queremos saber se você poderia partir um dia ou mais antes disso para ajudar com um problema numa sede de missão em outra cidade.”

Um missionário tinha confessado uma transgressão, e o presidente da missão estava relutante em tomar uma atitude. Fui instruído a cuidar para que uma ação disciplinar fosse realizada e que o missionário fosse excomungado.

Fui e entrevistei o élder por muito tempo. Então, fui até um parque para pensar e orar a respeito do assunto. Foi um caso muito incomum. Depois de duas horas, telefonei para o membro da Primeira Presidência num telefone

público e lhe contei uma parte do que ficara sabendo e como me sentia sobre o assunto. Ele perguntou-me o que eu queria fazer. Hesitante, disse-lhe que queria adiar a decisão e não tomar nenhuma atitude naquele momento. Então, eu disse: “Mas, Presidente, diga-me de novo o que devo fazer, e eu o farei”.

Sua voz soou pelo telefone como se fosse um trovão: “Não contrarie a voz do Espírito!”

Aprendi uma grande lição. Nunca a esqueci, e a inspiração afetou muito o resultado, quando a ação final foi efetuada.

Não troquem sua fé por um título acadêmico ou pelo reconhecimento ou louvor do mundo. Não se afastem do Senhor nem de Sua Igreja nem de Seus servos. Vocês são necessários — são extremamente necessários!

Pode ser que tenham que deixar de lado sua reputação acadêmica e o aplauso de seus colegas do mundo, como sacrifício sobre o altar do serviço. Talvez eles nunca venham a entender as coisas do Espírito como vocês têm o direito de entender. Pode ser que eles nunca os considerem como uma autoridade ou sumidade acadêmica. Lembrem-se apenas, quando chegar o teste de Abraão, de que ele não teve realmente que sacrificar Isaque. Apenas teve que mostrar-se disposto a fazê-lo.

Uma última lição tirada da história da Igreja, que ilustra o tipo de coisa do passado que edifica a fé e aumenta o testemunho.

William W. Phelps tinha sido um amigo de confiança do Profeta Joseph Smith. Então, numa hora de crise, quando o Profeta mais precisava dele, voltou-se contra o profeta e juntou-se aos apóstatas e opressores que procuravam tirar a vida do profeta.

Mais tarde, o irmão Phelps reconheceu seu erro. Arrependeu-se do que tinha feito e escreveu ao Profeta Joseph Smith, pedindo seu perdão. Quero ler a carta que o Profeta Joseph escreveu ao irmão Phelps em resposta.

Confesso que muitas vezes lamentei angustiado ao pensar nos muitos incidentes desse tipo que os pesquisadores descobriram ao examinar os registros de nossa história mas deixaram de lado em seus escritos, temendo que não fossem considerados dignos de uma análise acadêmica da história da Igreja.

Vamos à carta.

“Querido irmão Phelps, (...)

Você deve em parte compreender quais foram os meus sentimentos, bem como os do Élder Rigdon e do irmão Hyrum, quando lemos sua carta. Sentimos o coração encher-se de ternura e compaixão ao sabermos de sua resolução, etc. Posso assegurar-lhe que estou disposto a agir no seu caso de modo a contar com a aprovação de Jeová (de quem sou servo) e de acordo com os princípios

da verdade e retidão que foram revelados; e como a longanimidade, paciência e misericórdia sempre caracterizaram o modo de nosso Pai Celestial lidar com os humildes e penitentes, sinto-me disposto a seguir Seu exemplo, valorizar os mesmos princípios e, ao fazê-lo, tornar-me um salvador de meus semelhantes.

É verdade que sofremos muito em consequência de sua conduta: o cálice de fel, já bastante cheio para que um mortal o bebesse, ficou realmente cheio até transbordar quando você se voltou contra nós. Uma pessoa com quem freqüentemente nos aconselhamos amigavelmente e com a qual desfrutamos muitos momentos de refrigério com o Senhor — se tivesse sido um inimigo, teríamos podido suportar. (...)

Todavia, o cálice foi bebido, a vontade de nosso Pai foi cumprida, e ainda estamos vivos, pelo que damos graças ao Senhor. E tendo sido libertados das mãos de homens iníquos pela misericórdia de Deus, dizemos que você tem o privilégio de ser libertado dos poderes do adversário e de ser trazido para a liberdade dos queridos filhos de Deus, assumindo novamente seu lugar entre os Santos do Altíssimo, e por sua diligência, humildade e amor não fingido encomendar-se a nosso Deus, e seu Deus, e à Igreja de Jesus Cristo.

Crendo que sua confissão é real, que seu arrependimento, genuíno, ficarei feliz em novamente lhe estender a mão direita da amizade e regozijar-me com o retorno do filho pródigo. (...)

Venha, querido irmão, pois a guerra passou,

Porque aqueles que foram amigos a princípio, serão amigos novamente por fim.

Sinceramente,

Joseph Smith Jr.”

(*History of the Church* volume 4, pp. 162–164).

O irmão Phelps voltou a ser plenamente ativo. Foi autor de hinos. Cantamos um deles para iniciar esta reunião: “Hoje ao Profeta Louvemos”, que foi escrito pelo irmão Phelps, assim como “Ó Deus, Senhor Eterno”, “Alegres Cantemos”, “Entoai a Deus Louvor”, “Tal como um Facho” — para mencionar apenas alguns.

Que grande perda teria sido para a Igreja se o irmão Phelps não tivesse retornado. E quão grande tragédia seria para ele.

Quando lemos sobre nossos líderes do passado, sinto-me extremamente humilde. Penso no Profeta Joseph Smith e a pouca oportunidade que teve para receber instrução formal. Leia as cartas escritas por sua própria mão e verá que ele não sabia soletrar corretamente. Quão grato ele deve ter ficado por ter um escrevente. Chorei quando pensei no que eles realizaram com o pouco que

tenham. Sinto quão gratas devem ter ficado as pessoas que lhe foram fiéis.

Para vocês que se afastaram da Igreja, peço que voltem! Sabemos como isso pode acontecer; também trilhamos esse caminho de pesquisa e estudo. Venham ajudar-nos! — Vocês com sua formação acadêmica e sua instrução, sua mente brilhante e inteligente, sua experiência e seus títulos acadêmicos.

Quão gratos somos hoje pelos muitos membros que têm dons e instrução especiais e que se dedicam à edificação da Igreja e reino de Deus e à sua proteção.

Que Deus abençoe vocês que fielmente compilam e ensinam a história da Igreja e edificam a fé daqueles que vocês ensinam. Presto testemunho de que o evangelho é verdadeiro. Esta é a Igreja Dele. Oro para que

sejam inspirados ao escreverem e ensinarem. Que o Seu Espírito esteja com vocês em rica abundância.

À medida que seus alunos aprenderem a história da Igreja nesta dispensação, vocês têm o privilégio de ajudá-los a ver o milagre da Restauração, o manto que pertence a Seus servos, e “ver a toda hora e a cada momento de existência da Igreja (...) a mão onipotente e todo-poderosa de [Deus]” (Joseph F. Smith, Conference Report, abril de 1904, p. 2).

À medida que vocês escreverem e ensinarem a história da Igreja sob a influência do Seu Espírito, chegará um dia em que vocês saberão que não foram apenas espectadores, mas, sim, uma parte central dela, porque são Seus santos.

Deixo-lhes esse testemunho com minhas bênçãos, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A BÍBLIA, UM LIVRO SELADO

ÉLDER BRUCE R. MCCONKIE

DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Suplemento, Simpósio sobre o Novo Testamento, 1984, 1984, pp. 1–7

Sinto-me grato e honrado de estar aqui e oro por uma rica manifestação do Santo Espírito sobre todos nós ao abordarmos alguns assuntos de incomensurável importância referentes a nosso trabalho como professores.

Falarei sobre o livro selado que contém muitos dos mistérios do reino. Existem coisas que são de grande valor para todos que ensinam o evangelho. Meu tema específico é a Bíblia, um livro selado, mas minha abordagem desse assunto talvez não se enquadre no padrão normal.

Existem muitas coisas que precisam ser ditas, e falarei claramente, esperando edificar e não ofender.

Essas palavras muito conhecidas se aplicam de certa forma ao que irei dizer:

*A todo homem desta Terra
Chega a morte, cedo ou tarde.
E como pode um homem morrer melhor
Do que enfrentando árduas tarefas
Pelo legado de seus antepassados
E os templos de seus deuses?*



(Thomas Babington Macaulay, “Horatius”, linhas 219–224, *The Lays of Ancient Rome*, 1842).

Há uma tradução mais clara, que creio, porém, ter sido falsamente atribuída a um profeta bíblico, que diz: Os tolos correm para onde os anjos temem pisar. É isso que acontece.

Tanto Isaías quanto João nos contam a respeito de um livro selado. A profecia de Isaías fala de palavras da porção selada do livro que foram levadas para um homem muito instruído, uma pessoa com imensa capacidade intelectual, que pediu que o livro lhe fosse mostrado.

Quando lhe disseram que dois terços do livro estavam selados, o gigante intelectual, muito capacitado em todo o conhecimento lingüístico do mundo, disse: “Não posso ler um livro selado” (Joseph Smith — História 1:65). Essa profecia foi cumprida quando Martin Harris levou alguns caracteres, copiados das placas do Livro de Mórmon, para o professor Charles Anthon, da Cidade de Nova York (ver Isaías 29; 2 Néfi 27; Joseph Smith — História 1:63–65).

João, o Revelador, viu nas mãos do Grande Deus um livro selado com sete selos. A revelação diz: “Ele contém a vontade, os mistérios e as obras de Deus revelados; as coisas ocultas de sua administração, concernentes a esta Terra durante os sete mil anos de sua duração, ou seja, de sua existência física” (D&C 77:6), cada selo cobrindo um período de mil anos. Segundo a visão de João, ninguém a não ser o Senhor Jesus — “o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi” (Apocalipse 5:5) — tinha o poder de abrir aqueles sete selos.

Esse mesmo conhecimento está contido na porção selada do Livro de Mórmon. Por isso, sabemos que os dois livros selados são um só e o mesmo. Disto temos

muita certeza: quando, durante o Milênio, a porção selada do Livro de Mórmon for traduzida, nela leremos um relato da vida na existência pré-mortal; da criação de todas as coisas; da Queda e da Expição e da Segunda Vinda; das ordenanças do templo, em sua plenitude; do ministério e missão dos seres transladados; da vida no mundo espiritual, tanto no paraíso quanto no inferno; dos reinos de glória a serem habitados pelos seres ressuscitados; e muitas coisas semelhantes.

Por enquanto, o mundo não está preparado para receber essas verdades. Um dos motivos é que essas doutrinas adicionais destruirão completamente toda a teoria da evolução orgânica, conforme é ensinada quase universalmente nas instituições de ensino secular. Outro motivo é que elas estabelecerão um conceito da estrutura do tempo da criação, tanto desta Terra e de todas as formas de vida quanto do espaço sideral propriamente dito, inteiramente diferente do que é proposto em todas as teorias dos homens. E infelizmente, há aqueles que, se forem obrigados a decidir neste momento, escolheriam Darwin em lugar da Deidade.

Nosso propósito ao referir-nos ao livro ou livros selados mencionados por Isaías e João é preparar o terreno para abordarmos o livro selado — a Bíblia Sagrada — que temos em nossas mãos atualmente. Como só o Senhor Jesus tem o poder de abrir os sete selos do livro de João, então o aparecimento da porção selada do Livro de Mórmon depende de nossa fé e retidão.

Quando erguermos o maldito véu da descrença que hoje nos separa da comunhão perfeita com Deuses e anjos, e quando adquirirmos uma fé semelhante à do irmão de Jared, então teremos o conhecimento que ele teve. Isso não acontecerá até a vinda do Senhor (ver Éter 4).

O Livro de Mórmon surgiu e foi traduzido pelo dom e poder de Deus. Não envolveu conhecimento nem instrução de homens sábios. Não foi trazido à luz por gigantes intelectuais que foram instruídos em toda a sabedoria lingüística do mundo. Foi trazido à luz pelo poder do Espírito Santo. O tradutor disse: “Não sou instruído” (2 Néfi 27:19). O Senhor respondeu: “Os instruídos não (...) lerão” o relato contido nas placas (2 Néfi 27:20).

Há um grande ponto-chave nisso. O Livro de Mórmon foi traduzido corretamente porque um homem não instruído o fez pelo dom e poder de Deus. Ele levou menos de sessenta dias para traduzi-lo. A Bíblia está cheia de erros e traduções erradas, apesar do fato de que os estudiosos e tradutores mais instruídos de todas as eras trabalharam anos a fio sobre manuscritos antigos para trazê-la à luz.

O ponto-chave para a compreensão das Santas Escrituras não está na sabedoria dos homens, não está em monastérios e instituições acadêmicas, não está no conhecimento do grego e do hebraico — embora uma perspectiva inte-

lectual muito especial possa advir dessas coisas — mas as coisas de Deus somente são conhecidas e compreendidas pelo Espírito de Deus (ver I Coríntios 2). Assim disse o Senhor: “Recorro às coisas fracas do mundo, aos que são indoutos e desprezados” para realizarem minha obra (D&C 35:13).

Paulo disse muito bem: “Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? (...) Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias” (I Coríntios 1:20, 25–27).

Evidentemente devemos aprender tudo que pudermos em todos os campos; devemos sentar-nos com Paulo aos pés de Gamaliel; devemos adquirir um conhecimento de reinos, países e línguas (ver D&C 88:76–81). Jacó nos disse: “É bom ser instruído quando se dá ouvidos aos conselhos de Deus” (2 Néfi 9:29).

Mas acima de tudo — mais importante do que todas essas coisas juntas, mais importante do que toda a sabedoria adquirida pelo poder do intelecto pelos homens sábios de todas as eras — acima de tudo isso está a necessidade da orientação do Espírito em nosso estudo e em nosso ensino. A maneira pela qual o Livro de Mórmon foi trazido à luz — pelo poder de Deus, que usou um homem não instruído — determina o padrão para todo o nosso trabalho no reino. O Senhor pode fazer esse trabalho por nosso intermédio, se assim o permitirmos.

Creio firmemente, após ponderar cuidadosamente, que a Bíblia que temos hoje é um livro selado. Não tem o selo jaredita, que somente pode ser removido pela fé e retidão; a Bíblia é para os homens de hoje, tanto justos quanto iníquos. E não foi selada com sete selos, mas apenas dois. Direi quais são e mostrarei como podem ser removidos. A Bíblia deve tornar-se um livro aberto — um livro que seja lido por todos os homens da Terra, que devem acreditar nele e compreendê-lo.

Mas em primeiro lugar preciso dizer o que é a Bíblia e mostrar sua relação com a salvação e com outros escritos inspirados. Todos sabem que a Bíblia é o livro dos livros, que é um livro de santas escrituras; que contém a mente, a vontade e a voz do Senhor a todos os homens da Terra; e que teve maior influência sobre a civilização do mundo, até o presente momento, do que qualquer outro livro que já foi escrito.

Não há povo na Terra que considere a Bíblia com tamanho apreço como nós o fazemos. Cremos nela, lemos e ponderamos seus escritos, regozijamo-nos nas verdades que ela

ensina e procuramos tornar nossa vida condizente com o padrão divino que ela proclama. Mas não acreditamos, como o cristianismo evangélico, que a Bíblia contenha todas as coisas necessárias para a salvação; tampouco acreditamos que Deus tenha adotado a língua dos mudos e deixado de falar aos homens, ou de revelar ou de dar a conhecer a Sua vontade a Seus filhos.

De fato, sabemos que a Bíblia contém no máximo uma pequena porção das grandes revelações que Deus nos concedeu no passado. Há milhares e milhares de outras revelações além daquelas que nos foram preservadas em nossa Bíblia atual. Ela contém algumas gotas do grande oceano da verdade revelada concedida aos homens em eras mais espiritualmente iluminadas do que a nossa.

E até a pequena porção de verdade que nos foi preservada em nossa Bíblia atual não nos chegou em sua clareza e perfeição originais. Um anjo disse a Néfi, com repetida ênfase, que a Bíblia — incluindo tanto o Velho quanto o Novo Testamento — continha o conhecimento da salvação quando foi originalmente escrita, mas que passou então pelas mãos “daquela grande e abominável igreja que é mais abominável que todas as outras igrejas” (1 Néfi 13:26) e muitas partes claras e preciosas e muitos convênios do Senhor foram tirados dela e, como resultado, muitos tropeçam e não sabem no que crer ou como agir (ver 1 Néfi 13).

Apesar de tudo isso, não podemos evitar a conclusão de que a Divina Providência está guiando todas as coisas como devem ser. Isso significa que a Bíblia, como a temos hoje, contém a porção da palavra do Senhor que um mundo rebelde, iníquo e apóstata merece ter e é capaz de receber.

Não duvidamos tampouco que a Bíblia, como está constituída hoje, foi dada para testar a fé dos homens. Ela prepara os homens para o Livro de Mórmon. As pessoas que realmente acreditam na Bíblia aceitam o Livro de Mórmon; as que acreditam no Livro de Mórmon aceitam Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor; e as que são iluminadas dessa forma se esforçam para viver de modo que possam receber mais luz e conhecimento contidos nos livros selados que ainda não foram trazidos à luz — livros esses, repito, que serão trazidos à luz por homens não instruídos que serão guiados pelo Espírito Santo.

Providencialmente, a Bíblia está escrita de modo que todos os homens, por menor que seja sua capacidade espiritual, possam nela encontrar verdade e iluminação, embora aqueles que tiverem o poder de discernimento poderão aprender nela coisas profundas e ocultas reservadas exclusivamente para os santos.

Para dar-lhes uma visão geral das coisas, no tocante à salvação, a Bíblia é de longe superada, de modo imensurável, pelo Livro de Mórmon e outras revelações modernas.

Essas escrituras modernas são, na verdade, aquelas nas quais precisamos acreditar e aceitar para sermos salvos. Se necessário, nós que vivemos na dispensação da plenitude dos tempos poderíamos ser salvos mesmo que não houvesse a Bíblia, porque as verdades e poderes do evangelho foram todos restaurados por revelação direta.

Também para termos uma visão correta das coisas, devemos estar cientes de que existem escritos aprovados e inspirados que não estão nas obras-padrão. Esses escritos também são verdadeiros e devem ser usados juntamente com as próprias escrituras no aprendizado e ensino do evangelho. Logo abaixo das obras-padrão, cinco dos maiores documentos de nossa literatura são:

1. A “Carta Wentworth” (ver *History of the Church*, volume 4, pp. 535-541). Escrita pelo Profeta Joseph Smith, ela contém um relato do surgimento do Livro de Mórmon, dos antigos habitantes das Américas, da organização da Igreja nesta dispensação e das perseguições sofridas pelos primeiros santos dos últimos dias. As treze Regras de Fé fazem parte dessa carta.

2. *Lectures on Faith*. Essas palestras foram preparadas pelo Profeta Joseph Smith e, sob a direção dele, foram ensinadas por ele e por outros na Escola dos Profetas. O Profeta disse que elas abrangiam “[as] doutrina[s] importante[s] da salvação” (Prefácio a D&C, edição de 1835; reimpressão, Independence, Mo.: Herald House, 1971).

3. *The Father and the Son: A Doctrinal Exposition by the First Presidency and the Twelve [O Pai e o Filho: Uma Explicação Doutrinária da Primeira Presidência e dos Doze]* (ver James R. Clark, comp., *Messages of the First Presidency of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 6 vols., Salt Lake City: Bookcraft, 1965–1975, volume 5, pp. 26–34; ver também volume 5, pp. 23–25). Essa explicação esclarece a condição e a relação do Pai e do Filho, mostra maneiras pelas quais Cristo é o Pai e, por meio de várias declarações, refuta a visão falsa e herética de que Adão é nosso Pai e nosso Deus.

4. O “Sermão King Follett” e o “Sermão do Bosque” (ver *History of the Church*, volume 6, pp. 302-317; volume 6, pp. 473–479). Esses dois sermões, que coincidem em conceito e conteúdo, estabelecem a doutrina da pluralidade de Deuses e de como nos tornamos co-herdeiros com Cristo. Mostram que o homem pode tornar-se como Seu Criador e reinar em exaltação celeste para sempre.

5. “A Origem do Homem” pela Primeira Presidência da Igreja (ver Clark, *Messages of the First Presidency*, volume 4, pp. 200–206; ver também volume 4, p. 199). Esses escritos inspirados declaram a posição oficial da Igreja sobre a origem do homem e, portanto, contradiz as crenças nas fantasias evolucionárias dos biólogos e outros cientistas. Como seria esperado, ela causou grande polêmica entre os intelectuais cujos testemunhos são mais etéreos do que reais.

Voltemos para nosso livro selado moderno — a Bíblia Sagrada — o livro que prepara os homens para mais luz e conhecimento que o Senhor tem reservados para eles. Quais são os selos que ocultam suas maravilhas do mundo?

São dois e estão nos extremos opostos de um pêndulo oscilante. São os selos de Satanás e foram forjados com inteligência diabólica. Na verdade, não posso imaginar dois outros selos que poderiam destruir mais eficazmente o valor e o uso da Bíblia do que esses. São o selo da ignorância e o selo do intelectualismo. Uma palavra sobre cada um deles.

Sobre o selo da ignorância — esse selo manteve a Bíblia afastada de quase todas as almas viventes da Terra por quase mil e quinhentos anos. Se alguma vez houve um livro selado, foi a Bíblia durante a Idade das Trevas. A igreja dominante não o usava nem o ensinava, mas seguia as tradições dos pais, como a doutrina do Deus espírito, três em um; a adoração de Maria e das imagens; a intercessão dos santos; as missas para a salvação dos vivos e mortos; a venda de indulgências; o purgatório; o batismo de crianças; a justificação da perseguição e eliminação de hereges, como a Inquisição Espanhola; e assim por diante — porque nenhuma dessas coisas contém a mais ínfima justificativa encontrada nas escrituras.

A Renascença e a Reforma, que surgiram após a Idade das Trevas, foram, em grande parte, movimentos que pregavam a tradução e a utilização da Bíblia. Muitos daqueles que buscavam a verdade foram queimados em estacas pela simples posse de uma Bíblia não autorizada. Não precisamos mais nos estender nesse assunto. Há muitos livros em todas as boas bibliotecas que contam essa história trágica e sombria.

Atualmente o selo da ignorância permanece na medida em que grande parte da cristandade e o restante do mundo de modo geral não demonstram interesse em estudar a Bíblia. Os ministros modernos são sociólogos, e não teólogos. E nas nações católicas quase não há incentivo para que as pessoas possuam ou leiam a palavra da Bíblia.

No tocante ao selo do intelectualismo, esse é um assunto totalmente diferente. Ele é imposto, sem dúvida involuntariamente em muitos casos, pelos “sábios e os instruídos (...) que são orgulhosos de seu conhecimento e de sua sabedoria” — essas são as palavras de Jacó — e que não sabem que estão assim contados entres aqueles que o Santo de Israel “despreza” (2 Néfi 9:42).

Mostraremos como é enganoso confiarmos no conhecimento e no intelectualismo, em vez de no Espírito e numa compreensão geral do plano de salvação, ao definirmos as chaves para a compreensão que nos permitirá remover os selos da Bíblia selada.

Algumas dessas chaves para compreensão são de uma importância quase infinita; outras são tão insignificantes

que se forem ignoradas ninguém sentirá falta delas. Até essas chaves insignificantes, porém, precisam ser mencionadas para mantermos as coisas importantes em sua devida perspectiva. Tomaremos a liberdade de classificar cada chave em uma escala de um a dez.

E assim dizemos a respeito da Bíblia o que Parley P. Pratt disse a respeito do Livro de Mórmon: “Remove os selos, traz à luz / O evangelho de Jesus” (“Um Anjo Lá do Ceu”, *Hinos*, nº 6).

CHAVE UM: LER A BÍBLIA

Será que pode haver uma chave mais óbvia do que essa? Simplesmente ler o livro propriamente dito. A menos que o façamos, e até que o façamos, nada mais funcionará. Não podemos dar uma nota menor que dez para essa chave em nossa escala. Todo o conhecimento e entendimento bíblicos começa com a leitura da fonte básica.

Um de nossos problemas é que lemos o que as pessoas disseram a respeito da Bíblia; lemos um livro de histórias do Velho Testamento; pegamos algo publicado em *Seleções do Reader's Digest* com um nome bíblico, deixando de lado as genealogias e as partes supostamente difíceis.

Ler o livro propriamente dito. “Examinai as escrituras” (João 5:39). Entesourem a palavra do Senhor. Busquem a fonte. As palavras são sagradas. Desde que tenham chegado até nós como foram escritas originalmente, elas foram inspiradas pelo Espírito Santo. Devem ser lidas repetidas vezes enquanto vivermos.

Mas em minha opinião nem todas são de igual valor. Os evangelhos, particularmente o evangelho de João, valem o seu peso em ouro. Atos não fica muito atrás. As epístolas de Paulo, sendo Romanos a mais importante e Filemon a menos importante, são tesouros de doutrina e sábios conselhos. Os escritos de Pedro e Tiago, juntamente com I João, classificam-se como se tivessem sido escritos por anjos; II João e III João não são tão importantes; Judas vale a pena ser lido, pelo menos; e para as pessoas que têm compreensão do evangelho, Apocalipse é uma fonte de sabedoria divina que expande a mente e ilumina a alma.

No Velho Testamento, Gênesis é o livro dos livros — um relato divino de valor imensurável. Êxodo e Deuteronômio também são de imenso valor. Números, Josué, Juízes, Samuel I e II, Reis I e II e as Crônicas são livros históricos essenciais, entremeados de atos de fé e maravilhas que formam um alicerce para a compreensão da fé cristã. Levítico não tem muita utilidade para nós, exceto por algumas passagens, não precisamos preocupar-nos muito com esse livro. Rute e Ester são excelentes histórias que fazem parte de nosso legado. Os Salmos contêm poesias maravilhosas, e as partes que são messiânicas e falam dos últimos dias e da Segunda Vinda são muito importantes. Provérbios, Eclesiastes e Lamentações são livros interessantes; Jó é

para pessoas que gostam do livro de Jó; e Cantares de Salomão é uma parte sem valor da Bíblia — não são escritos inspirados. Esdras, Neemias, Obadias e Jonas são os profetas de menor importância; e todo o restante dos profetas — Isaías, acima de todos — cada um em seu lugar e ordem escrevem palavras de doutrina e profecia que precisam ser estudadas profundamente.

CHAVE DOIS: CONHECER HEBRAICO E GREGO

Sem dúvida não há objeções em se conhecer hebraico e grego, mas há alguns perigos. Joseph Smith e alguns dos primeiros líderes da Igreja estudaram um pouco de hebraico. Quando o conhecimento de línguas antigas é devidamente utilizado — como meio de adquirir inspiração sobre uma determinada passagem — seu mérito em uma escala é de aproximadamente um ou um e dois décimos. Usado indevidamente — como um fim em si mesmo — seu valor cai na escala para menos cinco a menos dez, dependendo da atitude e do ponto de vista espiritual daquele que o utiliza.

Aqueles que consultam as línguas originais para seu conhecimento de doutrina têm a tendência de confiar mais nos estudiosos do que nos profetas para interpretar as escrituras. Isso é muito perigoso. É triste ser contado entre os sábios e instruídos que acham que sabem mais que o Senhor.

Sem dúvida, nenhum de nós deve preocupar-se ou sentir-se inferior se não tiver um conhecimento básico das línguas em que a Bíblia foi escrita originalmente. Nossa preocupação deve ser a de sermos guiados pelo Espírito e de interpretarmos a palavra antiga de modo condizente com a revelação moderna.

CHAVE TRÊS: USAR COMENTÁRIOS E DICIONÁRIOS BÍBLICOS

Tudo que for dito neste item é mais uma advertência do que um endosso. Em assuntos históricos e geográficos, essas obras não inspiradas têm um valor de um ou dois; em assuntos doutrinários elas caem na escala para menos dez, menos cem ou menos mil, dependendo da doutrina.

Os sábios e instruídos conhecem infinitesimalmente tão pouco a respeito de doutrina que é quase uma perda de tempo ler suas obras. Todos os seus credos são uma abominação à vista do Senhor. Ensinam como doutrina os mandamentos dos homens. Distorcem e pervertem as escrituras para torná-las condizentes com suas tradições; e quando fazem algo certo, é por mero acaso.

Um comentário bíblico declara que Jesus não caminhou sobre a água, porque isso é impossível; em vez disso, Ele caminhou pela água rasa em meio às ondas.

Outro declara que Ele não alimentou cinco mil pela multiplicação de pães e peixes, porque isso é contrário à natureza; em vez disso, muitos da congregação levavam comida em suas bolsas mas estavam com medo de mostrá-la porque teriam que compartilhar com outros. Jesus simplesmente os ensinou a compartilhar.

Outro comentário ainda declara que não precisamos esperar a Segunda Vinda em sentido literal, porque sem dúvida Cristo não é mais um homem que possa habitar entre nós; em vez disso, a Segunda Vinda ocorre sempre que Cristo habita no coração de um homem.

O que os comentários do mundo nos ensinam sobre a natureza pessoal de Deus; sobre a existência pré-mortal, a guerra no céu e o plano eterno de salvação; sobre a queda do homem, com sua morte física e espiritual; sobre a criação paradisíaca que deve ser restaurada durante o Milênio; sobre o Sacerdócio de Melquisedeque e seus vários ofícios; sobre a coligação literal de Israel e a restauração das dez tribos sobre os montes de Israel; sobre a pregação aos espíritos em prisão e a doutrina da salvação dos mortos; sobre os templos e o casamento celestial e a continuidade da unidade familiar na eternidade; sobre os dons e sinais e os milagres; sobre a apostasia universal, um dia glorioso de restauração e o surgimento do Livro de Mórmon; sobre a expiação de Cristo, que torna a salvação a nosso alcance sob a condição da obediência; sobre os três graus de glória; sobre a exaltação no mais alto grau do mundo celestial, onde os homens serão co-herdeiros com Cristo; sobre quase todas as doutrinas básicas de salvação?

Meus colegas professores, todas essas coisas, e dezenas de milhares de outras, vieram do Deus do céu para nós nesta dispensação final pela graça da revelação direta. São verdades que colocam a salvação a nosso alcance, e não são encontradas nos livros dos estudiosos do mundo.

CHAVE QUATRO: APRENDER SOBRE COSTUMES E TRADIÇÕES LOCAIS

Isso tem algumas vantagens consideráveis. Tem um valor de dois ou três em nossa escala. As palavras das escrituras freqüentemente adquirem novo e maior significado quando lidas à luz das condições locais em que foram escritas.

Quando ficamos sabendo que o conselho de Jesus para precaver-nos contra falsos profetas, que chegam até nós vestidos como cordeiros mas que na verdade são lobos selvagens, referia-se aos mestres, escribas e fariseus de Sua época, damos-nos conta de que sua aplicação moderna se refere às falsas igreja que ensinam doutrinas falsas.

Quando ficamos sabendo que o chamado do humilde nazareno para que nos achegássemos a Ele, tomássemos

Seu jugo sobre nós e aprendêssemos com Ele, porque Seu jugo é suave e Seu fardo, leve e Ele proporcionaria alívio à alma, foi um convite para que as pessoas deixassem os ritos cerimoniais, formais e pesados da lei mosaica e aceitassem a simplicidade da adoração do evangelho, isso lança uma luz inteiramente nova sobre o chamado de deixarmos os fardos carregados de pecado do mundo e aceitarmos o santo evangelho.

Quando ficamos sabendo que todo grupo de viajantes na Palestina acampavam em caravançarás, cujos aposentos, chamados hospedarias, rodeavam um pátio onde os animais eram amarrados, temos uma visão inteiramente nova do lugar em que Jesus nasceu.

Quando lemos que Jesus repreendeu os mestres judeus porque suas tradições tornavam a lei de Deus ineficaz, que os acusou por suas ridículas restrições no Dia do Senhor; que os condenou por seus atos cerimoniais de lavagem e purificação, é consideravelmente útil sabermos quais eram essas tradições, restrições e atos cerimoniais.

Néfi citou “as palavras de Isaías” e disse que elas são “claras a todos os que estão cheios do espírito de profecia” (2 Néfi 25:4). Como maneira complementar de compreender as palavras dos profetas, ele disse que os homens precisam ser “ensinados à maneira das coisas dos judeus” (2 Néfi 25:5).

Autores como Edersheim, Farrar e Geike, que escreveram há mais de cem anos quando os homens tinham mais fé e acreditavam na divindade de Jesus Cristo, oferecem-nos dados muito melhores sobre esses costumes e modos de vida.

CHAVE CINCO: ESTUDAR TODAS AS ESCRITURAS NO CONTEXTO

O contexto de cada passagem de escritura é muito importante: classificaremos isso como dois ou três em nossa escala. Deus não faz acepção de pessoas. Tudo que Ele disse ou dirá a uma pessoa, também dirá a outra em situação semelhante. Ele pode dar mandamentos aparentemente conflitantes para pessoas diferentes em situações diferentes.

Se as escrituras dizem “não matarás” (Êxodo 20:13), isso impede o Senhor de ordenar que Néfi mate Labão quando aquele líder judeu estava caído bêbado? Se as escrituras dizem que os membros da Igreja que cometem assassinato não herdarão a vida eterna, isso também se aplica às nações pagãs? Se precisarmos de uma passagem para ensinar que deve haver separação entre a Igreja e o Estado, encontraremos isso no Velho Testamento quando as pessoas eram governadas teocraticamente ou no Novo Testamento quando lhes foi ordenado que dessem a César o que fosse de César? Se estivermos estudando as cerimônias levíticas, procuraremos isso no Livro de Mórmon, em

meio a um povo no qual não havia levitas? E assim por diante. Obviamente as escrituras têm uma aplicação restrita ou geral, de acordo com o contexto.

CHAVE SEIS: DIFERENCIAR DEVIDAMENTE AS PASSAGENS LITERAIS DAS FIGURATIVAS

Isso é difícil, exige considerável experiência e discernimento, e sem dúvida se classifica como três ou quatro. De modo geral, estaremos mais seguros se considerarmos as coisas literalmente, embora as escrituras estejam repletas de temas figurativos.

Ocorrências literais incluem falar com Deus face a face, como um homem conversa com seu amigo; o homem ter sido criado à imagem de Deus, tanto física quanto espiritualmente; a vinda de Cristo como Unigênito na carne; o próprio Senhor Jesus habitando na Sião de Enoque; Seu reino pessoal durante o Milênio; a ressurreição de todos os homens com um corpo físico de carne e ossos; etc.

Temas figurativos incluem Enoque andando com Deus; o Senhor Jeová habitando com a antiga Israel; Cristo sendo o pão vivo que desceu do céu; comer Seu corpo e beber Seu sangue na ordenança do sacramento, e assim por diante.

CHAVE SETE: USAR A VERSÃO AUTORIZADA DA BÍBLIA

No tocante às Bíblias do mundo, a edição corrigida e revisada fiel ao texto original, traduzida em português por João Ferreira de Almeida e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, é a versão autorizada pela Igreja. Isso se classifica como cinco ou seis em nossa escala. A versão do Rei Jaime da Bíblia, em inglês, foi a Bíblia que surgiu para preparar o caminho para a tradução do Livro de Mórmon e estabelecer um padrão para as revelações de Doutrina e Convênios. Ela é a Bíblia oficial da Igreja em língua inglesa. Você pode consultar *Why the King James Version?* (Por que a versão do Rei Jaime?) do Presidente Reuben Clark Jr., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1956, para um estudo bem abrangente desse assunto.

CHAVE OITO: E AS OUTRAS TRADUÇÕES DO MUNDO?

Em resposta, dizemos: esqueçam-nas; são de tão pouco valor que seria quase uma perda de tempo estudá-las. Seremos generosos dando nota um para elas em nossa escala. Elas não são importantes para nós, e de modo geral simplesmente expõem as predileções religiosas de seu tradutor. Algumas, por exemplo, declaram que Cristo nasceu de uma jovem, e não de uma virgem.

Existem ocasiões em que uma dessas traduções não inspiradas esclarecem ligeiramente um ponto específico; elas não são de todo ruins, mas há tantas coisas para estudar e aprender que questiono a sabedoria de valorizar os pontos de vista da tradução de sábios e instruídos que realmente

não possuem nada no sentido inspirado para contribuir para uma compreensão da verdade eterna.

CHAVE NOVE: USAR A TRADUÇÃO DE JOSEPH SMITH, A ASSIM CHAMADA VERSÃO INSPIRADA E CONFIAR NELA

Esse conselho classifica-se com um oito ou nove. Dificilmente estaríamos exagerando ao enfatizar esse ponto. A Tradução de Joseph Smith, ou Versão Inspirada, é mil vezes melhor do que a melhor Bíblia que existe hoje na Terra. Ela contém tudo que a versão do Rei Jaime contém, mais várias páginas de acréscimos e correções, e algumas coisas que foram eliminadas. Ela foi feita pelo espírito de revelação, e as alterações e os acréscimos são o equivalente da palavra revelada no Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios.

Por motivos históricos e outras razões, houve entre alguns membros da Igreja, no passado, um certo preconceito e mal-entendidos em relação à posição da Tradução de Joseph Smith. Espero que tudo isso tenha desaparecido. A edição SUD das notas de rodapé da Bíblia inclui muitas das grandes alterações feitas na Versão Inspirada e uma seção de dezessete páginas contém trechos demasiadamente longos para serem incluídos nas notas de rodapé.

Uma consulta a essa seção e às notas de rodapé propriamente ditas proporcionará a qualquer pessoa que tenha entendimento espiritual uma profunda gratidão por esse trabalho de revelação do Profeta Joseph Smith. É uma das grandes evidências de seu chamado profético.

Tenho o prazer de anunciar que aqui na Universidade Brigham Young temos a mais importante autoridade mundial sobre a Tradução de Joseph Smith. Suas contribuições nesse campo do conhecimento do evangelho estão entre as melhores obras publicadas em nossa dispensação. Evidentemente, trata-se do irmão Robert J. Matthews, reitor de Ensino Religioso. A obra que ele publicou: *“A Plainer Translation”: Joseph Smith’s Translation of the Bible, a History and Commentary* (Uma Tradução Mais Clara: A Tradução de Joseph Smith da Bíblia, História e Comentário), Provo: Brigham Young University Press, 1975, merece um estudo cuidadoso.

CHAVE DEZ: USAR OS AUXÍLIOS DIDÁTICOS DA EDIÇÃO SUD DA BÍBLIA

Recebi uma carta de um professor do seminário na qual ele criticava nossas novas publicações das escrituras porque tinham notas de rodapé, referências remissivas e auxílios didáticos. Ele argumentava que se tratavam de muletas que impediam que as pessoas estudassem mais para criarem suas próprias referências remissivas.

Bem, eu, pelo menos, preciso dessas muletas, e as recomendo para vocês. Elas incluem trechos da Tradução de Joseph Smith, cabeçalhos de capítulos, o guia para estudo

das escrituras, um dicionário bíblico, as notas de rodapé, um localizador e mapas.

Nenhuma dessas coisas é perfeita, elas não determinam a doutrina por si mesmas; sem dúvida existem erros nelas. As referências remissivas, por exemplo, não determinam nem têm a intenção de provar que as passagens paralelas se referem ao mesmo assunto. São apenas auxílios e ajudas. Sem dúvida se classificam como quatro ou cinco em importância. Usem-nas sempre.

CHAVE ONZE: USAR TRADUÇÕES E INTERPRETAÇÕES INSPIRADAS DAS ESCRITURAS

Parece-me que a maioria de nós quase não se dá conta de quão grande entendimento está à nossa disposição nas traduções e interpretações inspiradas das passagens bíblicas. Para aqueles que possuem entendimento espiritual, essas interpretações inspiradas classificam-se como oito ou nove em nossa escala; para os que possuem menor maturidade espiritual, tudo que elas fazem é suscitar dúvidas e perguntas.

Como todos vocês sabem, quase toda citação do Novo Testamento de uma escritura do Velho Testamento difere do texto original em hebraico ao ser traduzida em nossa Bíblia. Por quê? Há dois motivos. Um deles é que muitas citações foram tiradas da Septuaginta grega, e não do texto hebraico que veio a tornar-se o nosso Velho Testamento. A Septuaginta tinha muitas deficiências porque incorporava o ponto de vista doutrinário dos tradutores.

Mais importante ainda, os judeus da época de Jesus falavam aramaico, e não hebraico, mas suas escrituras estavam escritas em hebraico. Portanto, era prática comum nos serviços de adoração em suas sinagogas que um mestre lesse os textos em hebraico e outro traduzisse ou parafrazeasse aquelas passagens em aramaico — ou como eles diziam — tornavam aquelas passagens *targums* — para que pudessem ser compreendidas pelas pessoas.

Quando esses *targums* foram feitos por Jesus e os Apóstolos, que regular e constantemente ensinavam nas sinagogas, eles foram inspirados e portanto esclarecem muito as escrituras envolvidas. Muitas passagens do Velho Testamento adquirem um novo significado por causa da maneira como são citadas no Novo Testamento.

Por motivos práticos, Néfi freqüentemente fez a mesma coisa quando citava Isaías ou Zenos. Ele fazia uma interpretação e tradução inspirada, e não literal. E em muitas ocasiões, suas palavras davam um significado novo ou muito ampliado à palavra profética original.

Na verdade, Morôni fez o mesmo ao aparecer para Joseph Smith em 1823. Por exemplo: ele melhorou de tal modo a promessa da volta de Elias, que foi como sair do crepúsculo para o brilho radiante do sol do meio-dia. Anos

depois, com um pleno conhecimento de uma tradução mais perfeita, Joseph Smith manteve a linguagem da versão do Rei Jaime no Livro de Mórmon e em Doutrina e Convênios e em sua tradução inspirada da Bíblia.

Sem dúvida, há uma lição a ser aprendida aqui. Ao menos, isso significa que a mesma passagem das escrituras pode ser traduzida corretamente em mais de uma maneira, e que a tradução usada depende da maturidade espiritual das pessoas.

De modo semelhante, o Sermão da Montanha, no Livro de Mórmon, preserva, com alguns melhoramentos, a linguagem da versão do Rei Jaime da Bíblia. Mais tarde, porém, a Tradução de Joseph Smith apresenta esse sermão de uma forma ainda melhor do que a encontrada no Livro de Mórmon.

Uma passagem tão simples quanto João 17:3 tem um significado limitado para todos os homens, mas é um raio de luz celestial para nós. Nela aprendemos que conhecer Deus e Cristo é ser semelhante a Eles — pensar o que Eles pensam, falar o que Eles falam, fazer o que Eles fazem — e todo esse conhecimento está muito além da capacidade de compreensão de uma mente não iluminada.

Assim que aprendemos o plano de salvação e nos colocamos em sintonia com o Santo Espírito, as escrituras assumem um significado inteiramente novo para nós. Não mais estaremos limitados, como as pequenas mentes dos sábios do mundo, mas toda a nossa alma será cheia de luz e compreensão além de qualquer coisa que podemos conceber.

PONTO-CHAVE DOZE: AS ESCRITURAS MODERNAS ESCLARECEM AS ESCRITURAS ANTIGAS

Não há como enfatizar demais esse ponto. Isso se classifica como dez ou mais. No real e verdadeiro sentido da palavra, a única maneira de compreender a Bíblia é primeiro adquirir um conhecimento de como Deus lida com os homens por meio da revelação moderna.

Poderíamos ser salvos sem a Bíblia, mas não podemos ser salvos sem revelação moderna. Estamos num reino restaurado. As doutrinas, leis, ordenanças e poderes foram todos restaurados. Deus e os anjos nos restauraram essas coisas. cremos no que cremos, e temos as verdades que possuímos, e exercemos as chaves e poderes que nos foram conferidos porque eles chegaram até nós porque os céus se abriram em nossos dias. Não olhamos para trás e consultamos um povo do passado para alcançarmos nossa salvação.

Na verdade — e não poderia ser de outra forma, pois Deus é imutável — o que temos é condizente com o que os antigos santos tiveram. Todas as verdades e práticas coincidentes que eles tinham são um testemunho secundário e complementar das verdades do evangelho. Mas nosso conhecimento e poder vêm diretamente do céu.

Portanto, os relatos imperfeitos e parciais do modo de o Senhor lidar com os antigos santos, conforme encontramos na Bíblia, precisam estar condizentes com o que recebemos. Não aprendemos que o Livro de Mórmon é verdadeiro porque a Bíblia é verdadeira, mas o que acontece é justamente o oposto. A Bíblia é verdadeira porque o Livro de Mórmon é verdadeiro.

O evangelho eterno, o sacerdócio eterno, as mesmas ordenanças de salvação e exaltação, as imutáveis doutrinas de salvação, a mesma Igreja e reino, as chaves do reino que podem selar os homens para a vida eterna — todas essas coisas foram as mesmas em todas as eras; e continuarão a ser para sempre neste mundo e em todos os mundos por toda a eternidade. Essas coisas são conhecidas por revelação moderna.

Depois que conhecemos essas coisas, as portas se abrem para uma compreensão dos pedaços fragmentários de informação contidos na Bíblia. Combinando o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor, temos pelo menos mil passagens que nos fazem conhecer o que ocorria em meio ao povo do Senhor no Velho Mundo.

Eles tiveram a plenitude do evangelho eterno em todas as épocas? Sim. Não houve um único período desde os dias de Adão até o aparecimento do Senhor Jesus na terra de Abundância em que o evangelho — tal como o temos, em sua plenitude eterna — não estivesse na Terra.

Não deixe que o fato de as cerimônias da lei mosaica serem ministradas pelo Sacerdócio Aarônico o confunda nesse sentido. Sempre que havia o Sacerdócio de Melquisedeque, havia a plenitude do evangelho; e todos os profetas possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque.

Havia batismo nos dias da antiga Israel? A resposta está na Tradução de Joseph Smith da Bíblia e no Livro de Mórmon. O registro dos seiscentos anos de história dos nefitas é simplesmente um relato verdadeiro e claro de como as coisas aconteciam na antiga Israel a partir da época de Moisés.

Havia uma Igreja na antigüidade, e se havia, como ela era organizada e dirigida? Não houve um só instante durante toda a assim chamada era pré-cristã em que a Igreja de Jesus Cristo não estivesse na Terra, organizada basicamente da mesma forma como ela está organizada hoje. Melquisedeque fazia parte da Igreja; Labão era membro; e também Leí, muito antes de partir de Jerusalém.

Sempre houve o poder apostólico. O Sacerdócio de Melquisedeque sempre dirigiu o curso do Sacerdócio Aarônico. Todos os profetas ocupavam uma posição na hierarquia de sua época. O casamento celestial sempre existiu. De fato, esse era o cerne e o ponto central do convênio abraâmico. Elias, o profeta, e Elias vieram para restaurar essa antiga ordem e conceder o mesmo poder selador, que lhe dá eficácia eterna.

As pessoas perguntam: Eles tinham o dom do Espírito Santo antes do dia de Pentecostes? Assim como o Senhor vive, eles tinham essa bênção — isso faz parte do evangelho — e os que possuíam esse dom realizavam milagres e procuravam e alcançavam uma cidade cujo construtor e criador é Deus.

Sempre desejei que a história da antiga Israel pudesse ter passado pelas mãos proféticas de Mórmon para ser revista e editada. Se isso acontecesse, seria como o Livro de Mórmon, mas suponho que ela era assim originalmente.

CHAVE GERAL: PONDERAR, ORAR E BUSCAR O ESPÍRITO

Essa é a conclusão de toda a questão. Essa chave remove o selo. Essa é a única maneira pela qual as verdades puras, boas e ocultas da Bíblia podem ser conhecidas em sua plenitude. Isso se classifica acima de todas as outras coisas.

Todos sabemos que precisamos entesourar as palavras de vida; que precisamos viver por meio de cada palavra que procede da boca de Deus; que precisamos ponderar as coisas referentes à retidão durante o dia e, tal como Néfi, molhar nosso travesseiro à noite — tudo isso para permitir que as solenes verdades da eternidade penetrem em nossa alma.

Todos sabemos que precisamos pedir ao Senhor que nos guie e ilumine. “Pedi e recebereis; batei e ser-vos-á aberto” (D&C 4:7). “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).

“E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis” (D&C 42:14). Porque “nenhuma profecia da escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:20–21).

Muito mais poderia ser dito; mas abrimos a porta para a pesquisa. Não importa quão grande seja a escuridão existente no mundo entre os sábios e instruídos, não precisamos ser confundidos nem ficar inseguros. O clarim do evangelho não proclama doutrinas incertas. Temos o poder de remover os selos do livro selado e banhar-nos na luz que brilha em suas páginas.

À guisa de conclusão, doutrina e testemunho, deixo-lhes quatro instruções simples:

1. Ensinem usando a fonte. Usem as próprias escrituras. Temos a tendência de estudar textos sobre a Bíblia em vez de usarmos a palavra divina em sua pureza.

Rios de água viva fluem da Fonte Eterna, e o fazem em canais de escrituras preparados pelos profetas. Eis uma coisa sábia que a maioria de vocês irá compreender: Não

bebam água contaminada pelos cavalos, principalmente os cavalos das doutrinas de homens não inspirados.

2. Ensinem a doutrina em vez de ensinarem ética. Leiam novamente as instruções dadas pelo Presidente J. Reuben Clark Jr. em *The Charted Course of the Church in Education* (discurso proferido para educadores religiosos, 8 de agosto de 1938; ver também *Charge do Religious Educators*, Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1981). Como ele explicou, se ensinarmos apenas ética e nada mais, fracassaremos; se ensinarmos as grandiosas e eternas doutrinas da salvação, teremos sucesso, e os princípios da ética serão automaticamente compreendidos.

3. Ensinem pelo Espírito. Isso é óbvio. Tem sido uma verdade desde o princípio e continuará sendo para sempre. Conseguiram captar a visão da grande proclamação feita nos dias de Adão sobre como e de que modo o evangelho precisa ser pregado?

A escritura declara: “[Acreditem] em seu Filho Unigênito, sim, naquele que ele declarou que viria no meridiano dos tempos, que foi preparado desde antes da fundação do mundo” (Moisés 5:57). Ou seja, acreditem em Cristo e vivam de modo condizente com o grande e eterno plano de salvação.

Então, seguem-se as seguintes palavras: “E assim o Evangelho começou a ser pregado desde o princípio, sendo anunciado por santos anjos, enviados da presença de Deus, e por sua própria voz e pelo dom do Espírito Santo” (Moisés 5:58).

O evangelho é e precisa ser e somente pode ser ensinado pelo dom do Espírito Santo. Esse dom nos foi concedido como Santos do Altíssimo, e a ninguém mais. Estamos sozinhos e temos um poder que o mundo não possui. Nossa visão sobre assuntos religiosos e espirituais é infinitamente melhor do que a das pessoas do mundo porque temos a inspiração do céu.

Essa é a razão do chamado para ensinar, o chamado para sermos professores — e refiro-me agora aos professores e às professoras — esse é o terceiro maior cargo na Igreja. Paulo verdadeiramente ensinou: “E a uns pôs Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (I Coríntios 12:28). Apóstolos, profetas, doutores (ou professores) — nessa ordem. Depois disso, mover montanhas e levantar os mortos.

Os Apóstolos e profetas também são professores, e que maior chamado pode alguém receber do Senhor do que colocar-se no lugar Dele, dizendo o que Ele diria se estivesse pessoalmente presente, e fazendo isso porque as palavras proferidas fluem pelo poder do Espírito Santo?

4. Tornem-se estudiosos do evangelho. Com esse grande encargo, como podemos fazer outra coisa além de tornarmos estudiosos do evangelho e viver de modo a permitir que o Espírito utilize de nosso tesouro acumulado de verdade a porção necessária no devido momento?

Na própria natureza das coisas, todo professor se torna um intérprete das escrituras para seus alunos. Não poderia ser de outra forma. Devemos pregar, ensinar, expor e exortar. Mas nossas explicações precisam estar em harmonia com as palavras dos profetas e apóstolos, e estarão se forem guiadas pelo Espírito. Lembrem-se de que eles são os líderes colocados na Igreja para cuidar que não sejamos “levados em roda por todo o vento de doutrina” (Efésios 4:14).

Agora uma palavra final: na Igreja somos todos irmãos; o Senhor não faz acepção de pessoas; não é o cargo da Igreja que salva, mas a obediência e a retidão pessoal.

O evangelho foi restaurado para “que todo homem, porém, fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo” (D&C 1:20). Todos temos direito ao espírito de inspiração. Como disse o Profeta Joseph Smith: “Deus nada revela a Joseph que não revele aos Doze, e até mesmo o menor dos santos poderá receber todas as coisas, tão logo possa suportá-las” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 145).

Os dons do Espírito estão ao alcance de todos nós. De fato, é nosso privilégio — o privilégio de todo élder do reino — livrar-nos de invejas e temores, humilhar-nos perante o Senhor, até que o “véu seja rompido” e O vejamos e saibamos que Ele é (D&C 67:10).

A obra é verdadeira; a mão do Senhor está nela; ela será bem-sucedida. E todos nós que fizermos nossa parte receberemos paz e alegria nesta vida e seremos herdeiros da vida eterna no mundo vindouro. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

UNIÃO

PRESIDENTE J. REUBEN CLARK JR.

PRIMEIRO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Trecho de Conference Report, abril de 1950, p. 180.

Digo novamente, irmãos, como disse em cada reunião do sacerdócio ao longo de muitos anos, que se vocês forem unidos, se agirem como um ao cumprirem os propósitos do Senhor, não há absolutamente nada que possa resistir a seu poder.



LEALDADE

Uma parte essencial da união é a lealdade. Não pode haver união se não houver lealdade. A lealdade é uma qualidade difícil de se possuir. Exige a capacidade de deixar de lado o egoísmo, a avareza, a ambição e todas as qualidades mais baixas da mente humana. Não podemos ser leais a menos que estejamos dispostos a submeter-nos. Não existe crescimento mental, físico ou espiritual a menos que haja restrições, algum sacrifício, por assim dizer, por parte daquele que deseja ser leal. Suas próprias preferências e desejos precisam ser deixados de lado, e ele precisa ter em vista apenas o grandioso propósito que está à frente.

UNIÃO — UM PRINCÍPIO DE FORÇA

PRESIDENTE GEORGE Q. CANNON

PRIMEIRO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Trecho de Gospel Truth: Discourses and Writings of President George Q. Cannon, sel. Jerreld L. Newquist, 2 vols., 1957–1974, volume 1, p. 207

Suponho que todos nós gostemos de que as coisas sejam feitas à nossa maneira. Sei



que eu sou assim. (...) Mas não gosto tanto de minha maneira a ponto de opor-me à maneira de meus irmãos. Esse é nosso dever como Primeira Presidência da Igreja. Esse é o dever de toda presidência de toda a Igreja. (...)

Suponham que um homem tenha mais sabedoria do que outro; é melhor executar um plano que não seja tão sábio, se vocês forem unidos nele. Falando de modo geral, um plano ou norma que seja inferior em certos aspectos é mais eficaz se as pessoas estiverem unidas ao executá-lo, do que um plano melhor no qual as pessoas estejam divididas.

A ESCOLHA DO MOMENTO CERTO

ÉLDER DALLIN H. OAKS DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Brigham Young University 2001–2002 Speeches (2002), pp. 187–193

Os mais significativos discursos acadêmicos que ouvi durante o tempo em que trabalhei na BYU tinham uma característica em comum. Em vez de apresentarem fatos novos ou defenderem determinado ponto de vista, como fazem muitos palestrantes, os discursos mais significativos mudaram o modo de pensar dos ouvintes em relação a um assunto importante. Embora eu seja mais um orador de reuniões devocionais do que de temas acadêmicos, gostaria de tentar fazer isso hoje. Tentarei mudar o modo de pensar de alguns dos ouvintes em relação a um assunto muito importante: A escolha do *momento certo*.

Começarei com uma história que ouvi há muitos anos na cerimônia de posse de um presidente de universidade. Ela ilustra a importância de fazer as coisas no momento certo na administração de uma universidade. O presidente de uma certa universidade estava chegando ao final de seu mandato, e outro estava começando no cargo. Como manifestação de boa vontade, o sábio presidente que estava saindo entregou a seu jovem sucessor três envelopes fechados. “Guarde-os até que tenha a primeira crise em sua administração”, explicou ele. “Então, abra o primeiro, e encontrará um conselho valioso”.

Passou-se um ano antes que o novo presidente tivesse uma crise. Quando ele abriu o primeiro envelope, encontrou uma única folha de papel na qual estava escrito:



“Coloque a culpa na administração anterior”. Ele seguiu o conselho e conseguiu superar a crise.

Dois anos depois, enfrentou outro sério desafio à sua liderança. Abriu o segundo envelope e leu: “Reorganize sua administração”. Ele fez isso, e a reorganização desarmou os que o criticavam, dando novo ímpeto à sua liderança.

Muito tempo depois, o então experiente presidente depa-rou-se com sua terceira grande crise. Abriu ansiosamente o último envelope, desejoso de saber qual seria o conselho que traria a solução para seus problemas. Novamente ele encontrou uma única folha de papel, mas desta vez estava escrito: “Prepare três envelopes”. Estava na hora de uma nova liderança assumir o cargo.

O bem conhecido ditado de que “o momento certo é tudo” sem dúvida exagera a importância da questão, mas a escolha do momento certo é vital. Lemos em Eclesiastes:

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; (...)

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; (...)

Tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de estar calado, e tempo de falar”. [Eclesiastes 3:1–2, 4–5, 7]

Em todas as decisões importantes de nossa vida, o mais importante é *fazer a coisa certa*. Em segundo lugar, pouco abaixo do primeiro, está *fazer a coisa certa no momento certo*. As pessoas que fazem a coisa certa no momento errado podem ficar frustradas e ser ineficazes. Podem até ficar confusas sem saber se fizeram a escolha certa, embora a

coisa errada tenha sido o momento e não a escolha que fizeram.

I. O MOMENTO CERTO DO SENHOR

A primeira coisa que desejo salientar sobre esse assunto é que o Senhor tem Sua própria programação para fazer as coisas. O Senhor ensinou aos primeiros élderes desta dispensação: “Minhas palavras são certas e não falharão”. Acrescentou, então: “Todas as coisas, porém, deverão realizar-se a seu tempo” (D&C 64:31–32).

O primeiro princípio do evangelho é a fé no Senhor Jesus Cristo. Fé significa confiança: confiança na vontade de Deus, confiança na Sua maneira de fazer as coisas, e confiança na programação Dele. Não devemos procurar impor a nossa programação à Dele. Conforme o Élder Neal A. Maxwell observou:

“A questão é que precisamos confiar o suficiente em Deus a ponto de confiarmos também que Ele fará as coisas acontecerem no momento certo. Se conseguirmos crer realmente que Ele tem o nosso bem-estar em Seu coração, será que não conseguiremos deixar que Seu plano se realize da maneira que Ele considera ser a melhor? O mesmo se aplica à Segunda Vinda e todos os assuntos nos quais a nossa fé precisa incluir a crença de que o Senhor agirá no momento certo em relação a nossos assuntos pessoais, e não apenas em Seus planos e propósitos gerais.” [Even As I Am, Salt Lake City: Deseret Book, 1982, p. 93]

Mais recentemente, na conferência de abril passado, o Élder Maxwell disse: “Uma vez que a fé na escolha que o Senhor faz do momento certo pode vir a ser provada, devemos aprender não apenas a dizer ‘seja feita a tua vontade’, mas pacientemente também dizer: ‘Que as coisas aconteçam no momento que Tu escolheres, Senhor’” (“Lavar com Esperança”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 73).

De fato, não podemos ter verdadeira fé no Senhor sem também termos completa confiança na vontade Dele e na Sua escolha do momento para que as coisas aconteçam.

Entre as pessoas que violam esse princípio estão as que defendem a eutanásia. Elas estão procurando tomar nas mãos um assunto que acreditamos ser determinado exclusivamente por Deus e acelerar sua consumação de acordo com a vontade própria ou a preferência delas.

Em nosso serviço na Igreja do Senhor, devemos lembrar que *quando* é tão importante quanto *quem*, *o quê*, *onde* e *como*.

Para uma ilustração vívida da importância do momento certo, podemos ver o ministério terreno do Senhor e a seqüência das instruções que Ele deu a Seus Apóstolos. Durante toda a Sua vida, o Senhor instruiu os Doze Apóstolos a não pregarem aos gentios, mas que fossem “antes às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:5–6; ver também Mateus 15:22–26). Então, no

momento certo, essa instrução foi revogada em uma grandiosa revelação dada ao Apóstolo Pedro. Somente então, no momento preciso determinado pelo Senhor, o evangelho foi levado aos gentios (ver Atos 10–11).

Como mostra esse exemplo, a revelação contínua é o meio pelo qual o Senhor administra Sua escolha do momento certo. Precisamos dessa orientação revelada. Por exemplo: muitos de nós ou nossos descendentes sem dúvida participarão do cumprimento das profecias a respeito da construção da Cidade de Nova Jerusalém (ver D&C 84:2–4). Mas a escolha do momento certo cabe ao Senhor, e não a nós. Não seremos aprovados nem abençoados se começarmos a limpar um terreno ou a estabelecer alicerces para esse grande projeto até que o Senhor nos diga que é o momento de fazermos isso. Nessa questão, e em muitas outras coisas, o Senhor agirá a Seu próprio tempo e à Sua própria maneira.

Estamos nos preparando tal qual o Senhor orientou. Mantemo-nos prontos para agir no momento escolhido pelo Senhor. Ele nos dirá quando será o momento certo para darmos o próximo passo. Por enquanto, simplesmente nos concentramos em nossas próprias designações e nas coisas que fomos ordenados a fazer hoje. Nisso também nos lembramos da promessa feita pelo Senhor: “Eis que apressarei minha obra a seu tempo” (D&C 88:73).

As pessoas que não aceitam a revelação contínua às vezes se colocam em problemas ao fazer as coisas cedo demais ou tarde demais ou por tempo demasiado. A prática da poligamia é um exemplo disso.

A importância da escolha que o Senhor faz do momento certo também é evidente nas Suas leis referentes à saúde. O Senhor deu uma instrução à antiga Israel sobre o que eles deveriam comer. Muito tempo depois, devido a “maldades e desígnios” que existem nestes “últimos dias” (D&C 89:4), Ele nos deu uma Palavra de Sabedoria adaptada às condições de nossa época e acompanhada das bênçãos prometidas de que necessitamos em nossos dias.

A escolha que o Senhor faz do momento certo também se aplica a eventos importantes de nossa vida pessoal. Uma grandiosa escritura de Doutrina e Convênios declara que teremos uma experiência espiritual específica “em seu próprio tempo e a seu próprio modo e de acordo com sua própria vontade” (D&C 88:68). Esse princípio se aplica à revelação [ver Oaks, “Teaching and Learning by Spirit” (Ensinar e Aprender pelo Espírito), *Ensign*, março de 1997, p. 11] e a todos os eventos importantes de nossa vida: nascimento, casamento, falecimento e até nossas mudanças de um lugar para outro.

Eis um exemplo tirado da vida de um importante antepassado pioneiro de muitos dos presentes. Anson Call estava no êxodo inicial de Nauvoo. Ele e sua família cruzaram o Estado de Iowa na primavera de 1846 e chegaram a

Council Bluffs, Iowa, no verão daquele ano. Ali, Brigham Young estava organizando as companhias de carroções. Ele designou Anson Call como capitão dos primeiros dez carroções. Os Doze ordenaram que seu comboio de carroções se movesse para o oeste. O comboio partiu do rio Missouri, em direção ao oeste, em 22 de julho de 1846. Organizado pela autoridade do sacerdócio, eles foram orientados a dirigir-se para as montanhas Rochosas, e seguiram para o oeste com grande vigor e energia.

Depois de viajarem mais de duzentos quilômetros através do atual Estado de Nebraska, aquele primeiro comboio de carroções recebeu novas instruções ordenando que não prosseguissem durante aquela estação. Eles encontraram um lugar para passar o inverno e depois, na primavera de 1847, voltaram para o leste e se reuniram ao corpo principal da Igreja, na margem de Iowa do rio Missouri. Anson Call e sua família permaneceram ali por um ano, fazendo mais preparativos e ajudando outros a se prepararem para a viagem para o oeste. Foi somente dois anos após sua viagem inicial para o oeste, em 1846, que Anson Call e sua família finalmente viajaram para os vales das montanhas. Ali, o obediente e hábil Anson Call foi freqüentemente chamado por Brigham Young para iniciar novas colônias no oeste montanhoso (ver *The Journal of Anson Call*, United States: Ethan L. Call e Christine Shaffer Call; Afton, Wyoming: Shann L. Call, 1986, p. 36).

Qual é o significado do que aconteceu com aqueles pioneiros? Não é suficiente estarmos atendendo a um chamado ou mesmo seguindo na direção certa. Precisamos fazer as coisas no momento certo, e se o momento não for o certo, nossas ações serão ajustadas à programação do Senhor, conforme revelada por Seus servos.

O momento certo escolhido pelo Senhor freqüentemente é revelado dessa maneira. Há vários anos, o Presidente Hinckley anunciou a construção de um grande número de novos templos, praticamente dobrando o número de templos da Igreja em funcionamento, que passaram de 50 a aproximadamente 100 em apenas alguns anos. Ter mais templos sempre foi a direção a ser seguida, mas até que o profeta do Senhor indicasse ser esse um empreendimento importante, ninguém poderia ter incentivado devidamente a Igreja e seu povo a efetuarem esse aumento repentino e drástico. Somente o profeta do Senhor pode mover toda a Igreja para o oeste. Somente o profeta do Senhor pode ordenar à Igreja que dobre o número de seus templos em funcionamento em apenas alguns anos.

No meu discurso da conferência de outubro passado, dei outra ilustração: a importância de aceitarmos a escolha do momento certo, feita pelo Senhor, em relação às pessoas que procuramos fazer com que se interessem pela mensagem do evangelho. A proclamação do evangelho é o trabalho do Senhor, e não nosso, portanto ele precisa ser feito no tempo do Senhor, e não no nosso. Existem hoje

algumas nações do mundo que precisam ouvir o evangelho antes que o Senhor volte. Sabemos disso, mas não podemos forçar esse acontecimento. Precisamos esperar o momento certo escolhido pelo Senhor. Ele nos dirá o que fazer, abrirá as portas e derrubará os muros, quando o momento certo chegar. Devemos orar pedindo a ajuda e a orientação do Senhor a fim de sermos instrumentos em Suas mãos para proclamar o evangelho às nações e pessoas que estão prontas agora: as pessoas que Ele deseja que ajudemos hoje. O Senhor ama todos os Seus filhos e deseja que todos tenham a plenitude de Sua verdade e a abundância de Suas bênçãos. Ele sabe quando certos grupos ou indivíduos estarão prontos, e Ele deseja que aceitemos e sigamos Sua programação ao compartilharmos o Seu evangelho com eles.

II. O ARBÍTRIO ALHEIO

A realização de algumas metas importantes de nossa vida depende de algo mais além do momento certo determinado pelo Senhor. Algumas realizações pessoais também estão sujeitas ao arbítrio de outras pessoas. Isso é particularmente evidente em dois assuntos de especial importância para os jovens universitários: batismos missionários e casamento.

No verão passado, minha mulher e eu estivemos em Manaus, Brasil. Falei para cerca de cem missionários, naquela grande cidade do Amazonas. Ao levantar-me para falar, fui inspirado a deixar de lado algumas anotações que geralmente uso para essas ocasiões e substituí-las por alguns pensamentos a respeito do momento certo — algumas das escrituras e princípios que mencionei hoje.

Lembrei aos missionários que alguns dos planos mais importantes não podem ser colocados em prática sem o arbítrio e as ações de outras pessoas. Um missionário não pode batizar cinco pessoas este mês sem o arbítrio e as ações de cinco outras pessoas. O missionário pode planejar, trabalhar e fazer tudo a seu alcance, mas o resultado desejado depende também do arbítrio e ações de outras pessoas. Conseqüentemente as metas do missionário devem basear-se no arbítrio e ações individuais do próprio missionário, e não no arbítrio ou ações de outras pessoas.

Mas este não é o momento de discutirmos profundamente o que eu disse aos missionários a respeito de metas. Em vez disso, falarei sobre algumas outras aplicações do princípio da escolha do momento certo, com algumas ilustrações de nossa vida pessoal.

III. APLICAÇÃO EM NOSSA VIDA

Alguém disse que a vida é o que nos acontece enquanto fazemos outros planos. Por causa das coisas sobre as quais não temos controle, não podemos planejar nem fazer acontecer tudo o que desejamos em nossa vida. Muitas

coisas importantes que nós não planejamos acontecerão em nossa vida, e nem todas serão bem-vindas. Os eventos trágicos do dia 11 de setembro e suas drásticas consequências são um exemplo bem evidente disso. Mesmo nossos desejos mais justos podem nos enganar, ou acontecer de maneira diferente ou em um momento diferente do que tínhamos planejado.

Por exemplo: não podemos ter certeza de que iremos nos casar tão cedo quanto desejamos ou não. Um casamento em um momento que pode nos parecer certo pode ser uma bênção para nós, ou não. Minha esposa Kristen é um exemplo disso. Ela não se casou até muitos anos depois de sua missão e formatura. Pessoas solteiras de mais idade têm algumas experiências muito interessantes. Quando ela estava na casa da irmã dela para comemorar seu aniversário de cinquenta anos, seu cunhado disse-lhe algo que acabara de ler no jornal. “Kristen”, disse ele, “agora que você é uma mulher solteira de mais de cinquenta anos, sua chance de casar-se é tão grande quanto a de ser morta por um terrorista”.

O momento certo de casar-se talvez seja o melhor exemplo de um evento extremamente importante de nossa vida que é quase impossível de se planejar. Tal como outros eventos importantes da vida mortal que dependem do arbítrio de outros ou da vontade do Senhor e de Sua escolha do momento certo, o casamento não pode ser antecipado ou planejado com certeza. Podemos e devemos esforçar-nos e orar por nossos desejos justos, mas, a despeito disso, muitos continuarão solteiros por muito mais tempo do que desejavam.

Mas, o que deve ser feito enquanto isso? A fé no Senhor Jesus Cristo nos prepara para tudo que a vida trouxer. Esse tipo de fé nos prepara para lidarmos com as oportunidades da vida, de modo a aproveitarmos as que tivermos, e a perseverarmos em meio aos desapontamentos das que forem perdidas. No exercício dessa fé, devemos comprometer-nos a cumprir as prioridades e os padrões que seguiremos em relação aos assuntos sobre os quais não temos controle e a perseverar fielmente nesses compromissos, não importando o que aconteça devido ao arbítrio de outras pessoas e da escolha que o Senhor fizer do momento certo. Ao fazermos isso, teremos uma constância na vida que nos proporcionará orientação e paz. Não importa quais sejam as circunstâncias fora de nosso controle que venhamos a enfrentar, nosso compromisso e padrões podem ser constantes.

Às vezes, nossos compromissos surgirão em momentos inesperados e serão aplicados a circunstâncias inesperadas. Às vezes, os princípios que ensinamos a outros voltarão para guiar-nos em nossas próprias ações, quando achamos que não mais precisamos deles. Uma experiência pessoal ilustra essa verdade. A maioria dos pais santos dos últimos dias sabe da importância de darmos lembretes a nossos

filhos quando saem para namorar. Fiz isso com nossos filhos, e creio que eles deram ouvidos a meus conselhos. Na época em que eu estava conhecendo Kristen, quando eu saía de casa para encontrar-me com ela, um de meus filhos me disse, piscando o olho: “Bem, pai, lembre-se de quem você é!”

Os compromissos e o serviço dos adultos solteiros podem ser uma base sólida para eles durante os difíceis anos de espera do momento certo e da pessoa certa. Seus compromissos e serviço também podem inspirar e fortalecer outros. O poeta John Greenleaf Whittier escreveu o seguinte em seu maravilhoso poema “Snow-Bound” (imobilizado pela neve), que contém esta descrição de uma querida tia que não se casou:

A mulher mais amável

A que o perverso destino negou um companheiro

A despeito de estar sozinha e não ter um lar

Encontrou paz no altruísmo do amor

Sendo bem-vinda em todos os lugares,

Uma pessoa sempre tranqüila e bondosa.

[John Greenleaf Whittier, “Snow-Bound: A Winter Idyl”, *Snow-Bound: Among the Hills: Songs of Labor: and Other Poems*, Boston; New York: Houghton, Mifflin and Company, 1898, versos 352–357]

Sábios são os que assumem este compromisso: *Colocarei o Senhor em primeiro lugar na minha vida e cumprirei Seus mandamentos*. O cumprimento desse compromisso está ao alcance de toda pessoa. Podemos cumprir esse compromisso, independentemente do que as outras pessoas decidirem fazer, e ele irá proporcionar-nos um firme alicerce, seja qual for o momento que o Senhor determinar para os eventos mais importantes de nossa vida.

Percebem a diferença entre comprometer-se ao que *irá fazer*, em vez de tentar planejar que irá se casar quando se formar ou determinar quanto irá receber de salário no seu primeiro emprego?

Se tivermos fé em Deus e nos comprometermos aos princípios básicos de que cumpriremos Seus mandamentos e O colocaremos em primeiro lugar em nossa vida, não precisaremos planejar todo e cada evento — mesmo cada evento importante — e não nos devemos sentir rejeitados ou deprimidos se algumas coisas — mesmo coisas muito importantes — não acontecerem no momento que tínhamos planejado ou que esperávamos ou orávamos para que acontecesse.

Comprometam-se a colocar o Senhor em primeiro lugar em sua vida, guardem Seus mandamentos e façam o que os servos do Senhor lhes pedirem que façam. Estarão, então, trilhando o caminho que conduz à vida eterna. Não importa se forem chamados para ser bispo ou presidente da Sociedade de Socorro, se são casados ou solteiros, ou se

vierem a morrer amanhã. Vocês não sabem o que vai acontecer. Façam o melhor que puderem nas coisas fundamentais e pessoais, e depois confiem no Senhor e na Sua decisão do momento certo.

A vida dá voltas estranhas. Contarei algumas experiências pessoais que ilustram isso.

Quando eu era jovem, achei que serviria em uma missão. Formei-me no curso médio em junho de 1950. A milhares de quilômetros de onde eu morava, uma semana depois da minha formatura, um exército norte-coreano cruzou o paralelo 38, e nosso país entrou em guerra. Eu tinha 17 anos, mas por ser membro da Guarda Nacional de Utah, pouco tempo depois recebi ordens de preparar-me para a mobilização e para entrar na ativa. De repente, para mim e para muitos outros rapazes da minha geração, a missão de tempo integral que tínhamos planejado ou presumido não iria acontecer mais.

Outro exemplo: depois de ter servido como presidente da BYU por nove anos, fui desobrigado do cargo. Poucos meses depois, o governador do Estado de Utah nomeou-me para servir por um período de dez anos no supremo tribunal estadual. Eu estava com 48 anos na época. Minha mulher, June, e eu tentamos planejar o restante de nossa vida. Queríamos servir em uma missão de tempo integral que nenhum de nós dois tivera o privilégio de servir. Planejamos que eu serviria por 20 anos no supremo tribunal do estado. Então, no final de dois períodos de dez anos, quando eu teria quase 69 anos de idade, eu me aposentaria do supremo tribunal, e enviaríamos nossos papéis missionários e serviríamos em uma missão como casal.

Fiz meu aniversário de 69 anos no verão passado e tive uma lembrança vívida daquele importante plano. Se as coisas tivessem acontecido como havíamos planejado, eu estaria enviando agora meus papéis para servir com minha esposa, June.

Quatro anos depois que fizemos esse plano, fui chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, algo com que eu nunca tinha sonhado. Dando-me conta então de que o Senhor tinha planos diferentes e uma programação diferente da que imaginávamos, pedi exoneração do cargo de juiz do supremo tribunal. Mas esse não foi o fim das diferenças importantes. Quando eu estava com 66 anos de idade, minha esposa June morreu de câncer. Dois anos depois, há um ano e meio, casei-me com Kristen McMain, a companheira eterna que hoje está a meu lado.

Quão fundamentalmente diferente minha vida tem sido daquilo que eu havia planejado! Minha vida profissional mudou. Minha vida pessoal mudou. Mas o compromisso que assumi com o Senhor — de colocá-Lo em primeiro lugar na minha vida e de estar pronto para fazer tudo o que Ele me pedisse — sustentou-me em meio a essas mudanças de importância eterna.

A fé e a confiança no Senhor dão-nos forças para aceitar e perseverar, aconteça o que acontecer em nossa vida. Eu não sabia por que havia recebido um “não” como resposta a minhas orações para que a esposa com quem estivera casado por muitos anos sarasse, mas o Senhor deu-me um testemunho de que essa era a Sua vontade, e deu-me forças para aceitá-la. Dois anos depois que ela faleceu, conheci esta maravilhosa mulher que hoje é minha esposa para toda a eternidade. E sei que isso também foi a vontade do Senhor.

Volto ao assunto pelo qual comecei. Não fiquem planejando todos os eventos de sua vida, nem mesmo todos os eventos importantes. Estejam prontos para aceitar a programação do Senhor e o arbítrio das outras pessoas nos assuntos que inevitavelmente afetarão sua vida. É óbvio que vocês devem planejar, mas concentrem seu planejamento nos compromissos pessoais que irão sustê-los em meio a tudo que vier a acontecer. Ancorem sua vida em princípios eternos, e coloquem em prática esses princípios, sejam quais forem as circunstâncias ou as ações das outras pessoas. Assim, poderão esperar o momento certo determinado pelo Senhor e ter certeza dos resultados na eternidade.

O princípio mais importante da escolha do momento certo é ter visão a longo prazo. A mortalidade é apenas uma pequena fatia da eternidade, mas a maneira que nos comportamos aqui — o que nos tornamos devido a nossas ações e desejos, confirmados por nossos convênios e as ordenanças que nos são ministradas pela devida autoridade — moldará nosso destino por toda a eternidade. Tal como o profeta Amuleque ensinou: “Esta vida é o tempo para os homens prepararem-se para encontrar Deus” (Alma 34:32). Essa verdade deve ajudar-nos a ter visão a longo prazo, contemplando a eternidade. Tal como o Presidente Charles W. Penrose declarou numa conferência geral, em memória do falecido Presidente Joseph F. Smith:

“Por que desperdiçar nosso tempo, talentos, recursos e influência seguindo algo que vai perecer e findar, se podemos dedicar-nos a coisas que vão perdurar para sempre? Pois esta Igreja e reino a que pertencemos continuará a existir durante esta vida e na eternidade, enquanto eras sem fim passarão, e com ela nos tornaremos mais vigorosos e fortes; ao passo que este mundo vai passar e findar, e não perdurará após a ressurreição, disse o Senhor, nosso Deus.” [Conference Report, junho de 1919, p. 37]

Oro para que cada um de nós dê ouvidos e atenda à palavra do Senhor sobre como devemos nos comportar na mortalidade e que estabeleçamos nossos padrões e nos comprometamos para podermos estar em harmonia e em sintonia com a escolha que o Pai Celestial fizesse do momento certo. Presto testemunho de Jesus Cristo, nosso Salvador, a quem esta Igreja pertence, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O PROFESSOR IDEAL

ÉLDER BOYD K. PACKER DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS

Discurso para educadores religiosos, Universidade Brigham Young, 28 de junho de 1962

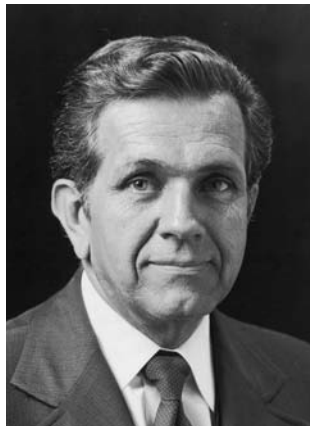
Sinto-me grato por estar aqui, irmãos e irmãs. Conheço a maioria de vocês pessoalmente, e muitos de vocês de modo bem próximo. Como sei que esse conhecimento é recíproco, sem dúvida me sinto muito humilde e ficaria grato por sua fé e orações pelos momentos que me foram designados a estar aqui com vocês.

Gostaria de fazer uns poucos comentários sobre as designações que recebi como Autoridade Geral. Em primeiro lugar, uma das coisas que aumentam minha preocupação neste momento é que aprendi de primeira mão o que as Autoridades Gerais da Igreja pensam a respeito deste grupo. Sei da importância deste grupo de homens, e não sei se ele é exatamente o que era esperado que fosse. É muito melhor do que eu imaginava que seria. Sei agora, de primeira mão, quão tremendamente importante é este grupo em relação ao destino da Igreja.

Minha principal designação tem a ver com o trabalho missionário. Quero dizer que os princípios desse trabalho em que estamos todos envolvidos são tão semelhantes a esta minha designação de hoje que o treinamento que o irmão Tuttle e eu recebemos sob a direção do presidente William E. Berret foi imensamente valioso para o trabalho que agora temos a responsabilidade de realizar. Gostaria de homenagear esse grande homem, o presidente William E. Berrett, e expressar todo o amor e respeito que tenho por ele. Tenho grande apreço por ele. Tenho grande apreço pelo que ele é, pelo que faz e pelo que ele acredita. Sou grato pela doutrina que ele ensina e sinto grande amor e admiração por ele.

Nestes últimos dias, analisei os doze anos que passei com vocês no Departamento de Educação e, para compartilhar com vocês alguns dos pensamentos que me vieram à mente, gostaria de falar sobre um professor que conheci. Todos o conhecemos. Alguns de vocês o conhecem bem de perto, outros tiveram apenas um contato superficial com ele. Mas durante este discurso, gostaria de falar a vocês sobre esse professor.

Quando eu estava num cargo de supervisão e administração, tive a responsabilidade, como muitos de vocês irmãos têm agora, de avaliar e julgar a contribuição que vocês fazem como professores. Muitas vezes ouvimos alguém



dizer nessas avaliações: “Ele é rigoroso demais na disciplina”, ou “Ele coloca ênfase demasiada nos trabalhos escritos”, ou talvez, “Ele não presta muita atenção nos próprios alunos”, ou “Ele não é suficientemente metódico”, ou “Ele não se prepara muito bem”. Mas justamente ao dizermos que há “muito disso” ou “pouco disso”, ou que alguém é “muito isso” ou “não tem suficiente aquilo”, implica que em algum lugar existe exatamente a quantidade suficiente daquilo de que estamos falando. Portanto, o professor sobre quem desejo falar é aquele professor que temos em mente — aquele que nós que temos a responsabilidade de avaliá-los usamos como padrão para julgá-los. Esse professor, obviamente, é o professor ideal.

Admito que estou sendo idealista, não na estrita definição educacional e filosófica da palavra, porque não tenho muita paciência quando queremos igualar-nos ou definir-nos na terminologia desse campo. Não somos idealistas, não somos pragmáticos nem existencialistas nem naturalistas nem realistas; e não somos realistas idealistas, nem idealistas realistas. Somos cristãos; somos santos dos últimos dias, somos mórmons, e devemos lutar nesse contexto. Deixem que eles nos expliquem em seus termos, se quiserem, mas mantenhamo-nos e expliquemo-nos em nossos próprios termos. Filosoficamente, somos cristãos: santos dos últimos dias.

Gostaria agora de chamar sua atenção para algumas coisas que fiquei sabendo a respeito desse professor. Tenho certeza de que nenhum de nós se parece com ele. Às vezes senti que o conhecia muito bem, mas em outras ocasiões fui vigorosamente lembrado de o quanto era informal a minha relação com aquele professor. Quero apresentar-lhes algumas observações a respeito dele para sua reflexão. São coisas que observei nele durante os doze anos que eu e vocês tivemos o privilégio de conviver com ele.

Descobri em primeiro lugar que aquele professor tinha um profundo senso de lealdade, uma lealdade inocente e simples como a de uma criança. Não era falsa, e posso dizer que esse tipo de lealdade não pode ser simulada nem fingida. Essa lealdade lhe custou algo. Se não tivesse, ele não a teria alcançado. Custou-lhe seus pontos de vista; custou-lhe sua postura filosófica; custou-lhe aquilo que lhe foi exigido para tornar-se humilde e devotado. Nunca percebi nenhuma tentativa de sua parte de procurar maneiras diferentes de interpretar as coisas; ele não procurava essas coisas. Seu próprio ego pouco o incomodava. Esses problemas com o ego não são o tipo de problema que pode ser visto num exame físico. Trata-se de outro tipo de problema. Vocês sabem que tipo de problema é esse. Torna-se evidente numa entrevista com um candidato a professor do seminário quando alguém lhe pergunta: “Por que você quer dar aulas no seminário?” Frequentemente a resposta será: “*Eu* creio que vou gostar

disso; aprenderei muito com isso; isso *me* fará muito bem; *eu* sempre gostei disso”. Mas há a rara exceção que dirá: “Há um serviço a ser realizado; minhas qualificações não são muito boas, mas estou disposto a me esforçar”. Percebi bem pouco problema com o ego naquele professor.

Esse professor ideal parece estar de bem com seus coordenadores e supervisores. Não tem medo de pedir a ajuda deles, *especialmente* quando está tendo problemas. Sabe que o valor deles será maior para ele quando estiver tendo dificuldades. Não tem uma lição cheia de atividades divertidas e emocionantes guardada na gaveta que pode ser colocada em prática assim que um estranho entra na sala de aula. Não tem um sinal combinado com os alunos para ser dado quando alguém entra na sala, para mostrar o melhor desempenho do professor para a pessoa que está visitando a classe.

E mais: ele está disposto a aceitar a decisão de qualquer pessoa da administração como se fosse a opinião de todos os membros da administração. Ele não procura jogar uns contra os outros. Por causa disso, é muito fácil trabalhar com ele, e sempre confiamos nele.

É sincero em sua preparação e no empenho de melhorar suas qualificações acadêmicas e suas outras capacidades. Embora de modo geral possa ser descrito como alguém que se esforça para progredir, ele não tem aspirações. Não está sempre procurando galgar posições. Vocês conhecem o caso do bispo que morreu em Santa Clara, há muito tempo, e isso foi algum tempo antes de as Autoridades Gerais chegarem ali para a reorganização. Um dos conversos, um imigrante, levantou-se na reunião sacramental e disse: “Irmãos e irmãs, o que precisamos aqui nesta ala é um bispo. Irmãos e irmãs, estou aqui para dizer-lhes que não quero ser bispo”.

O professor de que falei fica feliz em fazer de modo excelente o trabalho que lhe foi designado. Raramente ou nunca aspira ocupar uma posição mais elevada. Mas frequentemente me pergunto, ao observá-lo trabalhar, se ele se dá conta de que ao fazê-lo, ao empenhar-se intensamente no que lhe foi designado, ele quase não tem chance alguma de permanecer onde está. A probabilidade de que continue naquela designação é muito remota. Quando vocês executam excepcionalmente bem aquilo que lhe foi designado, há um só caminho a seguir, e esse caminho é para cima. Suponho que isso de certa forma esteja condicionado ao fato de vocês não aspirarem a essa promoção.

Ele é suficientemente eficiente nos detalhes. Responde prontamente as cartas que lhe são enviadas. Uma das coisas que o destaca da maioria dos professores é que ele nunca fica negociando seu salário. Uma vez contratado, ele se esquece do salário, porque se preocupa demais com o trabalho que está fazendo, o serviço que está prestando

e as oportunidades que terá. Pode ficar descontente, mas nunca demonstra e jamais incita seus colegas professores a se preocuparem com o salário que recebem e tampouco o faz pessoalmente. Gostaria de acrescentar aqui que meu ponto de vista mudou. Creio que ouvirei com menos pena de agora em diante, depois de saber que as Autoridades Gerais tratam vocês melhor do que eles próprios.

Sua dedicação é total. Ele não tem um segundo emprego. Não vende apólices de seguro nas horas vagas. Esse professor tem fé suficiente de que vai dedicar-se totalmente às coisas mais importantes, que as coisas vão resolver-se (sem ter essa garantia desde o princípio) e que a situação financeira será solucionada. Está satisfeito em fazer parte da classe média, talvez a classe média baixa, sem reclamar, porque pode servir.

O que observei nesse professor mostrou que ele conta com o respeito de seus colegas. Pode ser que um ou dois o critiquem, mas se o julgarem sinceramente, creio que jamais poderão considerá-lo culpado de qualquer tipo de ofensa. Talvez haja alguns mal-entendidos, provavelmente gerados por falta de conhecimento. Em um ou dois casos, ele é alvo de pura inveja.

É positivo em suas atitudes e parece saber — e isso é muito importante, quero salientar, meus irmãos e irmãs — ele parece saber que a designação de professor não é de análise, mas, sim, de síntese. Ele não fica esmiuçando, analisando, procurando os defeitos, as exceções, as dificuldades ou os problemas. Seu trabalho é de síntese: compilar, organizar, dar significado, trabalhar para criar união. É positivo, procura as coisas certas, e devido a essa busca, encontra, tal como o Senhor nos explicou no Livro de Mórmon, os frutos de seus trabalhos, sendo recompensado com aquilo que deseja. Todo homem recebe de acordo com os desejos de seu coração. Aqueles que desejam virtude, beleza, verdade e salvação terão isso, e os que não têm esse desejo ou que infelizmente apontam seus desejos na direção oposta terão seu arbítrio respeitado.

Não creio que jamais o tenha ouvido usar um apelido ou ridicularizar seus colegas ou aqueles que foram chamados para administrar esse programa. Ele nunca instiga ou tenta seus alunos ou colegas. E percebi que seus colegas cometem erros. O mesmo acontece com aqueles que são designados a dirigir o trabalho dele. Ele tem motivos para criticar, importunar, apontar defeitos, mas não o faz. Lembro-me de um amigo meu, da época do curso médio, que estava no segundo ano e trabalhava na companhia telefônica. De noite, ele varria o edifício. Certa noite, ele encontrou no porão em meio à poeira atrás da caldeira uma nota de cinco dólares, toda suja e velha. Ele a apanhou e ficou olhando para ela. Depois de lutar com sua consciência durante a noite, voltou ao trabalho no dia seguinte e entregou a nota de cinco dólares a seu patrão. O patrão disse: “Ora, muito obrigado. Fui eu que a deixei

ali ontem. Estava testando você”. Lembro-me de que aquele jovem ficou muito ressentido com o que o patrão fizera e então fez a seguinte observação: “Pensei que fosse Satanás que tivesse a tarefa de tentar as pessoas”.

Ao observar aquele professor, fico convencido de que, embora seja o professor ideal, sem dúvida ele não é perfeito. Fiquei sabendo que uma ou duas vezes, mesmo com a melhor das intenções, ele perdeu a paciência, deixou de cumprir uma ou outra promessa, e diversas vezes simplesmente não fez o melhor que podia. Então ele me confidenciou que não estava livre de tentações morais. Na verdade, não era infrequente que pensamentos impuros entrassem em sua mente. Mas ele tinha aprendido que o palco da mente raramente fica vazio. A única hora em que as cortinas se fecham é à noite, durante o sono. Se não houver nada sendo apresentado no palco que seja sadio, educativo e apri-morador — ou uma apresentação leve, divertida e cheia de propósito — se o palco for deixado vazio, de repente, pensamentos feios, sombrios e pecaminosos começarão a sair sorrateiramente dos bastidores e tentarão tomar o palco para incitar e tentar. Mas ele é ideal no sentido de que desenvolveu a capacidade de combater essas coisas. Escolheu um ou dois bons hinos, e quando esses pensamentos chegam, ele os canta baixinho. Isso muda sua atitude e sua mente. Aprendeu a desviar seus pensamentos e a manter-se ocupado. Depois, se as tentações forem persistentes, ele aprendeu a jejuar porque descobriu que o corpo humano, quando subjugado, se torna obediente. Desse modo ele pratica a virtude e a pureza.

Mas nem tudo são rosas para aquele professor. Há momentos de desapontamento. Na verdade, há momentos de desespero. Mas seus erros, depressão, desapontamentos e problemas parecem ser uma fonte de crescimento. Ele descobriu que essas coisas não são apenas toleráveis, mas na verdade são realmente necessárias. Porque é preciso haver oposição em todas as coisas, e depois de muita tribulação vêm as bênçãos. O Senhor castiga aqueles que Ele ama.

Aquele professor é uma pessoa que gosta de trabalho árduo, e embora seu trabalho o obrigue a viver num tipo de estufa, sempre dentro de quatro paredes, ele não tem medo de tempestades, de nevascas, de um pouco de ar fresco e do trabalho braçal. Esse professor que conhecemos toma muito cuidado com sua aparência e se veste de modo adequado, com sapatos engraxados e gravata. Usa paletó; há um ar de dignidade em sua pessoa. Observei que se estivermos no Arizona e estiver fazendo calor, o paletó é bem leve. Suas roupas não são extravagantes, mas ele se veste bem.

Toma cuidado com sua saúde. Como professor e colega, ele tem que trabalhar exaustivamente; e o trabalho não é do tipo que o ajude a manter-se em boa forma física. Quando ele começa a ganhar um pouco de peso, ele usa

simplesmente sua força de vontade adequada ao cargo que ocupa para controlar suas paixões e apetites. Isso é extraordinário nele. Mostra força e coragem.

Observei também que esse professor tem uma presença marcante. Quando visito uma sala de aula em Idaho ou no Arizona, vejo o mesmo. Os alunos o tratam com respeito. Chamam-no de “irmão” e não “senhor”. Ele sabe que seus alunos não precisam de um amigo — eles têm muitos. Se quiserem conselhos de um amigo, há muitos ao redor deles. Precisam de um professor, um conselheiro, um consultor. Esse distanciamento entre ele e os alunos sempre existe, mas freqüentemente ele o encurta, aproximando-se dos alunos. Esse distanciamento, muitas vezes chamado de dignidade, protege a pessoa dele, seu cargo, seu caráter e sua bondade de serem violados pelos alunos.

Sempre tenho gratidão, ao encontrá-lo, por perceber que ele tem um senso de humor vivo e sagaz. Esse senso de humor está sempre presente. É caloroso e claro, mas não recorre a coisas vulgares ou comuns para ser engraçado. Mas esse senso de humor nunca procura denegrir ou rebaixar o mais sagrado e pessoal de todos os relacionamentos humanos, que tão freqüentemente no mundo se torna alvo de coisas supostamente engraçadas.

Observei que ele tem sincera compaixão pelos alunos. Ele os conhece e os ama sem restrições. Quanto menos eles merecem seu amor, mais ele parece decidido e expressá-los. Descobriu que os jovens precisam de muito amor, especialmente quando não o merecem. Essa é uma de suas características. Descobri, depois de observá-lo atuar em salas de aula em Idaho, Arizona, Califórnia ou Wyoming, que esse amor está intimamente relacionado com o discernimento. É um poder que ele usa adequadamente em seu trabalho e que poucos outros professores utilizam.

Uma ou duas vezes, quando trabalhei com ele fora da sala de aula, percebi sua reverência pela vida; algo que vemos, por exemplo, em Albert Schweitzer: um barco estava chegando ao acampamento e foi virado por um hipopótamo. Um nativo se afogou. Os homens da tribo imediatamente foram buscar suas armas para procurar o animal e matá-lo, mas Albert Schweitzer orou para que não o encontrassem. David O. McKay foi informado certa vez por um trabalhador de sua fazenda que um porco-espinho tinha sido morto perto do bosque. “Mas você o matou?” perguntou o Presidente McKay. “Oh, sim”, respondeu o trabalhador, “eu o matei com um pedaço de pau”. Então David O. McKay, um Apóstolo, pulou a cerca, atravessou o campo e encontrou o animal séria e dolorosamente ferido, mas ainda vivo. Ele o matou misericordiosamente. Esse interesse, essa compaixão, essa reverência pela vida é uma característica do professor que estou descrevendo.

Em grande parte, esse professor é assim porque se casou com a mulher certa. Ela não se preocupa com símbolos de

status. Seus filhos têm remendos nas calças jeans e os sapatos nem sempre são novos. Sua casa é modesta, mas ela a mantém limpa. Ela o incentiva e às vezes o incentiva a agir com retidão. Ela fica em casa. Saliento esse ponto: ela fica em casa! Não se uniu a ele para obter o pão de cada dia. Ela fica ali para consolá-lo, abençoá-lo e amá-lo, e oferecer-lhe a ternura e compaixão que somente uma esposa pode proporcionar ao marido para inspirá-lo a fazer coisas que de outro modo ele seria incapaz de fazer.

Ele se importa com as crianças. Eu estava numa conferência trimestral em Preston, Idaho, com o Élder LeGrand Richards. Estávamos cinco minutos atrasados para a reunião. A congregação estava esperando quando entramos no corredor. Ele ia abrir a porta para entrar na capela e dirigir-se ao púlpito, quando a porta do outro lado do corredor se abriu. Entrou então um grupo de jovens, cinco ou seis de uma família, vestidos com a melhor roupa que tinham. O irmão Richards, com sua bengala, deixou a reunião atrasar-se, voltou para a porta, inclinou-se e apertou a mão de cada uma daquelas crianças. Ele as abençoou à sua maneira, parou para cumprimentar os pais e entrou na capela para dar início à reunião. Há duas semanas, eu estava em um avião com o Élder Harold B. Lee, indo para o Estado de Washington. Descemos em Boise. Havia uma mulher sentada à direita do corredor no último banco próximo à saída, carregando um menino de aproximadamente um ano no colo. Os outros passageiros ficaram esperando enquanto o irmão Lee ficou brincando com o menino. A mãe ficou orgulhosa quando ele abençoou o menino.

Jantei na casa desse professor, em Rexburg. Ele é o chefe da família. Sua esposa é uma mulher muito amável e humilde, e ele está no comando da casa. O sacerdócio tem a palavra final.

Percebi que parte do segredo desse professor é que ele vive cada dia ao máximo. Por mais que esteja buscando o amanhã, ele aproveita seu tempo. Sabem, irmãos e irmãs, frequentemente dizemos que somente conseguiremos realizar algo quando estivermos livres por algumas semanas. Se simplesmente conseguirmos terminar este projeto; se conseguirmos terminar esta tese; se conseguirmos terminar aquela peça de teatro; se conseguirmos terminar de cuidar da formatura; então poderemos relaxar. Ainda não aprenderam que essas coisas nunca terão fim? Que nunca terminaremos todas essas coisas? Que a menos que aproveitemos o tempo agora, ele terá ido embora para sempre? Esse professor, sem relaxar seus esforços, lembra-nos, ao dirigir pela estrada, que o pôr-do-sol é muito bonito e que viu um cervo quase escondido pela folhagem. Ele reserva um tempo para olhar para seus filhos, ficar feliz por tê-los, amá-los, abraçá-los, construir uma casa de brinquedo. Ele vive à medida que faz as coisas. Esse é o segredo desse professor.

Onde foi que eu vi esse professor de que falamos? Certa manhã, eu o vi em Beaver, todo coberto de pó, dando uma

aula sobre a Primeira Visão. Estava ajoelhado junto à porta da sala de aula ao demonstrar como tinha sido a Primeira Visão — algo que eu nunca recomendaria a nenhum outro professor. Mas com ele era uma coisa sublime. Eu o encontrei por acaso, num sábado pela manhã, esfregando o chão do prédio do seminário em Arimo. O edifício estava concluído e estava sendo utilizado, mas um zelador ainda não tinha sido contratado. Por isso, lá estava ele, vestindo um macacão marrom do exército, com um balde de água e sabão, e um esfregão. Observei-o reger um coro em Reno, fazendo as vozes destreinadas, desajeitadas e desafinadas dos alunos unirem-se, complementando a fraqueza com força para produzir harmonia e espiritualidade. Fui caçar cervos com ele no desfiladeiro de Manti e vi a profundidade de sua alma, o vigor de seu humor, a sinceridade de seu espírito.

Vi-o com os braços ao redor de um menino índio, no Arizona, sem se dar conta de que aquela criança era de uma raça diferente, não tinha tomado banho, estava suja, mas era digna de seu amor. Observei-o com reverência na escola para delinqüentes juvenis de Ogden, concedendo a dádiva da bondade para aqueles alunos, e vi nele um coração que era maior do que o corpo gigantesco que o continha. Eu o vi dando aulas numa garagem em Dragerton, Utah. A temperatura estava abaixo de zero. Não havia porta na garagem, apenas uma lona, e havia pouco aquecimento ali. Depois de ficar ali por alguns momentos, senti como se estivesse em uma das melhores salas de aula do sistema educacional da Igreja. E sabem que ele também sentia o mesmo? Eu o vi no seminário de Pocatello. As janelas eram bem claras. Do outro lado da rua, um trator estava demolindo um prédio. De repente, percebi que eu era a única pessoa que estava prestando atenção no que acontecia fora da janela.

Em Preston, Idaho, eu o vi orientando um casal adolescente com problemas, passando por dificuldades. Eu o vi, ainda com o manto de bispo, e com a profundidade de sua inspiração sempre evidente. Andei em seu Chevrolet. Eu o vi com os braços em volta de um rapaz problemático, em Oakley, Idaho, prestando seu testemunho, assegurando ao jovem que se ninguém mais o amava, ele o amava. Ajoelhei em oração com ele no escritório central deste departamento e senti seu espírito. Foi um convívio muito especial e gratificante. Ele está entre vocês, a seu lado, ali atrás no púlpito, esse professor de quem eu falo.

Ao encontrar-me de tempos em tempos com esse professor, senti que há algumas coisas nele, uma profundidade que alguém de fora do sistema educacional da Igreja não consegue sentir e que ele nunca revelará. Somente ele conhece a sinceridade de suas orações, a honestidade de seu arrependimento, a realidade de seu amor pelas pessoas, o trabalho árduo que ele enfrenta e os esforços que tem feito para superar as dificuldades e melhorar. Somente ele conhece

os desapontamentos e alegrias que fazem parte de sua alma realmente grandiosa. Linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali, ele trabalha com vocês e eu e melhora as pessoas.

Uma citação de Ralph Waldo Emerson, de sua obra “Leis Espirituais”, sugere esse professor para mim:

“Não há ensino até que o aluno seja conduzido ao mesmo estado ou princípio em que você se encontra; ocorre uma transfusão; ele é você, e você é ele; então acontece o ensino, e nenhuma chance triste ou má companhia fará com que ele perca esse benefício” (*The Complete Writings of Ralph Waldo Emerson*, New York: Wm. H. Wise & Co., 1929, p. 172).

E como acredito que uma transfusão ocorre e que ele é você e você é ele, há o ensino, e também acredito que a imagem que cada de um nós apresenta deve ser muito semelhante a esse professor ideal.

Eu disse no início que nenhum de nós é exatamente igual a ele, mas encontro muito dele em muitos de vocês. Podemos fazer estas perguntas: O que o torna ideal? Podemos descobrir o que o torna ideal? Se conseguirmos, podemos isolá-lo? Podemos obtê-lo? Sugiro que há a mais simples e básica de todas as explicações para isso, e isso é a fé. Ele a tem. Repito: Ele a tem! Percebem, ele está disposto, sem nenhuma garantia de promoção ou melhoria financeira ou nenhuma garantia de melhoramento de sua situação, a ir em frente com fé e fazer aquilo que lhe foi designado. Ele organiza sua vida em primeiro lugar. Se eu fosse lhes dizer uma das mais importantes leis da vida que aprendi, eu diria o seguinte: As coisas boas — as coisas desejáveis, as coisas que tendem a elevar, glorificar e exaltar — precisam ser pagas adiantado. As coisas opostas podem ser pagas depois de serem recebidas. O bem precisa ser merecido.

Os atributos que tive o privilégio especial de reconhecer em vocês, irmãos e irmãs, ao longo desses doze anos não são nada mais nada menos do que a imagem do Mestre dos mestres que se expressa em vocês. Creio que à medida que desempenharem seu papel de acordo com o desafio e encargo que receberam, a imagem de Cristo ficará gravada em seu semblante. E na prática, na sala de aula, naquele momento e naquela situação e com aquela inspiração, vocês são Ele, e Ele é vocês. Ocorre a transfusão. E nenhuma chance triste ou má companhia poderá fazer com que percam o benefício dela.

Como é que conseguimos realizar essa transfusão? Em primeiro lugar, temos que pedir. Oramos pelo que poderia ser ideal. Buscamos. Há uma diferença entre fazer oração e orar. Gostaria de deixar um exemplo que alguns de vocês já devem ter ouvido. É algo comum. Temos uma vaca. (Moramos numa pequena fazenda a poucos quilômetros ao norte daqui). Fazia três semanas que eu

não voltava para casa de dia. Certo dia, eu iria pegar um avião mais tarde e saí para ver a vaca. Ela estava tendo problemas. Chamei o veterinário, e ele a examinou e disse: “Ela engoliu um arame e ele furou-lhe o coração. Ela vai morrer antes que o dia termine”. No dia seguinte, iria nascer o bezerro, e a vaca era importante para nosso sustento financeiro. Além disso, ela era como se fosse “parte da família” — vocês sabem como é. Perguntei se ele poderia fazer alguma coisa, e ele disse que sim, mas que provavelmente seria inútil, uma perda de dinheiro. Eu disse: “Bem, quanto irá custar?” Ele me disse, e era bem caro. Eu lhe disse que o fizesse. Na manhã seguinte, o bezerro estava bem, mas a vaca estava deitada, ofegante. Chamei o veterinário novamente, achando que o bezerro talvez precisasse de alguns cuidados. Ele olhou para a vaca e disse que ela morreria dali a uma hora. Peguei o catálogo telefônico, copiei os números da empresa que comercializava produtos de origem animal, coloquei os números ao lado do telefone e disse para minha mulher que ligasse para eles e pedisse que viessem pegar a vaca, no final do dia.

Fizemos nossa oração familiar antes de eu partir para Salt Lake para pegar o avião para a Estaca Gridley. Nosso filho fez a oração. Aquele iria ser o bezerro dele. Depois de *fazer a oração*, depois de dizer tudo que ele costumava dizer, pedindo ao Pai Celestial para “abençoar o papai para que não se machuque nas suas viagens”, “abençoa-nos na escola”, etc., ele começou a *orar*. Existe uma diferença, e é isso que quero salientar. Ele então disse: “Pai Celestial, por favor, abençoa a Bossy para que ela sare”. Percebem que ele disse “por favor”. Enquanto eu estava na Califórnia, lembrei-me do ocorrido, e quando estávamos falando sobre oração, contei o que aconteceu, dizendo: “Estou feliz por ele ter orado daquela forma, porque irá aprender algo. Irá amadurecer e aprenderá que não recebemos tudo que pedimos em oração assim tão facilmente. Há uma lição a ser aprendida”. E realmente havia, mas fui eu que a aprendi, e não o meu filho; porque quando voltei para casa no domingo à noite, Bossy tinha “sarado” e estava bem. E ainda está.

Orem para que essa transfusão aconteça; trabalhem para que isso aconteça! Trabalhem para serem dignos disso, moral e espiritualmente dignos.

Deixo minhas bênçãos com vocês, meus irmãos e irmãs, e expresso-lhes o amor que tenho por vocês. Vocês significam muito para mim. Quero dizer-lhes que o Mestre dos mestres que existe em vocês me influenciou muito. Agora que a companhia Dele se tornou mais próxima e mais segura em minha vida, presto testemunho de que Ele vive; que Ele é tudo que sabemos que Ele é, e que o trabalho em que estamos engajados é realizado a pedido Dele e com Sua aprovação. Presto testemunho disso, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

